2359
3-10-62

BIBLIOTECA
619 95/05178

INTRODUÇÃO

Os **Diálogos das Grandezas do Brasil** são um dos documentos fundamentais da história do Nordeste brasileiro no primeiro quartel do século XVII. Chegaram até nós através de dois apógrafos que se guardam em bibliotecas da Europa, nos quais não está indicado o nome do autor; a data de composição da obra, porém, está explicitamente declarada no texto e merece fé: 1618. A leitura revela que um dos interlocutores — Brandônio — português com longos anos de residência no Brasil, ao expor ao outro interlocutor — Alviano — reinol recém-chegado, quase um "hórrego das cousas do Brasil", as grandezas da colônia ultramarina, oferece uma série de elementos biográficos que têm indícios de autenticidade, com datas e nomes de pessoas de além e aquém-mar.

Graças a essas indicações autobiográficas pôde chegar-se a uma hipótese acêrca da autoria, a qual, embora a prudência não aconselhe ainda a levar à fôlha-de-rosto do livro, como aliás fêz um ilustre historiador português, recentemente falecido, todos os achados documentais feitos nos últimos sessenta anos só têm feito confirmar. Se outro é o autor dos **Diálogos** que não Ambrósio Fernandes Brandão, muita documentação, até agora desconhecida, terá de ser revelada, para propor uma nova hipótese. (1)

Relaciono em seguida as referências que, no decorrer dos **Diálogos**, podem ser consideradas autobiográficas, que são as oferecidas por Brandônio. As páginas citadas são as desta edição.

Pág. 15: em 1586 Brandônio conversou em Pernambuco com um perulciro;

Pág. 20: em 1586 "me alembra haver visto o sítio onde está situada a cidade [da Paraíba] .... coberto de matos";

(1) Parte desta introdução já foi publicada sob o título "A autoria dos Diálogos das Grandezas do Brasil" no opúsculo **Estudos Pernambucanos** pela Imprensa Universitária do Recife, em [illegible].

Pág. 28: em 1591 "vindo de seguir uns inimigos Potiguares, em cujo alcance fui com a gente armada" esteve "na mata do Brasil", isto é, do pau-brasil, designação por que eram conhecidas as terras de São Lourenço da Mata, Nazaré da Mata e Santo Antão da Mata, em Pernambuco;

Pág. 31: em conversa "por muitas vêzes" com o Bispo de Coimbra, D. Afonso de Castelobranco "sendo Governador de *Portugal*", expôs-lhe a pouca valia da Relação da Bahia [o Bispo foi Vice-Rei de Portugal, no período de 22 de agôsto de 1603 a 26 de dezembro de 1604];

Pág. 32: aconteceu-lhe mandar papéis a despachar na Relação da Bahia e, na mesma ocasião, outros a Lisboa, voltando êstes antes daquêles;

Pág. 66: conheceu indígenas "que têm de idade mais de cem anos" e conservam "suas perfeitas forças", ainda com três e quatro mulheres, "as quais conhecem carnalmente";

Pág. 68: ensinou em Portugal o tratamento do mal do bicho, [mal del culo ou maculo, segundo o uso do Brasil;

Pág. 75: em 1597, diante dos Governadores de Portugal, demonstrou que o Brasil rendia à metrópole mais do que a Índia (eram naquele ano Governadores de Portugal: D. Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa; D. João da Silva, Conde de Portalegre; D. Francisco Mascarenhas, Conde de Santa Cruz; Duarte de Castelo Branco, Conde de Sabugal e Miguel de Moura, Escrivão da puridade);

Pág. 77: em 1601 um amigo seu em Portugal fretou uma nau da Índia;

Pág. 95: em 1602 um mercador veio do Algarve a Pernambuco trazendo um carregamento no valor de 730$ conforme a conta "que eu vi";

Pág. 100: em 1583, em Pernambuco, "eu era então novo na terra" e estava "a meu cargo" o "recebimento dos dízimos dos açúcares"; ajudava-o nesse serviço "um criado meu, chamado por sobrenome o Caminha";

Pág. 104: "tendo eu em minha casa uma mulatinha de pouca idade, que nela me nascera, a quem queria muito pelo haver criado", sucedeu-lhe certo caso de envenenamento;

Pág. 105: o envenenador da mulatinha fôra "um escravo meu", a quem, para o obrigar a curar a vítima, ameaçou "que o havia de passar por entre os eixos do engenho" (do que se conclui que a "minha casa", referida na pág. anterior, na mesma história, estava situada em um engenho?);

Pág. 108: viu um escravo de *Angola ser mordido por* cobras venenosas, que entrando nelhas mal lhe causaram "e imaginei que devia ser aquilo obra de palavras ou fôrça de encantamento", do que depois *se dissuadiu*, pois era efeito de certas ervas, que agiam como antídoto ofídico, o qual "se experimenta até o dia de hoje entre os *negros escravos*" e "alguns escravos meus usam da mesma herva com grande utilidade";

Pág. 109: conhecia as Capitanias do Brasil situadas ao norte do Cabo de Santo Agostinho e "das do sul tenho pouca notícia, por não haver andado por aquelas partes";

Pág. 110: "Estando eu no Reino no ano de 607, se quis informar de mim, o Conde Meirinho-mor, Vedor da Fazenda de Sua Majestade [Duarte de Castelo Branco, Conde de Sabugal: vide menção anterior, pág. 75] de duas coisas", da possibilidade de construção de navios no Brasil e se ai havia boa *madeira* para *fazer paus* de lanças.

Pág. 111: conheceu a serra da Copaoba.

Pág. 113: das Capitanias do sul do Brasil reafirma: (v. pág. 109) "sei pouco, por respeito de, como já disse outra vez, não haver andado por aquelas partes";

Pág. 121: "eu semeei já duas ou três vêzes na Capitania de Pernambuco, trigo";

Pág. 122: em 1599 tratou em Portugal acêrca do plantio de trigo, "com um fidalgo velho, assinalado" de cujos conselhos a respeito se aproveitou no Brasil, quando para aí regressou;

Pág. 135: fabricou no Brasil algum anil de boa qualidade e fêz experimentar em Portugal a matéria corante de verde vegetal;

Pág. 141: "experimentei muitas vezes" a grande produção das parreiras do Brasil;

Pág. 175: "eu quis levar um [tatu] para Portugal", mas morreu em viagem; e "a mim me sucedeu, estando um dia vendo pesar açúcar, entrar na casa um homem" que ainda exalava o mau cheiro produzido pela ventosidade da jaritacaca;

Pág. 182: "um escravo meu" capturou macacos usando cabaças ou botija.

Pág. 193: em viagem a cavalo, fêz recolher por "um escravo meu" um recém-nascido quase morto.

Cabe aqui um resumo dos elementos autobiográficos acima apresentados, básicos para o estudo da autoria dos **Diálogos**:

a) "novo na terra" em 1583 (pág. 100). Brandônio residiu no Nordeste do Brasil (pág. 109 e 118) até, no máximo, 1597 (pág. 75); de 1597 a, pelo menos, 1607 (pág. 31, 75, 77, 110 e 122) estêve em Portugal, de onde regressou ao Brasil em data não indicada (pág. 122);

b) as suas atividades foram militares (pág. 28), comerciais (pág. 77 e 95), agrícolas (pág. 105, 106, 121, 122, 135 e 141) e fiscais (pág. 100 e 175);

c) interessava-se por experimentos agrícolas e estudos botânicos (pág. 106, 121, 122, 135 e 141);

d) teve criado assalariado (pág. 100), possuiu escravos (pág. 105, 106, 182 e 193), criou uma mulatinha nascida em sua casa e por quem demonstrou estima (pág. 104 e 105);

e) foi pessoa de condição ou posição social elevada, pois manteve relações no Reino com os seus mais altos funcionários, inclusive os Governadores e Vice-Reis de Portugal (pág. 31, 75 e 110).

O primeiro a estudar o problema da autoria dos **Diálogos** foi Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-78), que examinou os dois manuscritos existentes em Leiden e em Lisboa. Em "Posfácio" à edição dos **Diálogos** datado do Recife em 30 de setembro de 1877, resumiu as conclusões a que chegara "com o estudo mais aprofundado do [então] inédito" às quais chamou, enfàticamente, "o nosso veredicto" (2). Segundo êle,

I) o autor era brasileiro, nascido em Pernambuco:

> i) por não hesitar em declarar que a sede do govêrno da Capitania de Pernambuco era superior em importância política e econômica à própria da Bahia, capital do Estado do Brasil (pág. 20, 27-28, 31 e 34);
>
> ii) por mostrar grande interêsse pelo progresso do Brasil, declarando que as Capitanias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba eram capazes de ter senhor êste e [?] (isto é, independente) e não mais necessitarem de colonos de Portugal (pág. 113-114);
>
> iii) por mostrar excesso de zêlo pelas ditas três Capitanias, reconhecível mesmo quando censura, chegando a dizer "que os filhos do Reino iam ao Brasil aprender a ser bem falantes e até a civilidade e a polícia" (pág. 93-94);

II) sendo nascido em Pernambuco, "como não hesitamos em crer", diz Varnhagen, "então não pode o autor ter sido senão o próprio tradicional Bento Teixeira da **Prosopopéia**, pois não era possível encontrar-se em qualquer colono obscuro e que de si não deixasse a menor notícia, tantas qualidades recomendáveis de instrução".

João Capistrano de Abreu (1853-1927), depois de alguma hesitação, indicou "dois rastros novos" para o estudo do problema da autoria: (3)

I) o fato referido por Brandônio de ter estado a seu cargo em 1583, a cobrança do dízimo do açúcar, do qual, no mesmo ano, fôra contratador Bento Dias de Santiago, que residia no Brasil desde 1565, pelo que, ao contrário de Brandônio, não podia se dizer novo na terra, naquele ano; entretanto, como estava o contratador autorizado a nomear escrivães e feitores para o serviço de cobrança, poderia um dêstes ser o Brandônio dos **Diálogos**;

II) a afirmação de Andrés González Barcia (em nota a Antônio de León Pinelo) de que o autor dos **Diálogos** tinha o nome de Brandão e morava em Pernambuco, o que provàvelmente teria concluído da leitura da obra. Dos diversos Brandões contemporâneos, diz Capistrano, "o que tem mais probabilidade, ou antes, o único a ter probabilidade a seu favor, chamava-se Ambrósio Fernandes Brandão", a respeito de quem citava êle os seguintes dados biográficos (que depois compararei com os autobiográficos de Brandônio):

(2) F. A. de Varnhagen, "Posfácio dos Diálogos", **Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano** nº 33 (Recife, 1887), p. 47. Varnhagen havia por vários anos [illegible] acêrca da autoria dos **Diálogos**: em 1872 exprimira a [illegible] no ofício que dirigiu ao Conselheiro Manuel Francisco Correia, Viena [illegible].1872, **Diário de Pernambuco** de 13.XI.1872 (veja-se, também, o **Diário** de 23.XII.1872). No seu trabalho intitulado "[illegible] do Brasil", datado de Estocolmo 30.VII.1874, **Diário de Pernambuco** de 5.XII.1874, [illegible] de Leiden diz que [illegible] Bento Teixeira, opinião que ainda [illegible] no "Posfácio" citado.

(3) Atribuídos sucessivamente a Diogo de Campos Moreno e a [illegible] Sílvio Romero, **Evolução da Literatura Brasileira** [illegible], p. 30 e José Honório Rodrigues (ed.), **Correspondência de Capistrano de Abreu**, 3 vols. (Rio, 1954-56), II, pp. 3, 6, 8, 9 e 15, fixou-se finalmente em Ambrósio Fernandes Brandão, conforme artigos do **Jornal do Commercio** (Rio) de 24.XI.1900 e 25.IX.1901, sendo que este último foi reproduzido como "Introdução" à edição dos **Diálogos** feita pela Academia Brasileira de Letras (Rio, 1930).

1) em 1583, morava em Pernambuco e acompanhou Martim Leitão em uma de suas expedições contra os índios da Paraíba e os franceses aos mesmos, ocupando o posto de Capitão de mercenários;
2) "antes de 1613 estabeleceu-se na Paraíba, ali por duas vêzes como Capitão de infantaria à guerra contra os gentios Petiguares e franceses";
iii) "antes de 1613 possuía dois engenhos próximos à sede da Capitania, chamados Inhobi, por outro nome de Santos Cosme e Damião, e o do Meio ou São Gabriel";
iv) "em 1615 pedia, para fazer outro engenho na ribeira de Gurgaú, uma sesmaria, que de fato lhe foi concedida a 27 de novembro de 1613";
v) "ignora-se quando faleceu: já não era dos vivos quando os holandeses tomaram a Paraíba", isto é, em 1634. (3)

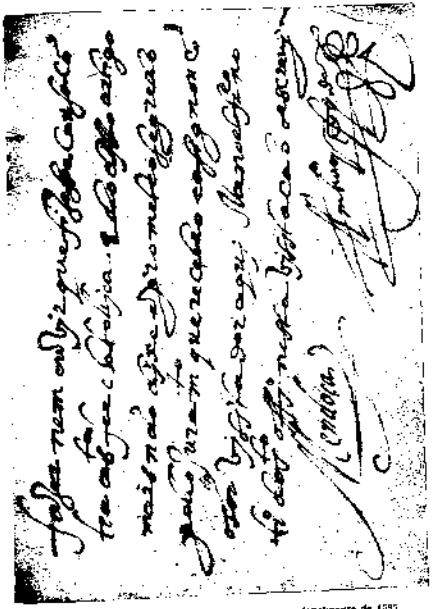
A estas informações pôde, posteriormente, Rodolfo Garcia (1873-1949) reunir outras em aditamento aos estudos de Capistrano:

vi) Ambrósio Fernandes Brandão fôra, como Capistrano havia previsto, um dos peritos do contratador dos dízimos, Bento Dias de Santiago, pois ao tal a êle se referira em 1591 (mas se reportando a fatos ocorridos em 1583 ou 84) o Vigário da freguesia de São Lourenço da Mata em Pernambuco, Francisco Pinto Dobril;
vii) que certo Nuno Álvares ocorrera muitas idênticas às de Brandão, pedindo ser êste o Álvares, interlocutor de Brandônio;
viii) que um e outro foram acusados pelo Vigário Dobril de serem cristãos-novos que mantinham a fé judaica, frequentando a sinagoga do Engenho Camarajibe e, ainda, blasfemos, hereges, trabalhando e fazendo trabalhar aos domingos e dias santificados. (4)

As informações de Capistrano e Garcia pude ajuntar mais as seguintes

(3) "Introdução", cit., pp. 19-21.

(4) Veja-se o "Aditamento" de Rodolfo Garcia na edição dos *Diálogos* feita pela Academia, cit., pp. 31-32.



Autógrafo de Ambrósio Fernandes Brandão no seu depoimento de 1595, no processo de Bento Teixeira na Inquisição de Lisboa.

ix) reprimido o depoimento do Vigário Daniel, Brandão era "morador em São Bento"; (*)

x) em 1594 possuía terras na Jurissaca de São Lourenço da Mata, ou, mais precisamente, no lugar Muribeca, em Pernambuco; (*)

xi) em um depoimento, até hoje inédito, de Ambrósio Fernandes Brandão, conservado no próprio original no processo de Bento Teixeira, prêso pela Inquisição de Lisboa, consta a sua qualificação como testemunha: "cristão-novo de idade de quarenta anos, capitão de sua companhia de infantaria, morador nesta vila de Olinda", datado de 20 de setembro de 1595; (*)

xii) consta o nome de Brandão, entre outros, como carregador e fiador da urca "Esperança" mestre João Guel, que despachou no Recife com destino a Lisboa em 3 de março de 1587;

xiii) consta da mesma fonte que na urca "Anjo Preto", mestre Henrique Bode, "que aqui despachou com destino a Lisboa" em 3 de janeiro de 1600, Antônio Lopes Brandão "procurador bastante de Ambrósio Fernandes Brandão senhorio do engenho da invocação de São Bento", fêz embarcar 15 caixas de açúcar branco e mascavado, "o qual despachou por meia liberdade, pelos dez anos de liberdade [isto é, de isenção de pagamento de impostos] serem acabados" (portanto, o engenho teria sido levantado antes de 1590);

xiv) consta que na urca "São Pedro", mestre Simão Pedro, que aqui despachou para Lisboa em 20 de março de 1600, "Antônio Lopes Brandão, senhorio do engenho da invocação de São Bento que tem no termo desta Vila" de Olinda, enviou 23 caixas de açúcar branco e mascavado e 1 de rolame "a entregar ao *dito* Ambrósio Fernandes Brandão";

xv) consta que na urca "São Pedro", mestre Pedro Brand, que aqui despachou para Lisboa em 7

---

(6) Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil: Denunciações da Bahia (São Paulo, 1925), p. 358.

(7) Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil: Denunciações de Pernambuco (São Paulo, 1929), pp. 323 e 365.

(8) Arquivo Nacional da Torre do Tombo: cartório da Inquisição de Lisboa, processo n.º 5.907.

de abril de 1600, Antônio Lopes Brandão, procurador de Ambrósio, despachou 20 caixas de açúcar branco e mascavado, "a entregar a Ambrósio Fernandes Brandão em Lisboa";

xvi) consta que na nau "São Pedro", mestre Leonardo de Bel, que aqui despachou para Lisboa em 12 de abril de 1600, aquêle mesmo procurador enviou, para serem entregues a Ambrósio Fernandes Brandão, 11 caixas de açúcar branco e mascavado e 1 de retame; ([8])

xvii) de uma certidão passada em Lisboa em 28 de abril de 1604, na qual se transcreve o Regimento de 23 de março de 1588 dado ao Provedor da Fazenda dos Defuntos e Ausentes do Estado do Brasil, consta, por duas vêzes, o nome de Ambrósio Fernandes Brandão como "Tesoureiro Geral" da mesma Fazenda em Lisboa; ([9])

xviii) em 1604 e 1605 Brandão transacionou com Cosme e Simão Roiz, comerciantes de Medina del Campo, na Espanha, por intermédio de Manuel da Veiga, mercador de Lisboa; ([10])

xix) de uma denúncia feita nos Estaus, em Lisboa, ao Inquisidor Antônio Dias Cardoso, em 9 de novembro de 1606, por Miguel Fernandes de Luna, mourisco de nação, natural de Granada, consta que há mais de um ano êle servia a Ambrósio Fernandes Brandão "cristão-novo que mora na Calçada do Congro, indo para baixo, em umas casas novas, grandes, à mão direita", com o qual se tinha engajado por 50$ por ano, "para lhe consertar um jardim de uma horta e quinta que tem na dita casa e fazer outras obras que lhe fôssem necessárias". Além dêle havia ainda em serviço na dita horta, "um hortelão" de nome Antônio Álvares. Na casa moravam Ana Brandoa — que parece ser a mulher de Ambrósio — Joana Batista, irmã bastarda

desta, Mécia Henriques e Duarte Brandão, filhos de Ana Brandoa, sendo êle "solteiro, letrado". Pela parte posterior, a casa comunicava com a de Francisco da Costa, "Guarda-mor do Consulado", casado com Isabel Toscana, pais de Catarina e Maria da Costa, "as quais se criaram em casa do dito Ambrósio Fernandes ... e se tratam como parentes todos do dito Ambrósio Fernandes Brandão". Declarou mais "que é lembrado que deste tempo que há que está em casa do dito Ambrósio Fernandes que é mais de um ano, viu por atentar por isso, que o dito Ambrósio Fernandes em todos os dias de sábado se recolhe em um estudo seu e nêle está quase todo o dia e não sai fora de casa, nem faz pagamento nem contrato no dito dia com pessoa alguma, sendo recebedor do Consulado e tendo negócios na dita casa". Além de Ambrósio, que aos sábados se recolhia "em um estudo seu", outras pessoas da família eram dadas à leitura ou às letras: o denunciante diz que "viu a dita Ana Brandoa .... estar lendo por um livro que não sabe que livro é", e a irmã bastarda desta, Joana Batista, possuía "um livro defeso" e o filho, Duarte Brandão, era "letrado". ([11])

Recentemente o Professor Elísio Ramos ao examinar a questão da autoria dos **Diálogos** apresentou outro nome de autor. ([12]) Segundo êle:

I) "trata-se evidentemente de homem pertencente a uma ordem religiosa", sendo que "o estilo empregado nos **Diálogos** denuncia um homem religioso" e "tudo indica tratar-se de um clérigo Jesuíta", o que se prova:

i) "pela preponderância que costuma dar aos mosteiros da Companhia" e

ii) "pela cultura aprendida nos Colégios dirigidos pelos padres Jesuítas";

---

(8) Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, Coleção Pombalina, códice 249, fls. 234/235, cópia na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de MSS., [illegible] 6, 33, pp. 11, 35, 78, 85 e 100 [illegible].

(9) Instituto Histórico Brasileiro do Rio de Janeiro, Legação Manuscrita [illegible], volume [illegible], fls. 326. Devo esta indicação a meu amigo Dr. Gil de Methodio Maranhão, a quem agradeço.

(10) J. Gentil da Silva, **Stratégie des Affaires à Lisbonne entre 1595 et 1607** (Paris, 1956), pp. [illegible] e 273.

(11) [illegible]

(12) "A autoria dos Diálogos das Grandezas do Brasil", **Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano**, vol. 40, Recife, 1945, pp. [illegible].

II) os Jesuítas pretendiam ser isentos e empregados seus a cobrança da dotação que lhes havia sido concedida na renda dos dízimos, para manutenção dos seus colégios;

III) em 1583, em certa expedição à Paraíba foram agregados dois Padres Jesuítas;

IV) os Jesuítas gozavam de singular prestígio e autoridade junto ao governo da metrópole, justificando-se, assim, as consultas dirigidas a Brandônio, em conversa com os mais altos funcionários do Reino;

V) os **Diálogos** foram escritos em Pernambuco:

> i) pois "o lugar em que podia ter edificação de sobrado sobre estacas de madeira (na penetrabilidade de um dos quais se inficionaram os **Diálogos**) era, o da antiga Residência da Companhia em Olinda" e
> ii) "na Paraíba havia também sobrados, mas de pouca e má", dada a existência ali, próxima, de pedreiras e caeiras;

VI) os **Diálogos** foram escritos no primeiro semestre do ano de 1618, como pode concluir de uma referência que Brás contra à Capitania de São Vicente.

Isto posto, conclui o Sr. Ramos:

a) que o autor dos **Diálogos** é Jesuíta;

b) que entre os Jesuítas missionários na Paraíba, de 1586 a 1592, estava o Padre Simão Travaços, que escrevera o "Sumário das Armadas";

c) que o Padre Travaços poderia, como Brandônio, ter dirigido a cobrança dos dízimos e ser ouvido e consultado em Portugal pelos Governadores do Reino, durante o tempo em que era de presumir tivesse servido em Lisboa, na Procuratura da Companhia de Jesus do Brasil;

d) que o Padre Travaços é o autor dos **Diálogos das Grandezas do Brasil**.

Tentarei agora a crítica das três hipóteses de atribuição, tomando por base os elementos autobiográficos de Brandônio, já acima relacionados, começando pela de Varnhagen:

I) não há qualquer referência nos **Diálogos** à naturalidade do seu autor, isto é, de Brandônio. Capistrano de Abreu

apresenta os seguintes argumentos para refutar Varnhagen, que o considera natural de Pernambuco — embora não tivesse provado a qualidade de brasileiro, de Bento Teixeira, o da **Prosopopéia**, a quem atribui a autoria dos **Diálogos**:

> i) "o autor era português: a leitura cuidadosa o atesta a cada passo e o próprio Brandônio o confirma explicitamente. Interrogado porque não secundou as experiências da plantação de trigo, respondeu: 'porque se nos comunica também o mal da negligência dos naturais da terra'. Se fosse natural da terra a resposta seria cada mestres tármos?"
> ii) "era português e do sul de Portugal, ou pelo menos lá passara muito tempo. Só assim se explica a importância que atribui a alguma restinga de terra que então (no tempo das navegações cartaginesas) continuava com uma ilhota situada na costa do Algarve, a que chamavam do Pessegueiro, na qual cavagem, por costumarem a continuar os atuns que por ali passam a desovar dentro do Estreito, se tornam muitos hoje em dia'. Teria reparado em coisa tão somenos um simples viajante?"; [14]
> iii) a própria declaração de Brandônio (de "ser novo na terra" em 1583 — informação categórica que não admite a interpretação de Varnhagen. Segundo este "devemos interpretá-la como ut recém-chegada da metrópole, depois de lá haver passado a adolescência e frequentado os estudos", num caso que Varnhagen compara com o seu próprio, de brasileiro educado na Europa, daí voltando já adulto. Sem necessidade de "interpretações", parece-me preferível a explicação natural da frase "novo na terra": a de emigrado recém-desembarcado; (15)

II) não é conhecido um só documento referente a Bento Teixeira, autor da **Prosopopéia**, como individualidade distinta do Bento Teixeira cristão-novo, natural do Pôrto, mestre de ler, escrever e aritmética, etc., denunciado ao Santo Ofício. A não ser a hipótese de considerar-se pseudônimo o Bento Teixeira da **Prosopopéia**, a mencionada de dados bi-

(14) Capistrano de Abreu, "Introdução", cit., pp. 9-10.

(15) Varnhagen, "Prefácio" cit., p. 18.

fatores a seu respeito — mesmo o mais insignificante — só pode levar a uma conclusão: a de aceitar a sua identificação com o homônimo preso pela Inquisição;

III) aceito a identificação, fica arrasada a possibilidade de ser o português Bento Teixeira o autor dos **Diálogos**, pois além de outras razões — entre as quais a de ter residido por muito tempo em Cametás ao sul da do Pernambuco, ao contrário de Brandônio — o mesmo faleceu em julho de 1600, tendo sido os *Diálogos* redigidos depois desta data. (15)

A sugestão de Capistrano de Abreu acêrca da autoria dos **Diálogos** reúne as melhores indicações documentais a seu favor. Desde que Capistrano indicou o nome de Ambrósio Fernandes Brandão, apontando documentos em apoio da hipótese, os dados posteriormente acumulados pelo falecido Rodolfo Garcia e por mim, só têm reforçado a indicação do mestre cearense. Nenhuma nova sorte de documentos para a biografia de Brandão, veio, até hoje, divergir das informações autobiográficas apresentadas por Brandônio. O confronto dos elementos autobiográficos de um com os biográficos do outro, parece-me oferecer a melhor compreensão da matéria tão discutida:

A) em 1585 Brandônio era "novo na terra"

a) em 1583 Ambrósio Fernandes Brandão já morava em Pernambuco;

B) em 1583 estava a cargo de Brandônio o recebimento dos dízimos do senhor de Pernambuco

b) Brandão foi "feitor da fazenda", isto é, administrador dos bens de Bento Dias Santiago, acrescentando, naquêle ano, do conjunto dos referidos dízimos, a quem cabia cobrá-los ou fazê-los cobrar;

C) em 1585 Brandônio viu o sítio onde depois foi levantada a cidade da Paraíba, cêrca de cinco

c) Brandão participou da conquista da Paraíba em 1585, como Capitão de uma companhia de mercadores;

D) em 1587 Brandônio foi à mata-de-brasil a combater o gentio (com tal nome que eram designadas as terras de São Lourenço da Mata, Nazaré da Mata e Santo Antão da Mata)

d) antes de 1590 Brandão possuía o Engenho São Bento, em Muribara, freguesia de São Lourenço

(15) **Estudos Pernambucanos** cit., pp. 3/45.

da Mata, constando ainda que em 1595 era Capitão de uma companhia de infantaria;

E) em 1592 Brandônio viu a fatura de certo carregamento de mercadorias

e) em 1597 há prova documental de que Brandão teve transação com um mestre de navio, figurando como seu fiador;

F) de 1597 a, pelo menos, 1607 Brandão residiu em Portugal

f) é do 20 de março de 1607 a indicação de que Brandão estava em Pernambuco servindo de fiador a um mestre de navio, sendo que nesse mesmo ano poderia ter embarcado para o Reino. Em janeiro de 1608, abril de 1604, 1605 e novembro de 1608 há prova documental de que estava em Lisboa;

G) Brandônio refere-se a entendimentos seus com o "Bispo de Coimbra, Governador de Portugal", com os "Governadores de Portugal" e com o "Conde Mordomo-mor, Vedor da Fazenda Real", o que indica que mantinha relações com os mais altos dirigentes do Reino

g) em abril de 1604 Brandão esteve em Lisboa a tratação de Tesoureiro geral da Fazenda dos Defuntos e Ausentes;

H) Brandônio mostra interêsse por estudos botânicos e assuntos agrícolas, cultivando e fabricando anil, experimentando e tirita de certa árvore, semeando trigo e dedicando-se à cultura da parreira

h) Brandão possuía uma horta e quinta na sua casa da Calçada do Combro em Lisboa, com um jardineiro e um hortelão a seu serviço;

I) Brandônio é, evidentemente, um homem dado ao estudo e às letras

i) Brandão recebia-se aos sábados a "seu estudo seu", estudo os seus familiares, senhoras inclusive, pessoas interessadas pela leitura, um dos quais é apontado como "letrado";

J) após 1607 Brandônio regressa ao Brasil

j) em 1613 era senhor de três engenhos na Paraíba;

L) Brandônio criou uma rendilhinha nascida em sua casa e a quem um escravo seu tanto governou; sob ameaça de ser passado "entre os eixos do engenho", curou-se com ervas

l) Brandônio foi senhor de Engenho em Pernambuco e na Paraíba;

M) Brandônio teve criado assalariado e possuiu escravos

m) Brandão foi senhor de engenho e, portanto, proprietário de escravaria, além de ter exercido atividades comerciais;

N) Brandônio não conheceu as Capitanias ao sul de Pernambuco

n) não há qualquer indicação documental da presença de Brandão em terras ao sul de Pernambuco;

Da comparação acima fica patente que as indicações autobiográficas de Brandônio coincidem com os elementos conhecidos da biografia de Ambrósio Fernandes Brandão.

Cabe agora idêntico confronto com relação a Brandônio e o padre Simão Travaços, que seria, segundo o Prof. Eládio Ramos, o autor dos **Diálogos**, do mesmo modo que o fir entre Brandônio e Ambrósio Fernandes Brandão. Para não repetir a parte referente àquele, incluirei aqui sòmente os dados biográficos do Jesuíta:

a) o Padre Travaços chegou à Bahia em 24 de dezembro de 1577, indicação que não se harmoniza com as informações Brandônio de que era "novo na terra" em 1583 e de que nunca visitara as Capitanias ao sul de de Pernambuco; (*)

b) os Jesuítas ecbaravam mão engenhos, dos dízimos do açúcar, a dotação que lhes tinha sido concedida pelo Rei, para manutenção dos seus Colégios; não consta, entretanto, que nesse serviço se tivesse empregado o Padre Travaços;

c) o Padre Travaços esteve em 1586 e 86 na Paraíba;

d) os Jesuítas acompanharam expedições militares contra o gentio;

e) os Jesuítas comerciavam com terceiros, mas não há indicação de que dessas negociações estivesse incumbido o Padre Travaços:

f) entre 1587 a, pelo menos, 1607 não há documento que indique a presença em Portugal do Padre Travaços; pelo contrário, em janeiro de 1600 o seu nome figura entre os residentes do Colégio de Nossa Senhora da Graça, em Olinda; (**)

(*) Pedro Serafim Leite, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, Lisboa-Rio 1938-50, I, pp. 501 e 502, II, p. 326 e IX, p. 188

(**) Leite, obr. cit., I p. 388.

g) não há elementos a comprovar que o Padre Travaços mantivesse relações ou exercesse função no Reino que justificasse a sua aproximação com os Governadores de Portugal;

h) nada consta acêrca do interêsse botânico do Padre Travaços;

i) o Padre Travaços, pela sua qualidade de sacerdote, era letrado;

j) não consta de qualquer viagem do Padre Travaços a Portugal, nada existe acêrca do seu regresso dali. Faleceu em 6 de outubro de 1618, no mesmo ano em que foi concluída a redação dos **Diálogos**:

l) inadmissível, para a hipótese da autoria de um Jesuíta, a informação autobiográfica de Brandônio, de que criara uma mulatinha, inserida em sua casa; o Prof. Ramos, porém, pretende explicar que "para conservar o anonimato, Brandônio refere-se a uma casa onde lhe nascera uma mulatinha que criara";

m) era contrário à constituição da Companhia de Jesus possuir algum Jesuíta em particular — ao inverso da comunidade — escravo seu ou criado assalariado, como os tinha Brandônio;

n) ao contrário de Brandônio, há prova documental da presença do Padre Travaços em Capitania ao sul da de Pernambuco, pois esteve na da Bahia.

Da enumeração acima patenteiam-se duas concordâncias apenas (a dos itens c e i) entre os dados autobiográficos de Brandônio e os biográficos do Padre Travaços; nítidas discordâncias (itens a, f, l, m, e n,); em três casos a concordância é de caráter geral entre os cargos exercidos pelos Jesuítas e os de Brandônio e não específica, entre os dêste e os do Padre Travaços (itens b, d e e) e em três outros (itens g, h e j) nada se pode afirmar ao certo.

Estava ainda o Prof. Ramos que "tudo indica" seja o o autor dos **Diálogos** um clérigo Jesuíta, que aponta como sendo o Padre Simão Travaços, falecido em outubro de 1618, no mesmo ano em que foram aquêles redigidos. Menciona, em abono de sua tese, trechos das Escrituras referidas nos **Diálogos** — por sinal todos do Velho Testamento, como observou o Sr. Jaime Cortesão. (*) De fato, as referências bibli-

(*) Jaime Cortesão, "Apresentação" à edição dos **Diálogos**, Rio, 1943, p. 16.

cias e outras de temas religiosos existentes nos **Diálogos** são as seguintes:

Pág. 4: Nós plantou a vinha: "Deus" criador de todas as coussas

Pág. 34, 58, 145 e 192: referências a "Deus"

Pág. 46, 47 e 52: "filhos de Adão"; "descendentes de Noé"

Pág. 49: "os descendentes do perverso Cã e seu filho Chanão"

Pág. 98: "filhos de Cã"

Pág. 55-56: "o santo profeta Rei David", Urias, Bersabé, Salomão, Hirão Rei de Tiro e "a Escritura"

Pág. 96: "a Escritura"

Pág. 192: São Tomé teria estado no Brasil; o profeta Daniel no lago dos leões

Pág. 195: *Jacó* gavihou a sua amada Raquel"

Há outras referências à assuntos relacionados com a religião, nos **Diálogos**:

Pág. 13: o Brasil deveria ser chamado "Terra da Santa Cruz, por ser assim chamado primeiramente"

Pág. 23 e 26: "Religiosos do Patriarca São Bento"

Pág. 24: peregrinos enviados ao reino "em que se pinta por relaxados o auxílio de Nosso Senhor"

Pág. 26 "religiosos de Nossa Senhora do Carmo, com os do Seráfico Padre São Francisco".

Restringem-se a isto as menções a sucessos bíblicos e as alusões a fatos ou comunidades religiosas em todo o texto dos **Diálogos**, os quais não me parecem revelar a pena de um sacerdote, e, ainda menos, a de um Jesuíta, pois as duas referências que nos **Diálogos** ocorrem à Companhia de Jesus estão as páginas 26 e 58, quando o autor se refere aos "mosteiros" existentes em Olinda e na Bahia, entre os quais cita, em primeiro lugar, "o dos padres de Companhia de Jesus". Frase Brandônio jesuíta, ou, pelo menos, educado pelos Jesuítas, não teria a propósito dêles escrito "mosteiro", mas "colégio".

Refere-se ainda o Sr. Ramos aos louvores "à virtude" que ocorrem nos **Diálogos**, no exemplo da sempre-viva, "que tanto aberrece ser tocada" (pág. 194), "à castidade", no exemplo da esmeralda, "que se a pessoa que a trouxer comete um ato sensual, se quebra por si, tanto ama a castidade" (pág. 5); ao costume de algumas **cunhãs** que repelium o contacto com o homem, coussa que a Alviano custava acreditar, por "ser dom da alma, que o não estima senão quem conhece o

preço" (pág. 209). Mas se é que se trata de um Padre a escrever no mesmo ano de sua morte, ratio se engana quem o possa supor a doutrinar moralidades.

Ao falar das plumas, diz Brandônio que elas atacam os homens nos "lôcs e "onde mais frequentam de alterar é pelas testículos, que logo os coriam", ao que comentou Alviano que não tenaria de entrão em diante, banho de rio, com receio de que "me desarmem da coussa que mais estimo" (pág. 160): do semelhante molusco, o que Brandônio teve a contar é que "se acha nêle sangue" e que "mas conjunções das luas, lhe anode o hinstrio como costuma vir às mulheres", o que qualquer morador poderia mostrar a Alviano, mas êste se recusou com uma tarefa: "não me quero obrigar a buscar essas provas" (pág. 160); os dois interlocutores trocam comentários sôbre os usos diversos e opostos das indígenas e das portuguesas recém-paridas (pág. 193).

Ambrósio Fernandes Brandão, com uma longa e variada experiência brasileira — de cêrca de 25 anos, pelo menos, a contar de 1588 a 1587 e de 1607 a 1618, aproximadamente, anos que para mais que para menos — e alguns anos de serviço público em Portugal, ao se pôr a escrever os **Diálogos das Grandezas do Brasil**, contava 68 anos de idade. Os seus estudos, as suas leituras, as suas observações e experiências, as informações e lembranças recolhidas de pessoas às vezes ingênuas, outras fidedignas, foram os elementos de que se utilizou na composição de sua obra.

Dela existem dois apógrafos, conservados, um na biblioteca da Real Universidade de Leiden, na Holanda, outro na Biblioteca Nacional de Lisboa. O daquela instituição neerlandesa está incluído em um volume de capa de pergaminho, no qual estão quatro manuscritos e um impresso encadernados juntos, nenhum dos quais relativo ao Brasil. Os **Diálogos** é o primeiro da coleção, e consta de 187 folhas, em boa letra da primeira metade do século XVII, sendo que, ao encadernar, a margem inferior do papel foi desnecessàriamente cortada, atingindo em algumas folhas a última linha de manuscrito, o que a torna parcial ou inteiramente ilegível. Êste apógrafo não apresenta defeitos de cópia, ocorrendo, porém, em alguns pontos, acréscimos e correções com letra diversa da do texto; há três casos em que se vêem breves anotações marginais, sem interêsse. A letra dêsses acréscimos e correções não é suficientemente lúcida, de forma a

permitir (pelo menos a quem escreve estas linhas) a identificação paleográfica de sua época, de outros elementos, porém, pode-se coligir que pertence a meados do século XVII. [20]

Tais acréscimos e correções são os seguintes, sendo que as páginas abaixo citadas são as desta edição e as fôlhas as do apógrafo de Leiden:

Pág. 16 "mandava povoar com duas armada [sic] que para êsse efeito ordenou, que, por muitos sucessos e algumas desordens (depois de terem tomado terra) se perderam, sem se conseguir o efeito para que fôra [sic] ordenadas"; neste trecho foram feitas as seguintes emendas diretamente sôbre o texto primitivo: "que" para "duas"; "ter" para "terem"; "perdeo" para "perderã"; "ordenada" para "ordenadas". Entretanto, por lapso de quem fêz as emendas, "armada" e "fôra" deixaram de ser pluralizadas (fls. 13v)

Pág. 63 "água morna"; sôbre a segunda escreveu-se na entrelinha "fria" (fls. 52v)

Pág. 78 "cento e trinta", riscou-se "trinta" e pôs-se "oitenta" (fls. 62)

Pág. 78 "cento e quarenta" riscou-se tudo e substituiu-se por "duzentas" (idem)

Pág. 89 "viran a importar", riscou-se e escreveu-se "poderão ser" (fls. 69v)

Pág. 145 "Jananiacarus": acrescentou-se na entrelinha "Jamandacarus nasce na praia" (fls. 109v)

Pág. 145 "Encajerus, do modo de ameixas mousinhas" ajuntou-se na entrelinha "na praia" (fls. 110v)

Pág. 149 "Inbambu": escrito por cima "marobu-uasu" (fls. 113v)

Pág. 150 "mêlro": escreveu-se na entrelinha "tordo" (fls. 113)

Pág. 160 "canindés": por cima escreveu-se "curusira" (fls. 118v)

Pág. 170 "a dois e a três cabritos": acrescentou-se em seguida "e quatro" (fls. 128v)

---

(20) Engana-se o Sr. C. Hasewinkel ao escrever que o apógrafo de Leiden é "cópia do século XVI" provàvelmente", quando a letra é evidentemente do século seguinte: Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, vol. I (Lisboa, 1960), p. 159.

Pág. 175 "Jaritacacas", sôbre as duas primeiras sílabas escreveu-se "Mai" (fls. 129v)

Pág. 178 "e outros" riscado e escrito por cima "pelos" (fls. 131v)

Pág. 158 "sôbre êles": riscado "sôbre" e por cima escrito "n" [êles] (fls. 132)

Pág. 190 "ambição": escreveu-se na entrelinha "cobiça" (fls. 144v)

O apógrafo da Biblioteca Nacional de Lisboa guarda-se nos "Reservados" sob cota Fundo Geral 6.819 e consta de 106 fôlhas (além de 4 de índice, que não existe no de Leiden): é de letra de fins do século XVII. Apresenta vários defeitos de cópia e, elemento importante a considerar, incorpora ao texto quase todos os acréscimos e correções feitos ao texto de Leiden, já relacionados, não obstante serem êles de letra diferente. Da incorporação comprova-se que o apógrafo de Lisboa é uma cópia do de Leiden, fato já salientado por Varnhagen, do que a princípio duvidei.

Apresento alguns exemplos de defeitos de leitura a evidenciar que o apógrafo de Lisboa é uma cópia (as páginas são desta edição e as fôlhas do apógrafo em estudo):

Pág. 7 "e os castelhanos que povoaram as Ilhas de Canárias deram em plantar vinhas e o mesmo exercício guardam em plantar vinhas, digo até hoje em dia" (fls. 4v)

Pág. 15 "fazendo muitas povoações, digo duas povoações" (fls. 8v)

Pág. 19 "Capitão que era de Pernambuco, digo da Paraíba" (fls. 10v)

Pág. 33 "da Capitania de Tamaracá e da mesma Capitania da Paiba [sic] e da Capitania da Paraíba e da Capitania do Rio Grande e das mais povoações" (fls. 18)

Pág. 39 "terra bastantíssima para se fazer povoar, digo situar" (fls. 21v)

Pág. 95 "Não é mau o proveito, digo o comércio" (fls. 49)

Pág. 113 "e quanto mais fresca, digo mais quente" (fls. 60)

Pág. 124 "abundante de fertilidade de cousas, digo de diversidade de cousas" (fls. 63)

Pág. 145 no apógrafo de Leiden onde se lê: "Icaajerus, do modo de ameixas mousinhas [escrito por cima: na praia]; ambas são semelhantes a

ameixas brancas", o copista do de Lisboa transcreveu, saltando de "ameixas" a "ameixas": "Cuinguiris do modo de ameixas brancas", sendo o salto corrigido com um acréscimo à margem (fls. 73v)

Pág. 185 "Isso tenho eu por coisa indigna de se poder pôr em prática porque não mostra nenhuma aparência de se poder pôr em prática, porque não mostra nenhuma aparência de poder ser verdade" (fls. 93v)

Pág. 196 "nos antigos, digo dos amigos" (fls. 98)

Pág. 210 "tiremos dêles um cordel, digo um colar" (fls. 104v)

Além de ser uma cópia, o apógrafo de Lisboa é também uma **cópia de má leitura**, como os exemplos seguintes corroboram, comparando-se os dois:

Pág. 6 Leiden: "embelo"; Lisboa "Lubili"
Pág. 87 "mostra"; "mostra"
Pág. 92 "mercadores"; "moradores"
Pág. 100 "casado"; "afogado"
Pág. 142 "formosas"; "diversas"
Pág. 164 "espedaçarem"; "hospedarem"
Pág. 190 "fazem"; "trazem"
Pág. 191 "ventura"; "natureza"
Pág. 193 "lavam"; "lavram"
Pág. 194 "leito"; "justo"
Pág. 224 "cansarem"; "lançarem"

E ainda: o copista do apógrafo de Lisboa incorporou ao seu texto, sem discriminá-los, os acréscimos e correções feitos por mão estranha no apógrafo de Leiden, já acima apontados. Se compararmos os dois encontraremos:

Pág. 78 Leiden: "cento e trinta"; Lisboa: "cento e oitenta"

Pág. 78 "cento e quarenta"; "duzentas"

Pág. 143 "**Jamanacaras**, cuja planta" etc.; "**Jamandacarus** nasce na praia; **jamanacaras**, cuja planta" etc.

Pág. 145 "**Eirajerus**, do modo de ameixas mousinhas; **ambus**" etc.; "**Aicheierus** do modo de ameixas mousinhas na praia; **ambus**" etc.

Pág. 149 "**inhambu**"; "**inambuaçu**"

Pág. 170 "dois e a três cabritos"; "dois e a três cabritos, e quatro"

Pág. 175 "**Jaratacaca**"; "**Maracaca**"

Pág. 178 "e outros"; "pelos"
Pág. 178 "sôbre eles"; "neles".

Pelas razões expostas foi do apógrafo de Leiden — que é, **possivelmente**, o original (original no sentido de texto final, sem alteração) dos **Diálogos das Grandezas do Brasil**, do qual o manuscrito de Lisboa é uma cópia posterior, defeituosa — que me servi para a presente edição, que a Universidade do Recife oferece a historiadores, mestres e estudantes de história brasileira.

Como está indicado na fôlha-de-rosto, é esta a primeira edição integral dos **Diálogos** e, ainda, a primeira a ser cuidadosamente corrigida pelo manuscrito que lhe serviu de texto, além de confrontada com o da Biblioteca Nacional de Lisboa. Deixo de apontar em notas de pé-de-página as correções e completações que aqui se fazem às quatro edições anteriores dos **Diálogos** e as divergências entre os apógrafos de Leiden e de Lisboa, para não sobrecarregar com um sem número de anotações as fôlhas dêste livro. [21] Na maioria delas, porém, foram feitas emendas de erros que desfiguram os textos daquelas edições; e em um ponto (no Diálogo III) o de nada menos de quatro páginas do apógrafo de Leiden foram aqui, pela primeira vez, incluídos no conjunto.

Dêsses defeitos enormes das edições anteriores — e os leitores curiosos são convidados a um confronto desta com aquelas — parece ser dupla a responsabilidade. Em 1874 Francisco Adolfo de Varnhagen encontrou na biblioteca da Universidade de Leiden o apógrafo dos **Diálogos** cuja existência, ali, era até então desconhecida dos brasileiros, e o copiou ou fêz copiar. [22] Três anos depois, ao passar por Pernambuco, ofereceu uma cópia dêle ao seu amigo José de Vasconcelos, proprietário do **Jornal do Recife**, pessoa interessada em assuntos históricos, escrevendo ao mesmo tempo um "Posfácio" aos **Diálogos**, datado do Recife em 30 de setembro de 1877. O jornalista, porém, só publicou o "Diálogo primeiro", interrompendo então a divulgação, sem

---

(21) Essas quatro edições são a da **Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano** nos números 28 (1883), [illegible] (1886), 32 e 33 (1887); a da Academia Brasileira de Letras com excelentes notas de Rodolfo Garcia (Rio, 1930), a da [illegible] (Rio, 1943) e a da Livraria Progresso Editora (Bahia, 1956).

(22) "Em serviço do [illegible] na Europa", **Diário de Pernambuco** de 7.XI. 1877 etc.

qualquer esclarecimento. (24) Das mãos de Vasconcelos parte da cópia foi parar ao Instituto Arqueológico, pois em sessão de 11 de dezembro de 1882 José Higino Duarte Pereira propôs "que se mande extrair a expensas do Instituto uma cópia do manuscrito intitulado **Diálogos das Grandezas do Brasil**, existente na Bibliotheca de Leiden, na Holanda, **da parte que falta na cópia existente neste Instituto**" (25) Nada se fêz naquela altura. Dois anos depois o Instituto, ao incumbir o próprio José Higino da missão de pesquisas históricas em arquivos neerlandeses, nas "Instruções", datadas de 11 de agôsto de 1884, que lhe foram entregues, determinava-lhe em um dos itens que devia "fazer extrair uma copia do opusculo **Dialogos das Grandezas do Brasil** que se acha na Bibliotheca de Leiden, na parte somente que falta para completar a que possue o Instituto. (26) Em carta datada de Haia em 28 de maio de 1885 José Higino publicava: "já fui à cidade de Leiden visitar a bibliotheca pública e procurar aí o manuscrito intitulado **Dialogo das Grandezas do Brasil**, do qual o Instituto tem uma cópia, mas incompleta. Infelizmente lá encontrei o manuscrito ... incorri eu mesmo a cópia da parte que falta ao manuscrito do Instituto, porquanto não é fácil encontrar em Leiden quem possa copiar corretamente um manuscrito português". (27) E em carta de 30 de agôsto do mesmo ano comunicava: "A cópia do trecho dos **Diálogos** que falta ao manuscrito do Instituto está finda e foi feita pessoalmente por mim" (28) José Higino voltou ao Brasil em abril de 1886.

Do fato de na **Revista do Instituto Arqueológico** nº 31, publicada em 1886, ter sido principiada a **divulgação dos Diálogos**, a contar do **Diálogo II**, pode-se concluir que o Instituto não possuía, pelo menos, o referido Diálogo II, pois no caso contrário não se justificaria a interrupção que sofreu a publicação do manuscrito desde 1883, ano em que, no seu número 26, a mesma **Revista** tornou conhecido o Diálogo I. Lamentavelmente não encontro indicação do que faltava à cópia do Instituto antes da missão José Higino — afora de

(24) A publicação foi-o no Jornal do **Recife** de 2, 3 e 4 de Janeiro de 1876. Como identificou, me indicou o Sr. Francisco Cruz.

(25) Arquivo do Instituto Arqueológico Pernambucano, 2º livro de atas, fls. 56.

(26) Idem, ibidem, fls. 57.

(27) Id., id., fls. 60v/62.

(28) Id., id., fls. 64v.

cópia nada mais existe hoje no arquivo do Instituto para comprovar a quem caberia a maior responsabilidade pelos inúmeros defeitos que a cópia dos **Diálogos** apresenta: se a Varnhagen, se a José Higino. Isto na suposição de que tais erros não tenham surgido da deficiente compositio e revisão da aludida **Revista**, o que não seria caso único.

Pelo pouco exposto acima que, pelo menos, o Diálogo II tenha sido copiado por José Higino. Apesar do cuidado com que êle sempre procedia em tais trabalhos, alguns erros de leitura ocorreram na sua cópia (admitindo que a publicação da **Revista** a ela obedecesse fielmente): "mais" quando é "demais"; "haver" por "a ver"; "até" por "a lhe", etc. Entretanto, tais erros foram agravados nas edições subsequentes dos **Diálogos** que se basearam na daquela **Revista**. Na edição da Academia Brasileira de Letras, sob a responsabilidade de dois nomes eminentes, como os de Afrânio Peixoto e Rodolfo Garcia, novos defeitos foram acrescentados, de que oferece exemplo tirado do próprio Diálogo II.

Na **Revista** nº 31 citada, página 376: "ALVIANO — Dou-me por concluído, porque pelas razões que me destes conheço ser **esta clima do Brasil o melhor do mundo, pela parte por onde o não corta a linha equinocial, porque** ali de fôrça há-de ser de mui temperamento, como o são tôdas as demais partes por onde ela passa".

Na edição da Academia, página 101: "ALVIANO — Dou-me por concluído, porque ali de fôrça há-de ser de mau temperamento, como o são tôdas as demais partes por onde ela passa". Falta, como se vê, largo trecho de frase, entre dois "porque".

Das edições anteriores mantem-se aqui o título de **Diálogos**, ao contrário do apógrafo de Leiden (mas não do de Lisboa) que se apresenta no singular, textualmente, "Dialogo das grandezas do Brasil". Como o "Dialogo" está dividido em seis "diálogos", parece-me preferível a forma plural do título. Do apógrafo de Lisboa foram aproveitados cinco subtítulos, a modo de sumário, que se encontram nos Diálogos segundo as seis, faltando no primeiro (tais subtítulos não existem no de Leiden); também por êle foi completado o texto do de Leiden, naqueles trechos que foram cortados ao encadernar

Para as instruções dos arqueólogos da Paraíba utilizei clichés fotos dos desenhos do próprio epígrafo de Leiden, que são assim pela primeira vez reproduzidos. (*)

* * *

As informações de interêsse para a história brasileira — e particularmente do Nordeste — que se encontram nos **Diálogos**, são em resumo as seguintes:

O Brasil foi descoberto "acaso" por Pedro Alvares Cabral, que lhe deu nome de Terra de Santa Cruz. Quanto à fase inicial da vida do Novo Mundo é oportuno registrar um ponto em que o autor patenteia uma ignorância inesperada em homem culto, como era geral êle se revela. Refiro-me à participação de Américo Vespúcio na história da América. Quem primeiro a êle se reporta no decorrer dos **Diálogos**, quando discutem os interlocutores acêrca da origem do indígena do Brasil, é Alviano, ao dizer que "tenho ouvido que um Vespúcio Américo, natural de Cartago nuvegando com uma embarcação pelo mar oceano, impelido de ventos rijos . . . veio a aportar a esta grande costa do Brasil, que do seu nome se chamou América". Tamanha heresia histórica não encontrou contestação da parte de Brandônio, e quando Alviano o inquire especificamente: "que me dizeis do Américo", êle respondeu sem nada esclarecer a seu respeito, limitando-se a duvidar "do que dêle se escreve", parecendo-lhe possível que em vez do Brasil tivesse sido apontado à África, pois "sabeis vós antigos [ ] os instrumentos com que hoje navegamos", palavras que parecem revelar concordância da sua parte com a naturalidade e antiguidade de "Vespúcio Américo" que lhe atribuía Alviano.

A questão da origem dos indígenas brasileiros, a que nos **Diálogos** está ligada a referência a Vespúcio, é matéria largamente debatida entre os dois interlocutores. Brandônio afirma que "são gentes advenediças a êle", isto é, ao Brasil, e que não eram tão antigos no povoamento dêle como o crem na África os negros. Sôbre êstes, "escrituras dignas de fé" diziam do "antiquíssimo tempo" que a povoaram, ao passo que com relação aos ameríndios "não temos notícia" que viesse esclarecer acêrca do caminho que tinham percorrido para atingir o Brasil, pois "não temos nisto nenhuns provas escriturais, pelo qual possamos inferir se vieram por mar, se por terra, nem ainda hoje em dia, com estar já tanto descoberto, se pode rastear pela parte por onde podiam passar a settentrional Novo Mundo".

Depois de alguns debates Brandônio expõe a sua opinião a êsse respeito, segundo a qual os indígenas eram descendentes dos hebreus que em tempo do Rei Salomão atingiam o porto de Ofir, "donde traziam quantidade grande de ouro, prata, ébano, marfim e alguns papagaios e bugios", pôrto que êle localiza na "costa a que hoje os nossos chamam da Mina, aonde está situada a Cidade de São Jorge", a qual aqueles navegantes atingiram partindo do Mar Roxo, pela via do Cabo da Boa Esperança. Nesta longa viagem "quem duvida que algumas das naus não tenham sido impelidas pela fôrça dos ventos e das águas em direção da costa do Brasil? E que da gente que delas se salvasse tivesse origem a povoação de tão grande império? Parece-lhe também possível que o gentio da costa do Peru tivesse origem diversa da do gentio do Brasil, pois aceita a hipótese, levantada por Alviano, de que procediam dos "chinas", embora declare que nenhum "rasto" — quer na língua, quer nos costumes, quer em qualquer outra coisa — dêles se conservasse. Em semelhante hipótese, porém, admitia relação dos indígenas do Brasil com os "chinas", já que aquêles diferiam totalmente dos todos do Peru, sem os quais nunca tiveram tido comunicação.

Confirmava-lhe a origem israelita dos ameríndios brasileiros o fato de ainda então se achar entre êles "muitas palavras e nomes próprios dados na língua hebréia", além de certos usos vulgares entre os hebreus, como era o de tomarem suas sobrinhas por esposas.

Outro tema relacionado com a descoberta e povoamento do Brasil, também largamente debatido pelos interlocutores dos **Diálogos**, é o respeitante à habitabilidade e salubridade da zona tórrida, na qual êle se achava situado. A Alviano parecia-lhe que "se os antigos não se enganaram", a zona tórrida não oferecia condições favoráveis à existência do homem branco, "por muito quente", além de que a costa da Guiné, que ficava fronteira ao Brasil e lhe correspondia em latitude e, portanto, em condições equivalentes às suas, era sujeita a "trovões, que causam muitas doenças".

Ao rebater os argumentos de Alviano, Brandônio cita vários autores antigos e contemporâneos, entre os quais Aris-

(*) A meu amigo Antônio Leão agradeço as providências fotográficas e outras.

tinelle, Ptolomeu, Lucrécio, Avicena, Averróis, Pedro Paduense, Jamblico, Sacrobosco e outros, a referência a êsses autores, porém, é feita de tal forma que deixa dúvida acêrca do conhecimento direto de suas obras. De qualquer modo, é a propósito da questão da habitabilidade da zona tórrida que Brandônio demonstra conhecimentos que não eram de esperar de quem não tinha passado — talvez quanto se sabe a seu respeito — por Coimbra ou Salamanca. As opiniões daqueles autores, acêrca das condições insalubres da região tropical, estavam de tal maneira arraigadas no espírito dos contemporâneos dos dois interlocutores, que nem "com estarmos hoje vendo e experimentando o contrário do que êles afirmavam", muitos declaravam Brandônio, custavam a crer na realidade. Mas o que aos antigos tinha faltado era "a experiência desta zona", do que tinha resultado ignorarem a edificação "de ventos frescos que pela de ordinário cursam... os quais são poderosos para resfriarem os ares". E êsses ventos eram tão favoráveis à natureza humana, que Brandônio tinha por indubitável "ser esta zona mais sadia e temperada que as demais".

Mas a zona tórrida do globo não oferecia condições idênticas, como os portugueses tinham verificado por experiência própria, pois a tinham trilhado "pelo muito nestes próximos tempos", porque na costa da Guiné, ao contrário da do Brasil, que era "lavada" pelos ventos vindos de Leste que "de ordinário da parte de mar nela cursam", os ventos "vêm por cima da terra" e trazem consigo "os ruins vapores e calor da mesma terra, de onde nasce serem aquelas partes tão doentias e de tão ruim habitação para aqueles que as frequentam".

Segundo Brandônio, os ventos de Leste que sopravam sôbre o Atlântico antes de atingir a costa oriental da América do Sul, a resfriavam a atmosfera, eram o fator determinante da diferença de côr entre os ameríndios e os negros. A êstes o acidente da côr preta e do cabelo crespo teria sido resultado dos raios do sol que os atingiam com dureza e sem o refrigério dos ventos "frigidíssimos e frescos" do Atlântico, que reduziam, de muito a temperatura desta banda do Oceano, pelo que os ameríndios não tinham a côr preta, mas apenas "baça".

Ao tempo em que Brandônio dialogava acêrca das grandezas do Brasil, em 1618, êste estava ocupado pelos portugueses desde o Pará, ao norte, a São Vicente, ao sul; mas o povoamento era em muitos pontos pouco denso e em outros a ocupação dos indígenas tornava-o inseguro. O Pará tinha sido ocupado recentemente e ali não existia senão "uma fortaleza guardada de poucos e mal providos soldados". Ao sul, logo o Maranhão, que cava de si "grandes esperanças", e tinha sido conquistado aos franceses em 1615, mas cujo povoamento e fortificação ainda-o já ao abrigo dos ataques "das ruins dos corsários que vinham de França, todos os anos, a roubar por esta costa do Brasil". Abaixo situava-se a "povoação de Jaguaribe", isto é, o Ceará, a qual "não promete para adiante muita grandeza, por a serra de seus derredores não servir para mais que para mantimentos". Em seguida estava a Capitania do Rio Grande, na qual assistia um capitão nomeado trienalmente por Sua Majestade, a qual fôra ocupada por tropas saídas de Pernambuco e da Paraíba que na boca do seu rio plantaram uma fortaleza, bem armada, que impedia os tratos aos franceses, que ali vinham ao resgate do pau-brasil. A terra oferecia poucas possibilidades para a agricultura — embora houvesse já um engenho de fazer açúcar "êste ano de 1618" — pois era "mais disposta para pastos de gado, dos quais abunda em muita quantidade".

Mais ao sul situavam-se as três Capitanias brasileiras de maior progresso e que constituíam a parcela mais próspera de todos os domínios ultramarinos de Portugal: eram elas a Paraíba, Itamaracá, e Pernambuco. A primeira era donatário real, pois fôra conquistada e povoada à custa da fazenda de Sua Majestade. Ocupava o segundo lugar entre tôdas as Capitanias, logo depois da de Pernambuco e da Bahia, pois dava de renda à Coroa, só nos direitos, mais de 4:000$, afora o que vendiam nas alfândegas os direitos dos açúcares dela provenientes, pois nela situavam-se engenhos "não poucos em número". O seu desenvolvimento não era maior devido à proximidade de Pernambuco, pois os moradores se tinham habituado a depender dêle para as "cousas de que têm necessidade", para o que remetiam para ali as suas caixas de açúcar, ao era vez de as embarcarem diretamente do seu porto para o Reino; mesmo assim o progresso era notável, do que dava mostra a própria cidade, "agora cheia de casas de pedra e cal e tantos templos", cuja vista Brandônio tinha confundido, não fazia muito tempo, em 1586, ainda "coberta de matos". O nome de um benemérito da cidade merece referência de Brandônio: o de Duarte Gomes da Silveira, que por pura benemerência auxiliou pecuniàriamente aos que nela construíam casas de pe-

dra e cal, só pelo gôsto "de ver aumentar a cidade". Limitava-se a Capitania ao sul com a de Itamaracá, de donatário, que tinha primitivamente cinqüenta léguas de costa, mas das quais fôra desmembrada a parte conquistada aos índios e franceses pelas armas de Sua Majestade, para constituir a Capitania da Paraíba. Itamaracá tinha a sua sede na ilha dêsse nome, e nesta e no continente estavam situados engenhos de açúcar. Entre ela e a Capitania de Pernambuco, marcando-lhes a divisa, "estão metidos marcos". De Pernambuco a riqueza e a fartura eram bem conhecidas e o seu donatário percebia de sua redízima, de "pensões" e outros direitos cêrca de 8.000$ e o Rei, dos dízimos, dos direitos da alfândega e do pau-brasil perto de 10:000$, sem contar os impostos que pagava o açúcar que entrava no Reino. Olinda, a vila principal, situada em um alto de onde se descortinava "formosa vista", dominava "uma enseada" da qual os pontos extremos eram, ao sul, o Cabo de Santo Agostinho, "tão conhecido no mundo", e, ao norte, a "ponta de Jesus", denominada assim por nela estar situado "um formoso templo dos Padres da Companhia, chamado do mesmo nome". Na dita vila habitavam "inumeráveis mercadores com suas lojas abertas, colmadas de mercadorias de muito preço, de tôda a sorte, em tanta quantidade que semelha uma Lisboa pequena". Era ela "assaz grande", com "muitos e bons edifícios e famosos templos" e conventos, além de um recolhimento para "mulheres nobres". Os Jesuítas tinham "escolas públicas, aonde ensinavam a ler e escrever e latinidade" e nos mais conventos ministravam-se cursos de artes e de teologia. A Capitania compreendia cinqüenta léguas de costa, com "infinitos engenhos", e muitas lavouras de mantimentos e criação de gado grosso e miúdo; mas pela terra a dentro os moradores não se alargavam mais do que dez léguas em direção ao sertão, sendo que apenas a extração do pau-brasil os levava a procurar o interior.

Segundo cálculo de Brandônio, das ditas três Capitanias eram exportadas 7.300 toneladas de açúcar (das quais 1.500 toneladas de "panela"), que pagavam de direito nas alfândegas do Reino mais de 120:000$; o pau-brasil da mesma procedência rendia, por contrato, à fazenda real, mais de 10:000$.

As três Capitanias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba "quando fôram de um senhor livre e isento na jurisdição e vassalagem", isto é, quando constituíssem um estado independente, poderiam render mais de um milhão de cruzados ou 400:000$, segundo computação que faz Brandônio para demonstrar que só elas rendiam mais à coroa do que tôda a Índia. Segundo êle o rendimento seria o seguinte:

direitos do açúcar pagos nas alfândegas do Reino	120:000$
dízimo do açúcar	24:000$
"pensões" do açúcar	4:800$
renda do pau-brasil	16:000$
direitos de entrada de mercadorias nas alfândegas locais	60:000$
soma	224:800$

Além disto, nas referidas Capitanias poder-se-ia plantar e exportar pimenta da Índia, malagueta, gengibre (que enviado para Flandres daria muito proveito) e anil, e "tôdas estas cousas postas em uso e juntas com as que já estão postas" na conta acima, perfariam a estimativa dos 400 contos de réis.

Brandônio calculava também que a população das três Capitanias, apta para sua defesa, totalizava dez mil homens — número que me parece, e a Capistrano de Abreu, exagerado.

A Pernambuco seguia-se a Capitania de Sergipe del Rei, "cousa pequena" mas abundante de gado; era de Sua Majestade, que ali tinha uma fortaleza. Vinha depois a da Bahia, "cabeça do Estado do Brasil", onde deviam ter assento os governadores dêle, que preferiam, entretanto, residir em Pernambuco. Ali estava também a sede do Bispado e da Relação do Brasil, esta, aliás, de pouca utilidade aos moradores da colônia, pelos motivos que Brandônio expõe minuciosamente. A Bahia era uma "abra grandíssima", com capacidade de recolher inumeráveis naus e onde entravam muitas baleias, que eram caçadas por biscainhos; no seu recôncavo situavam-se os engenhos de açúcar, que para o seu serviço utilizavam a via marítima. A renda dos dízimos montava a cêrca de 24:000$. A cidade, situada em um alto, além do Bispo e mais dignidades eclesiásticas, dos frades de quatro conventos, dos desembargadores da Relação, contava ainda muita "gente nobre e rica". Abaixo da Capitania da Bahia situavam-se as povoações de Boipeba e Ilhéus, localizadas em terras de donatários, ambas de pequeno comércio e rendimento, em conseqüência dos ataques dos aimorés. A Capitania seguinte, de Pôrto Seguro, era igual-

mente pobre, embora nela existissem engenhos de açúcar, mas o seu território, do sertão, era vítima daqueles índios. A que confinava ao sul era a do Espírito Santo, com engenhos, e era "terra larga e abundante de mantimentos" e dela se exportava bálsamo lavrado "em contas e outros brincos", muito procurado pelo seu cheiro agradável. A do Rio de Janeiro, que se lhe seguia, tinha cidade, "pôsto que pequena", de bom comércio, pois até ali traziam muitas patacas de prata as embarcações provenientes do Rio da Prata, além de a ela demandarem as naus que, procedentes da metrópole, se destinavam ao Reino de Angola, e que ali se iam abastecer de farinha de mandioca "de que abunda tôda esta Capitania em muita quantidade". Havia ainda no Rio de Janeiro alguns engenhos de açúcar. Fôra ela por algum tempo, cabeça do govêrno das Capitanias do sul quando fôra incumbido D. Francisco de Sousa de descobrir minas de ouro na de São Vicente. Era esta a última das que os portuguêses tinham até então povoado "nesta grande costa do Brasil" e contava duas vilas, uma situada no litoral, São Vicente, e outra "para o sertão", denominada São Paulo; era de donatário e não havia nela engenho de açúcar, mas era abundante de carne e de muitas frutas européias, principalmente de marmelos, de que se fazia doce que era exportado para as demais. Em 1618 ia em aumento, graças à descoberta de ouro, mas a pobreza dos moradores não favorecia a exploração das minas.

Todo o litoral do Brasil então ocupado estendia-se por quase 700 léguas, e a terra era "bastantíssima para se poder situar nela grandes reinos e impérios", embora os seus moradores não se tivessem "estendido muito para o sertão". Aliás, um astrólogo, quando do achamento do Brasil, vaticinara que "a terra novamente descoberta havia de ser uma opulenta província, refúgio e abrigo da gente portuguêsa", e das suas largas possibilidades davam indício os "sinais de grandeza" que começava a apresentar.

Essa "grandeza" baseava-se em várias atividades econômicas, que Brandônio relacionava por ordem de importância: 1) lavoura do açúcar, 2) mercancia, 3) extração do pau-brasil, 4) algodão e madeiras, 5) lavoura de mantimentos e 6) criação de gado. Mas "de tôdas estas coisas, o principal nervo e substância da riqueza da terra é a lavoura dos açúcares", de que era tal o rendimento que sòmente nas três Capitanias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba, em sessenta léguas de litoral e dez na direção do sertão que esta-

vam povoadas, lavravam seus moradores "sem adjutório de nação estrangeira", tanto açúcar que bastava para carregar anualmente, em 1618, cento e trinta ou cento e quarenta naus, "que muitas delas são de grandíssimo porte", sendo que, ao contrário da Índia — para onde Sua Majestade remetia, com grande risco, grossas quantias de dinheiro, para compra das especiarias e drogas — aqui não despendia a coroa "para a fábrica e sustentação de tudo isto, um só vintém". Também ao contrário da Índia, onde a principal atividade era o comércio, tinham aqui os povoadores na agricultura e em bens de raiz "tôda a sua fazenda", o que os retinha na terra ou, quando não, os obrigava a manter as suas propriedades em exploração, se por qualquer motivo regressavam a Portugal; da mesma forma, aqui havia homens com fortunas de 20, 40 e 80 contos de réis, ao oposto da Índia, onde os que conseguiam amealhar tal quantia logo se apressavam em se transferir para a metrópole.

Tratando em especial de cada uma das atividades econômicas, a começar pela lavoura da cana de açúcar, "que é a principal coisa com que todo êste Brasil se enobrece e faz rico", refere Brandônio que tendo alguém "fôrças e cabedal" para a construção e custeio de um engenho de açúcar, para o "pôr em perfeição" — pois um engenho movido pela fôrça d'água, e ainda dos que moem com bois, chamados trapiches, "feito e fabricado", montava a quatro contos de réis — começava por requerer ou comprar uma sesmaria de terras capazes para agricultura; era bem verdade que ao tempo dos *Diálogos* uma "nova invenção de moenda, a que chamam palitos" tinha sido introduzida, com a qual se simplificara a maquinaria do engenho, reduzindo, em conseqüência, o emprêgo inicial de capital. De qualquer modo, porém, a fundação de uma fábrica dessas era empresa a que não se podia lançar qualquer um, "pela grande fábrica e cabedal que é necessário para se poderem granjear canaviais e engenho". Além das construções e ferragens, eram indispensáveis cinqüenta bons escravos de serviço, de quinze a vinte juntas de bois, com seus carros e oficiais capazes; mesmo quando ricos, poucos eram os senhores que podiam custear o plantio de tôdas as suas terras, pelo que cediam de partido alguma parte delas para que agricultores de menos posse — os chamados "lavradores" — as cultivassem, percebendo uma parte do açúcar que, de sua planta, fôsse produzido, em geral na base de 1/3 ou 1/4 do produto final.

Nem todos os engenhos tinham igual rendimento, pois

havia "muita diferença dos bons aos maus". Os bons deviam ter muitas terras capazes para plantio, água bastante para a moenda, e lenha e madeira para a fornalha e demais serviços, sendo que os canaviais e matas não deviam estar distanciados da casa de moenda; e tendo a escravaria necessária poderia produzir de 2 a 15 toneladas de açúcar bom e cêrca de 5 toneladas de sumeiros. Nos engenhos de menos pode a produção variava de 4 1/2 a 7 1/2 toneladas, sendo que as que rendiam 4 1/2 toneladas "são de pouco proveito para ser dono".

A despesa de um senhor de engenho era cada safra variável de 1:400$ a 1:600$, sendo que se lhe morressem negros a despesa seria maior; satisfeito o dízimo e entregue aos lavradores a parte que lhes cabia do açúcar produzido, calculava Brandônio que ao senhor de engenho ficavam de 6 a 8 1/2 toneladas de açúcar bom e de 3 a 4 toneladas do sumeiros. Em dinheiro o lucro do proprietário orçava entre 3:000$ a 2:400$ por ano agrícola: êsse lucro era maior se o senhor de engenho exportava êle próprio o seu produto para o Reino, porque aos engenhos feitos de novo o Rei concedia isenção de direitos de alfândega pelo tempo de dois anos, e, acabado êsse tempo, ficava sempre gozando de meia isenção, não pagando senão a metade dos ditos direitos.

Entretanto, em geral, os senhores de engenho desprezavam a atividade comercial e serviam-se apenas da isenção de direitos de que gozavam, para se proverem de que era necessário às suas fábricas, deixando todo o giro dos negócios aos mercadores, do que bravam êles "grande utilidade". Na atividade mercantil havia mais de um tipo de comerciante: uns eram os de "fora por vinda", que depois de venderem no Brasil os mercadorias que tinham trazido do Reino, com o produto adquiriam gêneros da terra e com êles tornavam a Portugal, pois foram bem negócio, outros eram os comerciantes estabelecidos, "com loja aberta", que não as abasteciam por compra direta na metrópole ou o faziam a mercadores que daí traziam as fazendas e lhas vendiam com lucros de 40 e 50%; um terceiro tipo eram os que, mais tarde, levavam comissões por "mascates", e que se faziam riquíssimos com adquirir mercadorias aos comerciantes estabelecidos nas cidades e ir vendê-las pelos engenhos e fazendas, às vezes com prejuízo "de mais de cento por cento". "Muitos" corretadores tinham se feito scribes de engenho ou lavradores de partidos de cana e tinham casado e se fixado na terra.

Outras pessoas grangeavam fortuna com a extração do pau-brasil, do qual "o mais perfeito e de maior valia" era o que se tirava de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba, vendido no Reino a 4 cr. ás vêzes, a 5$ o quintal. Tal madeira durante era privilégio de Sua Majestade, que concedia licença para sua extração, pelo maior preço, em licitação pública, estando em 1610 arrendada a exploração por 16:000$, não podendo ser exportados daqueles três Capitanias mais de dez mil quintais anuais. No Brasil muito gente vivia de ir cortar nas matas e de o transportar para os portos de embarque, ao longo da costa, aonde o vendia às pessoas que tinham autorização dos contratadores para comprá-lo. Daqueles homens, "muitos" cortavam nas pau-brasil nas matas, por ano, mil a dois mil quintais e o vendiam no litoral a 7 e 8 tostões o quintal, "e ás vezes mais", com o que juntavam bom cabedal "e por êste modo se têm feito muitos homens ricos".

Igualmente ricos faziam-se outros com o plantio e comércio do algodão, embora naquela altura em que foram redigidos os Diálogos, em 1618, já não gozasse tal produto da reputação em que antes era tido e não desse o lucro que anteriormente dava, por haver muito dêle nas praças da Europa, de outra procedência. Extraído o caroço, o algodão era prensado, enfardado e embarcado para o Reino, onde costumava ser vendido a 4$ a arrôba, mas naquele ano "por muito menos preço". Mesmo assim o algodão dava algum proveito, "pelo pouco custo que na lavoura dêle fazem", sendo também tecido na própria terra, onde fabricavam "muito bom pano de serviço". Ao mesmo tempo que o algodão Brandônio referia-se à extração de madeiras para fins diversos, depois de convenientemente serradas e aparelhadas por escravos. Delas relacionou 25 espécies, citando madeiras de cores variadas — **acabenguba** amarela, **jatatibas** vermelha e dourada, **macuramuiba** roxa, **corpaúba** preta; de utilização vária — para taboado como o **amarelo**, o **camacari** e o **conduru**, para armação de casa como a **burapiroca**; de emprêgo na marcenaria, em "obras primas de escritórios, bufetes, leitos e outras semelhantes" — como a **macuranduba** e a **cabarúiba** "maravilhosas para obra prima, principalmente para cadeiras", como o **jacaranudá** "não estimado para leitos e outras obras", e outras de qualidade inferior, mas não de menor utilidade, como eram as de "**pau mole**": **munguba**, **burarema**, **pau de gamela**, **pau dalho**, etc., largamente empregadas na fabricação de caixas de açúcar.

de que havia homem que fazia serrar madeira suficiente para mil e duas mil, que eram vendidas aos senhores de engenho por 450 e 500 réis cada uma.

Ricos chegavam a ser outros que se dedicavam à lavoura de mantimentos, da qual a de mandioca ocupava o primeiro lugar em cultivo e preferência, para a fabricação da farinha que em Portugal era chamada, com o propósito de injuriar aos moradores do Brasil, de farinha de pau. Dela fazia-se grande variedade de alimentos, como **beiju, carimã** e **mingau**. Em segundo lugar estava a do arroz, que aqui se produzia em "muita abundância", mas era tido em menos conta do que a mandioca; ocupava o terceiro lugar entre os "mantimentos principais" o milho, que era de "muito proveito para sustentação dos escravos de Guiné e índios" e útil ainda para "sustentação de cavalos" e "criação de aves". Outros "mantimentos" havia a que se socorriam os moradores em tempo de esterilidade, como era a raiz do **caruatá**, da qual se fazia farinho "de boa sustentação"; a folha de mandioca cozida, chamada **maniçoba**, que era "excelente para tempo de fome"; os frutos de uma árvore grande chamada **umari** e os coquinhos de uma palmeira denominada **oqué**, êstes últimos, aliás, utilizados comumente por "grande parte do gentio da terra e dos negros de Guiné"; e, finalmente, a raiz de um cipó chamado **macuna**, a qual desfaziam em pó e comiam cozida.

A sexta e última atividade econômica apontada por Brandônio é a criação de gado, de que havia na terra "quantidade grande", referindo-se a um homem que possuía mil cabeças de gado vacum, dividido por currais. Em geral todos queriam possuir "currais de vaca, por ser fazenda de muita importância". Esta era menos a da utilização da carne ou do leite na alimentação — e do leite diz expressamente que dêle os moradores "não se sabem ou querem aproveitar" — do que o proveito que se alcançava com a venda de novilhos para o trabalho nos engenhos, em especial para o serviço de transporte. Os animais eram vendidos por bom preço, em função do serviço que podiam prestar nos engenhos: uma vaca de 4 a 5S, um novilho "que serve já para se poder meter em carro" de 6 a 7S e um boi de 12 a 13S.

De gado miúdo criava-se também muito, sobretudo carneiros, cabras e porcos, mas os moradores não se utilizavam dêles para fabrico de queijos, nem para tosquia de lã, ainda mesmo para "enchimento de colchões", preferindo todos, ao trabalho de a colher, comprar "a que trazem do Reino.... e da mesma maneira os queijos". Brandônio e Alviano revoltavam-se e verberavam a "negligência" e falta de iniciativa dos colonos portuguêses e dos seus descendentes de empreenderem algo que não produzisse resultados imediatos.

Brandônio, por exemplo, explica a escassez de mantimentos "regalados" que na Europa costumava haver, não por falta de "atributos" da terra ou de bons ares, mas "por culpa, negligência e pouca indústria de seus moradores"; a inexistência de cultura do trigo, centeio e cevada, "pela pouca curiosidade e menos indústria dos que a habitam", ao que Alviano ajuntou que me dóe "ver a pouca curiosidade dos habitadores desta província", acusando-os de "ingratos a Deus, em não se saberem aproveitar dos benefícios que lhes faz e promete neste Estado"; o não aproveitamento do linho para tecido, pelo mesmo motivo o que de desanimado, lhe parece "cousa que não leva remédio", o mesmo sucedendo com drogas de fácil cultivo no Brasil e muito procuradas pelos estrangeiros, mas "a nada se dispõe a gente desta terra"; a não existência nas hortas e jardins, de tanques dágua, fontes e esguichos com que se regassem, o que ocorria não pela impossibilidade de tais obras, "senão dos que lhas não fazem"; o não haver quem se lance à pesca em barcos ao alto mar, contentando-se todos com o pouco que rendia a que se fazia em jangadas, procedia de não estar aquela "em uso, e algumas pessoas que o começaram a fazer, desistiram logo disso"; ou deixar-se sem utilização o leite das vacas e a lã dos carneiros, por não saberem ou não quererem aproveitar-se dessas cousas, e mesmo na própria criação de gado, mostrava "esta negligência tanto avante que, com se dar semelhante gado grandemente na terra, não se querem dispor a criá-lo, contentando-se cada um de criar sòmente o que lhe abasta para provimento de sua casa, o que não pode ser maior vergonha", ao que acrescentou Alviano que tal fato não se deveria mencionar "por honra do Brasil". O próprio Brandônio chega a confessar, por duas vezes, culpa semelhante, ao declarar que não tinha experimentado certo arbusto vegetal "por negligência minha" e que se não tinha levado avante certo experimento no cultivo do trigo fôra por se lhe comunicar "também o mal da negligência dos naturais da terra".

Parecia-lhe que tal negligência e falta de iniciativa procedia de que a gente do Brasil estava empenhada de todo no "granjeamento dos engenhos de fazer açúcares, lavoura e mercancia", quando sobejasse gente nessas ocupações, en-

ras forçosamente se lançariam muitos em outras atividades "e por esta maneira se farão uns pescadores, outros pastores, outros hortelões e outros tecelões e exercitarão os demais ofícios dos que hoje não há nesta terra na quantidade que era necessário houvesse; e como isto assim suceder, logo não haveria falta de nada". Naquela altura de 1618, porém, os moradores contentavam-se "com aquilo que os passados deixaram em uso, sem quererem anadir outras novidades de novo", com o que mostravam "serem todos padrastos do Brasil, com lhes ser êle madre assaz benigna".

Explicou Brandônio que a gente que então vivia no Brasil não devotava amor à terra e nela residia como que transitòriamente, com o propósito de voltar ao Reino logo que tivesse amealhado algum dinheiro. A gente que vivia na colônia era de cinco "condições". A primeira eram os marinheiros, que se empregavam na navegação entre a metrópole e a América, e na cabotagem, gente sem raiz. A segunda eram os mercadores, que não tinham outra ambição senão de fazerem-se ricos, pelo que não lhes preocupava o "aumento da terra, antes pretendem de a esfolarem tudo quanto podem". A terceira eram os mesteirais, cada um aplicado à sua arte "fazendo seu proveito nelas sem se alembrarem por nenhum modo do bem comum". A quarta, a dos que serviam a outros por salário, "ocupando-se em encaixamento de açúcar, feitorizar canaviais e engenhos e criarem gados, com nome de vaqueiros, servirem de carreiros e acompanhar seus amos", e essa gente não tinha "nenhum cuidado do bem geral". A quinta e última condição era a dos agricultores, distinguindo Brandônio os pequenos lavradores de mantimentos e os senhores de engenho e lavradores de canaviais; uns e outros, porém, não trabalhavam pessoalmente as suas terras, mas o faziam "com escravos de Guiné, que para êsse efeito compram por mui subido preço", pelo que não os empregavam senão naquilo que interessava diretamente ao seu negócio, tendo por "tempo perdido o que gastavam em plantar uma árvore que lhes haja de dar fruto em dois ou três anos, por lhes parecer que é muita a demora". E isso porque todos acreditavam que "em breve tempo se hão de embarcar para o Reino", e, com êsse pressuposto, "com a cobiça de fazerem mais quatro pães de açúcar e quatro covas de mantimento, não há homem em todo êste Estado que procure nem se disponha a plantar árvores frutíferas, nem fazer as benfeitorias acêrca das plantas que se fazem em Portugal, e pelo conseguinte se não dis-

põem a fazerem criações de gado e aves", a não ser para uso próprio e em pequena escala.

Na verdade muitos dêsses moradores não percebiam, com o desejo "que têm todos em geral de ir para o Reino", que a situação que tinham criado no Brasil os retinha aqui em definitivo, pelo que seu regresso final para a metrópole não era possível. Alguns dêles tinham conseguido boa situação econômica, sobretudo os senhores de engenho. A terra era barata e se obtinha de sesmaria, mas "a mor parte da riqueza dos lavradores consiste em terem poucos ou muitos escravos"; com êles faziam cultivar a terra, criar seu gado, pescar nos rios e no mar. Tinham "a sua ordinária habitação" nos seus engenhos e "partidos", em casas de telha ou cobertas de sapé e pindoba; alguns possuíam ainda "suas casas de morada nas vilas e cidades", que utilizavam apenas em certas épocas do ano.

Dêsses senhores de engenhos vários gastavam sem medida, "com os muitos cavalos ajaezados, librés e vestidos custosíssimos que tiram de ordinário para si e seus filhos, porque a cada quatro dias se fazem festas de touros, canas e argolinhas e outras semelhantes neste Estado, nas quais gastam os que as fazem e nelas entram grande quantidade de dinheiro". Viajantes admiravam-se dêsse luxo e afirmavam que na côrte de Espanha se não trajava melhor "do que se trajam no Brasil os senhores de engenho, suas mulheres e filhas, e outros homens afazendados e mercadores". Das mulheres acrescenta Brandônio que "se trajam muito bem e custosamente, e quando vão fora caminham em ombros de escravos, metidas dentro em uma rêde", cercadas por homens a pé ou a cavalo e ainda "de duas ou três escravas do gentio de Guiné ou do da terra, que se não desviam de ir sempre ao redor da rêde". A riqueza fazia-os também requintados nas etiquetas e civilidades, no "bom modo de falar", nos "honrosos têrmos de cortesia" e mesmo no "saber bem negociar e outros atributos desta qualidade".

A Alviano essas afirmativas de Brandônio pareceram exageradas, pois bem sabia que muitos povoadores do Brasil eram criminosos que para aqui tinham vindo degredados, pelo que era "gente de mau viver e, pelo conseguinte, pouco política, pois bastava carecerem de nobreza para lhes faltar a polícia", isto é, os bons modos civis. Brandônio não negou o fato, mas observou que a "largueza da terra", as amplas oportunidades de progresso econômico que o Novo Mundo oferecia, deram possibilidade a muitos de enriquecer, "e com a riqueza foram largando de si a ruim natureza, de que as

necessidades e pobrezas que padeciam no Reino os faziam usar", e os filhos dêsses degredados que se tinham elevado social e econômicamente, já se tratavam com "honradíssimos têrmos", tendo alguns ingressado pelo casamento em famílias nobres e sido admitidos à governança da terra. De tal forma a riqueza aprimorara nêles as maneiras e os costumes, a que ajuntaram dos estrangeiros "tudo o que acham de bom", que a gente pobre do Reino era aqui e com êles que vinham aprender "os bons têrmos, com os quais se fazem diferentes na polícia, que dantes lhes faltava".

Da gente pobre e dos escravos bem pouco diz Brandônio, mas uma informação sua oferece-nos uma visão que, infelizmente, não perdeu atualidade. Ao referir-se a caranguejos e mariscos diz que são êles "o verdadeiro sustento dos pobres que vivem nela [terra], e dos índios naturais e escravos de Guiné". Dos escravos diz-nos, em outras ocasiões, que se alimentavam de milho e de coquinhos de uma palmeira denominada aqui?; nada disto, porém, lhes fartava a fome, pelo que um dos seus petiscos preferidos era a carne de cavalo, aos quais "matam sem reparo para os haverem de comer, em qualquer parte que os acham, e ainda aos regalados e de muito preço furtam das estrebarias onde estão, para o mesmo efeito".

José Antonio Gonsalves de Mello

DIÁLOGO PRIMEIRO

ALVIANO

Que trabalho é êsse, Senhor Brandônio, que estais revolvendo dentro nesse papel? Porque, segundo o considerais com atenção, tenho para mim que deve ser de diamantes ou rubis.

BRANDÔNIO

Nenhuma cousa dessas é, senão uma lanugem que produz aquela árvore fronteira, dentro num fruto que dá, do tamanho de um pêssego, que semelha pròpriamente à lã. E porque ma trouxe agora há pouco a amostrar uma menina, que o achou caído no chão, considerava que se podia aplicar para muitas cousas.

ALVIANO

Não de menos consideração me parece o modo da árvore que o fruto dela; porque, segundo estou vendo, semelha haver-se produzido do sobrado desta casa, aonde deve de ter as raízes, pois está tão conjunta a ela.

BRANDÔNIO

A umidade de que gozam tôdas as terras do Brasil a faz ser tão frutífera no produzir, que infinidade de estacas de diversos paus metidos na terra cobram raízes, e em breve tempo chegam a dar fruto; e esta árvore, que vos parece nascer de dentro desta casa, foi um esteio que se meteu na terra, sôbre o qual, com outros mais, se sustenta êste edifício, que por prender veio a criar essa árvore, que demonstra estar unida com a parede.

ALVIANO

Aos que ignoravam êsse segrêdo deve de parecer o modo estranho; mas, contudo, dizei-me: para que efeito imaginais que se podia aplicar essa lanugem, que estáveis considerando?

BRANDÔNIO

Parece-me certamente que servirá para enchimentos de travesseiros, almofadas e ainda para colchões e que, também, se fôr fiada, se poderá dela fazer panos, pôsto que chapéus tenho por sem dúvida que se farão muito bons.

ALVIANO

Essa graça é essa, pois, quando isso prestara para êsse efeito, não era possível estar tanto tempo escondido sem os homens o haverem experimentado.

BRANDÔNIO

Essa razão não conclui para se deixar de entender que pode mui bem esta lã ou lanugem prestar para o que digo, porque muitas cousas há ainda, assim de frutos como de minerais, por descobrir, que os homens não alcançaram sua propriedade e natureza.

ALVIANO

Isso entendo eu pelo contrário, porque o mundo é tão velho e os homens tão desejosos de novidades, que tenho para mim que não há nêle cousa por descobrir, nem experiência que se haja de fazer de novo, que já não fôsse feita.

BRANDÔNIO

Enganai-vos nisso, Senhor Alviano, sumamente, porque ainda há muitas cousas por descobrir e segredos não achados, que para o diante se hão de manifestar.

ALVIANO

Não me posso persuadir a isso, porque tudo está já tão trilhado, que me parece que todos êsses segredos são

revolvidos e apalpados dos homens, e sòmente se têm aproveitado dos que acharam ser de proveito, que puseram em uso.

BRANDÔNIO

Essa opinião é nova e, como tal, engano manifesto. Porque quem vos mostrara, há hoje trezentos anos, uma cana de que se faz o açúcar e vos dissera que daquela cana se havia de formar com a indústria humana um pão de açúcar tão formoso como hoje o vemos, tê-lo-íeis por cousa ridículosa; e, pelo conseguinte, se vos fôsse mostrado um pedaço de pano velho de linho e vos afirmassem que daquele pano se havia de fazer o papel em que escrevemos, quem duvida que o teríeis por zombaria? E da mesma maneira, se vos pusessem diante um pouco de salitre, enxofre e carvão, com vos jurarem que daqueles materiais se havia de compor uma cousa, que chegada ao fogo, derrubasse muros e fortalezas, e matasse homens de muito longe, não me fica dúvida que, quanto mais vo-lo afirmassem, menos o crerieis. Porque haveis de saber que os primeiros inventores das cousas as acharam toscamente, com um princípio mal limado, e depois os que lhes sucederam as foram aperfeiçoando, até as porem no estado de perfeição em que hoje as vemos.

ALVIANO

Confesso o que dizeis, mas também não me haveis de negar que essas cousas de que nos aproveitamos, são criadas e cultivadas com a indústria e diligência dos agricultores e mestres inventores delas, o que não há nessa vossa lanugem, que se tira de uma árvore nascida acaso por êsses campos, porque o trigo, linho e mais legumes de que os homens se aproveitam para seus mantimentos e uso, são cultivados e granjeados, e por isso dão o fruto perfeito. E é tanto isto assim que nunca vimos o trigo, linho ou legumes nascer pelos campos de si sem serem cultivados dos homens.

BRANDÔNIO

Quando essa vossa opinião tivera lugar, parece que se devia também conceder que os homens fôssem os criadores dêsses frutos, o que seria tirar a Deus o haver criado tudo, e pelo mesmo caso blasfêmia; pois sabemos bem que Deus criou êsse trigo, linho e legumes pelos campos, e depois a indústria humana os cultivou para se poder melhor

aproveitar dêles. Porque nem pela Escritura dizer que Noé plantou vinha, se deve de cuidar que êle fôsse o criador dela, senão que tomou o vidonho donde estava agreste, criado por Deus nos campos, e o pôs em uso de se cultivar, com o qual levou o fruto mais perfeito. E se o trigo e mais legumes não nascem de per si nos campos, é porque lhes falta a semente, e quando alguma cai donde se produz, o gado e as aves a trilham e comem, mas se fôra semeado em parte onde não pudesse ser destruído das alimárias, êle por si produziria da semente que lhe fôsse caindo ao pé, como fazem as demais plantas.

ALVIANO

Confesso ser isso assim, porque sei mui bem que as cousas tôdas foram produzidas de um princípio, o qual foi a primeira criação que nelas fêz Deus. E pôsto que vemos alguns frutos que parecem não serem criados neste princípio, como são as limas doces, laranjas e outras semelhantes, que a indústria humana as fêz produzir por via de enxertos e outros modos que para isso buscaram, todavia a causa donde procedem são daquelas que por Deus foram primeiramente criadas. Mas esta não é a matéria sôbre que começamos nossa prática, senão de me parecer que essa lanugem que dizeis achastes semelhante à lã, deve de prestar para pouco, porque se fôra de efeito, já os nossos passados se aproveitaram dela; nem me confundem os exemplos que alegastes, da cana de açúcar, papel e pólvora, porque êsses são uns partos que o tempo produz em muitos decursos de anos, e assim me torno a afirmar, como já disse, que melhor fôra ser êsse bizalho de diamantes ou rubis, que são pedras descobertas e tidas por preciosas desde o princípio do mundo.

BRANDÔNIO

E quem vos há de negar que isso fôra de mais proveito pela reputação em que o mundo as tem por serem reluzentes e campearem muito, com alegrarem a vista com sua formosura, porque delas não sei outra excelência; pôsto que nunca me inclinara a ter minha fazenda embaraçada nessa mercadoria, porque, quando assim fôra, a teria por pouco segura.

ALVIANO

Peregrina opinião é essa vossa, por ser encontrada contra o estilo que todos os homens de bom entendimento guardam, porque os tais pretendem sempre ter uma parte de sua fazenda em pedraria, pela grande estimação em que está tida para com o mundo, e também por ser cousa que em qualquer parte, por pequena que seja, se pode esconder e salvar sem ser achada. E assim, para os casos repentinos que sucedem, fica sendo de muita utilidade para quem as possui, porque nela levam cabedal bastante para suas necessidades, segundo o preço e estimação das pedras.

BRANDÔNIO

Tudo isso é verdade, e ainda concedo que as pedras preciosas alegram o coração com sua vista, e para malencolizados é maravilhoso remédio; e da esmeralda se tem por verdadeiro que, se a pessoa que a trouxer cometer algum ato sensual, que se quebra por si, tanto ama a castidade. Contudo me torno a afirmar que não quisera ter a minha fazenda embaraçada em semelhante mercadoria, porque imagino que, assim como havendo sido a esmeralda entre as pedras preciosas a de mais estima, veio a faltar dela pelas muitas minas que se descobriram nas Índias Ocidentais, donde se tiram em grande cópia, que da mesma maneira se podem descobrir tantas minas de rubis e diamantes que percam de sua reputação e valia, e as pessoas que as tiverem se achem por esta via sem a fazenda que cuidavam que tinham.

ALVIANO

Não me parece mal essa vossa opinião, porque tenho visto muitas esmeraldas grandes e perfeitas que se trazem dessas Índias, e agora, em nossos tempos, apareceram outras descobertas neste nosso Brasil pelo Azeredo, que prometeram no princípio muito de si, mas logo mostraram sua fragilidade, por não serem verdadeiramente esmeraldas. Do que infiro que ouro, prata e pedras preciosas são sòmente para os castelhanos e que para êles os reservou Deus; porque habitando nós, os portuguêses, a mesma terra que êles habitam, com ficarmos mais orientais (parte onde, conforme a razão, devia de haver mais minas), não podemos descobrir nenhuma em tanto tempo quanto

ná que êste nosso Brasil é povoado, descobrido dêles cada dia muitas.

BRANDÔNIO

Não se pode dizer tão castelhanos serem boas conquistadores e descobridores, porque atravessaram, conquistando, desde Cartagena até Chile e Rio da Prata, uma tão imensa terra, pela qual foram achando quantidade grande de minas de ouro, prata, cobre, azougue e outras diversas, de que hoje em dia gozam e se aproveitam. Mas nem por isso se deve de atribuir aos nossos portugueses o nome de ruins conquistadores.

ALVIANO

Como não, se vemos que em tanto tempo que habitam neste Brasil não se alargaram para o sertão para barrerem de pavar mais dez léguas, contentando-se de, nas fraldas do mar, se ocuparem somente de fazer açúcares?

BRANDÔNIO

E tendes essa ocupação por pequena? Pois eu a reputo por muito maior que a das minas de ouro e de prata, como alguma hora vos mostrarei, provado clàramente. Mas, porque não tenheis aos nossos portugueses por pouco inclinados a conquistas, abraçando-vos com essa errônea opinião, vos afirmo que, de quantas nações o mundo tem, êles foram os que mais conquistaram. E sertão tangal os olhos por êsse Oriente, aonde nossos avós conquistaram, ganhando à custa de seu sangue, tantos reinos opulentes, cidades famosas, províncias ricas, fazendo tributários potentíssimos reis ao império lusitano, o que não sucedeu às castelhanos, porque as conquistas que fizeram nas Índias Ocidentais e Peru foi por entre gente fraca e imbele, que sempre tiveram as mãos atadas para sua defensão por lhe faltarem armas e ânimo com que pudessem fazer resistência, em tanto que quatro castelhanos real armados mariteram reis poderosos de riquezas e abundantes de gentes no seu próprio reino e dentro em suas cidades e casas, sem os seus naturais vassalos terem ânimo nem indústria para os saberem defender. O que não sucedeu aos nossos portugueses no Oriente, porque fizeram suas conquistas entre gentes belicosíssimas, mui bem armadas, assim de cavalo como de pé, que tinham inumeráveis peças de artilharia e outros bélicos instrumentos de fogo, que hoje em dia espanta ao mundo ver a grandeza das balas que lançaram, contra as quais não puderam dar nem opor o peito, largando muitos a vida às mãos de sua fúria, por escalarem as cidades que conquistaram. Vêde também tantas ilhas, situadas no meio dêsse grande pego do oceano, as quais descobriram e povoaram: ásses reinos de Angola e do Congo. Ilhas de Cabo Verde e de São Tomé e esta grande terra do Brasil, de modo que vos nossos portugueses se pode muito razão, atribuir tão muitas conquistas que fizeram por mar e terra, o verdadeiro nome de Hércules e de Argonautas.

ALVIANO

Quem há que possa duvidar disso? Mas o que digo é que neste Brasil fazem curta a conquista, podendo fazer muito larga.

BRANDÔNIO

É verdade que não se têm estendido muito para o sertão; mas para isso haveis de saber que todos os conquistadores, que até hoje descobriram de novo as terras que nos são patentes, lançaram mão e se inclinaram trabalhando naquele exercício de que primeiramente tiraram proveito, de onde veio que os nossos portugueses que povoaram as Ilhas dos Açores, pelos ordinários se haverem lançado em agricultura do trigo, até o presente permanecem nela; e os castelhanos que povoaram as Ilhas de Canárias deram em plantar vinhas, e o mesmo exercício guardam até hoje em dia, e os que povoaram as Ilhas do Cabo Verde tiraram proveito da contratação de negros e com isso vivem, e no Reino de Angola, da conquista que também fazem dêles, nessas permanecem; na Ilha de São Tomé deram em lavrar açúcar muito negro, com êle continuam até o presente, e tende apostado para o poderem fazer melhor, não se querem ocupar nisso. Os que povoaram as Índias Ocidentais, uns se ocuparam na pescaria das pérolas, outros em fazer anil, outros em ajuntar cochinilha, outros na cria de gados, outros em lavrarem minas, e todos naquele primeiro exercício em que se exercitaram, nesse permaneceram. Neste nosso Brasil os seus primeiros povoadores deram em lavrarem açúcares, pois que muito que os demais se fôssem imitando, conforme o costume geral do mundo, que tenho apontado? E êste é o respeito por onde no Brasil seus moradores se ocupam sòmen-

te na lavoura das terras de aguear, podendo se ocupar em outras muitas cousas.

ALVIANO

Não imagino eu isso assim nesse modo, mas antes tenho por sem duvida que o lavrarem se no Brasil fôrmente seus moradores a fazer aradores, é por não acharem a terra capaz de boas benefícios. Porque ou é terra pela mais ruim do mundo, donde seus habitadores passam a vida em continua miséria, sem terem quietação e, sôbre tudo, faltos de mantimentos regalados, que em outras partes costuma haver.

BRANDÔNIO

Certamente que tenho paixão de vos ver tão desarrazoado nessa opinião, e porque não fiqueis com ela, nem com um erro tão crasso, quero-vos mostrar o contrário do que imaginais. E para o poder fazer como convém, é necessário que me digais se é o ser o Brasil ruim terra é por defeito da mesma terra ou de seus moradores?

ALVIANO

Que culpa se pode atribuir aos moradores pela maldade da terra? pois será claro não poderem êles suprir sua falta, nem fazerem abundante a sua esterilidade.

BRANDÔNIO

Por maneira que me direis que à terra se deve de atribuir êsse nome que lhe quereis dar de ruim?

ALVIANO

Assim o digo.

BRANDÔNIO

Pois assim vos enganais, porque a terra é disposta para se haver de fazer cada tôdas as agricolturas de mundo, pela sua muita fertilidade, excelente clima, bons ceus, disposição do seu temperamento, salutíferos ares e outros mil atributos que se lhe ajuntam.

ALVIANO

Quando as tivera, certo eu que em tanto tempo quanto há que é povoada de gente portuguesa, já tiveram descoberto êsses segrêdos, que até agora não acharam pelos não haver.

BRANDÔNIO

Já me há de ser forçado fazer-vos retirar desta errrada em que estais. Não vêdes vós que o Brasil produz tanta quantidade de carnes domésticas e selvágens, de que abunda; tantas aves marinas, que se criam em casa, de tôda a sorte, e outras infinitas que se acham pelos campos; tão grande abundância de pescado excelentíssimo e de diferentes castas e nomes; tantos mariscos e caranguejos que se colhem e tomam à custa de pouco trabalho; tanto leite que se tira dos gados; tanto mel que se acha nas árvores agrestes; ervas sem conto; frutas maravilhosas, cultivadas com pouco trabalho e outras sem nenhum, que os campos e matos dão liberalmente; tanto legume de diversas castas, tanto mantimento de mandioca e arroz, com outras infinidades de cousas saluríferas e de muito mantimento para a natureza humana, que ainda espero de vo-las relatar mais em particular. Pois a terra que abunda de tôdas estas cousas, como se lhe pode atribuir falta delas? Porque certamente que não vejo eu nenhuma provincia ou reino dos que há na Europa, Ásia ou Africa, que seja tão abundante de tôdas elas, pois sabemos bem que se têm umas, lhes faltam outras. E assim errais sumamente na opinião que tendes.

ALVIANO

Pois de que nasce haver tanta carestia de tôdas essas cousas, se me dizeis que abunda de tôdas elas?

BRANDÔNIO

E' culpa, negligência e pouca indústria de seus moradores, porque devei de saber que êste Estado do Brasil todo, em geral, se forma de cinco condições de gente, a saber, marítima, que trata de suas navegações e vem aos portos dêle Capitanias dêste Estado com suas naus e caravelas carregadas de fazendas, que trazem por seu frete, donde descarregam e cobram suas fretes e as tornam a carregar, fazendo

outra vez viagem com carga de agúcares, pau do Brasil e algodões para o Reino, e de gente desta condição se acha, em qualquer tempo do ano, muita pelos portos das Capitanias.

A segunda condição de gente são mercadores, que trazem do Reino suas mercadorias a vender a esta terra e comprar por açúcares, do que tiram muito proveito: e daqui nasce haver muita gente desta qualidade mais com suas lojas de mercadorias, abertas, sendo correspondência com muitos mercadores do Reino que lhas mandam, e outra e infinito destes é haverem-se mercadejando pela mercancia, não tratam de aumento da terra, antes prendem-na e esfolaram tudo quanto podem.

A terceira condição de gente são oficiais mecânicos, de que há muitos no Brasil de tôdas as artes, as quais procuram exercitar, fazendo seu proveito nelas, sem se lembrarem jamais nenhum modo do bem comum.

A quarta condição de gente é de homens que servem a outros por soldada que lhes dão ocupando-se em ordenados de açúcares, feitorias canaviais e engenhos, criarem gados, com nome de vaqueiros; servirem de barreiros e acompanhar seus amos; e de semelhante gente há muita por todo êste Estado, que não tem nenhum cuidado do bem geral.

A quinta condição é daqueles que tratam da lavoura, e êstes tais se dividem ainda em duas espécies: a uma, dos que são mais ricos, têm engenhos, mui ricos de senhores dêles, nome que lhes concedeu Sua Majestade em suas cartas e provisões, e os demais têm partidos de canas: a outra, cujas fôrças não abrangem a tanto, se ocupam em lavrar mantimentos e legumes. E todos, assim uns como outros, fazem suas lavouras e granjearias com escravos de Guiné, que para êsse efeito compram por subido preço. E como o de que vivem é somente do que granjeam com os tais escravos, não lhes sofre o ânimo ocupar a nenhum dêles em coisa que não seja tocante à lavoura que professam, de maneira que têm por tempo perdido o que gastam em plantar uma árvore, que lhes haja de dar fruto em dois ou três anos, por lhes parecer que é muita demora. Porque se ajunta a isto o cuidar cada um dêles que logo, em breve tempo, se não de embarcar para o Reino e que lá não há de ir morrer, e não basta a desenganá-los desta opinião mil dificuldades que, a olhos vistos, lhes impedem pôr-lho fazer. Por maneira que êste pressuposto que têm todos em geral de se haverem de ir para o Reino, e com a cobiça de fazerem mais quatro pães de açúcar e quatro covas de mantimento, não há haver em todo êste Estado que procure nem se disponha a plantar árvores

fruteiras, nem fazer as benfeitorias acêrca das plantas, que se fazem em Portugal, e, pelo conseguinte, se não dispõem a fazerem estações de gados e aves; e se algum o faz é em muito pequena quantidade e tão pouca que a gasta todo comigo mesmo e com sua família. E daqui nasce haver carestia e falta destas coisas, e o não verdes no Brasil quintas, pomares e jardins, tanques de água, grandes olivais, quais há nesta nossa Espanha, não porque a terra deixe de ser disposta para tôdas estas coisas, donde nenhuma que a falta é de seus moradores, que não querem usar delas.

ALVIANO

O ser novo ainda neste Estado me faz ignorar dessas grandezas que me afirmais poder nêle haver, e para que fique melhor intendido delas e me poder retratar da minha opinião, vos peço que me digais como ou de que maneira pode haver tôdas essas coisas que tendes dito ser o Brasil capaz de produzir. E assim do seu sítio, bom céu, bondade dos ares e outras coisas de que o tendes feito abundante.

BRANDÔNIO

Esta província do Brasil é conhecida no mundo com o nome de América, que uma mais rara fortuna de ser pela Terra de Santa Cruz, por ser assim, chamada primeiramente de Pedrálvares Cabral, que a descobriu em tal dia, na segunda armada que el Rei D. Manuel, de gloriosa memória, mandava à Índia, e acaso topou com esta grande terra, não vista nem conhecida até então no mundo, e por ilu parecer o descobrimento notável despediu logo uma caravela ao Reino com as novas do que achara, e sôbre isso me disse um fidalgo velho, bem conhecido em Portugal, algumas cousas de muita consideração.

ALVIANO

E que é o que vos disse êsse fidalgo?

BRANDÔNIO

Disse-me êle que ouvira dizer a seu pai, como cousa indubitável, que a nova de tão grande descobrimento foi festejada muito do magnânimo Rei, e que um astrólogo que naquele tempo no nosso Portugal havia, de muito nome, por

êste respeito alevantara uma figura. fazendo computação do tempo e hora em que se descobriu esta terra por Pedrálvares Cabral, e outros.m do tempo e hora em que teve el-Rei aviso de seu descobrimento, e que achara que a terra novamente descoberta havia de ser uma opulenta provincia, refúgio e abrigo da gente portuguêsa, é pôsto que a isto não devemos dar crédito. são sinais da grandeza em que cada dia se vai pondo.

ALVIANO

Não permita Deus que padeça a nação portuguêsa tantos danos que venha o Brasil a ser o seu refúgio e amparo. Mas, dizei-me, se Pedralvares Cabral pôs a esta provincia por nome a Terra de Santa Cruz, que razão há para nestes próximos tempos se chamar Brasil, estando tanto esquecido o nome que lhe foi pôsto?

BRANDÔNIO

Não o está para com Sua Majestade e os senhores dos Conselhos, pois nas provisões e cartas que passam, quando tratam dêste Estado, lhe chamam a Terra de Santa Cruz do Brasil; e êste nome Brasil se lhe ajuntou por respeito de um pau chamado dêsse nome, que da uma tinta vermelha, estimado por tinta na Europa, que só desta provincia se leva para lá.

ALVIANO

Pois dizei-me agora da grandeza, como que já me tendes amedrontado, desta provincia chamada Brasil, ou Terra de Santa Cruz.

BRANDÔNIO

Tem seu principio esta terra, a respeito do que está hoje em dia povoado dos portuguêses, do Rio das Amazonas, por outro nome chamado o Pará, que está situado no meio da linha equinocial, até a Capitania de São Vicente, que é a última das da parte do sul da dita linha, e entra esta primeira povoação é a última de São Vicente há muitas terras fertilíssimas, povoações notáveis, rios famosos, portos e baías capacíssimos de se recolherem nêles e nelas grandes armadas,

ALVIANO

Pois dizei-me de cada uma em particular.

BRANDÔNIO

O Pará ou Rio das Amazonas, que é nos tempos presentes a primeira terra do nosso descobrimento, a respeito das mais que temos povoadas para a parte do sul, está situada, como tenho dito, na linha equinocial, aonde não temos até ao presente (por ser novamente povoada) mais que uma pequena fortaleza, guarnição de poucos e mal providos soldados. Tem de boca mais de sêtenta léguas, e no recôncavo dêste seio de tanta largueza há inumeráveis ilhas, umas grandes e outras mais pequenas, bualeiras de muito arvoredo, com sítios excelentíssimos para se poderem fazer belas grandes povoações e tôdas cercadas de água doce, porque tôda a que ocupa êste grande recôncavo é desta qualidade; a terra firme pelo rio a dentro é fertilíssima, acompanhadas de muito bons arcs. e por êsse respeito nada decanta; tem muitas excelentes madeiras, capazes para grandes fábricas, muito mantimento do ordinário da terra, muita caça agreste de que abundam todos os seus campos, muita pesca, que se pesca com pouco trabalho, sadio e saboroso e de diferentes castas, muito marisco e até o presente (pois pouco tempo há que é povoada) não se há tirado pelos nossos nenhum benefício na terra a qual habita gentio de cabelo corrido e de côr baça, e que usa da mesma língua de que usam os demais do Brasil.

ALVIANO

Sabeis por ventura de onde traz seu principio tão grande rio?

BRANDÔNIO

Os naturais da terra querem que o tenha de uma lagoa que dizem estar no meio do sertão, de onde afirmam nascerem os demais rios reais e caudalosos, que sabemos por tôda esta costa do Brasil; o fortalecem sua razão com mostrarem que na mesma conjunção que uns crescem, o fazem os outros, pôsto que o tempo esteja sereno e conservado naquela parte da costa donde desembocam; mas eu me não persuado a meter êste rio do Pará (de que tratamos) na conta

dos demais, para haver de crescer com êles, pelo que tenho muito contrar a um peruleiro, homem nobre e rico, e não pouco cioso.

ALVIANO

E que é o que haveis ouvido a êsse peruleiro?

BRANDONIO

No ano de 86 veio a Pernambuco êste homem de que trato, o qual me relatou que havendo lhe sucedido a um irmão seu, no Cidade de Lima, um negócio pesado, pelo qual o Vice-Rei intimidara sumamente do o haver às mãos para efeito de fazer nêle um exemplar castigo, lhe foi necessário ausentar-se; e por ser buscado por tôdas as partes, temeu que se caminhasse por longo da costa, poder ser achado, e querendo desviar-se dêste temor se meteu pelo sertão a dentro com outros dois companheiros que o quiseram acompanhar, e tendo andado, segundo êle parece, cousa de cinqüenta léguas, encontrara um rio, o qual pôsto que dali tomava princípio, no modo do seu canal lhe parecera que devia de ser caudaloso, e ajuntando-se a isto o ver que suas águas caminhavam contra o oriente, veio a cuidar que porventura viria a desembocar desta outra parte na costa do Brasil, para onde êle desejava sumamente de passar; pelo que, provendo-se de alguns mantimentos, que lhe deram os índios que à roda habitavam, a troco de resgate, e havendo dêles mais alguns animais, em uma canoa que no próprio rio achou, com os dois companheiros que o seguiam, se meteu nela, navegando sempre pela corrente abaixo, por onde de cada vez ia o rio mais alargando e fazendo o seu canal mais profundo, até que topou com uma cachoeira por onde as águas se despenhavam da muito alto, por entre grandes penedos, de modo que para haverem de passar por êles, lhes foi necessário tirar a carros as coisas pelas margens do rio, até desocerem dos penedos; e que dali cousa de cento e cinqüenta léguas mais abaixo, segundo sua estimação, acharam também outra cachoeira, que passaram da mesma maneira, de onde navegaram sempre sem terem outro impedimento, até desembocarem nesse rio, de que tratamos, das Amazonas; de onde, por ser verão, na mesma canoa, ao longo da costa, passaram às Índias, levando por mantimento de muito peixe que sempre poseram e alguma água, que ajuntaram em cabaços.

ALVIANO

Se isso passa desse maneira, poderá Sua Majestade forrar muito gasto com navegar a sua prata por êsse rio abaixo.

BRANDONIO

Assim mo afirmava o peruleiro, dizendo que seu irmão notara, com muita curiosidade, que fazendo-se duas povoações nas duas cachoeiras que pelo rio arriba havia, não lão sòmente podia Sua Majestade navegar por êle abaixo a sua prata, mas ainda os mercadores levariam as suas mercadorias para o Peru pelo mesmo rio acima, com fornarem tão grande passo quanto fazem com elas pelo comprido caminho por onde as levam.

ALVIANO

E as cachoeiras que dizeis haver nesse rio, não dariam impedimento a essa navegação?

BRANDONIO

Para isso dizia êle que era necessário que Sua Majestade mandasse lavrar três esquipações de barcos, uns que levassem a fazenda e trouxessem a prata e mais cousas, da foz do rio até a primeira cachoeira, e outros que a levassem e trouxessem da mesma maneira, de primeira até a segunda, e outros dali até donde o rio toma principio, porque, como as partes nas quais se havia de fazer as tais mudanças estivessem povoadas, seria fácil o pôr-se em uso.

ALVIANO

Se isso passa na forma que êsse peruleiro vo-lo relatou, tenho para mim que não devem de passar muitos anos sem se tratar dessa navegação, com grande utilidade dos mercadores e moradores de Peru. E adiante dêsse rio das Amazonas ou Pará, para a parte do sul, qual é a primeira povoação?

BRANDONIO

Segue-se logo o Maranhão, tão famoso, que está situado em dois graus da parte sul da linha equinocial, o qual el-Rei D. João, de gloriosa memória, mandara povoar com uma

armada que para êsse efeito ordenou, que por ruins sucessos e algumas desordens (depois de ter tomado terra) se perdeu, [1] sem se conseguir o efeito para que fôra ordenada. E agora, ùltimamente, em nossos dias, o Governador que foi dêste Estado, Gaspar de Sousa, tendo notícia verdadeira que se fortificavam e apoderavam franceses daquele grande rio, por ordem de Sua Majestade, no ano de 615, ordenou uma armada de que foi Capitão Jerônimo de Albuquerque, o qual, com felicíssimo sucesso, tomou terra, aonde em uma batalha que deu aos franceses já fortificados nela, com o seu governador Monsieur de Ravardière, os venceu e debelou, lançando fora do rio e do sítio de sua fortificação com morte de muitos, ficando a conquista pelos nossos, que hoje está povoada e fortificada por êles e metida debaixo do império de Sua Majestade, com se tirar por êste modo aos franceses um porto capacíssimo que tinham naquele rio para seus comércios e abrigo das naus de corsários, que vinham de França todos os anos a roubar por esta costa do Brasil.

ALVIANO

Essa terra do Maranhão, que dizeis estar já povoada dos nossos, além da utilidade que se segue a êste Estado do Brasil com sua povoação, por não terem dele os corsários abrigo de onde possam reparar as suas naus, tem porventura outras utilidades para seus moradores, como têm as demais Capitanias dêste Estado?

BRANDÔNIO

Até agora as não sabemos, por haver tão pouco tempo que é povoada, mas dá de si grandes esperanças de haver de ir em muito aumento para o diante, porque os nossos de presente têm feito a sua povoação em uma ilha que está à bôca da barra, de vinte léguas de largo e outras tantas de comprido, que por ser sítio capaz de ser fortificado, e aonde os franceses o estavam, por se poder dali impedir a entrada da barra, assentaram nêle. Mas pelo rio acima, que é grandíssimo, na terra firme, se têm descoberto muitas terras fer-

[1] Sôbre o texto primitivo do apógrafo de Leiden (fls. 23v) fizeram-se neste ponto as seguintes modificações: ... "mandava povoar com duas armada (sic) que para êsse efeito ordenou, que por ruins sucessos e algumas desordens (depois de terem tomado terra) se perderam, sem se conseguir o efeito para que fôra (sic) ordenadas" ...

tilíssimas para poderem ser povoadas, com se fazerem muitos engenhos de fazer açúcares e lavrar mantimentos em grande quantidade, e nelas se acham tantas madeiras, tão boas e de tanta grandeza, que causam espanto; pelo que me não fica dúvida de se poder fazer para o diante, naquela nova povoação, um comércio de muita importância.

ALVIANO

E de que mantimentos usam os moradores que assistem nessa nova conquista para sua sustentação?

BRANDÔNIO

Dos mesmos de que se servem os demais moradores dêste Estado, porque se produzem ali em grande cópia; e sobretudo abunda de muitos e bons pescados, que se tomam com muito pouco trabalho.

ALVIANO

E de que modo se toma êsse pescado, que dizeis não custar trabalho o haver-se de pescar?

BRANDÔNIO

Mandam duas ou três canoas, ou do que querem, de noite, que se vão atravessar no largo do rio e em certo tempo do ano, se põem inclinadas com a borda pendente contra aquela parte donde a maré vem enchendo, que basta, para o fazerem, assentarem-se os índios que vão nelas, no bordo que pretendem que se incline; e em outros tempos as arrumam contra a vasante da mesma maneira, e estando assim inclinadas por espaço de duas horas, sem mais outro benefício, se enchem de peixe excelentíssimo, que por si salta nelas, e como têm recolhido por esta via todo o que lhes é necessário, encaminham para a terra, donde se reparte entre todos os moradores.

ALVIANO

Se com tanta facilidade se faz a pescaria nesse rio, abundantes devem de estar seus povoadores de pescado, e se da mesma maneira pudessem haver as carnes, poderiam

dizer que estavam na Índia douradas, da qual fabulavam os poetas que a terra chamava rios de mel e de manteiga.

BRANDÔNIO

Quando nisso estiverem e houverem de gozar dessa idade, também nos poderão afirmar que gozam de carnes excelentes à vida, com a mesma facilidade.

ALVIANO

E de que modo?

BRANDÔNIO

Matam algumas canoas pelo rio acima e pelas bocainas extremadas para o efeito, que levam consigo larpões e em certas paragens, por resão cavos que o rio vai fazendo em braços e alagoas que forma pela terra a dentro, acham grande quantidade de peixes, a que chamam *bois*, maiores muito do que agulões de que fumam o mouro, do mais proporção e figura estranha, que estão nas tais partes juntos, como em viveiro, e ali os matam às larpoadas facilmente, porque se deixam achar sem serem buscados, por andarem sobre a agoa. E estes peixes bois não têm nenhuma diferença (conmidos de qualquer modo que seja) de carne de vaca, antes é tão semelhante a ela que vi já muitas pessoas que a comeram por tal, e depois como se lhes dizer e afirmar que era peixe o que comeram, o não quizeram crer. Assim que estes peixes-bois, que se tomam por esta via em grande quantidade, podem servir aos moradores de Maranhão na falta que padecem de carnes, pósto que para o diante virão a gozar de muita, por ser a terra assaz disposta para a criação de gados, além de que se acha pelos campos e matos muita caça de animais agrestes, gostosos de comer e de muito nutrimento.

ALVIANO

Pelo que me dizeis do Maranhão muitamente povoado, entendo que virá a ser para o diante uma Capitania (como chamam às demais do Brasil) de muita importância; pelo que, derrando-a de parte. Vos peço que me digais do sítio e qualidade das demais povoações, que se vão continuando pela costa adiante, para a parte do sul.

BRANDÔNIO

A outra povoação que se segue, pósto que pequena de moradores e sítio, se chama Seguaribe. Está situada em quatro graus da parte do sul da linha equinocial, a qual não promete para o diante muita grandeza, por a terra de seus derredores não servir para mais que para mantimentos, pósto que é sua barra e fortalezinha de âmbar-gris muito estimado, que costuma sair nela em certos tempos do ano, em grandes pedaços, donde se colhe e se vende a moradores e outras pessoas que o levam e mandam para o Reino, o qual é já muito estimado, por ser dêle de si perfeito e altíssimo.

ALVIANO

Se o âmbar sai fora do mar nessa paragem em muita quantidade, não deixará de ir nela povoação em aumento, porque a riqueza dêle supriria a pobreza da esterilidade da terra.

BRANDÔNIO

Os capitães passados do Rio Grande tiraram muito proveito de o mandarem resgatar com o gentio, antes da costa estar povoada, e agora, mal o estar, cessaram de o fazer, e por isso fica sendo o trêmio de sua capitania de pouca importância, a qual está conjunta a esta de Seguaribe.

ALVIANO

Pois dizei-me dela.

BRANDÔNIO

A Capitania do Rio Grande que foi povoada e fortificada por mandado de Sua Majestade, por Manuel Mascarenhas Homem, Capitão que era de Pernambuco, e por Feliciano Coelho de Carvalho, Capitão que era da Paraíba, no ano de 1597, está situada em seis graus da parte do sul. Tem na boca da barra uma fortaleza muito bem provida, assim de soldados pagados de fazenda de Sua Majestade, como de artilharia, com a qual se defende a entrada dos piratas franceses naquele porto, aonde costumavam a ir espalmar suas naus e a prover-se de água e mantimentos, e ainda a carregar de pau-brasil, que compravam ao gentio da terra a preço

de resgate. Assista nesta Capitania um capitão de Sua Majestade, o qual se provê de três em três anos.

Não há mais engenhos de fazer açúcares mais de um, até êste ano de 1618, por a terra ser mais disposta para pastos de gado, dêle quase dúzias em muita quantidade, que entram na Capitania da Paraíba, que lhe está conjunta.

ALVIANO

Deixemos logo êsse Rio Grande por onde fica, e passemos à Capitania da Paraíba, porque vê-a e gabar de muito boa e fértil é juntamente me afirmaram que custaria muito dinheiro à fazenda de Sua Majestade e aos moradores de Pernambuco não pequeno trabalho e despesa, a sua conquista e povoação.

BRANDONIO

A Capitania da Paraíba está situada em sete graus e meio da parte do sul; mete-se entre ela e a de Tamaracá o Cabo Branco, bem conhecido dos navegantes. Esta Capitania é de Sua Majestade, por se haver provado à custa de sua fazenda e da mesma maneira o são as demais para a parte do norte, de que até agora tratamos. A Paraíba, por ser fertilíssima e lavrar muitos açúcares nos engenhos em que se fazem, que no seu distrito estão situados não poucos em número, merece o terceiro lugar em grandeza e riqueza das demais Capitanias desde Relado, porque, tirada a Capitania de Pernambuco, que com muita razão tem o primeiro de todos, e logo a da Bahia, a quem se dá o segundo lugar, pôsto que seja cabeça de tôda a Província do Brasil, por assistir nela o Governador-geral, Bispo e Casa da Relação, logo esta Capitania da Paraíba ocupa o terceiro lugar, porque dá de rendimento à fazenda de Sua Majestade, nos dízimos que se pagam da colheita de suas novidades de açúcar, gado, mandioca, e mais legumes, em cada um ano, passante de doze mil cruzados; e êstes afora o que lhe montam nas alfândegas do Reino os açúcares que nelas entram, lavrados nesta Capitania, que são em muita quantidade. E tenho por sem dúvida que se não estivera tão conjunta com a Capitania de Pernambuco, que já se houvera avantajado ao seu crescimento, com se haver começado a povoar por poucos e pobres moradores, pôsto que muitos e valorosos soldados, de uns de 1586 a esta parte. Porque, no mesmo ano, me alembra

haver visto o sítio onde está situada a cidade, agora cheia de casas de pedra e cal e tantos templos, coberto de matos.

ALVIANO

E que dano é o que faz a Capitania de Pernambuco a estoutra com a sua vizinhança? Porque eu tenho para mim que antes lhe devia ser de proveito, por se poderem seus moradores prover com facilidade dela, de todo o necessário, pela sua vizinhança.

BRANDONIO

Antes isso é causa de não haver ido ela em mais crescimento: porque como tem Pernambuco tão chegado, os seus moradores se costumam prover dela das coisas de que têm necessidade fazendo levar, para êsse efeito, muitos aguilares que carregam pelo que compram, com o que engrandecem cada vez mais a Capitania de Pernambuco e diminuem na sua. E a razão é porque defram de vir as naus a ela que virtam se os seus moradores esperassem por elas para se haverem de prover de que lhes fôsse necessário, e para êsse efeito trouxessem os seus aguilares, tendo-os prestes para com êles as carregarem as ditas naus. Mas como estão já providos de Pernambuco, donde têm despendido os seus aguilares, as naus que vêm ao seu pôrto não podem dar a saída que quiseram às fazendas que trazem, nem menos as carregam com a brevidade que lhes era necessária, e por êste respeito vêm poucas, sendo a Capitania capaz de carregar em cada um ano vinte naus.

ALVIANO

Esse inconveniente poderá Sua Majestade remediar com facilidade, mandando que se não navegassem dessa Capitania aguilares para a de Pernambuco, e com isso ficará atalhado êsse dano.

BRANDONIO

Assim o tem mandado, mas o descuido dos Capitães, pouco cuidado e menos curiosidade dos do govêrno dá lenta em o fazerem cumprir, ajuntando-se a isso a muita facilidade com que os Governadores-gerais dispensam o contrário,

desbaratá-lo, de maneira que só deixa de levar açúcares a Pernambuco aquêle que o não tem.

ALVIANO

Não deverá de ser assim, porque sendo essa Capitania da Paraíba de Sua Majestade haviam obrigação seus vassalos e ministros de trabalharem pela aumentar, e não procurar de engrandecer a Capitania de Pernambuco, que é de senhorio, por cáx. meio, com dano tão notável do cabedal de seu Rei, que lhe tem custado tanta despesa a povoação dela.

BRANDÔNIO

Sim, custou, com muitos capitães e armadas que para o efeito de sua conquista mandou do Reino; com presidio de castelhanos que assistiram na guarda de suas fortalezas, o que muitas vezes nas demais conquistas que se fizeram por todo êste Estado.

ALVIANO

E qual é a razão por que meteu Sua Majestade mais cabedal na povoação e conquista desta Capitania da Paraíba que costumava meter nas demais?

BRANDÔNIO

Foi por respeito do seu bom pôrto, no qual costumavam os sirnias franceses ir a reparar suas naus, e ainda a entrada de pau-brasil, que cumulavam por resgate com o gentio petiguar e com êle e mais práticas que tomavam pela costa, tornavam a fazer sua navegação para França um notável prejuízo de todo o Estado do Brasil. E tudo se atalhou com Sua Majestade se fazer senhor do seu pôrto e barra, que, por ser com muita fôrça defendida dos piratas franceses nos tempos atrasados, e ainda o gentio petiguar, senhor de todo o sertão, belicoso'mo e inclinado a guerras, custou muito trabalho e despesa fazê-lo reduzir à nossa amizade e desviá-lo da que tinha com os franceses, sendo forçado aos nossos, para se haver de conseguir êste efeito, fazerem muitas entradas com mão armada pelo sertão a dentro, principalmente a uma serra, que chamam de Copaoba, aonde estava o gentio junto em muita quantidade, por ser fertilíssima, e, como tal, se afirma dela produzirá muito trigo, vinha e outras frutas de nossa Espanha.

ALVIANO

Qual é a razão por que se não aproveitam os nossos dessa serra, que dizeis ser tão abundante?

BRANDÔNIO

Não o fizeram até agora por estar em pouco desviada para o sertão e o gentio que nela habitava andar desinquieto, mas já agora tem mandado Sua Majestade que se povoe, elegendo para efeito do dita povoação Duarte Gomes da Silveira, com título de Capitão-mor da mesma serra, onde assistem já os doutrina dos índios, religiosos da Ordem do Patriarca São Bento, com muito fruto de suas almas, e a um homem amigo meu de crédito devo afirmar, com outros mais, haver-se achado nos tempos atrasados, na mesma serra, uma novidade e estranheza que me causou espanto.

ALVIANO

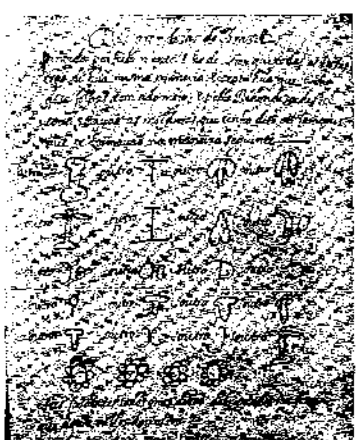
Pois não me encubrais o que vos disse êste homem haver achado nessa serra.

BRANDÔNIO

Relatou-me por cousa verdadeira que andando Felisberto Cadima de Carvalho, Capitão-mor que foi da dita Capitania, pela mesma serra, fazendo guerra ao gentio petiguar, aos 28 dias do mês de dezembro do ano de 1598, se achara junto a um rio chamado Araçuípe que, por ir então sêco, delapidavam somente algumas poças de água, que o calor do verão não tinha ainda gastado, e que alguns soldados, que foram por êle cortado, toparam nas suas fraldas com uma cova, da banda do poente, composta de três pedras que estavam conjuntas umas com outras, capaz de se poderem recolher dentro nela quinze homens; a qual cova tinha de

sítio, para a banda do nascente, de sete para oito palmos e da banda do poente treze até quatorze palmos; e all por tôda a redondeza que fazia na face da pedra, se achavam umas molduras que demonstravam na sua composição serem feitas artificialmente. Primeiramente, da banda do poente desta cova, na face mais alta dela, estavam cinqüenta rosas tôdas conjuntas, que tomavam princípio de baixo para cima, de um tamanho que semelhavam, no modo em que estavam arrumadas, o em que se pinte por retábulos o rosário de Nossa Senhora, e no cabo destas rosas se formava uma moldura de rosa desta maneira: . E é de advertir que as mais das caracteres que se demonstravam nesta cova, se arrumavam da banda do poente, donde da parte direita das cinqüenta rosas, em um cotovêlo que a pedra fazia, se demonstravam outras trinta e seis rosas, assim as demais, das quais nove delas estavam ao comprido para cima e as outras tomavam atravês contra a mão esquerda. E em cima delas tôdas estava outra rosa como a primeira que tenho pintado e logo um pouco mais abaixo estava outra semelhante rosa, e junto dela um sinal que parecia caveira de defunto, e logo contra a mão esquerda, se formavam duas rosas semelhantes às demais, e no alto delas, que era conjunto às cinqüenta primeiras, pareciam uns sinais ao modo de caveiras; e da banda direita do cotovêlo estava uma cruz e logo, para a banda esquerda, na face de pedra, se demonstravam, em seis partes, cinqüenta rosas. E em uma das partes estava uma rosa mal clara, porque parecia estar gastada do tempo, e logo adiante estavam outras nove rosas semelhantes às primeiras e, por vista a redondeza da cova, se viam pintadas outras sete rosas, e na pedra que se assentava no meio das duas, estavam vinte e oito sinais ou caracteres que abaixo debuxarei, divididos em três partes, com mais três rosas que os acompanhavam. E o que de tudo era mais de consideração era o estar entre cada pedras muito grandes, uma que botava a borda sôbre as outras arcadamente, com estarem tão juntas, que por nenhuma parte davam lugar a se poder meter por elas o braço. E na pedra de mais baixo da cova pareciam doze rosas da própria maneira das que temos mostrado, e no meio delas se formava um círculo redondo desta qualidade , com mais uma rosa pintada perfeitamente. E é de notar que tôdas as rosas eram de uma mesma maneira, exceto uma que tinha doze fôlhas com a do meio. E pela redondeza

desta cova estavam as molduras que tenho dito, os caracteres que se formavam na maneira seguinte:



Estes caracteres todos vos deram debuxados na forma que aqui vo-los demonstro.

ALVIANO

Certamente que imagino, pelo que noto desses sinais que me amostrais, que devem de ser caracteres figurativos de cousas sinzentas, que não tem entendimento, porque não me posso persuadir que a natureza escolpisse de por si êsses pontos, rosas e demais cousas, sem intervir a indústria humana. E pois não podemos entender semelhante segrêdo, dizei-me: assim debuxadas, para outros melhores entendimentos, e passemo-nos a tratar do mais que há que dizer da Capitania de Paraíba.

BRANDÔNIO

Governa-se por um Capitão-mor que de três em três anos é provido por Sua Majestade; tem na boca da barra uma fortaleza provida de soldados pagos de sua fazenda, com seu Castêlo. Não está bem fortificada por culpa dos Governadores-gerais, que se descuidam de o mandarem fazer. A cidade, que está situada pelo rio acima, ao longo dêle, posto que pequena, todavia é povoada de muitas casas, tôdas de pedra e cal e já encbrecida de três religiões que nela assistem com seus conventos, a saber, o da Ordem do Patriarca São Bento e os religiosos de Nossa Senhora do Carmo com os da Serráfico Padre São Francisco da Província Capuchia de Santo Antônio, que têm um convento suntuoso, o melhor dos daquela Ordem de todo o Estado do Brasil. No espiritual é esta Capitania da Paraíba cabeça das demais da parte do norte, de Pernambuco adiante, pompanto se intitula o prelado Administrador da Paraíba. E' capaz a Capitania de lançar de si todos os anos vinte naus carregadas de açucares. Parte para a banda do sul, com a Capitania de Tamaracá.

ALVIANO

Pois dizei-me dela.

BRANDÔNIO

Está situada a Capitania de Tamaracá em altura de oito graus da banda do sul da linha equinocial e dela é hoje senhor, por Sua Majestade, o Conde de Monsanto. Tem a povoação em uma ilha conjunta ao seu pôrto e barra, chamada Tamaracá, da qual toma o nome tôda a Capitania, que contém em si muito boas terras, pelas quais há enge-

nhos de fazer açúcares, que pagam pensão ao senhorio, o que não fazem os moradores que são das Capitanias de Sua Majestade, porque estas pensões lhe importam muito, juntamente com a redízima, que se lhe deve por suas doações, de todo o rendimento que a fazenda de Sua Majestade obtiver dela. No antigo têve cinqüenta léguas de costa, nas quais entrava o distrito da Paraíba, de que Sua Majestade o desmembrou, pela haver povoado à sua custa. Parte com a Capitania de Pernambuco, entre as quais estão metidos marcos, que dividem as suas terras.

ALVIANO

Passemo-nos à Capitania de Pernambuco, porque desejo sumamente ouvir tratar dela em particular, pela muita fama que tem nomeada no mundo, de grande, rica e abundante de tudo.

BRANDÔNIO

Esta Capitania é tal que se antecipou a sua riqueza e abundância à fama que dela dão os que a viram pelo dito. E' de senhorio, porque de presente é Capitão e Governador dela, por Sua Majestade, Duarte Coelho de Albuquerque, a quem Espritam as pensões, redízima e outros direitos que dela cabe, em cada ano, ao redor de vinte mil cruzados, importando os seus dízimos, alfândega, pau do Brasil, no estado em que hoje está, à fazenda de Sua Majestade, perto de cem mil cruzados, isto afora os açúcares que se navegam e entram nas alfândegas do Reino, onde pagam os direitos devidos. Está situada em oito graus e dois têrços de parte do sul da linha equinocial. Chama-se a principal vila do seu distrito, aonde concorre e se ajunta todo o comércio. Olinda, nome que lhe deram seus primeiros povoadores, depois que descobriram de um alto onde está situada a formosa vista que enxerga, a qual, pela exagerarem por tal, disseram ola! linda! Está esta vila assentada em uma cascada, da qual saem duas pontas ao mar; da uma delas se forma o cabo tão conhecido no mundo, por de Santo Agostinho, e a outra se chama a Ponta de Jesus, por nela estar situado um formoso templo dos Padres da Companhia, chamado do mesmo nome. Contém em si tôda a Capitania cinqüenta léguas de costa, que toma princípio de cinco parte com a Ilha de Tamaracá até o Rio de São Francisco, e dentro nelas há infinitos engenhos de fazer açúcares, muitas lavouras de man-

timentos de tôda a sorte, criações sem conto de gado vacum, cabras, ovelhas, porcos, muitas aves de volateria e outras domésticas, diversos gêneros de frutas, tudo em tanta cópia que causa maravilha a quem o contempla e com curiosidade o nota.

Dentro na Vila de Olinda habitam inumeráveis mercadores com suas lojas abertas, colmadas de mercadorias de muito preço, de tôda a sorte, em tanta quantidade que semelha uma Lisboa pequena. A barra do seu pôrto é excelentíssima, guardada de duas fortalezas bem providas de artilharia e soldados, que as defendam; os navios estão surtos da banda de dentro, seguríssimos de qualquer tempo que se levante, pôsto que muito furioso, porque tem para sua defensão grandíssimos arrecifes, aonde o mar quebra. Sempre se acham nêle ancorados, em qualquer tempo do ano, mais de trinta navios, porque lança de si, em cada um ano, passante de cento e vinte carregados de açúcares, pau do brasil e algodões. A vila é assaz grande, povoada de muitos e bons edifícios e famosos templos, porque nela há o dos Padres da Companhia de Jesus, o dos Padres de São Francisco da Ordem Capucha de Santo Antônio, o mosteiro dos Carmelitas e o mosteiro de São Bento, com religiosos da mesma ordem; em todos êsses mosteiros assistem padres de muita doutrina, letras e virtudes. De pouco tempo a esta parte a dividiu Sua Santidade, com as mais Capitanias de Tamaracá, Paraíba e Rio Grande, do Bispado da Bahia de Todos os Santos, criando nelas novamente por Administrador, Antônio Teixeira Cabral, prelado mui consumado nas letras e virtudes, com título de Administrador da Paraíba. Acha-se mais na vila um recolhimento para mulheres nobres, com nome de mosteiro de freiras, pôsto que até o presente vivem sem regra.

É capaz tôda a Capitania de Pernambuco de pôr em campo seis mil homens armados, com oitocentos de cavalo, porque tôda a gente nobre são por extremo bons cavaleiros, e por se prezarem muito disso, costumam a ter seus cavalos bem ajaezados e paramentados.

Os Padres da Companhia têm escolas públicas, aonde ensinam a ler e escrever e latinidade, e pelos mais mosteiros se lêem as artes e teologia, donde saem consumados teólogos.

Pela terra a dentro, pôsto que seus moradores se não alarguem muito pelo sertão, há muitas cousas que notar por grandes, assim de rios caudalosíssimos, árvores de suma grandeza, alagoas e outras cousas; e a mim me lembra no ano de 591, vindo de seguir uns inimigos petiguares, em cujo

alcance fui com a gente armada, por haverem dado um assalto na mata do brasil, aonde mataram alguns homens brancos, encontrar com uma cova, a que o gentio da terra dava o nome de camucí, muito digna de consideração.

ALVIANO

Pois dizei-me o que vistes nessa cova.

BRANDÔNIO

Cheguei a par dela de noite, aonde me aposentei com a gente que me seguia, por me convidar a fazê-lo um rio que por ali corria, de frigidíssima água. E depois de estarmos aposentados, mostraram os índios grandíssimo pavor de se avizinharem à boca da cova, e crescendo de cada vez mais êste medo, o qual passava ainda nos mamalucos, filhos de brancos, dizendo que indubitàvelmente morreria logo todo aquêle que ousasse entrar pela cova a dentro; e tão arraigado estava êste temor nêles, que não fui poderoso a lho tirar, com lhes pedir que não arreceiassem de chegar à cova, porque lhes afirmava que era graça e disparate mui grande o cuidarem que os poderia matar. O que vendo que aproveitava pouco com todos êles, desejei ver a causa de tanto receio, e querendo pôr em efeito êste desejo, com dois soldados que me quiseram acompanhar, levando outros tantos brandões acesos, entrei pela boca da cova, achando grande resistência nos morcegos de que estava povoada, que, espantados da claridade, vinham saindo para fora, com nos darem grandes porradas no encontro que conosco faziam. Contudo passamos adiante, caminhando pela cova a dentro, que se alargava em algumas partes, e em outras se tornava a estreitar, até que topamos com um pequeno ribeiro, que por debaixo corria, de frigidíssima água, o qual passado se alargava mais a cova fazendo um recôncavo, pelo qual (oh cousa estranha!) estavam arrumados inumeráveis alguidares que, por serem muitos, me não arremesso a querer-lhes sinalar número, que cada um dêles tinha em si a ossada de um defunto inteira com a caveira em cima, porque parece haver servido aquela cova de mortuário antigo do gentio; e do que me mais maravilhei foi afirmarem-me os índios, pôsto que eu não o experimentei, que muitas pessoas brancas haviam já entrado naquela cova, e que quebrando alguns alguidares daqueles e tornando a entrar outro dia nela, os acharam inteiros e sãos e com a ossada dentro.

ALVIANO

Isto tenho eu por fábula, pôsto que o modo da cova me parece estranho, e folgara de saber se pelos seus arredores se demonstravam alguns vestígios de povoados que por ali houvesse havido, enfim; porque então creríamos haver-se trazido delas essas ossadas a sepultar naquele lugar por êste modo; mas não os havendo, parece grande curiosidade trazerem-se de longe para efeito de as meterem ali dentro.

BRANDÔNIO

Ao redor da cova não havia senão grandes matas, que, no modo de sua composição e grandeza, davam indício de serem criadas logo depois do dilúvio universal.

ALVIANO

Assaz de grandezas me tendes relatado dessa Capitania de Pernambuco, das quais não me espanto, pelo muito que já a ouvi engrandecer; e para que levemos a coisa confusa, dizei-me que povoação lhe fica mais vizinha para parte do sul.

BRANDÔNIO

Segue-se-lhe logo a povoação e fortaleza de Sergipe del-Rei, situada em..... grumas*, sousa pequena e só abundante de gado, que naquela parte se cria em grande cópia. E' Capitania de Sua Majestade, onde tem uma fortaleza e Capitão com soldados, que defendem o pôrto dos piratas, vedando-lhes o fazer suas aguadas e prover-se do necessário, como costumavam fazer antes de ali haver fortaleza; vizinha com a Capitania da Bahia, cabeça de todo êste Estado do Brasil.

ALVIANO

Pois dizei-me das grandezas dessa Capitania, que não devem ser pequenas, pois a fez Sua Majestade cabeça de um Estado tão grande!

* Em branco nos opúsculos de Leiden e de Lisboa.

BRANDÔNIO

A Capitania da Bahia está situada em 13 graus da banda do sul da linha equinocial. E' do Sua Majestade, e, como tal, cabeça do Estado do Brasil, por ser sede onde reside o Governador geral, porque ali lhe mandou Sua Majestade ter o seu assento, pôsto que, de poucos anos a esta parte, se há determinado estar mandado em grande maneira, porque se contentam mais os Governadores de assistirem na Capitania de Pernambuco, ou seja por fazerem dela mais proveito ou por estarem mais perto de Reino, que disso não saberei dar a causa certa. Também é a Bahia sede da cadeira episcopal, onde assiste o Bispo na sua sé, com cônegos, oficiais e mais dignidades, pagados todos da fazenda de Sua Majestade, do rendimento dos dízimos; e, da mesma maneira, assiste na cidade, que toma o nome de Bahia de Todos os Santos, a Relação, com muitos desembargadores, chanceler-mor, juiz dos feitos del-Rei e da fazenda, com seu provedor-mor e provedor-mor dos defuntos, os quais determinam e decidem as causas de todo o Estado do Brasil, com alçada em bens móveis até três mil cruzados, porque passando da dita quantia não apelação para a Relação da Cidade de Lisboa. Todos êstes desembargadores e mais oficiais da Casa são pagos de seus salários da fazenda de Sua Majestade.

ALVIANO

Tenho ouvido a muitos fidalgos experimentados nas coisas do Brasil, que essa Relação que assiste na Cidade da Bahia dá mais perda ao Estado do que causa proveito a seus moradores.

BRANDÔNIO

Verdade é que a Relação da Bahia se pudera muito bem escusar, e dessa opinião fui eu sempre, e assim o significuei por muitas vêzes ao Reigo de Coimbra, D. Afonso de Castel-Branco, sendo Governador de Portugal; porque além de fazer essa Casa muita despesa à fazenda de Sua Majestade, pudendo reservar o dinheiro que com ela gasta para outras coisas mais úteis para o seu serviço, ela não corresponde com aquêle efeito que se imaginou nesse com a sua assistência no Brasil. E o engano nasceu de que, como os moradores de todo êste Estado se achavam molestados e agravados das insolências de que usavam os ouvidores-gerais, que

antes da Casa tinham a administração da justiça em sua mão, por ser tarefa de tão pesada carga, constituyam a Sua Majestade pedindo-lhe que lhes mandasse uma Casa da Relação no Brasil, que assentasse na Bahia de Todos os Santos, na forma que estava assentada no Estado da India, na Cidade de Goa; no que se enganaram, porque puderam reduzir a justiça a melhor forma, o pelo não conseguirem então bem, se acham agora enredos no dano presente.

ALVIANO

Folgara de saber qual é o dano que causa a Relação que assiste na Bahia aos moradores do Estado, porque creio que se Sua Majestade entenders que lhes não era de proveito, escusara de despender tanto dinheiro, como despende em sustentá-la.

BRANDONIO

O dano é êste: todos os moradores dêste Estado, nas Capitanias onde moram, são tidos uns aos outros por parentesco ou amizade, nunca levam seus pleitos tanto ao cabo que lhes seja necessário conseguirem por fim com a apelação dêles à Relação da Bahia, porque antes disso se metem amigos e parentes de permeio, que os compõem, e concordam, de maneira que poem fim às suas causas e demandas, mas muito poucas por apelação à Bahia, e essas que vão lhes fóra de mais utilidade a todos os moradores do Brasil seguirem-nas para o Reino. Porque a mim me aconteceu já (não uma, senão muitas vêzes) mandar alguns papéis a despachar à Bahia e, no mesmo tempo que os mandava para lá, mandar outros semelhantes para o Reino, e achar-me eu do Reino muito antecipados dos da Bahia, porque, como tôda esta costa se navega por monções, quede encontrar-se com alguma contrária, que dilata muito o despacho dos negócios. De modo que não há nenhum morador em todo êste Estado, tão desamparado, que não tenha no Reino algum parente ou amigo, a quem possa mandar seus papéis dirigidos por apelação, e mandando juntamente com êles uma caixão de açúcar, basta para a sua despesa; o que não acontece na Bahia, porque com todos têm lá parentes ou contrários e, em falta dos tais, lhes fica sendo forçoso haverem de seguir pessoalmente suas causas, com muita despesa que fazem na jornada, sendo-lhes necessário levarem tanto dinheiro de contado, que custa muito a ajuntar-se no Brasil, o que não sucede, como tenho dito, nas papéis que se mandam ao Reino, porque basta encomendarem-se a parentes ou amigos e, para sua despesa, um caixão de açúcar. Pelo que tenho considerado que devera Sua Majestade (neste negócio da justiça) tomar outro meio mais útil e que redundara em comum benefício do Estado.

ALVIANO

E que meio é êsse que pudera Sua Majestade tomar?

BRANDONIO

Tirando e extinguindo de todo a Casa da Relação da Bahia, podia em seu lugar criar no Estado três corregedores com título de Ouvidores, da maneira que os há no Reino e com a mesma alçada, e quando se lhes acrescentassem mais alguma quantidade, não o teria por desacertado. Dêstes corregedores havia de mandar que assistisse um na Paraíba, por ser cidade real, o qual conhecesse, por apelação e agravo, de todos os feitos que viessem a êle dante os juízes e ouvidores da Capitania de Pernambuco e seus distritos, e da Capitania de Tamaracá e da mesma Capitania da Paraíba e da Capitania do Rio Grande, e das mais povoações do Maranhão e Pará, enquanto Sua Majestade não dá outra ordem no seu govêrno. O outro corregedor, dos três, havia de assistir na Cidade da Bahia de Todos os Santos, conhecendo por apelação e agravo dos feitos que a êle viessem dante os juízes e ouvidores de Sergipe del-Rei e da mesma Bahia e das Capitanias de Ilhéus, Porto Seguro com seus contornos. O terceiro corregedor há conveniência havia de assistir no Rio de Janeiro, e tomar da mesma maneira conhecimento, por apelação e agravo, de tôdas as causas que a êle viessem dante os juízes e ouvidores da Capitania do Espírito Santo e do mesmo Rio de Janeiro e da Capitania de São Vicente, Vila de São Paulo e seus contornos. E dos três corregedores havia de haver apelação e agravo, nas quantias que não coubessem em sua alçada, para a Relação da Cidade de Lisboa, com terem expresso regimento que cada um dêles, nas Capitanias de seu distrito, não pudessem estar mais que por correição, que nelas gastariam somente trinta dias e, passante êles, não seriam obedecidos, por se atalhar com isto a muitos inconvenientes que se seguiriam do contrário, ficando remediadas grandes correções que os moradores dêste Estado de presente padecem.

ALVIANO

Folgarei que me digais quais são essas opressões.

BRANDÔNIO

São muitas e grandes. Porque por qualquer negócio, pôsto que leve, em que uma pessoa é pronunciada pela justiça à prisão, lhe é necessário concorrer à Bahia por carta de seguro, porque se lhe não pode passar senão aí, o que lhe custa muito enfadamento, tempo e despesa, com, no entretanto, haver de andar homiziado. De mais que, de qualquer incidente que se agrave do julgador, convém seguir-se o agravo à Bahia, com muito descômodo e despesa da parte agravante, e enfadando demora em ir e tornar, que é muito tempo, o julgador vai correndo sem a causa por diante, em muito prejuízo dos litigantes, o que não sucederá quando tivessem o corregedor da comarca vizinho, porque, pela vizinhança das Capitanias de seu distrito, podia-se concorrer a êle com muita brevidade e pouca despesa. Mas não sei no que nos havemos metido, desviando-nos de nossa prática, pois tratamos de cousas que não estão em nossa mão o remediá-las.

ALVIANO

Não vos pese de as haver tratado, porque pode suceder que esta nossa prática passe ainda à mão de peteca, que a possa manifestar aos senhores do conselho de Sua Majestade, para que lhe dêem o remédio conveniente.

BRANDÔNIO

Queira Deus assim seja. E assim deixando esta matéria de parte, me passo a tratar das demais grandezas da Bahia de Todos os Santos, da qual o pôrto e barra é uma abra grandíssima, capaz de recolher dentro em si muitíssimos navios, pôsto que de muito porte; e por ser cousa tão grande se reconhecem dentro muitas baleias, nas quais fazem biscainhos, que para o efeito ali residem, grande matéria para haverem de tirar delas azeite, que levam em quantidade, donde se leva para as demais Capitanias do Estado a vender.

O seu reconcavo é muito largo, no qual há muitas ilhas e rios, que nêle desembocam entre enseadas e estêiros, pela borda dos quais, ao redor dêste grande reconcavo, estão muitos engenhos de fazer açúcares, os quais se servem de grandes barcas para o carreto da cana e lenha, por serem as ruas dêstes argenteiros, ou quase todos, a servirão por mar, por lhes ficar assim mais facilitada para o mesmo do arrolar.

A cidade está situada em um alto mediocremente grande, guardada de três fortalezas postas em sítios acomodados para sua defensão. Tem a sua Sé com dignidades, cônegos e cônegas. Assim mesmo o Bispo, com mais quatro mosteiros de religiosos, a saber, o dos Padres da Companhia de Jesus e os da Ordem de São Bento, os Carmelitas e os Capuchos da Província de Santo Antônio.

Importa o rendimento das dízimas desta Capitania a Sua Majestade, ao redor de sessenta mil cruzados em cada um ano; é povoada de gente nobre e rica. Tem o princípio do seu distrito do Rio de São Francisco, e chega até à Capitania dos Ilhéus.

ALVIANO

Passemo-nos a tratar das demais Capitanias e povoações.

BRANDÔNIO

Adiante da Capitania da Bahia, a primeira povoação que está nas fraldas do mar é Boipeva. É de pequeno comércio; é de senhorio, porquanto esta povoação com os Ilhéus é de Francisco de Sá de Menezes, senhorio de ambas por Sua Majestade.

ALVIANO

Pois dizei-me dos Ilhéus.

BRANDÔNIO

A Capitania dos Ilhéus está situada em 14 graus da parte do sul da linha equinocial. É de presente cousa pouca e de pequeno rendimento, pôsto que a terra do seu distrito é fertilíssima, capaz de se poder nela fazer muitos engenhos de açúcar, o que impede haver efeito as muitas correrias que nela faz o gentio chamado aimoré, com dano notável dos moradores: é dela de ter esperança haver de dar muito de si para o diante, pelo ser bom sítio e qualidade do seu terreno.

ALVIANO

Assim o ouvi já dizer e afirmar a muitas pessoas que me gabaram muito a fertilidade de suas terras. E pois não há mais que dizer desta Capitania, passemo-nos à de Pôrto Seguro que está conjunta.

BRANDÔNIO

Essa Capitania de Pôrto Seguro está situada em... graus* da banda do sul. É do Duque de Aveiro, que dela é senhor por Sua Majestade. Tem poucos engenhos de fazer açúcares, e por êsse respeito colhe Sua Majestade pequeno rendimento nos dízimos dela e, pelo consiguinte, o senhorio nas suas rodrimas e pensões; porque o mesmo gentio amoucó, que disse molestara a Capitania dos Ilhéus, faz de ordinário também grande dano nesta; e, por isso, não vai no crescimento que podera ir, por ter poucíssimas terras e capacíssimo sítio para tudo, acaba os seus limites para a parte da Capitania do Espírito Santo.

ALVIANO

Pois dizei-me dessa Capitania.

BRANDÔNIO

A Capitania do Espírito Santo está situada em 20 graus da banda do sul da equinocial. É de senhorio, e de presente se intitula Capitão dela, por Sua Majestade Francisco de Aguiar Coutinho. Contêm em si alguns engenhos de fazer açúcares: é terra larga e abundante de mantimentos, e de muito bálsamo, de que seus moradores se aproveitam, lavrando com êle cordas e outros brincos, que mandam para Espanha, aonde são estimados por serem cheirosos.

Desta Capitania foi Marcos de Azevedo ao descobrimento das minas de esmeraldas, que havia fama haver no sertão; um efeito chegou a dias, e trouxe grande cópia de pedras que no princípio se tiveram por perfeitas, mas depois se acharam faltas de muitas qualidades que deviam ter para serem verdadeiras esmeraldas.

* Em branco nos apógrafos da Ajuda e da Lisboa.

ALVIANO

Foi pouca ventura essa descobrirdes em perderem essas pedras a primeira estimação, porque com isso ficaram sendo para êle tesouro. E assim passemos avante, correndo pela demais costa, porque já sei que tem também essa Capitania do Espírito Santo mosteiros de religiosos que a enobrecem.

BRANDÔNIO

Adiante da Capitania do Espírito Santo, para a parte do sul, está a do Rio de Janeiro, nome que lhe foi pôsto por se descobrir nesse tal dia, a qual está situada em 23 graus. É de Sua Majestade, acode-lhe uma guarnida fortaleza bem bastecida de artilharia, munições e soldados e um Capitão, pôsto por êle de três em três anos. Tem uma cidade, pôsto que pequena, bem situada, a qual é do presente de grande comércio, porque vêm a ela muitas embarcações do Rio da Prata, que trazem muita, em pistaças, que comutam por fazenda, que ali compram, donde tornam a fazer viagem para o mesmo rio. Também neste Rio de Janeiro tornam pôrto as naus que navegam do Reino para Angola, aonde carregam de farinha da terra, de que abunda tôda esta Capitania em grande quantidade, e dali a levam para Angola, aonde se vende por soldo perro.

Tem alguns engenhos em que se lavram açúcares, e êstes anos passados foi cabeça de govêrno e sede do Governador, porquanto aparece Sua Majestade, governando o Brasil D. Diego de Menezes, três Capitanias, a saber, a do Espírito Santo e desta do Rio de Janeiro e a de São Vicente, e as incorporou em um novo govêrno de que fêz Governador D. Francisco de Sousa, a título de descobrir as minas de ouro de São Vicente, de que vinda feito Marquês, quando se conseguisse perfeito descobrimento delas. E com ela morte se glaciaram estas esperanças, que não eram pequenas.

Assiste mais na dita Capitania, para o tocante ao espiritual, um Administrador, que tem à sua conta a administração da mesma Capitania, e da do Espírito Santo e de São Vicente, isento da jurisdição do Bispo, o qual somente por apelação pode conhecer das causas que ante êle se tratam. Tem mosteiros de religiosos, como as demais Capitanias, que a enobrecem grandemente.

ALVIANO

Fica bem informado das coisas desta Capitania do Rio de Janeiro pelo que delas tendes referido, e assim podemos passar a tratar da de São Vicente, em cuido que é a que lhe cabe mais conjunta.

BRANDONIO

A Capitania de São Vicente é a última das que temos povoadas nesta grande costa do Brasil. Está situada em 24 graus da parte do sul da equinocial; é do senhorio e dela foi Capitão e Governador, por doação régia, Lopo de Sousa, e por sua morte lhe sucedeu D. Francisco de Faro. Tem duas vilas, uma que está situada ao longo do pôrto que toma o nome de São Vicente, e outra mais para o sertão, chamada de São Paulo. Lavram-se nesta Capitania poucos açúcares, mas é muito abundante de carnes e de muitas frutas de nossa Espanha, que se produzem nela com facilidade, principalmente marmelos, de que se fazem muitas marmeladas, que dali se levam para todo o Estado do Brasil. E agora, com as minas de ouro que nela se descobriram, se vai sumerlindo, e houvera já de estar muito, se os seus moradores ou os nossos portugueses fôssem mais curiosos de lavrarem as minas do que são, porque ei vi grão de ouro tirado de suas minas, como a natureza o criou, que tinha de oitava sete mil réis.

ALVIANO

Não deve ser pobre a mina que tão grande grão cria em si, com ser de lavagem, como essas o são; e passando isto assim, não sei que razão haja para se não fazer muito cabedal delas.

BRANDONIO

A pobreza dos moradores que habitam no distrito da Capitania, com se ajuntar também a isso pouca indústria, é causa de se não colher de suas minas muito ouro. E ne que se puderam lavrar, com lavrarem à dita Capitania fábricas de escravos e mais coisas para o efeito necessárias, e não querem fazer. E por êste respeito estão essas minas quase desertas, pois que tenho para mim que também deve de ser causa disso haver-se começado a lavrar por onde se houveram de acabar, porque o primeiro que se devia fazer, antes

do se pôrem nelas, devia de estarem certos que eram de proveito, houvera de ser plantarem-se muitos mantimentos ao redor do sítio donde elas estão, e como os houvesse em abundância, tratar-se da lavagem das minas; mas isto se fez pelo contrário, porque, sem terem mantimentos, entenderam em tirar o ouro, e como as minas estão muito pelo sertão, os que vão levam de carreto o mantimento necessário, e como se vêm pagos, largam-se e deixam a lavoura que tinham começada. E esta cuido que é a verdadeira causa de darem as ditas minas pouco de si.

ALVIANO

Pois eu tenho para mim que para o diante hão de vir a ser essas minas de muita importância. E pois temos chegado à dilatada Capitania da parte do sul, das que estão povoadas de portugueses, direi-me quanto espaço há de costa por todas estas povoações de que haveis tratado.

BRANDONIO

Desde o Pará ou Rio das Amazonas, que está situado na linha equinocial, até a Capitania de São Vicente, há de costa quatro centenas léguas, e de norte a sul, contado por rumo direito, quatrocentas e muito léguas: terra bastantíssima para se poder situar nela grandes reinos e impérios. A costa corre por algumas partes de norte a sul, por outras de noroeste-sueste e de leste-oeste. E é que nela espanta é ver que desta esta grande costa, assim no sertão como nas fraldas do mar, tem excelentíssimo céu e goza de muito bons ares, sendo muito sadia e disposta para a conservação da natureza humana.

ALVIANO

Isso entendo eu pelo contrário, porque, se os antigos não se enganaram, a maior parte desta costa do Brasil está situada na tórrida zona, que foi julgada por inabitável por muito quente; e por êste respeito as moradoras da Costa de Guiné e da mais costa oposta a esta do Brasil gozam de ruins ares, que causam muitas doenças nela. E se isto é verdade não vejo causa por onde os que habitam o Brasil, estando no mesmo paralelo e debaixo do mesmo zênite, puderem gozar de bons ares e céus, faltando tudo isto à outra que lhe corresponde.

BRANDÔNIO

Isto vai já sendo tarde, e a dúvida que agora me moveis dificultosa de soltar, pelo que me parecia acertado que reservássemos a sua prática para o dia de amanhã, que neste mesmo lugar vos esperarei para tratarmos dessa matéria, que não deve de ser pouco curiosa.

ALVIANO

Assim seja, e eu terei cuidado de acudir com tempo.

DIÁLOGO SEGUNDO

que trata do clima e enfermidades do Brasil e dos medicamentos com que se curam.

ALVIANO

Parece-me que um mesmo cuidado devia de ser o que nos traz a ambos a êste lugar por um mesmo ponto; porque de mim vos confesso que me não deixou tôda esta noite repousar a prática que deixamos ontem imperfeita, com a dúvida que pus.

BRANDÔNIO

Para que levemos entendido o que havemos de dizer, tornai a repetir essa dúvida.

ALVIANO

Duvido poder ser esta terra do Brasil de tão bom temperamento, como apontáveis, por razão de a maior parte de sua costa cair naquela tórrida zona, tão arrenegada dos antigos por muito quente, em tanto que a faziam inabitável. E de terra que não podia ser habitada por seu ruim temperamento fez-me grande dúvida o dizerdes-me que era tão sadia para a natureza humana.

BRANDÔNIO

Verdade é que a tórrida zona, aonde cai grande parte desta costa do Brasil, foi julgada dos antigos por inabitável pelo muito calor que imaginavam devia de haver nela, da qual hoje já temos experimentado o contrário; porque a achamos tão temperada e conforme para a humana natu-

reza, que bem se poderão julgar as coisas dessa temperatura, pelas incomodidades das injúrias que delas fazem a mudança dos tempos a seus habitadores, porém, nas terras intermédias, é buscar esta por sua habitação tão acomodada, que a temperança do frio e calor anda tão regulada que a não sentem [illegible] algum mais num tempo que noutro.

ALVIANO

Pois maravilho-me de dar hoje Brandônio para que creia que os filósofos antigos, como então havia no mundo falta de homens que houvessem apalpado e trilhado com os pés estas partes, então ocultas e agora já a nós patentes, fabricaram aquelas coisas fantásticas que conceberam nas idéias, as quais venderam em seus escritos por verdadeiras e indubitáveis, e por tais foram cridas, enquanto a experiência, que hoje temos tomado delas, não mostrou ser tudo ao revés do que êles afirmavam.

BRANDÔNIO

Verdade é que Ptolomeu, Luciano, Averróis, com outros filósofos afirmaram ser a tórrida zona inabitável, dêsto que Pedro Pataviense, Alberto Magno e Avicena, seus contrários, disseram que era habitável; mas os primeiros, posto que erraram em dizerem absolutamente que a chamada tórrida zona era de todo inabitável, por se encerrar no meio que há do Trópico de Câncer ao de Capricórnio, todavia tiveram fundamento de tão aparentes razões e causas que, com estarmos hoje vendo e experimentando o contrário do que êles afirmaram, quase que muitos o têm por duvidoso.

ALVIANO

Não sei eu que dúvida possa haver em coisa tão certa e tão trilhada de todos.

BRANDÔNIO

Não digo que a haja; mas afirmo que as razões que davam os passados eram tão aparentes, que ainda hoje, com se saber o contrário delas, têm muita fôrça para todos aquêles que as examinam com curiosidade. Porque já sabemos que o sol se não aparta dos trópicos, e que cada um dêles está desviado da Equinocial por espaço de 24 graus, postos

todos os quais, que vêm a ser, do princípio de um trópico ao outro, 48 graus, e êste é o caminho que faz o sol em o decurso de um ano, com passar duas vêzes pela chamada tórrida zona, pelo que, antes disto saber, no que não há dúvida, não se podia cuidar que a houvesse para que parte que tão continuadamente era acompanhada e visitada dos raios retos do sol, deixasse de ser por extremo cálida; mormente tendo-se já experimentado que as zonas temperadas, com não estarem tão propínquas a êle, nem serem visitadas de seus raios retos duas vêzes no ano, eram tão cálidas no verão, que davam muita moléstia a seus habitadores, com o seu grande calor. Pois sendo isto assim, no que não há dúvida, que mal fizeram os antigos, ou em que erraram em haverem afirmado que esta parte, tão continuada dos raios do sol, fôsse em extremo cálida, e como tal incapaz de poder ser habitada?

ALVIANO

Pois em que estará o segrêdo dêsses filósofos morrerem errados?

BRANDÔNIO

Em nenhuma outra coisa senão que, como lhes faltava a experiência desta zona, ignoraram os ventos frescos que nela de ordinário cursam, exceto em pequeno espaço da costa, a que chamamos de Guiné, os quais são poderosos para refrescarem os ares, de maneira que causam um temperamento tão singular para a humana natureza, que tenho por sem dúvida ser esta zona mais sadia e temperada que as demais. Porque o calor que nela causa o sol de dia é temperado com a umidade da noite; e também porque Saturno e Diana, planêtas por qualidade frios, fazem nestas partes mais influência, por se comunicarem nelas por linhas mais retas. E assim o afirma Jacinto, sôbre a declaração da esfera do *Sacro Bosco*; e Avicena não se descuida de entender que é muito temperada para a habitação humana. E é tanto isto assim que não faltam autores que querem afirmar estar nesta parte situado o paraíso terreal, e fortificam sua razão com dizerem que a equinocial parte o dia pelo meio com parte os 365 círculos a que chamamos do dia, deixando para cada uma das partes 182 e meio, donde vem a ser forçado que os dias sejam iguais às noites. Pelo que os habitantes desta zona alcançam a ver com a vista qualquer

estrela que nasça ou se ponha em qualquer dos pólos. É também porque passa o sol por êste círculo duas vezes no ano, afirmaram causar o tempo nela dois invernos e dois verões; no que também se enganaram, pois sabemos não haver mais de um; porque quando o sol se alonga para a parte do norte da linha, acede o inverno para a parte do sul: e quando torna a passar o sol para a mesma parte, se causa o verão, porque parece que a equinocial lhe está servindo para divisão do tempo. É assim vêm a ter os habitantes desta sua cinco sombras ao ano; porque, quando o sol está no ponto do Equinócio, ao sair dêle faz a sombra contra o Oriente e à tarde contra Levante, e ao meio dia, debaixo dos pés; e quando o mesmo sol anda nos signos setentrionais faz, pelo opósito, a sombra para a parte do Austro.

ALVIANO

Conformo-me a isso poderei cuidar que de tal maneira erraram os antigos em dizerem que esta zona era inabitável, que foi o seu êrro tanto conforme à razão, que ainda hoje com tantos experimentado o contrário do que afirmaram, os devemos desculpar, por o êrro não ser outro senão o da experiência que lhes faltava desta costa, que nós pelo miúdo trilhamos nestes próximos tempos: com que não puderam ter notícia dos ventos que de ordinário cursam por tôda ela, bastantes a lhe resfriar os ares, que por natureza deviam de ser calidíssimos. Mas parece-me que haveis dito que a equinocial fícara servindo de divisão dos pólos do mundo, pelo que, conformo a isso, se ela divide uma cousa da outra, de fôrça deve ter algum corpo com o qual possa fazer a tal divisão, o que nós não vemos.

BRANDÔNIO

Não disse que a equinocial dividia os pólos do mundo, porque tivesse corpo para fazer a tal divisão, senão disse que mostrava que os dividia; porque a equinocial não é outra cousa senão um círculo imaginado dos astrólogos na nona esfera, que a aparta em duas metades iguais, e igualmente se aparta de ambos os pólos do mundo norte sul. Chama-se equinocial, porque quando o sol passa por ela, que é duas vezes no ano, no princípio de Áries, a 21 de março, e no princípio de Libra, a 23 de setembro, se fazem os equinócios, que não é outra cousa senão fazerem os dias artificiais iguais com as noites. E isto se deve de entender sòmente

aonde há variedade nos dias de 24 horas, porque aquelas terras que estão diretamente debaixo dos pólos, têm os dias de seis meses e as noites de outros tantos. Também se chama esta linha equinocial igualadora do dia e da noite, porque por tôda a parte por onde passa, faz que sejam os dias iguais: da mesma maneira parte o primeiro movimento, porque o movimento, conforme dizem os filósofos, se deve de dividir [sic] a divisão do móvel, pelo que se imaginou esta linha equinocial para efeito de, na esfera material, se poder compassar e regular os movimentos das orbes celestes. E assim esta linha vem a dividir pelo meio a chamada tórrida zona, que está situada entre os dois trópicos, com o que vem a ter de largura quase 324 léguas, das quais a metade, que são 162, ficam para a parte do trópico de Cancro, e a outra ametade para o de Capricórnio. E para a banda de leste corre por tôda esta zona a costa africana de Guiné, povoada de gente preta e, para estoutra parte do oeste fica a costa de Índias e esta do Brasil, povoada de gente baça.

ALVIANO

Já ouvi tratar a alguns homens doutos, de ocasião que havia para nossa africana costa chamada de Guiné e da Etiópia todos seus moradores, naturais da terra, serem de côr preta e cabelo retorcido, não se achando semelhante côr nem cabelo em nenhumas das outras gentes que habitam pela redondeza do mundo; e pôsto que da causa devam algumas razões, vos confesso que me não satisfizeram por me parecerem pouco aparentes.

BRANDÔNIO

E que razões são as que ouvistes dar para se haver de provar a estranheza que essa gente tem na côr e cabelo diferente de tôda outra?

ALVIANO

Diziam que a quantura do sol, que de ordinário visita esta zona duas vezes no ano com raios retos, era causa da diferença da côr e cabelo desta gente; mas contra isto há tanto que dizer que, por nenhum modo me posso persuadir a cuidar que dali nasceu a causa. Outros também afirmavam que as influências dos céus, que se ajuntavam com a qualidade particular da terra, era a verdadeira causa. pôsto que

a mim me não parece: e antes éstes achei outros que diziam que alguns homens, depois do universal dilúvio das águas, deviam de ter semelhante côr e cabêlo, ou por qualidade da natureza, e dêles se acrescentarem aos filhos e netos, que são os que habitam pela costa africana. Mas de tôdas estas razões que ouvi dar a êstes homens enjeitados por doutros, vos afirmo que nenhuma me satisfez, pelo que estimarei saber a opinião que tendes sôbre este matéria.

BRANDÔNIO

Não cuidei que nos tivésseis de nossa prática (que é tratar sòmente das grandezas do Brasil) quem nos meter em dar definição à matéria que tendes proposta; porquanto neste Brasil se há criado um novo Guiné, com a grande multidão de escravos vindos dela, até nele se acharem; em tanto que, em algumas das Capitanias há mais côres que dos naturais da terra, e todos os homens que nêle vivem têm medida quase tôda sua fineza em semelhante mercadoria. Pelo que, havendo no Brasil tanta gente desta côr preta e cabelo retorcido, não nos desviamos de nossa prática em tratar dela.

ALVIANO

Assim é, mas antes convinha que se não passasse isto em silêncio, pois todos os moradores do Brasil vivem, tratam e trabalham com esta gente virtù de Guiné: pelo que quisera dar principio ao que cesso saber, que eu vos fico não descontente a ninguém semelhante proposta, quando lhe demos a definição tal qual convém.

BRANDÔNIO

Quando a se dizer que de algum pais que fôssem pretos se devia de produzir êste inumerável gentio de côr preta e cabelo retorcido, o tenho por coisa ridículas, porque, se êsses primeiros pais era ordenado que fôssem filhos de Adão e, depois, descendentes de Noé, no que não pode haver cautela, mal podiam tomar a côr e cabelo que não herdaram dêles, pois não vimos até hoje no mundo que de pais brancos se produzissem filhos negros.

ALVIANO

O excutério tenho eu já ouvido, lido e ainda visto por

próprios olhos, que muitos pais brancos produziram filhos negros, contra a ordem da outra natureza, que estando com sua esposa no ato veréreo, ao tempo de conceber, tendo posto os olhos na figura de um negro que ante êles estava pintado em um pano de armar, pôde tanto aquela imaginação do que via presente, que o filho que concebeu daquele ajuntamento saiu negro, como se fôsse engendrado de pais que o fôssem; e outros casos semelhantes tenho lido haver sucedido no mundo. E há poucos anos que no Reino de Angola uma negra pariu de um negro, seu marido, dois filhos de um ventre, um dêles da côr de seus pais, que ela negra, e o outro alvo e louro, como se fôra nascido em Alemanha e filho de alemão. E ainda vi por próprios olhos neste Brasil, na Vila de Olinda, no ano de 80, uma menina filha de pai e mãe naturais da própria terra, que são de côr baça, tão alva e loura quanto a natureza a podia fazer, posto que tinha as carnes tão grandes e inchas que bastara lançarem-na a dormir sôbre uma esteira, para se levantar dela com chagas pelo corpo, e quási sòmbo depois haver vivido pouco.

BRANDÔNIO

Verdade é que de pais brancos nascerem muitas vezes filhos negros, e, pelo conseguinte, de pais negros, filhos brancos; mas não haverá nenhum que o heresiarca visto nem achasse escrito, que os filhos desses que nascerem negros ou brancos o fôssem também da mesma maneira os seus descendentes; porque se a natureza por algum incidente nos mais mudou a côr, ainda teve tanta fôrça que pudesse prevalecer com ela de geração em geração, mas antes, imediatamente, os filhos daqueles que nasceram pretos ou brancos, tornam logo a cobrar a natural côr dos avós, na qual para o diante permanecem os mais filhos que vão engendrando. Pelo que, dado que os primeiros pais gerassem alguns filhos negros, por algum acidente, como tenho dito, pois êles de necessidade haviam de ser descendentes de Adão e, depois, de Noé que foram de côr branca, logo os seus filhos e netos hariam de tornar a cobrar a côr branca dos avós, pelo que não se deve fazer caso de tal opinião.

ALVIANO

Poderemos logo cuidar que as influências do céu, juntas com a qualidade da terra, hajam produzido o tal efeito?

BRANDÔNIO

Também tenho isso por falso porque as influências dos céus, juntas à qualidade da terra, poderão ter força para que a parte onde dominam ser menos ou mais sadia para a habitação humana, e também, para haver de causar poucas ou muitas enfermidades. Mas que absolutamente tenham força para haverem de mudar a côr, que em criança foi natureza, em negra, não é possível, nem tal se pode imaginar.

ALVIANO

Pois não há dúvida de haver causa pela qual êste inumerável gentio que habita pela costa a que chamamos de Guiné, tenha a côr preta e cabelo retorcido, e, se a sabeis, vos peço me digais.

BRANDÔNIO

A mais verdadeira causa que se pode dar dessa côr e cabelo é o ardor que o sol produz, visitando duas vezes no ano, com raios retos, os moradores desta costa africana, e por êstes raios do sol ferirem reiteradamente naquela parte, faz mais impressão nos seus moradores do que nas outras, aonde se comunicam ao soslaio e obliquos; e, assim, esta é a causa verdadeira da côr negra e cabelo retorcido que vemos em todos os moradores daquela costa.

ALVIANO

Isso que agora dizeis entendo certamente que vai mais desenraizinhado do que tudo o que temos apontado, porque se os raios do sol causam na tal parte a mudança da côr e cabelo, se seguiria que os nossos portuguêses que há muitos anos habitam por elas, teriam a mesma côr e, pelo conseguinte, os negros que são levados dessa costa para a Espanha e outras partes do mundo, aonde há muitos anos que residem, haviam de ter, pelo oposito, mudada a côr negra em branca, principalmente os filhos dos tais que lá nascem, o que não vemos, mas antes os negros que lá residem tão negros são êles e seus filhos, como os outros que nunca saíram da sua terra. E, pelo conseguinte, os portuguêses que pela de muitos anos habitam, e seus filhos, não deixam de ser brancos; pelo que parece não causarem os raios do sol o efeito que tendes apontado.

BRANDÔNIO

Não se tornarem os negros nascidos em Guiné, depois de transplantados na nossa Espanha, brancos, não é argumento bastante para confutar o que temos dito: porque, em tão poucos anos como há que se costuma lavar à Espanha, não era possível mudarem a côr, que em tantos séculos êles adquiriram seus avós, habitantes daquela zona. Demais, que se a geração dos negros que lá vivem, fosse continuada em os mesmos, que juntamente foram levados daquelas partes, propagando-se entre os filhos, netos e bisnetos, descendentes dos mesmos, tenho por sem dúvida que já houveram mostrado a côr menos negra, mas isto passa pelo contrário, porque os filhos daqueles que primeiramente foram levados, tornam a ter ajuntamento com as mulheres ou homens que novamente são trazidos, e por esta maneira torna de cada vez pelos a se ir refrescando a côr negra adquirida de seus avós, em tanto decurso de tempo. E é tanto isto assim, que os nossos portuguêses que habitam por tôda aquela costa, pinta que houvessem sido por qualidade e natureza alvos e louros, mostrariam, em breve tempo, a côr mais baça, em tanto que por ela é conhecido na nossa Lusitânia qualquer homem que houvesse andado pela costa de Guiné, sòmente pela côr que levam denunciada no rosto. E os filhos dos tais nascidos em Guiné vão logo tomando a côr mais baça e, pelo conseguinte, os netos, pelo que, se em decurso de quinze mais de cem anos ele os portuguêses cursam aquela navegação, se mostra tanta mudança na côr daqueles que a frequentam, que maravilha é terem os daquela costa a côr negra em tantos séculos de anos que nela habitam?

ALVIANO

Por maneira que todavia quereis afirmar que os raios do sol sejam causa da côr que nessa gente vemos?

BRANDÔNIO

Não tão sòmente afirmo que os raios do sol sejam a causa da tal côr, mas também quero dizer a é de terem os cabelos retorcidos. Porque haveis de saber que, depois do dilúvio universal das águas, somegaram os filhos e netos de Noé a se dividirem pela redondeza de terra, com assentar cada um dêles vivenda na parte ou região que mais lhe contentava; donde os descendentes do perverso Cã e seu filho

Chanão vieram a povoar pela costa africana nesta chamada tórrida zona, que, pela acharem tão temperada e economizada para a habitação humana, assentaram pela viverão pelas bandas meridionais, porquanto aqueles primeiros povoadores sempre buscaram o mar onde haveram de viver às *fraldas* dele, pelas muitas comodidades que disso se lhes seguia. E assim, havendo sido povoada aquela costa destas *gentes*, de tantos séculos de anos a esta parte, que muito de que os raios do sol, dos quais são visitados cinco vezes no ano retamente, andando-lhe sempre vizinho. Pois bem se a cor branca, que primeiramente tinham herdado de seus pais e avós, nesta negra, que agora lhes vemos? Pois é certo que qualquer coisa, se for queimada, pouco que mesmo se torna preta; e da mesma maneira digo que o mesmo sol foi o é a causa de terem o cabelo retorcido, pois temos bem experimentado que qualquer cabelo que for pregado ao calor do fogo se lisarve logo e faz retorcido. Pois sendo isto assim, no que não há dúvida, não deve de fazer espanto que os cabelos daquelas gentes, crestados por tanto espaço de tempo aos raios do sol, se tornassem encrespados, pelo que tenho por sem dúvida que a côr preta e cabelo retorcido, que vemos nos naturais daquela costa, os raios do sol foram poderosos para obrarem neles o tal efeito.

ALVIANO

Quando isso houvera lugar na forma que o tendes proposto, o mesmo efeito que dizeis que o sol causa nesses moradores da costa africana, houvera de causar em todos os mais habitantes no mesmo paralelo, e debaixo do mesmo zênite, o que vemos pelo contrário, pois no mais dentro do coração desta tórrida zona, por onde atravessa a linha equinocial, estão a maior parte das Índias Ocidentais e esta grande costa do Brasil, que assim uma como a outra é povoada de gente de côr baça; e quando os raios do sol houvessem sido os que obraram o efeito nessa outra gente que tendes dito, também o devia causar nesta outra, pois vivem debaixo do mesmo paralelo, o que vemos que sucede pelo contrário.

BRANDÔNIO

Bem haveis duvidado; assim vos confesso que devera de suceder, se não houvera duas causas principais que o estorvam, nas quais fortifico as minhas razões. E assim vos digo

que todos os habitantes por esta costa do Brasil e Índias tórridas a mesma côr preta e cabelo retorcido, que bem as outras que habitam a costa oposta da África, se não fossem os ventos frescos com que lida esta costa é lavada ordinário, com os quais se refrigera os ares e terra, de maneira que não deixam lugar para que o sol com seus raios obre nela o efeito que faz na outra costa de Guiné.

ALVIANO

Por essa maneira decis de querer que cuido que pela costa de Guiné não curvam outros ventos, e que se curvam são tão poucos que não bastam para restituírem os ares e terra, como fazem neste Brasil; e eu sei, por mo haverem dito pessoas dignas de fé que em muitas partes da costa africana costumam a curvar ventos frescos.

BRANDÔNIO

É verdade que muita parte dessa costa não carece de ventos, mas esses todos se lhe comunicam por cima da terra, porque como os ventos mais ordinários desta zona são Lestes, dos que habitamos esta costa do Brasil vêm da parte do mar, sendo por esse respeito frigidíssimos e frescos, e aos da costa de Guiné vêm por cima da terra, e assim nascem consigo os raios ardentes e calor da mesma terra, donde nasce serem aquelas partes tão doentias e de tão ruim habitação para aqueles que as frequentam, sendo, pelo contrário, a do Brasil muito sadia e acomodada para a natureza humana, do que é a verdadeira causa os ventos frescos que de ordinário da parte do mar nela curam. E experimentamos ser isto assim, com os terras que de madrugada costumam a ventar, os quais por tôda esta grande costa americana são mui prejudiciais para a saúde dos homens, que por esse respeito costumam a fazer suas casas de habitação em forma que não estejam sujeitas a êles, o disso é só a causa de estarem os ventos da parte da terra, pelo que não há dúvida de ser esta uma das razões para os moradores naturais do Brasil terem a côr baça, e não preta, como têm os de Guiné.

ALVIANO

Aprovo a definição e a tenho por mui aparcelada; mas, para ficar melhor informado nesta matéria, vos peço que me

digais a segunda razão em que me disestes fortificaveis a todas.

BRANDÔNIO

A outra razão é que os moradores desta costa do Brasil não são tão antigos na povoação dela, como são os negros da ôpidma costa de Guiné, dos quais sabemos, por escrituras autênticas, que depois de os filhos de Cã, donde descendem, virem a povoar aquelas partes, sempre continuaram até o dia de hoje na mesma habitação e terra, sem haver sucedido acidente nem coisa alguma que os apartasse dela; antes sempre foram continuando a sua propagação, ajuntando-se com as mulheres de sua mesma nação há tantos séculos de anos, o que não aconteceu aos moradores desta Brasil, porque são gentes advenediças a ele muito depois, e, por esta razão e a que já tenho dado, dos ventos frescos que por tôda esta costa correm da parte do mar, se devem os moradores de terem também côr preta e cabelo retorcido

ALVIANO

E que razão me vedeis dar para que êstes moradores do Brasil e Índias sejam mais modernos na habitação das mesmas terras que os da costa de África?

BRANDÔNIO

Dêsses moradores da costa africana nos consta, por escrituras dignas de fé, do antiquíssimo tempo que lá que vieram assentar vivenda por aquelas partes, e das gentes desta costa do Brasil não temos notícia de que se possa fazer caso do tempo que começaram a fazer sua povoação; porque sendo todos êles, como são, filhos de Adão e, depois, descendentes de Noé, dos quais sabemos que concorreram a habitar e a povoar as três partes do mundo, a saber, Ásia, África e Europa, não se sabe que caminho hajam trazido os primeiros que vieram povoar estas grandes incógnitas terras do Brasil e Índias, não sabidas nem conhecidas das gentes em tantos séculos de anos, porque não temos razão nenhuma pelas escrituras, pelo qual possamos inferir se vieram por mar, se por terra, nem ainda hoje em dia, com estar já tanto descoberto, se pode rastejar pela parte por onde podiam passar a cabo do novo mundo.

ALVIANO

Alembro-me haver lido em Aristóteles, no livro que escreveu das coisas naturais que se acham na natureza, que os fenícianos desgarrando acaso pelo mar oceano em uma embarcação, navegaram quatro dias sem verem terra, ao cabo dos quais apertaram a uma terra oculta, que sempre estava em contínuo movimento das águas do mar, que a cobriam e descobriam, deixando um sêco grande espaço de areias, maiores que as ordinárias; e neste mesmo livro diz o próprio autor que uns mercadores Cartaginenses da Ilha de Cales, termo e limite das colunas de Hércules, a cabo de muitos dias de navegação, toparam com algumas ilhas, muito distantes da terra firme, nas quais não achavam nenhuns moradores por não serem habitadas, pôsto que abundantes de tôdas as cousas necessárias para a vida humana, e estas tenho eu para mim, sem dúvida nenhuma, que devem ser aquelas que estão adjacentes, pois tanto tempo gastava na navegação e custa das índias, e que delas, depois de serem povoadas, se passaram seus moradores a habitar esta tão grande incógnita terra firme, donde tiveram origem os seus primeiros povoadores. Também tenho ouvido que um Vasconcelo Américo [sic], natural de Cartago, navegando com uma embarcação pelo Mar Oceano, impelido de ventos rijos que lhe não deixaram tomar terra, veio a aportar a esta grande costa do Brasil, que do seu nome se chamou América; pelo que não sinto cousa por onde possa deixar de cuidar que de algumas daquelas gentes tomasse princípio a povoação dêste novo mundo.

BRANDÔNIO

Verdade é que Aristóteles trata disso no livro referido; mas êstes Fenícianos que afirma haverem achado essa ilha que se cobria e descobria das águas, deixando muitos atuns em sêco, e que gastaram quatro dias de navegação até topar com ela, creio por sem dúvida que devia de ser alguma restinga de terra, que então continuava com uma ilhoca situada na costa de Algarve, a que chamamos do Pessegueiro, na qual paragem, por costumarem a continular os atuns que por ali passam a desovar dentro no estreito, se tomam muitos hoje em dia, e o colherem-se e descobrir-se das águas devia ser causa o fluxo e refluxo da maré, donde a continuação da tormentas e terremotos de tantos anos removeu para o fundo das águas a tal restinga de terra, como em muitas outras

partes tem feito, tirando somente descoberta a ilha chamada do Passageiro, por não ser terra mais alta, e como os Fenícios que saíam ali aportarem, vindos de Estreito de Gibraltar, bem necessário lhes eram ásses quatro dias de navegação para aportarem àquela parte, principalmente sendo então tão pouco experimentados nos casos do mar.

ALVIANO

Não me sai mal isso, e assim entendo não haver passado dessa ilha a navegação dos Fenícios; mas que me dizeis da outra dos Cartagineses, em que guiaram certos dias?

BRANDÔNIO

Essas ilhas que relata Aristóteles haverem descoberto os Cartagineses, abundantes das cousas necessárias para a vida humana, não são outras senão as Ilhas de Canárias, que estavam providas destes de sedas desobertas pelos castelhanos, de gentes a que chamam guanches, que devem de ser descendentes daqueles primeiros Cartagineses que as descobriram; e os dias que diz Aristóteles haverem gastado na navegação antes de chegarem a elas, não eram muitos para gentes tão pouco exercitadas na arte da navegação, como o dêles eram então, pois não há dúvida que, temerosos dos ventos e mares, feriam a navegação mais comprida, com não largarem tanto vela quanta era necessária, e a tomarem de noite, por não saberem, com a escuridade dela, em alguns lugares tarde se perdessem. Pelo que me não fica dúvida nenhuma para deixar de cuidar serem ésses Cartagineses os que deram princípio a se povoarem tôdas as ilhas chamadas das Canárias.

ALVIANO

E que me dizeis do Américo que se afirma haver aportado ou costa do Brasil, e que dêle tomou nome tôda esta província de se chamar América?

BRANDÔNIO

Nenhuma certeza há a que hajamos de dar crédito, pela qual nos conste que esse Américo, quando seja verdade o que dêle se escreve, houvesse aportado mais na costa do Brasil que na de África; porque como falavam nos artigos os instrumentos com que hoje navegamos, pelos quais temos conhecimento da altura e paragem em que nos achamos, podia mui bem êsse Américo apontar em qualquer parte da costa africana, sem saberem que era a mesma donde se tirou. E como ignorassem isso os modernos, depois de descoberta a Terra de Santa Cruz do Brasil por Pedrálvares Cabral, quiseram cuidar que ela devia de ser a que se dizia, que é outro descoberto, e por isso lhe deram o seu nome, e é tanto assim poder ignorar o América da paragem em que estava, que em nossos tempos, há poucos anos, partindo um navio do Rio de Janeiro para Angola, depois de muitos dias de navegação, descobriram terra e cuidando ser a de Angola, para onde iam, entraram pela barra dentro da Paraíba, que é nesta mesma costa do Brasil.

ALVIANO

E como é possível que se pudessem enganar ásses navegantes tão erradamente?

BRANDÔNIO

Depois de haverem navegado muitos dias por rua direita derrota, devia de dar o navio em que iam alguma volta, e ao outro dia vendo a proa inclinada para o rumo de oeste, fôram cuidando por êle cuidando que era leste, sem repararem donde nascia ou se punha o sol, e assim cuidando que estavam em Angola, se acharam no Brasil, na barra da Paraíba, que está na mesma altura.

ALVIANO

Dessa maneira não foi muito que errasse o Américo, pois êsses outros erraram em tempo que havia já tanto conhecimento de navegar; mas, para darmos definição à nossa prática, vos peço que me digais a opinião que tendes da povoação dêste novo mundo.

BRANDÔNIO

Já que me quereis tirar o terço ro sôbre essa matéria, que eu estimara muito não me meter nela, há-me de ser forçado tomar o salto mais de atraz, para me poder melhor declarar. Querendo o santo profeta Rei Davi mostrar-se grato às mui-

tas mercês e favores que de Deus tinha recebido, pretendia edificar-lhe um célebre, suntuoso e grande templo, no qual o Seu Santo nome fôsse engrandecido e louvado das gentes, se que lhe foi posto interdito pelo mesmo Senhor, por respeito de ter as mãos sanguinárias dos muitos inimigos que havia morto nas guerras que teve pelo discurso do tempo do seu reinado; ou pode ser que bem bastasse a ser reputado por sanguinário para com Deus, a indina morte que fêz dar a Urias, transportado no indino amor de Bersabé. Vendo pois Davi o impedimento que lhe era pôsto por Deus, com o qual não podia levar avante o que tanto desejava, se deu a ajuntar materiais para a obra do templo, os quais deixou a seu filho Salomão, com lhe encarregar o cuidado de dar princípio e cabo, já que o êle não pudera fazer.

O sábio rei que também herdara do pai o mesmo desejo, se resolveu, para poder ajuntar muito ouro e prata, marfim e ébano que sabia ser necessário, e ainda o principal nervo e sustância da obra, para haver de pôr na grandeza que êle queria, de fazer uma liga de contrato com Hiram, Rei de Tiro, para haverem de mandar todos os anos de Asiogaber, pôrto situado no Mar Roxo, uma frota de naus que, desembocando o mesmo estreito, fôsse buscar as cousas que pretendiam à região de Tarsis: o que, depois de se pôr em efeito, se continuou com esta navegação muito espaço de tempo, declarando a Escritura que estas naus iam ao pôrto de Ofir, donde traziam quantidade grande de ouro, prata, ébano, marfim e alguns papagaios e bugios, demorando na viagem de ida e vinda três anos. Pois passando isto assim, no que não há dúvida, é de saber agora adonde estava êste Ofir de que a Escritura trata, na região de Tarsis. E, pois, êste nome Tarsis na frasis grego significa África, na tal costa devia de estar o pôrto de Ofir; pelo que Vatablo Parisiense errou sumamente em dizer que o Ofir era uma Ilha situada no Mar do Sul, da costa do Peru, descoberta por Cristóvão Colomo [sic], chamada Espanhola.

ALVIANO

Não sofro haver homem que ousasse escrever tão grande êrro, pois não era possível que gente ainda tão pouco experta na arte de navegação, fôsse buscar as Ilhas do Mexico para dali, pelo mar chamado do Sul, ir em demanda dessa ilha que diz Vatablo, pois era navegação não sabida no mundo antes dos espanhóis a haverem descoberto. E se fizessem a sua derrota por essoutros mares, lhes era forçado

haverem de passar o Cabo de Boa Esperança e dali atravessar pelo Estreito de Magalhães, que o tenho por cousa impossível, pois vemos nestes próximos tempos, com termos tão apalpado êsse estreito, que já se sabe não o ser, senão que mostra sê-lo pelo ajuntamento de muitas ilhas que ali se acham da outra parte do sul dêle, de maravilha pode ser bem navegado, como se experimentou na armada de Diogo Flores de Valdez e outras, que da bôca dêle tornaram a arribar por causa dos tempos tormentosos que naquela paragem de ordinário cursam.

BRANDÔNIO

Por essa maneira, nem por uma parte nem por outra poderiam fazer semelhante navegação, e eu me confirmo com êsse mesmo parecer; pelo que devemos de buscar na costa africana algum lugar em que se achem as cousas que esta armada levava, que era ouro, prata, marfim, pau prêto e alguns papagaios, de que a Escritura trata. Êste Ofir querem muitos que seja a região a que hoje chamamos Sofala, descoberta pelos nossos portuguêses.

ALVIANO

Nem essa região me satisfaz, porquanto o Reino de Sofala está tão vizinho do Mar Roxo e do seu estreito, que se pode fazer a sua navegação de uma parte a outra em menos de trinta dias; e, assim, não conclui o dizer-se que, em viagem de tão pouca demora, se detivesse essa armada de Salomão tanto tempo, nem menos se pode cuidar que demorasse todo êsse espaço, depois de estar no pôrto, pois para cousas tão manuais e tão fáceis de contratar era grande a demora. E assim vos convém buscar outro pôrto de mais comprida navegação na costa africana.

BRANDÔNIO

O pôrto que esta armada demandava tenho por sem dúvida, e desta mesma opinião são muitos homens doutos, ser a costa a que hoje os nossos chamam da Mina, aonde está situada a Cidade de São Jorge. Porque para navegarem para a tal costa convinha dobrar-se o Cabo de Boa Esperança, e assim em tão comprida viagem lhes era necessário, àqueles navegantes, gastarem tanto tempo quanto a Escritura afirma que gastavam na ida e vinda, por serem pouco exerci-

tados na arte de navegar; e na tal parte se acham em abundância as cousas de que aquela armada tornava carregada, pelo que me tenho persuadido, por assim também o entenderem muitos doutos, que a Minas era o verdadeiro Ofir, a que estas gentes navegavam. Pois passando este assim, quem duvida que algumas das naus de tal armada, que de fôrça à tornada, as águas e tempos a desviam de chegar ao Cabo a que chamamos de Santo Agostinho, desse à costa desta terra do Brasil, e que de gente que dela se salvasse, tivesse origem a povoação de tão grande mundo?

ALVIANO

Antes tenho para mim que esta povoação teve princípio das chinas, que pelo mar da costa do Peru, chamado de Sul, vêem aportar a esta grande terra de qualquer maneira que fôsse, pois sabemos por cousa indubitável que os chinas são mui antigos na navegação, e que dêles esteve povoada a maior parte das Índias Orientais, de que se acham muitos vestígios, donde se tornaram a recolher aos seus reinos e províncias, por entenderem assim se conservariam melhor.

BRANDÔNIO

Não duvido de haverem sido os chinas muito antigos no navegar, e que pode mui bem ser que dêles tivesse princípio a costa do Peru, e que a ela pudam mui bem vir a aportar pelo mar do Sul, pôsto que se não acha razão nem na fala, nem nos costumes, nem em outra cousa alguma, de haverem procedido as gentes daquelas partes dos chins; e quando procedessem dêles não se pode cuidar que êste gentio do Brasil tivesse o mesmo princípio, porque se descobrem em grande maneira, assim na fala, costumes e mais ações do gentio do Peru, o qual é grandíssimo por naturezas e pouco inclinado a guerras, e os desta outra costa belicosíssimos e que vivem de guerras e correrias. E fas bastante prova disso não se haverem nunca comunicado o gentio desta costa do Brasil com os da costa do Peru, nem há notícia que em nenhum tempo o hajam feito: e assim o experimentaram os castelhanos, quando desabocaram aquelas partes, porque para se haver de passar do Brasil ao Peru se antepõem de permeio mil dificuldades, de grandes desertos, espessas matas, altíssimas serras e sobretudo pouca ou nenhuma água, pelo qual respeito até o dia de hoje não houve pessoa nem

dos naturais nem dos nossos que ousasse atravessar tão grande terra.

ALVIANO

Não me casagrada a definição que tendes dada a uma cousa e outra, mas não me posso persuadir que tão bárbara gentio, como é o que habita por tôda esta costa do Brasil, traga a sua origem da gente israelita, porque se a trouxera, de fôrça se lhes havia de comunicar alguma polícia de seus pais e avós, o que nós não vemos nêles.

BRANDÔNIO

Confesso que os primeiros pais deveram de mostrar e ensinar a seus filhos e netos o uso das artes e polícia que tinham: mas essa quase havia de ser ensinada sòmente de palavra, não podia passar à memória de tão comprida geração, em gentes a que lho faltavam logo as escrituras e o mais necessário para a conservação das artes e polícia, em terras tão remotas e incógnitas, como eram as que habitavam. E assim, com a continuação do tempo, se lhes havia de ir variando da memória o que seus avós lhes tinham ensinado, com ficarem no estado em que de presente os conhecemos. Mas, contudo, ainda hoje em dia se sabe entre êles muitas palavras e nomes próprios pronunciados na língua hebréia e, da mesma maneira, costumes, como é tomarem suas sobrinhas por suas verdadeiras mulheres, que nem uma cousa nem outra faziam se os não houvessem deprendido de quem os sabia. E com tôda a sua barbaridade têm conhecimento das estrelas dos céus de que nós temos notícia, pôsto que lhes apliquem nomes diferentes, pelo que tenho por sem dúvida descenderem êstes moradores naturais do Brasil, daqueles israelitas que navegaram primeiro por os seus mares.

ALVIANO

Não disputemos mais sôbre essa matéria, porque com ela nos havemos desviado muito de nossa prática, que era havermos de tratar dos bons céus, ares e qualidade de que goza esta costa do Brasil.

BRANDÔNIO

Não caído eu que nos havemos desviado muito dessa

matéria, porque quanto dissemos foi necessário para satisfazer à dúvida do obstáculo que se podia fazer à tôda esta terra brasílica, no seu bom temperamento, o estar situada no comprido da tórrida zona, julgada dos antigos inabitável por calmosa, a qual, pelo contrário, temos já experimentada ser mais acomodada para a habitação da natureza humana, para o que, quando não tivéramos outra prova, bastava a que nos dá o mesmo gentio da terra, que com andarem descobertos e trazerem as carnes despidas aos raios do sol e à fúria dos ventos e correntes das águas, não tendo outra coisa por abrigo de dia nem de noite senão um pequeno fogo, a cujo calor se aquentam, fazendo tão grande excesso ao comer e beber desordenado, como de ordinário fazem, todavia prevalecem gozando de perfeita saúde, com serem acompanhados de diversas mulheres e fôrças grandes, o que não poderá suceder, se os bons ares e o temperamento da terra lhes não deram grande ajuda e fomento.

ALVIANO

Não haverá quem a isso ponha dúvida, porque, passando eu os dias passados por umas aldeias dêste gentio, vi alguns homens que no seu aspecto me pareceram de muito comprida idade.

BRANDÔNIO

Acham-se muitos índios por tôda esta costa do Brasil que têm de idade mais de cem anos, e eu conheço alguns dêstes, aos quais lhes não falta dente na boca, e gozam ainda de suas perfeitas fôrças, com terem três e quatro mulheres, as quais conhecem carnalmente. E me afirmaram não haverem tido, em todo o decurso de sua vida, doenças; e assim geralmente todo êste gentio é muito bem disposto, do que tudo é causa os bons ares e bom temperamento da terra.

ALVIANO

Vi levar algum gentio dêste natural da terra a nosso Portugal, aonde se logram mal e morrem apressadamente os mais dêles, e sempre ignorei a causa disso.

BRANDÔNIO

O não se dar bem o gentio dêste Brasil em Portugal, cor-

robora a minha razão do bom temperamento dêle, porque, como vão de terra tão sadia e de tão bons ares, para essa outra que lhe dos invernos em tanta quantidade, não sofre a natureza acostumada a tão excelente habitação e temperamento, como é a terra do Brasil, donde se levam, padecer as injúrias que o tempo com seus calores e frios causa na nossa Espanha, e por isso não se podem lograr nela e vêm a perder a vida brevemente, o que não sucede no gentio que se leva para lá do Reino de Angola e de tôda Guiné, que como vão de terra ardente e de ruim habitação, se contenta a sua natureza de gozar do clima da nossa Espanha, que lhe sobrepuja em tôdas as qualidades de mais sadia; e isto mesmo sucede ao gentio que se lá leva das Índias Orientais. Mas no Brasil se acha isto ao revés, porque tôda gente de qualquer nação que seja, prevalece nêle com saúde perfeita, e os que vêm doentes cobram melhoria em breve tempo. E a razão é o serem estas terras do Brasil mais sadias e de melhor temperamento que tôdas as demais.

ALVIANO

Pois tinha ouvido que a causa do gentio não prevalecer em Espanha não era outra senão o vir de clima quente para o frio, o qual os corta logo e põe no extremo da vida.

BRANDÔNIO

De terra muito mais quente vai o gentio de Guiné e da Ilha de São Tomé, e todavia prevalecem em Espanha, sem ser parte o frio de lhes fazer dano, como não faz também os mais que se trazem da Índia, e assim não é essa a causa, senão a que tenho dito.

ALVIANO

Dou-me por convencido, porque, pelas razões que me destes, conheço ser êste clima do Brasil o melhor do mundo pela parte por onde o não corta a linha Equinocial, porque ali de fôrça há de ser de mau temperamento, como são tôdas as demais partes por onde ela passa.

BRANDÔNIO

Também vos enganais, porquanto ser de tal tempera-

mente as terras do Brasil por onde passa a linha equinocial, como as demais que estão mui desviadas dela, e temos disto muito clara experiência no Pará novamente povoado, por outro nome chamado o Rio das Amazonas, cujo pôrto, sítio, e povoação atravessa essa linha de meio a meio, e nem por isso deixa de ser muito temperada e sadia, e de maravilhosa habitação para a natureza humana, porque tem tão bom céu e goza de tão bons ares tôda a terra do Brasil, que nenhuma das cousas que costumam fazer dano por outras regiões o fazem nela, nem cobram fôrças para o poderem fazer.

ALVIANO

O ser ainda novel e vindo de pouco a esta terra, me faz ignorar em muitas cousas que aos antigos nela são patentes, e por isso não vos maravilheis se vos perguntar algumas já mui notórias, porque a mim o não são, pelo respeito que tenho dito. E assim não vejo razão pela qual careça êste Estado do Brasil de enfermidades, como tendes apontado, havendo-as em tôdas as demais partes do mundo em tanta quantidade, e neste lugar aonde estamos, no pouco tempo que nele resido, tenho ouvido queixas a muitos homens de particulares enfermidades que padecem.

BRANDÔNIO

Eu não disse absolutamente que no Brasil não havia doenças, porque isso seria querer encontrar a verdade, mas o que quis dizer é que as doenças que há nele são tão leves e fáceis de curar que quase se não podem reputar por tais. E senão vêde quanto gentio habita por tôda esta costa, o qual com viver tão bestialmente, fazendo tanto excesso no comer e beber em suas borracheiras, que só uma noite das muitas que passam nelas era bastante para matar a mil homens, contudo a êles lhes não faz dano, e vivem sãos e bem dispostos. Verdade é que algumas vezes lhes sobrevêm algumas febres de pouca consideração, de qual saram com facilidade, sòmente com se lavarem no mais vizinho rio com que encontram.

ALVIANO

Bom modo de curar é êsse, porque se estando [illegible]

enfermo metesse um só pé dentro na água, fôra bastante para chegar ao último da vida.

BRANDÔNIO

Pois a êles o meterem-se dentro na água serve de medicina, e quando lhes dói a cabeça, com rasparem os cabelos ficam sãos; e também sucede terem algumas câmaras, para as quais aplicam alguns medicamentos, ao seu modo, com os quais se curam delas. Também adoecem muitas vêzes de um mal a que chamam do *bicho*, que é o mais ordinário da terra, o qual não é outra cousa senão uma fogagem que se cria dentro no sêsso, bastante para relaxar os membros em grande maneira, com febre e dor de cabeça, o que se cura fàcilmente, sòmente com se lavar aquela parte três ou quatro vêzes com água morna *; e quando se lhe não acode com êste medicamento tão fácil, basta aquela fogagem para vir a corromper todo o sêsso, com morte do enfermo, como eu já vi suceder a muitos.

ALVIANO

De semelhante doença não ouvi nunca tratar em Espanha nem em outra parte, pelo que cuido que só a deve de haver neste Estado.

BRANDÔNIO

Antes cuido que é geralíssima por todo o mundo, e que dela morre multidão grande de gente, sem os médicos atinarem com ela, porque em Portugal, a dois ou três enfermos que estavam muitas vezes sangrados, e os físicos determinavam de os consumir ainda com mais sangrias, aconselhei o haverem-se de lavar com água morna **, porque podia bem ser que fôssem doentes do *bicho*, os quais, seguindo meu conselho, com se lavarem sòmente três ou quatro vezes, cobraram perfeita saúde.

* No apógrafo de Leiden (fls. 59v) sôbre "morna" escreveram na entrelinha "fria".

** Idem, como em a nota anterior.

ALVIANO

Pois que mais há para o homem poder vir em conhecimento se está doente dêsse bicho ou não?

BRANDÔNIO

Muito fácil é o que se costuma fazer nesta terra: tomam um pequeno de tabaco, por outro nome *erva santa*, em falta de outra erva a que chamam de *pajemarioba* e, pisada com sumo de limão, metem uma pequena quantidade dela no sêsso do enfermo, e se está doente do bicho, lhe causa grande ardor; e, pelo contrário, não tem nenhum ou quase nada. E esta erva pisada com o sumo de limão cura também grandemente a mesma enfermidade.

ALVIANO

Folgo de me haverdes advertido de semelhante segrêdo, porque a qualquer repiquete que me sobrevenha de febre e dor de cabeça, sou aos pés juntos com a experiência da mezinha. E se êste gentio não padece mais doenças que as que tendes referido, pode-se reputar por livre delas.

BRANDÔNIO

Sim, padecem, porque também são molestados de sarampão e bexigas, de que morre grande quantidade de gente. Mas estas doenças, principalmente as bexigas, são estrangeiras, que se lhes costuma comunicar, vindas do Reino de Congo e de Arda pelos negros que de lá se trazem, com fazerem grandíssima matança, assim no gentio natural da terra, como no de Guiné; e no ano de 616 e 617 ficaram muitos homens neste Estado do Brasil de ricos, pobres, pela grande mortandade que tiveram de escravos. E a graça é que êste mal das bexigas não se comunica senão ao gentio natural da terra e no de Guiné e nas pessoas que são filhos de brancos e do gentio, a que chamam *mamalucos*, e ainda a todos aquêles nascidos na própria terra, pôsto que de pais e mães brancos. Mas aos que vieram de Portugal e foram lá gerados, sendo portuguêses ou de outra nação das de Europa, por nenhum caso se lhes comunica o mal, ainda que a duas ou três pessoas vi também morrer dêle; mas uma andorinha não faz verão, entre tão grande multidão como morre dos outros.

ALVIANO

Brava constelação[1] é essa, que deve de causar algum oculto segrêdo que nós não conhecemos; e folgarei de saber que modo se tem na cura dessa enfermidade de bexigas.

BRANDÔNIO

Nem os mui experimentados na terra, nem os médicos que nela residem até o presente, acharam método nem regra, pela qual se deva de curar semelhante enfermidade; porquanto, dando sempre com febre ardente, se mandam sangrar ao enfermo, morre, e se o não mandam sangrar, também morre; e, pelo oposto, se o sangram, vive, e se o não sangram, também vive. Verdade é que os que adoecem de uma espécie de bexigas a que chamam *pele de lixa*, por fazer a pele do enfêrmo semelhante à daquele peixe, quase nenhum escapa, porque se lhe despe a pele do corpo, como se fôsse queimada ao fogo, com o deixar todo em carne viva, e eu vi enfêrmo ao qual se lhe caiu a pele de uma perna tôda inteira, ficando fora dela como meia calça, e desta maneira morre muita gente, sem se poder achar remédio preservativo para tão grande mal, com ser doença que se comunica de uns a outros, como se fôra peste.

ALVIANO

Não tenho eu essas bexigas, na forma que dizeis que se comunicam e matam, por menos prejudicial que a peste, a qual também deve de haver neste Estado.

BRANDÔNIO

Antes não, porque os seus ares são tão delgados e os céus tão benignos, que não consentem haver em tôda esta costa do Brasil êsse mal tão pernicioso de peste, como o costuma haver por tôda a Europa, Ásia e África; porquanto na memória dos homens não há lembrança que semelhante enfermidade se achasse nunca nestas partes, antes o seu clima é tanto contra ela, que vindo muitas pessoas do nosso Portugal, no tempo que nele havia peste, tocadas e ainda doentes

---

[1] Nas edições dos *Diálogos* "consolação"; o Autor atribui, é óbvio, à influência dos astros a imunidade às bexigas de que os europeus gozavam no Brasil.

do mesmo mal, em passando a linha equinocial, para esta parte do sul, logo convalescem; e os ruins ares que trazia o navio se desfazem e consomem, e quando fica algum rasto dêle, totalmente se extingue e acaba, em o navio tornando terra nesta costa, que não pode ser melhor temperamento da terra.

ALVIANO

Assaz prova é essa de bom céu de que goza êste novo mundo, pois doença tão contagiosa por outras partes, nele se diminui e abranda logo.

BRANDÔNIO

Assim é que o bom temperamento da terra dá causa a tôdas essas maravilhas, pelo que, tirando as doenças que temos relatadas, não sei outras senão algumas tostenas e chagas, de que saram os enfermos com facilidade, aplicando-lhes os medicamentos ordinários, e também com ervas e sumos de ervas que conhecem, sem nunca chegarem a ter necessidade de cirurgiões, barbeiros, nem sangrias.

ALVIANO

Não são tão fáceis de curar semelhantes postemas e chagas em Portugal, porque se consome muito tempo na cura delas.

BRANDÔNIO

Pois neste Brasil se curam com a facilidade que tenho dito, e para isso vos direi o que vi por próprios olhos, que não ousara de afirmar em parte aonde me faltassem as testemunhas, que aqui tenho. Um negro de Guiné, meu escravo, chamado Gonçalo, se lhe cerrou de todo as vias ordinárias que temos para fazer câmara e urinar, e se lhe abriu pelo umbigo um buraco, por onde muitos dias fêz semelhante exercício, o qual se lhe tornou também a cerrar de per si, com se lhe abrir outro igual buraco na ilharga direita, pelo qual abriu também suas necessidades mais de seis meses, a cabo dos quais, sem ter uma cura, nem medicamento, tornou a sarar, abrindo-se-lhe de novo as vias ordinárias, pelas quais foi purgando como dantes, com ter perfeita saúde e viver muitos dias.

ALVIANO

Coisas extranha me contais nisso, e com muita razão vos temeis de o relatar senão nesta parte, aonde vos ofereceis a acreditar o dito com testemunhas, que para mim nunca há-verá outras de mais fôrça que o discreto vós, mas folgaréi de saber com que se purgam os enfermos nesta terra.

BRANDÔNIO

Com medicamentos purgativos que vêm do Reino, e se vendem em botijas, de que sempre está a terra bem provida, pôsto que também se acham nela excelentes purgas, de que a mais da gente usa, como é a batata, já também muito estimada em Portugal, e uns pinhões que se colhem de umas árvores de que os campos estão povoados.

ALVIANO

Désses pinhões tenho ouvido dizer mil males, e afirmam dêles ser purga muito trabalhosa, pelos muitos e grandes vômitos que causam.

BRANDÔNIO

Dêsse modo passava, mas já hoje por se tomarem de diferente modo, não causam êsses acidentes e vômitos que dantes faziam.

ALVIANO

Folgaréi de saber o modo que se guarda de presente no tomar désses pinhões.

BRANDÔNIO

Muitas pessoas usam dêles com, depois de descascados, lhes tirarem uma pelinha que têm de fora e juntamente outra do meio, para o que é necessário ser aberto, e logo o tomam a ajuntar e o encerram dentro em uma fruta que chamam *ginduba* e, em falta, em outra que chamam *árage*, e os põem a assar juntamente com a fruta sôbre o borralho, e como está assada os tiram dela, porque com o calor do fogo largam dentro na fruta a malignidade que tinham, e, botada a fruta fora, pisam os pinhões em um gral com um pouco de açúcar branco, no qual se incorpo-

ram, e depois de tudo incorporado fazem um pequeno bolinho que se torna a assar sôbre um têsto nas brasas, ficando a modo de massa de maçapão, com se advertir que se há de fazer sòmente de cinco pinhões a purga, que o enfêrmo há de tomar uma hora entemanhã, e com ela obra maravilhosamente, até se lhe dar o caldo de galinha que lhe restringe as câmaras.

ALVIANO

Bem fácil é êsse modo de purga, e sempre folgarei, quando me seja necessário, de me aproveitar dela.

BRANDÔNIO

Também sucede neste Brasil, assim aos nossos portuguêses, como aos naturais da terra, dar-lhes um acidente de câmaras e arrevessar, que lhes dura por espaço de 24 horas, pouco mais ou menos, e pôsto que na Índia semelhante doença, a que chamam mordexim, é mortal, aqui o não é, porque, passado o têrmo do acidente, sem mais medicamento, fica o enfêrmo são.

ALVIANO

E quando sucede ser êste gentio ferido nas guerras, a que me tendes dito que são muito inclinados, que modo têm na cura das tais feridas?

BRANDÔNIO

Proveu a natureza com lhes dar um azeite que se tira de uma árvore chamada *copaíba*, da qual toma o azeite o nome, e com êle curam as feridas, por ser de tão maravilhosa virtude, que em breve tempo saram delas; e quando a tal ferida é penetrante, por ser dada com flecha, e o pequeno buraco dela lhes não dá lugar a se poderem servir do azeite, tomam por remédio fazerem uma cova no chão, dentro na qual lançam brasas envoltas em fogo, pondo em cima da tal cova uma taboinha com um buraco pequeno no meio, sôbre o qual acomodam o lugar da ferida, com se lançar para o efeito o enfêrmo em terra, e ali, com o calor do fogo, que se lhe comunica pelo buraco, despede a ferida de si todo sangue podre e malignidade que tinha, e corrobora-se a carne de maneira que, sem mais outro benefício, fica o enfêrmo são.

ALVIANO

Também tenho ouvido gabar muito em Portugal, para feridas, um bálsamo que se lá leva das Capitanias do sul.

BRANDÔNIO

Esse bálsamo é excelente remédio para elas, mas não se acha senão nas Capitanias donde o levam, que são as do sul, e as da parte do norte carecem dêle, e por isso se servem do azeite que tenho dito.

ALVIANO

A um meu vizinho tenho visto queixar muitas vezes de uma chaga que tem em um pé, de que não pode sarar.

BRANDÔNIO

Tôdas as pessoas que neste Brasil têm chagas ou feridas na cabeça, saram com muita facilidade delas, e as dos pés e pernas são mais dilatadas, e ajuda a serem más de curar o pouco regimento que os enfermos costumam a ter.

ALVIANO

E os nossos portuguêses, que habitam por estas partes, usam do próprio remédio dêsse azeite de copaíba e bálsamo?

BRANDÔNIO

Sim, usam, porque têm experimentado ser excelente remédio para feridas; mas nas mais enfermidades guardam na cura delas diferente estilo, porque se curam com médicos, barbeiros e cirurgiões portuguêses.

ALVIANO

E que doenças são as mais gerais para com os portuguêses?

BRANDÔNIO

Aos portuguêses depois que vêm do Reino os costuma apalpar a terra com uma febre e frio de pouca importância, porque com duas ou três sangrias saram delas,

e quanto mais se dilatam em serem apalpados do clima, se lhes comunica a mesma febre e frio com mais fôrça, mas de modo que nunca chega a ser doença de consideração. Também os antigos da terra são visitados das mesmas maleitas, tanto e ainda quartãs, as quais prevalecem em uns mais e em outros menos, segundo a natureza e compleição de cada um, mas morre muito pouca gente de sezo-athaque enfermidade, a qual se cura pelos médicos com purga e sangria.

ALVIANO

Com tôda essa boa qualidade da terra, tenho visto muitos homens pela faltas de narizes e com remendos pelo rosto, e outros meio enforcados, claro indício de haverem sido tocados do humor bentático, a qual enfermidade tenho para mim que domina desta parte em grande excesso.

BRANDÔNIO

Verdade é que pelo calôr da terra se comunica êsse mal a muitos homens mal regidos e dados a mulheres, mas curase com muita facilidade, porque com uma pequena de salsaparrilha, precedendo o regimento necessário ao tomar dela, cobram os enfermos perfeita saúde, e também a alcançam com fazerem exercício de andar e outras cousas que provoquem o corpo a suor, e quando em alguns predomina o mal com mais fôrça, o azougue o extingue e consome de todo, o qual no Brasil se toma com facilidade e pouco risco; e êsses homens que dizeis haverdes visto com disformidades no rosto e sem pouco regimento foi disso causa, porque, se o fizeram, cobravam saúde, como os mais.

ALVIANO

Com tudo isso eu tenho para mim que se não desviaram da verdade os espanhóis, em afirmarem que êste mal se comunicou à Europa destas partes.

BRANDÔNIO

Isso não querem consentir os índios, mas antes afirmam que nunca o conheceram antes dos portugueses virem a povoar êste novo mundo, o que por êles se lhes comunicou.

ALVIANO

Não disputemos isto, mais nos importa pouco, que o que sei é que, quer o mal tivesse princípio destas partes ou de outras, é mui pernicioso para os tratantes dêle. Também me dizem que nesse rosso Brasil se acham uns bichos que se metem pelos pés, com os quais me fizeram grandes medos em Portugal.

BRANDÔNIO

Com bem nunca razão vo-los fizeram, porque dêsses bichos muitas pessoas tomam por recreação e entram-lhes nos pés para serem tirados, por uma gostosa comichão que êles fazem.

ALVIANO

E de que feição são êsses bichos?

BRANDÔNIO

Muito mais pequenos em quantidade que as pulgas do nosso Portugal, enquanto andam pela terra; e na que é areisca se dão melhor e dela entram pelo pé, sendo vão crescendo, e quando há descanso em se tirarem, vêm a ser fazer tamanhos como uma castanha e da mesma côr, mas em entrando no pé, com a comichão que causam, logo dão cima da sua entrada, donde se tiram com um alfinete ou uma ponta de faca com muita facilidade e pouca moléstia, e pede-se sofrer a descomodidade destes bichos, pôsto que muitas pessoas a não têm por tal, pela falta que há na terra dos mais imundícias que nos molestam em Portugal.

ALVIANO

E que imundícias são essas de que dizeis que carece a terra?

BRANDÔNIO

De piolhos, que não permanecem nela por nenhum caso, e, pelo conseguinte, pulgas e percevejos, que os não há.

ALVIANO

Só por gozar da falta dessas coisas podia homem largar Portugal, donde tanta molestia dão, e vir-se a viver ao Brasil.

BRANDONIO

Parece que a qualidade da terra desbarata a vida dos semelhantes bichos, de modo que não podem prevalecer nela.

ALVIANO

Pois eu não acho esta terra tão quente que baste para fazer semelhante excesso.

BRANDONIO

O calor temperado dela é o que faz, porque, posto que tenhamos muitas vezes o sol sôbre a cabeça, todavia causa pouco ou nenhum dano o seus habitadores, porque os ares frescos que de ordinário correm, refrigeram os seus raios, de maneira que causam um temperadíssimo calor, de modo que, com os homens andarem pouco envolupados, nem os raios do sol os escaldam, nem os ventos os ressecam. Verdade é que a lua se tem por menos sadia, o como tal, se guardam dela, mas isto não era tanta quantidade que corhoc'damente empeça aos que se põem ao luar.

ALVIANO

Já tenho experimentado êsse bom temperamento, e o tenho pelo melhor que nossa ser. pois, assim na força do verão como do inverno, sempre a terra tem uma mesma temperança, em forma que a mesma roupa de verão serve para o inverno, sem ser necessário dobrá-la.

BRANDONIO

Assim pessa. e ainda tenho notado outra cousa assaz extranha, a qual é que não há lembrança na memória dos homens, de que haja havido em algum tempo tremor de terra nesta provincia, como de ordinário costuma haver na nossa Espanha.

ALVIANO

Não é cousa essa de pequena consideração, de onde tenho para mim que a terra dêste Brasil deve de ser tôda sólida e maciça, sem ter cavernas, furnas ou lapas por baixo, aonde se possa recolher o ar que costuma causar êsses tremores; e também pode ser que disto proceda o seu bom temperamento, de que me tendes dito tanto, e assim folgara que nos passássemos a tratar de sua riqueza e fertilidade.

BRANDONIO

Isto é já tarde e a matéria comprida, pelo que me parece acertado reservarmo-la para amanhã, que neste lugar vos espero.

ALVIANO

Assim seja, porque não quero ir em nada contra vosso gôsto.

DIÁLOGO TERCEIRO

em que se trata das mercancias do açúcar, pau, algodão, madeira.

BRANDÔNIO

Por não ser notado de negligente, há já pedaço que vos espero, gozando desta viração que corre aqui da parte do mar, assaz fresca.

ALVIANO

A importunação de uma visita me fez cair na falta de haver tardado: mas certo as horas são apropriadas para darmos princípio à nossa prática, que é o haverdes de tratar da riqueza, fertilidade e abundância dêste Brasil, e assim vos peço que me digais destas coisas as que souberdes, porque me tendes disposto para vos ouvir com atenção.

BRANDÔNIO

São tão grandes as riquezas dêste novo mundo e da mesma maneira sua fertilidade e abundância, que não sei por qual das coisas comece brevemente; mas, pois todas elas são de muita consideração, farei uma salada na melhor forma que souber, para que àquem claras e dêem gôsto. Pelo que, começando, digo que as riquezas do Brasil consistem em seis coisas, com as quais seus povoadores se fazem ricos, que são estas: a primeira, a lavoura do açúcar; a segunda, a mercancia; a terceira, o pau a que chamam do Brasil; a quarta, os algodões e madeiras; a quinta, a lavoura de mantimentos; a sexta e última, a criação de gados. De tôdas estas coisas o principal nervo e sustência da riqueza da terra é a lavoura dos açúcares.

ALVIANO

Não deve de ser de muita consideração a riqueza que consiste sòmente de fazer açúcares, pois vemos que da nossa Índia Oriental se enriquecem seus moradores de fazendas e diversas cousas, como são grande quantidade de drogas prestantíssimas, roupas muito finas, ouro, prata, pérolas, diamantes, rubis e topázios, almíscre, âmbar, sêdas, anil e outras mercadorias, de que as naus vêm dela todos os anos coalhadas para a Espanha.

BRANDÔNIO

Verdade é que tôdas essas e outras mais se trazem dessas partes; mas, contudo, me esforço a provar que, com se não tirar do Brasil senão sòmente açúcares, é mais e de mais rendimento para a fazenda de Sua Majestade do que o são tôdas essas Índias Orientais.

ALVIANO

A muito vos arrojais, e certamente que parece desvario o quererdes pôr semelhante cousa em prática, pois o poder-se provar está tão longe como a terra dos céus; e assim vos peço não queirais que vos ouça ninguém semelhante proposta, porque será julgada geralmente por ridiculosa.

BRANDÔNIO

Não me hei de desdizer do que tenho dito com tôdas essas carrancas que me ides fazendo, antes entendo provar o que digo mui claramente, como já outra vez o fiz no Reino, diante dos senhores Governadores, no ano de 97; porque vós não me haveis de negar que todos os anos vão do Reino para a Índia três, quatro e algumas vezes cinco naus, que dela tornam carregadas de mercadorias.

ALVIANO

Assim passa.

BRANDÔNIO

Também não duvidareis que cada uma destas naus faz de despesa à fazenda de Sua Majestade até posta à vela, feita de novo, ao redor de quarenta mil cruzados

ALVIANO

Nem isso nego.

BRANDÔNIO

E da mesma maneira que manda nelas em cada um ano Sua Majestade, de cabedal em reales de oito e de quatro, para se haver de comprar a pimenta na Índia, ao redor de duzentos mil cruzados.

ALVIANO

E muitas vezes mais.

BRANDÔNIO

E outrossim que paga de soldo aos soldados, gente do mar, que se assentam para ir à Índia, e de moradias a seus criados, mercês a fidalgos e outras pessoas particulares, muito grande quantidade de dinheiro.

ALVIANO

Não há dúvida nisso.

BRANDÔNIO

Também deveis de saber que cada nau destas, depois de vir da Índia a salvamento, carregada de fazendas, importa a Sua Majestade, afora a pimenta que traz, de quarenta e cinco para cinquenta contos de réis (e por tantos se arrendam publicamente a pessoas que as tomam por contrato) e dêste dinheiro se abate ainda muito, de que Sua Majestade se não aproveita, em descontos que se fazem na Casa da Índia, e isto com muitas vezes não chegaram a salvamento ao Reino mais de uma ou duas naus.

ALVIANO

Dêsse modo passa; mas além dêsse dinheiro, por que Sua Majestade manda arrendar cada uma destas naus, como tendes dito, se arrecadam por seus ministros os fretes das ditas naus para sua fazenda, que devem de importar um grande pedaço.

BRANDONIO

Os fretes de cada nau não importam à fazenda de Sua Majestade mais que ao redor de três contos de réis, e em tantos os arrendou um amigo meu no ano 601, e dêstes três contos se fazem tantos descontos de lugares que o Viso-Rei dá na Índia a particulares, que quase se vem a consumir tudo nisso e noutras cousas, donde sucede vir Sua Majestade a embolsar muito pouco dinheiro dêstes fretes.

ALVIANO

Pois, como é possível que umas naus de tão grande porte dêem tão pouco de frete?

BRANDONIO

E disso causa os muitos lugares que Sua Majestade nelas dá, porque o Capitão tem sua câmara, despensa e outros lugares que sempre para os tais estão deputados; e, da maneira, o pilôto, mestre, contra-mestre, guardião, marinheiros, que todos têm lugares assinalados, de modo que até o menino grumete e pajem não carecem dêles, em forma que nos lugares que por esta ordem se distribuem e liberdades concedidas por Sua Majestade, se ocupa tôda a praça, aonde se podia meter fazenda nas naus que pagassem frete, donde nasce o pouco rendimento que delas tem sua fazenda.

ALVIANO

Estou já bem nessa causa, mas não nessa larga computação que ides fazendo.

BRANDONIO

Faço-a para provar minha tenção, que o Brasil é mais rico e dá mais proveito à fazenda de Sua Majestade que tôda a Índia; porque não me haveis de negar que para as naus que dela vêm, virem carregadas das fazendas que trazem, se descarrenha todo êsse Oriente, com se ajuntar a pimenta do Malabar e a canela do Ceilão, cravo do Maluco, massa e noz moscada da Banda, almíscar, benjoim, porcelanas e sêdas da China, roupas e anil de Cambaia e Bengala, pedraria do Balagate e Bisnaga e Ceilão; por maneira que é necessário que se ajuntem tôdas estas cousas, de tôdas estas partes, para as

naus que vêm para o Reino poderem vir carregadas, e se se não ajuntassem não viriam.

ALVIANO

Isso é cousa clara, que todos sabem.

BRANDONIO

Pois o Brasil, e não todo êle, senão três Capitanias, que são a de Pernambuco e a de Tamaracá e a da Paraíba, que ocupam, pouco mais ou menos, no que delas está povoado, cinqüenta ou sessenta léguas de costa, as quais habitam seus moradores, com se não alargarem para o sertão dez léguas, e somente nêste espaço de terra, sem adjutório de nação estrangeira, nem de outra parte, lavram e tiram os portuguêses das entranhas dela, à custa do seu trabalho e indústria, tanto açúcar que basta para carregar todos os anos cento e trinta ou cento e quarenta naus [*], de que muitas delas são de grandíssimo porte, sem Sua Majestade gastar de sua fazenda, para a fábrica e sustentação de tudo isto, um só vintém, a qual carga de açúcares se leva ao Reino e se mete nas alfândegas dêle, onde pagam os direitos devidos a Sua Majestade. E se esta carga que estas naus levam, se houvesse de carregar em outras da grandeza das da Índia, não bastariam vinte semelhantes a elas para a poderem alojar.

ALVIANO

Pôsto que não posso negar o passar isso dêste modo, todavia é de muito menos importância para a fazenda de Sua Majestade o direito que se lhe paga dos açúcares, do que aquêle que arrecada das fazendas e drogas que vêm da Índia.

BRANDONIO

Enganai-vos, porque nestas naus que carregam nas três Capitanias da parte do norte que tenho dito, sem tratar das demais do sul, devem de ir passante de quinhentas mil arrôbas de açúcares, dos quais quero que sejam cem mil arrôbas de açúcar a que chamam panelas. Todos êstes açúcares pa-

---

[*] No apógrafo de Leiden (fl. 62) [illegible] "trinta" e [illegible] "quarenta" [illegible] por "quarenta".

gam de direitos na alfândega de Lisboa, o branco e mascavado a 250 réis a arrôba, e os pardos a 140 réis a arrôba, isto antes o consulado; do que feito sem vir a importar a fazenda de Sua Majestade mais de trezentos mil cruzados, sem êle gastar nem despender na sustentação do Estado um só real de sua casa, porquanto o rendimento dos direitos que se cobrem na própria terra, basta para sua sustentação.

Ora, fazei a êste respeito computação do que lhe recolhem as mais Capitanias do sul, nas quais entra a Bahia de Todos os Santos, cabeça todo êste Estado, e depois dela feita tornai uma conta de deve e há de haver, como de mercador, e de uma parte ponde o que Sua Majestade gasta em todo um ano com as naus que manda à Índia, soldos da gente de guerra e marinha, moradias de seus criados, mercês feitas a particulares, juntamente com o cabedal que manda para a compra de pimenta; e, de outra parte, o que lhe ela rende, e juntamente o preço por que arrenda os direitos das naus que de lá vêm, e notai bem o que houver de avaço para o guardardes com o rendimento que colhe do Brasil, das três Capitanias referidas tão sòmente, e vereis com quanto excesso sobrepuja ao da Índia, e assim não hei mister mais prova para corroborar minha verdade.

ALVIANO

Parece muito êsse rendimento que quereis aplicar ao Brasil, porque nem todos os açucares pagam êsse direito por ser cativo, pois sabemos que muitos não pagam nenhum, por gozarem da liberdade que Sua Majestade tem concedido às pessoas que novamente fazem engenhos.

BRANDÔNIO

Assim passa; mas essa liberdade que Sua Majestade concede aos engenhos feitos de novo, não dura mais que por tempo de dez anos, e passados êles pagam; e pôsto que contudo sempre paguem muitos direitos os senhores de engenho e lavradores que carregam seus aplicados por sua conta, são poucos os que o fazem. E não vai a dizer nisso cousa de consideração; e para semelhante quebra de sal de contar, de indústria, na soma que acima fiz, o rendimento do pau-brasil que se leva êste Estado, das mesmas três Capitanias, para o Reino, que importa mais de quarenta mil cruzados por ano, que os ministros de Sua Majestade cobram no Reino dos contratadores dêle, e assim o rendimento dos alfândegas do Estado; direitos que se pagam dos algodões e madeiras nas alfândegas do Reino, que importam em grandíssimo pedaço. Descompensada uma cousa de outra, sobrará que mais é o rendimento destas cousas que a diminuição da liberdade que apontastes.

ALVIANO

Em verdade que sai, permanecido estava em ajudar o contrário disso que tendes provado e mostrado claramente, que ainda agora me está latejando o entendimento, por me parecer sonho o que vos tenho ouvido; mas, contudo, o que eu sei é que tenho visto em Portugal muitas casas grandíssimas e homens de muita renda grangeada e adquirida com dinheiro que adquiriram e ganharam na Índia, e não acho nenhum — e se alguns, são poucos — que tenha lá semelhantes casas e rendas com o dinheiro que levasse do Brasil.

BRANDÔNIO

Isso é maior indício de sua riqueza, porque os homens da Índia, quando de lá vêm para o Reino, trazem consigo tôda quanta fazenda tinham, porque não há nenhum que lenha lá bens de raiz, e se os têm são de pouca consideração, e como todo o seu cabedal está empregado em cousas mundas embarcam-nas consigo, e do preço por que as vendem no Reino compram essas rendas e fazem essas casas. Mas os moradores do Brasil, toda a sua fazenda têm metida em bens de raiz, que não é possível serem levados para o Reino, e quando alguns para lá vão os deixa na primeira terra, e êstes devem de comprar muitos em Portugal, e assim não crês é possível deixarem cá tanta fazenda e comprarem lá outra, contentando-se mais de a terem no Brasil, pelo grande rendimento que colhem dela. E, para concluirmos, nesta terra achareis muitos homens que têm a cinqüenta, cento e ainda duzentos mil cruzados de fazenda, e na Índia muito poucos destes. E, se os que vivem no Brasil fôssem mais curiosos, os mais cousas poderiam lançar mão para se fazerem ricos e Sua Majestade ter mais rendimento dêle.

ALVIANO

Folgarei em extremo que me digais que cousas são essas que prometeis poderem dar tanto de si.

BRANDÔNIO

Pouco disse em dizer que podia ainda êste Brasil ser mais rico e dar mais rendimento para a fazenda de Sua Majestade, se êsse Senhor ou os do seu Conselho quiseram pôr os olhos nêle, porque se os puseram fora também bastante o Brasil a fazer rem que os holandêses e mais estrangeiros, que navegam para a India, cessem de suas navegações e comércios, sem Sua Majestade despender nisso um real, nem se armar contra êles espada.

ALVIANO

Se isso não fôr obrado por encantamento, pelas vias ordinárias não sei como possa ser.

BRANDÔNIO

Sem encantamento se poderá dar à causa, quando Sua Majestade e os senhores do seu Conselho se quiserem dispor a isso.

ALVIANO

Pois dizei-me o modo.

BRANDÔNIO

Notório é que os holandêses não acham para a India à custa dos estados, antes os mercadores o fazem à sua própria custa e despesa, aprestando as naus que para lá navegam, de que o cabedal para a fábrica delas e mercadorias que hão de levar se ajuntam por muitas pessoas que nelas se interessam, metendo uns mais e outros menos, segundo é muito ou pouco dinheiro com que se acham, do que se faz livre, no qual por partidas se declara com quanto cada um entrou; feita a viagem, tornando as naus a salvamento, se vende a fazenda e de monte-mor se tiram os gastos, e do que resta se faz conta de 4 quartos por cento horro de gasto e tantos fazem bons a cada um dos armadores, com se lhes tornar o cabedal que meteram, acrescentado naquela quarta.

ALVIANO

Assim passa, porque um grande amigo meu, que assistiu em Holanda muitos dias, me afirmou que dêsse modo se levam: mas isso que singularia tem para o Brasil poder impedir o comércio a essas gentes?

BRANDÔNIO

Muito grande, porque já sabemos que a principal mercadoria e de mais porte que essas naus vão buscar à India, é a pimenta, porque o cravo, massa, noz, porcelanas, benjoim e outras coisas semelhantes que também trazem, são acessórias e não servem para o nervo de sua mercancia, porque tudo ponca coisa, de cada uma destas, basta para fartar todas essas partes do mundo, atento que essas estrangeiros não podem trazer canela, roupas, cem uma, por não se acharem na parte onde êles comerciam com as indias. Assim, que pimenta é o que querem, e pimenta o que vão buscar, e da pimenta tiram o proveito que lêm de sua navegação.

ALVIANO

Pois que é o que quereis dizer nisso?

BRANDÔNIO

Digo que devia fazer Sua Majestade o que fêz el-Rei D. Manuel de gloriosa memória, para impedir o trato da pimenta que se trazia por terra a Veneza, por via do Cairo, donde se espalhava e vendia por tôda Europa.

ALVIANO

Que é o que fês el-Rei?

BRANDÔNIO

Depois de descoberta a navegação da India, querendo que a pimenta se comesse por mão de portuguêses, com se navegar dela sòmente em suas naus para a Europa, pretendeu cerrar de todo aquêle comércio em Veneza, o que fez desta maneira: mandou pessoas confidentes que fôssem àquela cidade, para que se informassem com tôda a verdade do custo que havia um quintal de pimenta pôsto nela, e por quanto se devia

vender para tirarem ganho os que nela comerciavam por aquela via; e depois de bem informado d'isto, mandou a Frandes feitores portuguêses para que lhe vendessem a sua pimenta que para lá mandava, por preço que, se por êle se vendesse a que vinha a Veneza, ficassem perdendo muito dinheiro os mercadores que nela contratavam, e desta maneira todos os que haviam mister pimenta concorriam a comprar a del-Rei, por se vender mais barato, e como por semelhante preço não podiam dar os venezianos a sua sem muito dano, pelo grande custo que lhes fazia, cessaram do seu comércio.

ALVIANO

Acabai já de vos desembuçar.

BRANDÔNIO

Digo que tôda a terra dêste Brasil é tão [illegible] de dar pimenta que, de por si, sem benefício algum, nasce grande quantidade dela pelos campos de diferentes castas, mas não daquela que vem da Índia, que deixa de a dar por não se achar na terra semelhante semente, e, quando a houvesse, daria daquela sorte pimenta sem número.

ALVIANO

Não duvido disso, porque já sei bem que a terra é mui disposta para produzir pimenta, em tanto que os pássaros que a comem, indo a estercar a outra parte, ainda que seja sôbre troncos de árvores, ali nasce; mas é necessário que vos acabeis de declarar nesses argumentos que ides tomando.

BRANDÔNIO

Foi-me necessário propô-los para haver de vir a dizer o que pretendo; e é que Sua Majestade devia de mandar uma caravela à Índia para que sòmente lhe trouxesse de lá pimenta de semente, em pipas ou em outra parte, onde mais acomodada viesse, e que a tal caravela passasse pelo Brasil, aonde a fôsse entregando nas Capitanias de sua costa aos Capitães-mores, que a repartissem pelos moradores, obrigando-os a que a plantassem e beneficiassem, e desta maneira se colheria do Brasil mais pimenta do que se colhe na Costa do Malabar.

ALVIANO

E a que trazem as naus da Índia de ordinário, não servirá também para efeito de se plantar?

BRANDÔNIO

Não, porque essa, segundo se diz, é passada pela decoada e não pode nascer, e assim como neste Brasil houvesse muita pimenta, lhe ficava custando a Sua Majestade pouco ou nenhum trabalho e menos despesa traspô-la em Portugal, donde, à imitação del-Rei D. Manuel, a poderia mandar vender por preço que ficassem os holandeses perdendo muito dinheiro se vendessem a sua que vão buscar à Índia. A êsse respeito e por esta maneira, como a essas gentes se lhes não seguisse proveito de seu comércio, não tinham para que continuar com semelhante navegação, e se escusaria, sem despesa nem sangue, porfia que tanto tem custado a Portugal, e Sua Majestade mandar a sua pimenta mais barato perdia pouco, se não ganhasse dinheiro, pelo menos custo que lhe havia de fazer em a levar para o Reino, e o menos preço por que a havia de comprar no Brasil.

ALVIANO

Tendes proposto isso com tão aparentes razões, que não haverá quem duvide de haver de ser assim, antes me maravilho como vos não embarcais para o Reino a dar êsse alvitre a Sua Majestade, pois tanta utilidade se deve de seguir dêle para todo o Estado da Índia.

BRANDÔNIO

Já o pratiquei com um ministro que tinha grande lugar em sua fazenda, e com lhe parecer a traça maravilhosa, me respondeu que estava já tão introduzido em Portugal o modo da navegação da pimenta, que custaria muito trabalho o querer-se tratar agora de remover outro modo; e assim como entendi ser aquêle mal velho no nosso Portugal que não leva remédio, desisti da minha prática, e da mesma maneira o farei agora, deixando a cargo aos que lhes toca remediar semelhante necessidade, se o quiserem fazer.

ALVIANO

Dizeis bem, que é erro querer entender o mundo os que têm tão pequena parte nele, como cada um de nós, e assim tornemos à nossa pratica, que, se me não lembra mal, deve ser sôbre o haverdes de mostrar as riquezas do Brasil, de que a principal tendes afirmado ser a lavoura dos açúcares.

BRANDONIO

Assim passa, porque o açúcar é a principal cousa com que todo êste Brasil se enriquece e faz rico, e na lavra dêle se tem guardado até o presente esta ordem: os Capitães-mores, que são sesmeiros por Sua Majestade, cada um na Capitania de sua jurisdição, repartiram e repartem ainda agora as terras com os moradores, dando a cada um dêles aquela quantidade a que as suas fôrças e possibilidades são bastantes a granjear, e as pessoas a quem se dão semelhantes terras, quando elas são capazes para se fabricarem nelas engenhos de fazer açúcares, os fabricam, tendo cabedal para o poderem fazer, e quando lhes falta os vendem a pessoas que os possam fabricar, por ser necessário muitas fôrças e cabedal para os levantar de perfeita perfeição, porque um engenho dos de água, como até agora se costumava de fazer, e ainda dos que chamam trapiches, que moem com bois, fazem de despesa para o fabricarem, ao redor de dez mil cruzados, pouco mais ou menos.

ALVIANO

Parece-me que quereis dizer que há mais modos de engenhos de fazer açúcares, que os de água e trapiches, que moem com bois?

BRANDONIO

Isso mesmo direi, porque os de água se alevantam ao longo de rios caudalosos, e ainda fazem grandes tanques para represa dela, para assim poderem moer com mais fôrça d'água, e nestes tais engenhos, depois de a cana de açúcar moída entre dois grandes eixos que fazem mover uma roda, em que bate a água com fôrça, se espreme o bagaço que dali sai debaixo de uns grandes paus, a que chamam gangorras, que fazem apertar com fôrça de bois, donde lança o fartar de si o tal bagaço todo o sumo que a ca-

na tinha, o qual se ajunta em um tanque, e dali o lançam em grandes caldeiras de cobre, aonde se alimpa, coze e apura à fôrça de fogo que por debaixo lhe dão em umas fornalhas, sôbre que estão assentadas, sendo necessário para êste açúcar se alimpar e fortificar melhor, lançar-lhe dentro decoada, que se faz de cinza.

E outros engenhos se fazem sem água, e êstes são os trapiches que disse, os quais moem a cana por uma invenção de rodas que alevantam para o efeito, tirada de bois, e no mais de fazer o açúcar se guarda a mesma ordem que tenho dito. Mas agora novamente se há introduzido uma nova invenção de moenda, a que chamam *palitos*, para a qual convém menos fábrica, e também se ajudam para moenda dêles de água e de bois; e tenho esta invenção por tão boa que tenho para mim que se extinguirão e acabarão de todo os engenhos antigos, e sòmente se servirão desta nova traça.

ALVIANO

Toda a cousa que se faz com menos trabalho e despesa se deve de estimar muito, e pois nesse modo dos *palitos* se alcança isto, não duvido que todos pretendam usar dêles; mas folgarei de saber a ordem que há para se fazer um pão de açúcar tão alvo e formoso como se leva a Portugal e aqui o vemos.

BRANDONIO

A ordem é estar depois do açúcar limpo e melado nas caldeiras, se passa a umas tachas também de cobre, aonde à fôrça de fogo o fazem pôr no ponto necessário para haver de coalhar e criar corpo, e dali se lança em umas fôrmas de barro, dentro nas quais se incorpora e endurece, e depois de estar frio o levam a uma casa muito grande, que só para êsse efeito se prepara, a que dão o nome de casa de purgar, e nela, sôbre taboado que está furado, se assentam as tais fôrmas, com lhes abrirem um buraco que têm por baixo, por onde vão purgando o mel sôbre correntes do mesmo tabuado, que para o efeito lhes põem por baixo, e o mel que por essa maneira vai caindo das fôrmas se ajunta todo em um tanque grande, do qual se faz depois o *retame*, e ainda outro modo de açúcares, a que chamam *batidos*. E como as fôrmas estão despedidas de todo o mel, lhe lançam em cima barro desfeito em água, o qual é bastante para dar ao açúcar a brancura que nele vemos.

ALVIANO

E como é possível que o barro, que por razão o devia sujar e fazer preto, o embranqueça, é para mim um segrêdo difícultoso de entender

BRANDÔNIO

Nem o entenderam muitos anos os primeiros que lavraram açúcares, porque do modo que primeiramente o faziam, dêsse o gastavam, até que uma galinha achou êste segrêdo, a qual acaso vindo com os pés cheios de barro úmido, se pôs sôbre uma fôrma cheia de açúcar, e naquela parte aonde ficou estampada a pegada se fêz todo o circuito branco, donde se veio a entender o segrêdo e virtude que tinha o barro para embranquecer, e se pôs em uso.

ALVIANO

Não foi má mestra a galinha, para mostrar por êsse modo a cura da negrídão do açúcar, pois há tanta diferença nas vidas do alvo ao negro; e assim se o engenho fizer muita quantidade do bom, não deixará de dar proveito ao senhor dêle.

BRANDÔNIO

Nos engenhos de fazer açúcares há muito grande diferença dos bons aos maus, porque aquêles que gozam de três cousas, quando seus senhores têm fábrica bastante, são sumamente bons; as quais três cousas consistem em ter muitas terras e boas para a planta dos canaviais, água bastante que não falte para a moenda e lenhas em grandes matas também em quantidade, de modo que nem a cana nem a lenha fique distante do engenho, antes tão acomodada que se acarrete uma cousa e outra com facilidade. E quando os tais engenhos são desta qualidade, não lhes faltando, como tenho dito, a fábrica necessária, costumam a fazer em cada um ano a seis, sete, oito e ainda dez mil arrôbas de açúcar *macho*, afora os méles que são *retames* e *batidos*, que sempre chegam ao redor de três mil *arrôbas*: quando se sabe aproveitar êste açúcar, costuma a ser um muito bom e outro sofrível, e algum sumamente mau, segundo os mestres que o fazem são bons ou ruins. E os outros engenhos de menos porte costumam a fazer a cinco e a quatro e ainda três mil arrôbas de açúcar; e os tais são de pouco proveito para seu dono.

ALVIANO

E que fábrica é necessário que tenha um dêsses engenhos que costuma fazer muito açúcar?

BRANDÔNIO

É necessário que tenha 80 peças de escravos de serviço, bons; 12 ou 20 juntas de bois, com seus carros necessários, aparelhados; cobres bastantes e bem concertados; oficiais bons, muita lenha, formosa e decuada, porque qualquer cousa que falte destas, logo imediatamente se diminui com ela o rendimento do açúcar.

ALVIANO

Pois dizei-me se todo êsse açúcar depois de feito é para o senhor do engenho.

BRANDÔNIO

Quando as canas de que se lavra é tôda do senhor do engenho, também todo o açúcar é para êle. Mas há poucos que podem fazer isso, pela grande fábrica e cabedal que é necessário para se poderem granjear canaviais e engenhos; e assim os mais dos senhores dêles costumam a dar os canaviais do partido, os quais se fazem desta maneira: põe o dito senhor do engenho a terra e além disso ainda algum adjutório, e o lavrador põe de sua casa a planta da cana e depois a granjea, corta e leva ao engenho, conforme a obrigação do partido, e como a cana está moída e o açúcar pôsto em perfeição, se paga primeiramente do monte-mor o dízimo dêle e, depois de pago, se faz a partilha de têrço e de quinto e ainda de meias. A de têrço se entende as duas partes do açúcar para o engenho e a uma para o lavrador, e a de quinto as três partes para o engenho e as duas para o lavrador e a de meias tanto a uma parte como a outra; mas o partido de meias se faz raramente, por ser de pouco proveito para o engenho, salvo se é a pessoa de obrigação ou a lavrador que tenha as canas em terras suas próprias. Mas sempre de qualquer maneira que seja, a partilha dos méles, que são *retames* e *batidos*, são todos, livramente, *in solido*, do senhor do engenho, sem ter

obrigação de fazer outra partilha, mais que de pagar o dízimo dêle a Deus.

ALVIANO

E com essa partilha feita por êsse modo, quanto açúcar virá à parte do senhor do engenho?

BRANDÔNIO

Sempre lhe virão ao redor de quatro ou de quatro mil e quinhentas arrôbas de açúcar *mascavo*, afora os meles e batidos, os quais virão a importar[1] duas mil e quinhentas para três mil arrôbas.

ALVIANO

E para se haver de fazer êsse açúcar, de que cabe a quantidade que tendes dito ao senhor do engenho, quanto vem a gastar êle em cada um ano na fábrica e despesa dêle?

BRANDÔNIO

Um engenho dêstes, quero dizer dos bons, sempre faz de gasto de três mil e quinhentos para quatro mil cruzados, e se lhe morrem escravos, de modo que seja necessário comprarem outros, ainda custaria mais.

ALVIANO

Muito gasto é êsse, e por essa maneira não deve de vir a importar ao senhor do engenho o rendimento dêle tanta quantia quanta me diziam que importava.

BRANDÔNIO

Sim, importa, porque muitas vezes lhe deixa na terra, livres, ao redor de cinco e de seis mil cruzados, e se o senhor de engenho navegar os seus açúcares para o Reino lhe virá a importar muito mais, porque além do maior preço porque lá se vendem, vem a forrar os direitos de sua liberdade, a

[1] No apógrafo de Leiden (fls. 66v) riscaram "virão a importar" e escreveram na entrelinha "poderão ser".

qual, se é de engenho feito de novo, tem dez anos para neles não pagar direito algum nas alfândegas, e quando se lhe acaba êste tempo, contudo ficam gozando ainda para sempre de meia liberdade, que é não pagarem senão meio direito dos que se devem nas alfândegas, como se fôsse açúcar carregado por lavrador, porque os tais têm o mesmo privilégio.

E dêstes engenhos uns são mais libertos e outros menos, porque os que estão situados nas Capitanias de senhorios lhes pagam pensão das águas a três e a quatro por cento de todo o açúcar que fazem, que vem a importar muito; e os que estão situados nas Capitanias realengas, de Sua Majestade, são livres de pagarem a tal pensão, que não é pequeno privilégio.

ALVIANO

Contudo devem de ser diferente rendimento os engenhos situados em Potosí, que moem a terra de que se tira a prata, do que êstes, que tanto ides gabando, de fazer açúcares; ao menos eu antes o tomara para mim.

BRANDÔNIO

Enganai-vos nisto, porque eu já vi fazer essa computação por homens que sabiam bem de uma cousa e outra e acharam ser com muito excesso maior o rendimento dos engenhos de fazer açúcares. E é bastante prova desta verdade o vermos muitos senhores dêles riquíssimos e os que têm engenhos para a prata os mais dêles pobríssimos e endividados.

ALVIANO

Não deve de ser isso falta dos tais engenhos, senão o grande e excessivo gasto que êsses homens costumam de fazer com sua pessoa e casa, que me têm afirmado ser grandíssimo.

BRANDÔNIO

Não lhe ficam neste particular devendo nada os senhores de engenhos de fazer açúcares no Brasil, porque o gasto de muitos dêles é também grandíssimo, com os muitos cavalos ajaezados, libréS e vestidos custosíssimos que tiram de ordinário para si e seus filhos, porque a cada quatro dias se

fazem festas de touros, canas e argolinhas e outras semelhantes nesse Estado, nas quais gastam os que as fazem e nelas entram grande quantidade de dinheiro, além do serem muito liberais em dinheiro a particulares dádivas de muita importância. E eu vi já afirmar a homens muj experimentados na corte de Madri que se não traja melhor nela do que se trajam no Brasil os senhores de engenhos, suas mulheres e filhas, e outros homens afazendados, e mercadores. E para prova disto quero dar sòmente uma desse bastante, qual é que na Capitania de Pernambuco há uma Casa de Misericórdia, à qual faz de despesa em cada um ano, na obrigação dela, trêze e quatorze mil cruzados, pouco mais ou menos, e êstes são todos dados de esmolas nesse mesmo lugar da mesma Capitania, com não ter a Casa de renda, cousa que seja de consideração. E é tanto isto assim que os provedores que sucedem para serviço dela em cada um ano, gastam de sua bolsa mais de três mil cruzados, e as demais Capitanias tôdas têm Misericórdias, nas quais se gasta também muito dinheiro: mas nesta de Pernambuco se faz com mais excesso.

ALVIANO

Não é pequeno argumento êsse, para pôr êle se poder considerar a muita riqueza do Brasil. E pois tendes dito o que basta da primeira condição dela, que quisestes atribuir a tôda a provincia, passemos à segunda, que queráis que seja a mercancia.

BRANDÔNIO

Muitos homens têm adquirido grande quantidade de dinheiro amoedado e de fazenda no Brasil pela mercancia, posto que os que mais se avantajam nela são os mercadores que vêm do Reino para êsse efeito, os quais comerciam por dois modos, do que um dêles é que vêm de ida por vinda, e assim depois de venderem as suas mercadorias fazem o seu emprêgo em açúcares, algodões e ainda âmbar muito bom e pôr, e se tornam para o Reino nas mesmas naus em que vieram, ou noutras. O segundo modo de mercadores são os que estão assistentes na terra com loja aberta, carregada de mercadorias de muito preço, cujo são tôdo a sorte de lenzaria, sedas riquíssimas, panos finíssimos, brocados maravilhosos, que tudo se gasta em grande cópia na terra, com deixar grande proveito aos mercadores que os venderão.

ALVIANO

E êsses mercadores, que estão assistentes na terra com suas lôjas abertas, mandam por ventura vir essas fazendas do Reino, ou as compram a outras pessoas que de lá as trazem?

BRANDÔNIO

Muitos as mandam vir do Reino, mas a maior parte dêles as compram a outros que as trazem de lá, com lhes darem a quarenta e a cinqüenta por cento de avanço a respeito do preço por que as compraram, segundo a sorte e a qualidade das mercadorias, ou a falta ou abundância que há delas na terra: e ainda dêstes mercadores se formam outros de menos porte.

ALVIANO

E de que condição são êsses?

BRANDÔNIO

Há muitas pessoas que vivem sòmente, com se fazerem riquíssimas, com comprarem as tais fazendas aos mercadores assistentes nas vilas ou cidades, e se tornarem a levar a vender pelos engenhos e fazendas que estão dali distantes, com ganharem muitas vezes cêm reis a mais de cento por cento.

E eu vi na Capitania de Pernambuco a certo mercador fazer um negócio, pôsto que o modo dêle não aprovo, pelo ter por ilícito, o qual foi comprar para pagar de presente uma partida de peças de escravos de Guiné por quantidade de dinheiro, e logo, no mesmo instante, sem lhe entrarem os tais escravos em poder, os tornar a vender a um lavrador, fiados, por certo tempo, que não chegava a ano, com mais de 85 por cento de avanço.

ALVIANO

A isso chamam, onde eu nasci, em bom português, *ensera*. E contudo é cousa extranha o haver-se de ganhar tanto dinheiro na própria terra, de uma mão para a outra, sem intervir nenhum risco.

BRANDÔNIO

Pois assim passa. E é tanto isso assim, que dêste sorte de mercadores e dos que têm suas lojas abertas, há muitos que têm grossas fazendas de engenhos e lavoura na própria terra, e estão nela assistentes a alguns anos.

ALVIANO

Não têm pequena habilidade os que se sabem conservar dêsse modo na terra alheia.

BRANDÔNIO

Haveis de saber que o Brasil é praça do mundo, se não fazemos agravo a algum reino ou cidade em lhe darmos tal nome, e, juntamente, academia pública, onde se aprende com muita facilidade tôda a polícia, bom modo de falar, honrados têrmos de cortesia, saber bem negociar e outros atributos desta qualidade.

ALVIANO

Antes isso devia de ser pelo contrário, pois sabemos que o Brasil se povoou primeiramente por degredados e gente de mau viver, e, pelo conseguinte, pouco políticos; pois bastava carecerem de nobreza para lhes faltar a polícia.

BRANDÔNIO

Nisso não há dúvida. Mas deveis de saber que êsses povoadores, que primeiramente vieram a povoar o Brasil, a poucos lanços, pela largueza da terra, deram em ser ricos, e com a riqueza foram logo largando de si a ruim natureza, de que as necessidades e pobrezas que padeciam no Reino os faziam usar. E os filhos dos tais, já entronizados com a mesma riqueza e govêrno da terra, despiram a pele velha, como cobra, usando em tudo de honradíssimos têrmos, com se ajuntar a isto o haverem vindo depois a êste Estado muitos homens nobilíssimos e fidalgos, os quais casaram nele e se liaram em parentesco com os da terra, em forma que se há feito entre todos uma mistura de sangue assaz nobre. E então, como neste Brasil concorrem de tôdas as partes diversas condições de gente a comerciar, e êste comércio o tratam com os naturais da terra, que geralmente são dotados de muita habilidade, ou

por natureza do clima, ou do bom céu que gozam, tomam dos estrangeiros tudo o que acham bom, do que fazem cabedal [illegible] para a seu tempo usarem dêle.

ALVIANO

Saber imitar e furtar as habilidades àqueles que as têm boas, é tomar a clava das mãos a Hércules.

BRANDÔNIO

Assim o fazem os do Brasil, em tanto que os filhos de Lisboa e os das mais partes do Reino vêm a aprender a êle os bons têrmos, com os quais se fazem diferentes na polícia que dantes lhes faltava. Mas parece-me que havemos contado já muito e fora de nossa prática que era, de tratarmos do proveito que a mercancia dá neste Brasil aos que dela usam.

ALVIANO

Nem estamos longe em que nos digamos dela de desgraçar aos que a usarem, principalmente aos Brasileiros; mas, deixemo-la de parte, resta que me digais se no Brasil há mais comércio que para o Reino?

BRANDÔNIO

Sim, há; porque se faz muito grande para Angola e para o Rio da Prata. À Angola se mandam naus com muitas fazendas, que de lá tornam carregadas de escravos, por que se permutam, causando grande proveito aos que nisto negociam. E, ainda, as naus que para lá navegam em direitura do Reino, acostam na Capitania do Rio de Janeiro, aonde carregam de farinhas, mantimento da terra, por ali se achar mais barata, a qual levam a vender a Angola a troco de escravos e de marfim que de lá trazem em muita quantidade.

ALVIANO

Isso é quanto ao tocante a Angola. Mas para o Rio da Prata folgarei que me digais que modo de negócio se faz.

BRANDÔNIO

Do Rio da Prata costumam a navegar muitos peruleiros em caravelões e caravelas de pouco porte, onde trazem soma grande de patacas de quatro e de oito reales, e assim prata lavrada e por lavrar, em pinhas e em postas, ouro em pó e em grão, e outro lavrado em cadeias, os quais aportam com estas cousas no Rio de Janeiro, Bahia de Todos Santos e Pernambuco, e comutam as tais cousas por fazendas das sortes que lhes são necessárias, deixando tôda a prata e ouro que trouxeram na terra, donde tornam carregados das tais fazendas, a fazer outra vez viagem para o Rio da Prata.
E ainda os mercadores assistentes na terra se interessam também nesta navegação, com não pequena utilidade; e dos tais peruleiros se deixam também ficar alguns na terra, que dão o seu dinheiro por letra, ou compram açúcares, ou o levam consigo para Portugal.

ALVIANO

Não é mau o comércio de que se colhe por fruto ouro e prata. Mas tôda essa mercancia de que tendes tratado, de que se tira tanto proveito, parece que se vem a resumir em mão dos estrangeiros, e dos tais é o proveito, e não dos naturais da terra.

BRANDÔNIO

Assim passa pela maior parte, porque os naturais da terra se ocupam no granjeamento dos seus engenhos e no benefício de suas lavouras, sem quererem tratar de mercancias, pôsto que alguns o fazem, contentando-se sòmente de navegarem os seus açúcares para o Reino, e mandarem de lá vir o provimento que lhes é necessário para suas fazendas, deixando no demais a porta aberta aos mercadores, que exercitam o seu negócio com grande utilidade; em tanto que, por excelência contarei uma cousa, como testemunha de vista.
No ano de 93 veio um mercador de pouco porte com uma caravela a Pernambuco, em direitura do Algarve, carregada de alguns vinhos de Alvor, pouco azeite, quantidade de passas e figos, com mais outras cousas que de lá se costumam trazer, em que meteu de cabedal 750$000, por conta de carregação, que eu vi. Êste homem esteve seis meses na terra, nos quais vendeu sua fazenda a dinheiro de contado, e fez nela perto de sete mil cruzados, que empregou em açúcares bran-

cos excelentes, comprados a 650 réis a arrôba, nos quais açúcares, pela barateza por que os comprou, devia de dobrar outra vez o dinheiro no Reino.

ALVIANO

Terra donde tanto proveito tiram os que nela negociam, confesso que não pode deixar de ser muito rica.

BRANDÔNIO

Sabeis em quanto é rica, que com só uma cousa vos representarei sua riqueza, a qual é que há um homem nobre, particular, neste Brasil, morador na Capitania da Paraíba, o qual, com não possuir mais de um só engenho de fazer açúcares, ousou prometer a tôdas as pessoas que fizessem casas na cidade, que então de novo se fabricava, sendo de pedra e cal de sobrado a 20$ por cada morada de casas, e a 10$ se fôssem térreas. E assim o cumpriu por muito tempo, com se haverem alevantado muitas moradas, sem disso se lhe conseguir algum proveito mais do desejo que tinha de ver aumentar a cidade. E tratou mais (com sair com isso) de fazer a Casa da Santa Misericórdia da própria cidade, cousa de grandíssimo custo pela grandeza e nobreza do edifício do templo que tem já quase acabado. e assim, com êste exemplo, me quero passar a tratar da terceira cousa com que os moradores dêste Estado se fazem ricos, com tirarem dela muito proveito, que é o pau do Brasil.

ALVIANO

Assim vos peço que o façais.

BRANDÔNIO

O pau do Brasil, de que toma nome tôda esta província, como já disse, larga de si uma tinta vermelha, excelente para tingir panos de lã e seda, e se fazer dela outras pinturas e curiosidades; o qual, pôsto que se acha por todo êste Estado, o mais perfeito e de maior valia é o que se tira das Capitanias de Pernambuco, Tamaracá e Paraíba, porque sobrepuja com muito excesso de bondade ao mais pau desta qualidade, que se dá pelas mais partes. E assim, sòmente do que se tira das três Capitanias referidas se faz caso e se leva para o Rei-

rio, aonde se vende a quatro e às vêzes a cinco mil réis o quintal, segundo a falta ou abundância que há dêle.

ALVIANO

Pois dizei-me de que modo tiram os mercadores dêste Brasil proveito de semelhante pau e o quanto importa à fazenda de Sua Majestade.

BRANDÔNIO

O pau do Brasil é droga sua e, como tal, defeso, de modo que ninguém pode tratar nele senão o mesmo Rei ou os que tiverem licença sua por contrato. Antigamente era lícito negociarem todos nêle, com pagarem à fazenda de Sua Majestade um cruzado por quintal de saída; mas por se entender que se tinha mal desta ordem que estava dada, se revogou, para que corresse o negócio por contrato, como hoje em dia corre, e se paga de arrendamento por êle no Reino a fazenda de Sua Majestade quarenta mil cruzados, pouco mais ou menos, com declaração que os contratadores não poderão tirar em cada um ano dêste Estado, especialmente das três Capitanias que tenho apontado, mais de dez mil quintais de pau, e quanto um ano trassem menos, o poderão perfazer no outro.

ALVIANO

Não entendi que o pau do Brasil era cousa de tanto rendimento para a fazenda de Sua Majestade, sem na sustentação dêle gastar um só real, gastando muitos cruzados na índia por adquirir as demais drogas.

BRANDÔNIO

Todo o Brasil rende para a fazenda de Sua Majestade sem nenhuma despesa, que é o que mais se deve de estimar.

ALVIANO

E os moradores, que proveito tirara dêsse pau?

BRANDÔNIO

Muito grande, porque há muita gente que não vive de outra cousa mais que de o vem fazer às matas e o acarretarem com bois até o longo da água, aonde o vendem às pessoas que têm licença para o carregarem.

ALVIANO

Pois dizei-me de que modo se faz êsse pau.

BRANDÔNIO

O modo é êste: vão-no buscar doze, quinze e ainda vinte léguas distante da Capitania de Pernambuco, aonde há o maior concurso dêle, porque se não pode achar mais perto pela muita que é buscado, e até entre grandes matas o acham, o qual tem uma fôlha miúda e alguns espinhos pelo tronco, e êstes homens ocupados neste exercício levam consigo para o feitoria do pau muitos cestaços de Guiné e da terra, que, a golpes de machados, derribam a árvore, à qual, depois de estar no chão, lhe tiram todo o branco, porque no âmago dêle está o brasil; e por êste modo uma árvore de muita grossura vem a dar o pau que a não tem maior de uma perna, o qual, depois de limpo, se ajunta em rumos, donde o vão acarretando em carros por pousas, até o porem nos passos para que os batéis o possam vir a tomar.

ALVIANO

Não deve de dar pequeno trabalho o fazer-se êsse pau por êste modo; e se o proveito não é muito ficará sendo cara a mercancia.

BRANDÔNIO

Sim, dá grande proveito, porque há muitos homens destes que fazem brasil, que colhem em cada um ano a mil e a dois mil quintais dêle, que todos acarretam com seus bois; e depois de pôsto no passo o vendem por preço de sete e oito testões o quintal, e às vezes mais, no que vêm a grangear grande cópia de dinheiro, e por êste modo se têm feito muitos homens ricos.

ALVIANO

Se isso passa dessa maneira, poderemos dizer que dá Deus aos moradores do Brasil ouro e prata pelos campos, e que de cousa que êles não plantaram, nem granjearam, colhem fruto.

BRANDÔNIO

Sábeis quando é assim, que ainda vos poderei afirmar que se acham outras cousas de mais importância, sem lhes custar nenhum trabalho, nem indústria.

ALVIANO

E de que modo pode suceder isso?

BRANDÔNIO

Dêste: que muitos homens se fazem ricos neste Brasil com soma de âmbar que acham pelas praias, uns em muita e outros em menos quantidade; em tanto que houve certo morador que achou tanta cópia dêle, que a muita quantidade lhe fez duvidar o poder ser, o que tinha achado, âmbar, e o reputou por breu ou pez, e como tal se pôs a brear com êle uma barca que tinha posta em estaleiro para o efeito, e continuou com a obra até que alguns companheiros seus, que o viram ocupado nela, o desenganaram do êrro que fazia, e com ter já gastado grande quantidade de âmbar, ainda se ficou com muito.

ALVIANO

Isto parece dos contos da Trancoso, e, como tal, não me persuado a dar-lhe crédito.

BRANDÔNIO

Não é senão pura verdade, e passou da maneira que o tenho relatado. É porque não mendiguemos semelhantes acontecimentos por casas alheias, vos contarei um que me sucedeu, e, se duvidardes dêle, em tempo me acho de provar verificar minha verdade com testemunhas dignas de fé. E o caso é êste: estando eu no ano de 85 assistente na Capitania de Pernambuco, na Vila de Olinda, ao tempo de partir uma frota para o Reino, que me trazia assaz ocupado com o haver de escrever para lá, chegou um criado meu, a quem trazia ocupado no recebimento dos dízimos dos açúcares, que então estava a meu cargo, chamado por sobrenome o Cumilão, e em grande segrêdo, depois de nos metermos ambos em uma câmara, me disse que indo a buscar o dia antecedente um pouco de peixe a uma rêde que pescava no Rio do Extremo,

achara na praia grande quantidade de coisa, que logo me amostrou, com me meter na mão uma bola daquilo que dizia haver achado, a qual pesaria, segundo minha estimação, de seis para sete arráteis, e que de semelhante era tanta a quantidade que estava na praia, junto dêgua, que gastaram êle e dois negros que consigo levara, mais de três horas em o acarretarem em uma fôrma que fôra de açúcar e dois cabaços, até porem tudo debaixo da praia e caminho, entre alguns mangues, e que êle junto dizia ser arriscado muito.

Eu era então novo na terra, e não havia ainda visto nela nenhum âmbar, posto que em Portugal me passara pela mão alguns; mas como era âmbar gris que vem da Índia, dava maravilhoso cheiro, com ser branco; e, pelo contrário, aquilo que me o mancebo dizia haver achado era uma cousa negra, viscosa, que tinha o cheiro de azeite de peixe, e por êsse respeito côrcel tanto asco de o ter nas mãos, que lancei a bola pela janela fora, entre umas ramas cresciosas, ficando-me sòmente sentre os dedos um pequeno papel em que o apertara, cousa de três para quatro onças, as quais, acaso, por me despojar delas, lancei dentro na gaveta de um escritório que tinha aberto. E despedi o mancebo com lhe dizer que não dinha para que fazer caso daquilo que dizia haver achado, porque devia de ser alguma imundícia que atira à praia. Com isto se foi o pobre bem descurado do muito que se lhe ia de entre as mãos. Passaram-se três anos, dentro dos quais vélo a esta terra, do Reino, um parente meu de muita obrigação, o qual querendo fazer volta outra vez para lá, me foi necessário dar-lhe um papel de importância para que o levasse comigo, o qual não achava, e por êste respeito o busquei por tôdas as gavetas do escritório muito de espaço, e em uma delas fui dar com o papel envolto naquela cousa, que all tinha lançado. E como com o tempo tinha já gastado o ruim cheiro de azeite de peixe e cobrado outro muito bom, mostrou claramente ser âmbar; e de o achar all, estive confuso, por me não alembrar quando ou de que maneira o havia metido naquela gaveta, ou donde me viera. Todavia, examinando bem a memória, vim a cair no que havia prevalecido, com não pequeno pesar. E imaginando poder ainda dar remédio ao que já o não tinha, mandei logo chamar o desconhôlor, que então era assado, e dando-lhe conta do que passava, faltou pouco para se haver de enforcar; todavia nos pusemos ambos a cavalo, indo à parte onde êle achara o âmbar, com a qual êle já mal achava, e por fim não achamos cousa nenhuma, com cair na conta de que os caranguejos, aves e mais imundícias o deviam de ter comido.

ALVIANO

Todavia isso foi estranho caso, e bem digno de se sentir a perda de tão grande haver, que não creio haver passado desse modo, se me não afirmaras com tantas vezes. Mas isso âmbar como podia ser preto? Porque tenho para mim que todo o âmbar há de ser pardo.

BRANDÔNIO

Neste nosso Brasil há dos modos de âmbar um branco e gris, que se acha na costa de Jaguaribe, o qual por ser tal se vende a onça dele a 1$500 e às vezes por mais, o outro é negro, que se acha desde Pernambuco até a Bahia, pôsto que também sai do branco, mas o preto vale de três para quatro cruzados a onça.

ALVIANO

Tão sentido estou do que me contastes haver vos sucedido, que não quero ouvir falar mais em âmbar. E assim nos passemos a tratar da quarta condição da riqueza do Brasil, pela ordem que a levais enfiadas.

BRANDÔNIO

Todavia, antes de começar a tratar o que me perguntais, vos hei de contar uma graça ou história que sucedeu há poucos dias neste Estado, sôbre o achar do âmbar. Certo homem ia a pescar para a parte da Capitania do Rio Grande, em uma enseada que ali faz a costa, e querendo-se meter em uma jangada para o efeito, lhe faltava uma pedra de que poder fazer fateixa, e lançando os olhos pela praia viu uma, que, ao seu parecer, teve por acomodada para isso e, tomando-a, atou nela o cabo e se meteu na jangada para ir fazer sua pescaria: e estando já na parte que queria, porque o vento lhe fazia desgarrar a jangada do porto, lançou a sua fateixa ao mar, a qual, como se fora cortiça, andava sobre água, e vendo que lhe não aproveitava a diligência que tinha feito com aquela fateixa, pois nadava, tornou para terra, ao tempo que chegava à praia um seu amigo, também para haver de pescar com outra jangada, e dando-lhe conta de que lhe havia sucedido com aquela pedra que nadava, o outro, que devia ser mais tratego, lhe disse que não tomasse por isso pena, porquanto êle se achava indisposto e não de-

terminava de pescar, que ali tinha a sua fateixa de que se podia servir. Aceitou-lhe o outro o oferecimento e com ela se foi à sua pescaria, deixando a pedra machadora nas mãos de que mal cuidou chegara, que logo conheceu ser âmbar, e tornado ao costas se recolheu a fez invisível com ela, aproveitando-se de sua valia, porque pesava quase uma arrôba.

ALVIANO

Não foi mau lanço esse, e posto que a riqueza se estime pelos homens por venturas se é lícito poder se dizer assim para tôda esta sorte de haver, principalmente para o achar do âmbar, se reputa grandíssima. E porque ainda estou magoado do que me contastes, vos peço que tornes ao fio de vossa narração.

BRANDÔNIO

Parece-me que disse que o quarto modo que havia no Brasil para se haverem ricos seus moradores eram os algodões e madeiras, pela que tratarei primeiro dos algodões, que já foram tidos em mais reputação, e deram mais proveito aos que nele trabalham do que de presente dão.

ALVIANO

E qual é a causa disso?

BRANDÔNIO

Haver muito em Veneza e em outras partes, com que se abaste o que levam do Brasil, obstante que a terra é tão carôavel de o produzir que em qualquer parte se acha grande quantidade de algodões. Plantam-se de sementes, e em breve tempo leva fruto, o qual se colhe alguns de cada mudança e de vez, e tirado do cortiço donde se cria, o põem em rumas, e dêste modo se chama algodão sujo; o que se aparta de semente é o limpo.

E para se haver de apartar dela usam de uma invenção de dois eixos que andam à roda, e passado por êles o algodão larga por uma parte, que é a por onde as mete, a semente, e pela outra vai lançando por entre os eixos o algodão, que se costumava a vender na terra a dois mil réis a arrôba, com deixar muito proveito aos que o lavravam pelo pouco custo que na lavoura dêle faziam, e no Reino se vendia a quatro mil réis a arrôba, mas já agora, pelo respeito que disse, se

vende (tanto em uma parte como em outra) por muito menos preço.

ALVIANO

E de que modo se leva êsse algodão para o Reino?

BRANDÔNIO

Levam-no dentro em grandes sacas, que para êsse efeito fazem de angeo*, aonde se mete mui bem socado, de modo que a saca fica dura e têsa, e, como está apertado, não importa que o levem para o Reino sôbre a coberta dos navios, porque a chuva lhe não faz dano. E com isto me parece que tenho dito o que basta dos algodões, dos quais também neste Brasil se faz muito bom pano de serviço.

ALVIANO

Pois passemo-nos a tratar das madeiras, que deve de ser cousa de mais importância.

BRANDÔNIO

Certamente que estimara muito não me meter em semelhante trabalho, pelo muito que há que dizer acêrca desta matéria, porque por cada parte que volvo os olhos vejo frondosas árvores, entrebastecidas matas e intrincadas selvas, amenos campos, composto tudo de uma doce e suave primavera, porquanto em todo o decurso do ano gozam as árvores de uma fresca verdura e tão verdes se mostram no verão como em inverno, sem nunca se despirem de todo de suas fôlhas, como costumam de fazer na nossa Espanha; antes, tanto que lhe cai uma, lhe nasce imediatamente outra, campeando a vista com formosas paisagens, de modo que as alamedas de álamos e outras semelhantes plantas, que em Madri, Valladolid e em outras vilas e lugares de Castela se plantam e granjeiam com tanta indústria e curiosidade, para formosura e recreação dos povos, lhes ficam muito atrás e quase sem comparação uma cousa da outra. Porque aqui as matas e bosques são naturais e não industriosos, acompa-

* Apesar dos esforços de Leitão e ..., não consegui identificar o material referido.

nhados de tão crescidos arvoredos que além de suas copadas, frescas fôlhas defenderem aos raios do sol poder visitar o terreno de que gozam, não é bastante uma flecha despedida de um têso arco, por galhardo braço, a poder sobrepujar a sua alteza; e destas semelhantes plantas e árvores há tantas e diversas castas, que se embaraçam os olhos na contemplação delas, e sòmente se satisfazem com dar graças a Deus de as haver criado daquela sorte. Donde certamente cuido que se neste Brasil houvera bons herbolários, se poderiam fazer da qualidade e natureza das plantas e árvores muitos volumes de livros maiores que os de Dioscórides, porque possuem e encerram em si grandíssimas virtudes e excelências ocultas, e enterra-se o seu muito em algum pouco delas, de que nos aproveitamos.

ALVIANO

Por essa maneira temos no Brasil outros novos campos *de Tessália*, porque tendes encarecido os seus com tão eficazes palavras, representando neles tantas grandezas e excelências, que me vem desejo de me transformar em um agreste pastor, sòmente para poder gozar de tanta frescura.

BRANDÔNIO

Não vos fôra mal quando assim o fizésseis, porque em tudo quanto tenho dito fico curto a perder de vista para o muito que pudera dizer.

ALVIANO

Confesso que êsses campos terão essa amenidade que representais, mas nunca ouvi dizer que as plantas que por êles se produzem, gozem de tantas virtudes medicinais de que as fazeis abundantes.

BRANDÔNIO

Não me quero distrair em mostrar a verdade do que digo, em contrário dessa vossa opinião, porque seria meter-me em matéria de que a saída fôra dificultosa. Só vos direi dois exemplos que experimentei e vi por próprios olhos, pelos quais ficareis entendendo o mais que pudera relatar; dos quais o primeiro é que tendo eu em minha casa uma mulatinha de pouca idade que nela me nasceu, a quem queria mui-

to pela haver criado, um escravo meu, com ânimo diabólico, estimulado de a menina me descobrir um furto que êle havia feito, lhe deu peçonha, de tal sorte que em muito breve espaço inchou tôda, com uma côr denegrida e, com apressado resfôlego, escumava pela bôca, os dentes cerrados e os olhos em alvo, mostrando nisso e noutras cousas todos os sinais de morte. Vendo eu a menina em tal estado, além de ficar pesaroso em extremo, imaginei, com firme pressuposto, ser o acidente causado de peçonha, e que o autor de lha dar devia ser o próprio escravo que lha havia dado, porque tinha entre os mais nome de feiticeiro e herbolário. Pelo que fiz lançar mão dêle, afirmando-lhe que não teria mais vida que enquanto a menina gozasse dela, porque sabia de certo haver-lhe êle dado peçonha, com lhe dizer mais, e ainda mostrar que o queria fazer, que o havia de passar por entre os eixos do engenho; portanto, que procurasse com brevidade dar remédio ao mal que tinha feito. Pôde tanto o temor destas ameaças com êle, que se obrigou a curar a enfêrma, à condição que lhe havia de dar licença para poder ir ao mato buscar algumas ervas para o efeito. Consenti no que me pedia, mas com o mandar aljavado com outro escravo ladino dos da terra, a quem encomendei em segrêdo que notasse bem a erva que colhia, para depois a ficar conhecendo; mas o outro foi tão matreiro que, por se guardar disso, colheu muitas e diversas ervas, entre as quais ia a de que tinha necessidade, em forma que o outro aljavado que com êle ia, não pôde atinar que erva era a de que se havia de aproveitar. Tornaram ambos aonde eu os esperava, e o herbolário trazia já a erva desfeita entre as mãos e mastigada com os dentes, e em chegando não fêz mais do que ir-se à atossicada * e lançar-lhe o sumo dela por dentro da bôca, que lhe abriu com uma colher, e juntamente pelos ouvidos e narizes, fazendo mais esfregação com ela nos pulsos e juntas do corpo — oh cousa maravilhosa! — que no instante abriu a menina os olhos e bôca e após isso, purgando grandemente por baixo e por riba, se lhe começou a desinchar o corpo e dentro de um dia estêve sã como dantes; e eu estranhamente magoado de não poder conhecer a erva, porque nunca pude acabar com o escravo, nem por ameaças, nem por dádivas que lhe prometi, que ma amostrasse; sòmente em um pequeno bagaço dela que lhe tomei dentre as mãos, enxerguei que era uma erva cabeluda.

* "Atossicada", [illegible], intoxicada, envenenada.

ALVIANO

Houvera-o eu de obrigar com tormentos, porque antídoto tão preservativo e de tanta virtude era bem que fôra conhecido do mundo.

BRANDÔNIO

Nada bastou com o escravo. O outro exemplo é que a um escravo dos de Angola, de pouca importância, vi tomar com as mãos cobras peçonhentíssimas, e ajuntá-las consigo, as quais, pôsto que o mordiam por muitas partes, lhe não faziam as tais mordeduras dano; sendo assim que, em outras pessoas, as de semelhantes cobras matavam em 24 horas. Deu-me maravilha o sucesso, e imaginei que devia de ser aquilo obra de palavras ou fôrça de encantamento; mas todavia me desenganei que nem uma cousa nem outra era, porque granjeando eu a vontade do negro com dádivas, me veio a amostrar umas raízes e outra erva, dizendo-me que tôda pessoa que trouxesse untadas as juntas do sumo daquela raiz, depois de bem mastigada na bôca, podia com muita seguridade tomar nas mãos quantas cobras quisesse, sem temor de que a sua mordedura lhe fizesse dano, por muito peçonhenta que a cobra fôsse. E assim o experimentei e fiz experimentar, e se experimenta ainda até o dia de hoje entre os meus escravos. A erva que mais me deu era para se haver de curar com ela aos que fôssem mordidos de qualquer cobra, sem o preservativo que tenho dito, porque untado e bem esfregado com ela e com o seu sumo o lugar da mordedura, com outras diligências que o escravo fazia de esfregações, sarava, como saravam infinidades de homens mordidos de semelhantes bichos peçonhentíssimos, com tanta facilidade como se fôram mordidos de uma abelha. E porque êste negro é morto, alguns escravos meus usam da mesma erva com grande utilidade.

ALVIANO

Pois haveis-me de fazer mercê de mandar a êsses vossos escravos que me dêem uma pequena dessa raiz e erva que as quero trazer sempre comigo, para o que suceder. Mas folgarei de saber se a virtude de raiz e erva se estende a mais que a ser antídoto contra a peçonha da cobra.

BRANDONIO

Não o tenho ainda experimentado por negligencia minha; mas, assim como há neste Brasil semelhantes preservativos contra a peçonha, também há muitas árvores e plantas que a dão finissima, de que os negros da Guiné se aproveitam, com mataremos de ordinário muitos dos seus semelhantes com ela.

ALVIANO

E quem mostrou a estes escravos o segredo desta peçonha?

BRANDONIO

Da sua terra vieram mestres dela, e nesta fazem muito mal aos moradores com lhes matarem seus escravos.

Mas parece-me que nos iriamos desviando de nossa prática, que ora havemos de tratar de modo que os habitantes deste Brasil se fazem ricos pela madeira, o que sucede com lavrarem e serrarem muita, assim para se fazerem caixões, em que encaixam os açúcares, como muitos e varias chapréis que se levam para o Reino, e outras excelentes madeiras para casas e outras primas de carpintéria, boticas, leitos e outras semelhantes.

ALVIANO

E os próprios moradores são porventura os que lavram e serram essas madeiras?

BRANDONIO

Não, porque a gente do Brasil é mais afidalgada do que imaginais: antes a fazem serrar por seus escravos, e há homem que faz serrar em cada um ano mil e dois mil caixões de açúcar, que vendem aos senhores de engenho, lavradores e mercadores a 450 e a 500 réis cada um, segundo a falta ou abundância que há dêles. E nisto se vê a grande quantidade de madeiras que há neste Estado, que com haver tanto tempo que é povoado, fazendo-se todos os anos nele tão grande número de taboado para caixões, não cessam as matas de serem madeiras para outros muitos, e nunca faltarão nelas.

ALVIANO

E de que pau se lavram essas madeiras para caixões?

BRANDONIO

Os caixões se fazem de pau mole, como são mungubas, burarcunas, visgueiro, pau-de-spanha, camagaris e um pau que chamam de alho, e outro branco; e dos tais há diversas castas, porque para caixões se busca sempre madeira mole, por ser mais fácil de serrar.

ALVIANO

E para chapréis que dizeis se levam para o Reino, madeiras para casa e outras obras, de que sortes delas usam?

BRANDONIO

De muitas e excelentes, as melhores que há no mundo. E há tanta quantidade das tais que não haverá homem que as possa conhecer, nem saber-lhes o nome para as haver de nomear; de vinte partes a uma, cinco que o tal fosse carpinteiro, cujo ofício não seja outro que certá-las nas matas.

ALVIANO

Todavia folgarei que me digais da qualidade de algumas.

BRANDONIO

Por vos fazer a vontade me esforçarei a dizer algo das poucas a que sei o nome. E assim digo que as madeiras de que tenho notícia e me alembra a qualidade delas, são estas: *acabentiba*, que é um pau amarelo, que lança de si a mesma tinta, muito *fijo*; *jacaúba vermelho*, de formosa côr; *piquiá*, muito rijo e de côr amarela; outro pau, que chamam *amarelo*, excelente para taboado; *jatahi*, de côr dourada; *maçaranduba* e *cabaraúba*, ambos de côr roxa, maravilhosos para obra prima, principalmente para cadeiras; *secaruçá*, tão estimado em nossa Espanha para leitos e outras obras; *condurú*, pau de grande fortaleza, do qual se fazem bons chapréis; *sapupira*, de que se faz também o mesmo, e muitos carros, e também liamas para navios; *camaçarim* apropria-

do para taboado; outro pau chamado *arco*, porque se fazem dêle de muita fortaleza e rijidão; *sabocai* também muito estimado para eixos de engenhos e esteanas; *canafístula*, de côr parda; *camará*, rigidíssimo, e por êsse respeito assaz estimado; *pau-ferro*, que lhe deram êste nome por ser igual a êle na fortaleza; outro pau chamado *sasso*, tão estimado e conhecido por tôda a parte; *inhaqui*, assaz proveitoso; *angelim*, de que se faz tanto cabedal nas Índias Orientais, e o incorrupto *cedro*, louvado na Escritura; e assim *buraquiroca*, louro, dos quais se aproveitam para armações de casas; *burarem*, do que se faz taboado para navios, quase incorruto; *copaíba*, de uma côr pisia excelente; *arendeúba*, de uma gaiarda côr vermelha; e assim *guanandim*, que se produzem por alagadiços e mangues, que se não dão senão pelo salgado; outro pau chamado *guirá*, que corta pelo ferro por ser mais duro que êle, cujo branco de fora pode suprir a falta de marfim em qualquer obra, e o âmago de dentro demonstra as águas e côres de um jaspe muito formoso; e da mesma maneira é outro pau que vem de Jaguaribe. Êstes poucos me ocorreram à memória entre os muitos de que pudera fazer menção, os quais são todos das Capitanias da parte do norte do Cabo de Santo Agostinho, porque das do sul tenho pouca notícia, por não haver andado por aquelas partes.

ALVIANO

Os dias passados vi nas mãos de um homem cristão um pau da grossura de uma macilha, que lhe servia de bordão; e parecendo-me que era grande e, como tal, devia de ser pesado para o efeito, o tomei e achei tão leve, que quase o não sentia nas mãos, porque o era mais do que pudera ser uma meada de estopa.

BRANDÔNIO

Esse pau ou, para melhor dizer, cana, se forma de um junco grosso chamado *tabua*, do qual se fazem esteiras, e quando é muito velho dá semelhante cana. Também há outro pau que chamam de *jangada*, porque se fazem as tais dêle para andarem pelo mar, o qual é também levíssimo e por êsse respeito fazem dêle os paus dos andores em que andam as mulheres, da maneira que adiante direi.

ALVIANO

Não sei eu em que parte do mundo se poderão achar tantas e tão boas madeiras, como são as que tendes referido; e maravilho-me como Sua Majestade se não aproveita delas para fábrica de naus e galeões, os quais pudera mandar lavrar a estas partes.

BRANDÔNIO

Estando eu no Reino, no ano de 607, se quis informar de mim o Conde Meirinho-mor, Veador da fazenda de Sua Majestade, de duas cousas: a uma se poderia mandar lavrar navios neste Estado, e a outra se haveria comodidade nêle para se fazerem piques, porque dizia êle lhe custava trabalho mandá-los vir de fora do Reino; ao que lhe respondi que não havia modo como se pudessem alevantar neste Estado embarcações de importância, porquanto as madeiras estavam já mui desviadas, pelos engenhos haverem consumido as de perto, e que assim custaria muita despesa o acarretá-las à borda dágua. Demais, que seria dificultoso poder-se ter os oficiais necessários para a obra, obrigados a ela, porque, pôsto que os mandassem do Reino assoldados, logo se haviam de ausentar pela terra, de modo que não poderiam ser achados. Mas já hoje estou de diferente opinião, porque com a nova povoação do Maranhão e Pará, que é o Rio das Amazonas, poderá Sua Majestade mandar fabricar naquelas partes muitas embarcações, onde se acham grande quantidade de madeiras à borda dágua, das quais se podem aproveitar a pouco custo. E os oficiais que para o efeito mandar do Reino, não se poderão ausentar, por não haver ainda em aquelas partes, fazendas nem povoações pela terra a dentro, por onde se possam espalhar.

ALVIANO

Não é mau aviso êsse, para Sua Majestade lançar mão dêle, porque creio que logo o deve de mandar pôr em execução. E dos piques, que respondestes a êsse ministro?

BRANDÔNIO

Disse-lhe que se podiam fazer muitos e mui bons de um pau que havia na terra chamado *pau d'hástea*, pelos fazer bons; e ainda, para que experimentasse a verdade do que lhe

dizia, me obrigou a ir-me mais-me desta terra, para onde então estava de caminho, alguns anjos levados, o que rompi na forma que lho prometera, tanto que a ela cheguei, sem ter mais sôbre a matéria respeita.

ALVIANO

Estou maravilhado de vos ouvir nomear tanta diversidade de madeiras, que, pelos nomes diferentes que lhes dais entendo que devem de ser tôdas de diferentes feições e quasidades.

BRANDÔNIO

Sim, são, em tanto que se parecem raramente, nem na folha, nem no tronco, uma árvore com a outra. E não quero deixar em silêncio duas coisas que vi de muita consideração, ambas na Capitania da Paraíba, das quais uma delas foi um pau de parreira de muita grossura, que estava ôco por dentro, mas, inchado, não seco, porque tinha a sua rama verde e perfeita, e por dentro desde pau nesma outro de mangue, de grossura de sete palmos por roda, o qual penetrava, com o seu tronco direito metido pelo outro, por dentro de sua concavidade, até rematar com a rama, que era assaz grande, pelo mais alto, juntamente com a da outra árvore, porque nascia tão baralhada, que demonstrava ser tôda uma. E sòmente no miúdo das folhas se conhecia a diferença. Assim que as duas árvores se formavam de duas raízes e de dois troncos diferentes, estando uma dentro na outra.

E a outra é haver visto na Serra da Copaoba uma árvore de altura grandeza, cavalgada sôbre um alto penedo, que estava alevantado da terra mais de 12 palmos, e as raízes da árvore, por cada parte e outra, a vinham buscar donde tomavam o mantimento para o seu tronco e rama, sem poder acabar de entender o modo como semelhante planta podia nascer sôbre aquele penedo cavalgada, sem ter por meio terra em que se sustentasse.

ALVIANO

Tendes-me contado tantas maravilhas, que não tenho essa por estranha, pôsto que é o assaz. Mas, pois haveis falado em mangues, dizei-me se é verdade que têm as raízes de cima para baixo, porque sou tão descuidado que ainda não dei para isso.

BRANDÔNIO

Os mangues nascem no salgado, entre rios que estão sujeitos aos fluxos e refluxos da maré, e os mais dêles sôbre vasa, dos quais há duas castas, um vermelho e outro branco. O vermelho é mais rijo e dá-se melhor na vasa; o outro branco é pau mole e nasce um pouco mais desviado do salgado e em terra mais firme, e todos botam as raízes de cima para baixo, mas em mais quantidade o vermelho. E com isto pusabamos por hoje, termo a nossa prática, porque vos confesso de mim que já não estou para mais.

ALVIANO

Nunca sairá do que louvardes gôsto, mas a condição que nos tendes mos obrigou a ajuntar amanhã nesta parte, às horas costumadas, para prosseguirmos avante com o que nos resta por dizer.

DIÁLOGO QUARTO

mantimentos, tintas, hortaliças, frutas, leis, legumes.

ALVIANO

Ontem vos cuidei esperando tôda a tarde dêste mesmo jôgo, e por faltardes dêle me tornei a recolher mais cedo do que imaginava.

BRANDÔNIO

Certa ocasião foi causa de não poder cumprir com o que vos tinha prometido; mas, se se vai dizer a verdade, quis fazer-me ainda para poder dar melhor saldo sôbre o que hoje havemos de tratar, porque a matéria é tão fecunda que requer muito estudo para se prosseguir, que do seu processo se deduzirão mais ao vivo as riquezas e grandezas do Brasil, supondo que as mais das coisas de que pretendo tratar são das Capitanias da parte do norte, porque dos do sul vai pouco, por respeito de como já disse outra vez não haver andado por aquelas partes. Mas das que tenho entre mãos para haver de tratar, há tanto que dizer, que não sei por onde começe.

ALVIANO

Dizei tudo a valto, como melhor puderdes, em forma que deis cumprimento ao que pretendeis, que é mostrar claramente as riquezas dêste Estado.

BRANDÔNIO

Sem grandes coloquios as pudera eu mostrar numa só coisa, a qual é — e não o tenhais por graça, que me esforçarei a provar — que se as três Capitanias, que são a de Pernambuco, a de Tamaracá e Paraíba, quando foram tôdas de

um senhor livre e isento na jurisdição e vassalagem, que lhe haviam de render em cada um ano, mais de um conto de ouro.

ALVIANO

Todo o Reino de Portugal estou em dizer que não rende tanto a Sua Majestade; e vós quereis pôr em prática que essas três Capitanias hajam de render tantos cruzados!

BRANDÔNIO

Não são isto quimeras, nem fantásticos fingimentos, antes verdades que logo vos determino de mostrar a certeza delas, como já tenho mostrado outras semelhantes. E assim me torno a reformar que se as três Capitanias forem de senhor livre, que há de colhêr delas de rendimento em cada um ano, o que tenho dito, porque já vos mostrei por conta, de como importavam os açúcares que se navegavam sòmente destas três Capitanias para o Reino, para a fazenda de Sua Majestade, nos direitos que pagam às alfândegas, mais de trezentos mil cruzados, e tantos havia de colhêr o senhor livre, dos mesmos direitos por saída, quando deixasse navegar os tais açúcares cada um para a parte donde os quisesse levar; sessenta e tantos mil cruzados que importa mais o dízimo delas; dez ou doze mil das pensões que se pagam aos senhorios e capitães e se haviam de pagar a êle, pois o fica sendo; e outrossim quarenta mil cruzados que importa o rendimento do pau brasil, e da mesma maneira o que haviam de pagar de direitos por entrada, à razão de 20 por cento, as fazendas e mercadorias que viessem e se navegassem de tôdas as partes para as ditas três Capitanias, que, conforme a minha estimação, deviam de importar ao redor de cento e cinqüenta mil cruzados. E tudo isto é cousa que está já sabida, no que não pode haver dúvida; e o que ainda se não sabe nem experimentou, de que pode colhêr também muito rendimento, é a saber: pimenta da Índia, que pode fazer plantar e colhêr pelo modo que tenho dito, e outra diversidade de castas que há dela, excelentes e assaz estimadas dos estrangeiros; quantidade grande de malagueta, a qual se dá e colhe pelos matos silvestres, sem benefício nenhum, em abundância; gengibre, que pode mandar cultivar por a terra ser muito capaz de o dar, o qual, navegado para Frandes e outras terras de estrangeiros, deixará muito proveito; infinidade de anil que pode mandar lavrar, porque a erva de

que se faz (a qual na Índia e Índias se planta e granjeia com cuidado e diligência) aqui nasce pelos campos em tanta quantidade, sem nenhum benefício, que se pode lavrar dela grande soma de semelhante droga. Por maneira que tôdas estas cousas postas em uso, e juntas com as que já estão postas, devem de dar de rendimento ao tal senhor, quando o fôsse no modo que tenho dito, muito mais do milhão de ouro de que vos maravilhais.

ALVIANO

Não duvido que, quando essas cousas viessem a lume, poderia suceder dêsse modo; mas, enquanto não estão em uso, não temos para que fazer caso delas, e assim vos peço que nos passemos à nossa prática, de que cuido que a de presente deve de ser de como se fazem os moradores dêste Estado ricos pela lavoura.

BRANDÔNIO

Assim o farei, pôsto que tinha para dar resposta mui concludente a essa vossa dúvida. E vindo ao que nos importa, para havermos de levar enfiado o que temos para dizer acêrca da lavoura, convém que comecemos primeiramente pelos mantimentos.

ALVIANO

Assim me parece ser razão que o façais, porque dêles tem princípio todo o modo de lavoura e por êles se exercita com tanto cuidado e diligência.

BRANDÔNIO

Os mantimentos de que se sustentam os moradores do Brasil, brancos, índios e escravos de Guiné, são diversos, uns sumamente bons e outros não tanto, dos quais os principais e melhores são três, e dêstes ocupa o primeiro lugar a mandioca, que é a raiz de um pau, que se planta de estaca, o qual, em tempo de um ano, está em perfeição de se poder comer; e por êste mantimento se fazer de raiz de pau, lhe chamam em Portugal farinha de pau.

ALVIANO

Assim é, e quando querem vituperar o Brasil, a principal cousa que lhe opõem de mau é dizerem que nêle se come farinha de pau.

BRANDÔNIO

Pois essa farinha é um excelente mantimento, e tal que se lhe pode atribuir meritamente o segundo lugar depois do trigo, com exceder a todos os demais mantimentos de que se aproveita o mundo.

ALVIANO

Pois dizei-me o modo que se guarda para se haver de pôr êsse mantimento em perfeição de se poder usar dêle.

BRANDÔNIO

Faz-se desta maneira: depois de estar assazonada, se tira aquela raiz de debaixo da terra, que é da grossura de um braço, e às vezes mais comprida, a qual, depois de limpa da casca de fora, a ralam em uma roda que para isso têm feita, forrada os seus extremos de cobre, a modo de ralo, e depois lhe espremem todo o sumo muito bem em uma prensa, que para o efeito se faz; e assim como tiram a mandioca da prensa, a vão pondo de parte, feita em uma bolas, das quais a desfazem para a cozerem em uns fornos, que para isso se lavram de barro, a modo de tachos, com fogo brando, e dêste modo fica feita a farinha. Mas para ser boa lhe hão de lançar tapioca, e quanto mais lhe lançam, tanto melhor é a farinha, das quais a feita por êste modo se chama *farinha de guerra*, que dura grande espaço de tempo sem corrução e a levam para comer no mar.

ALVIANO

E que cousa é essa tapioca, que dizeis se lança nela?

BRANDÔNIO

Compõe-se da água ou sumo que se espremeu da mesma mandioca; porque, depois de junta em um vaso, cria pó por baixo, a modo de farinha de Alentejo, muito alva, o

lançada a água que está por cima, fora dela, fica a que se chama *tapioca*, que é o que disse que se misturava com a farinha. E para mantéus engomados e outras cousas semelhantes é muito melhor que a goma que se faz em Portugal.

Mas há nisto uma cousa notável, que aquela água ou sumo, que se lança do vaso, depois de se tirar a tapioca, é peçonha fortíssima, a qual tôda a pessoa ou alimária que a come ou bebe, morre sem remédio, e ainda depois de lançada na terra se forma daquela umidade uns bichos que, se os tomarem e secos os fizerem em pó, fica sendo o mais fino e apurado veneno de todos quanto se pode imaginar.

ALVIANO

Não tenho eu por muito sadio o mantimento, donde tão grande veneno se forma.

BRANDÔNIO

Pois também vos direi mais, que também a raiz, antes de se lhe fazer o benefício que tenho dito, é veneno, e mata a quem a come, exceto uma sorte de semelhante raiz a que chamam *macaxeira*, porque esta tal se come assada e cozida, com ter o sabor das castanhas da nossa terra. E contudo a de outra sorte, pôsto que é tão peçonhenta, preparada como tenho dito, fica sendo mantimento assaz sadio e muito acomodado para a natureza humana, e não se sabe haver nunca feito mal a ninguém por nenhuma via.

ALVIANO

Pois se a sorte dessa mandioca é peçonhenta como tendes dito, e a outra não, porque se não usa antes da que o não é?

BRANDÔNIO

Não o fazem porque, como a que não faz dano se pode comer sem benefício, furtam muito dela, por ser mantimento que sempre está no campo, e o vão tirar dêle quando o querem comer, e assim fica sujeita aos ladrões, os quais se inclinam a furtarem daquela de que se aproveitam logo sem benefício. E ainda, além do modo que tenho dito, há outro com o qual se faz esta farinha mais regalada, de que usa a gente nobre e mimosa, por ser de muito bom gôsto.

ALVIANO

Pois dizei-me o rendo como isso se faz.

BRANDONIO

Tomam a mandioca depois de colhida e lançam-na de molho em água corrente, porque é melhor, até apodrecer, e pódre a despem da casca, e a fodiasem entre as mãos e, desfeita, a põem a cozer no forno que já disse, e como está cozida e comem assim fresca; e quanto mais quente melhor, com ficar de tanto gôsto que muitas pessoas rejeitam pão alvo muito bom por ela.

Também se faz da mandioca, depois de ralada em fresco, umas como obreias a que chamam *beijus*, e por outro nome *tapioca*, das quais se servem na mesa em lugar de pão e duram muito dias.

ALVIANO

Ides transformando essa mandioca em tantos modos, que ficará tendo mais côres que um sardão.

BRANDÔNIO

Pois ainda se fazem mais transformações dela, a qual é que, depois da mandioca estar podre na água, pelo modo que tenho mostrado, porque a que está desta maneira se chama *mandioca puba*, lhe tiram a casca e a põem no fumeiro, donde, depois de estar curada e sêca, se chama *carimã* e se faz dela uma excelente farinha, de que se fazem umas papas em caldo de galinha e de peixe, e também com açúcar, as quais são de maravilhoso gôsto e de muito nutrimento, e também se aplicam para mantimento de enfermos, coq muita utilidade dos tais e a tais semelhante manjar dão por nome *mingau*.

ALVIANO

Pois dizei-me por que preço se vende um alqueire de farinha ordinária, e quanta quantidade dela é necessária para sustentação de um homem.

BRANDÔNIO

Os alqueires destas Capitanias são maiores que os do Reino duas vezes e meia, em forma que um alqueire dos de cá responde por dois e meio dos de Portugal; e um alqueire dos semelhantes é bastante para sustentar a um homem por espaço de um mês e vale a 250 reis e a 300, e às vezes é mais barata, segundo a fal'a ou abundância que há dela.

ALVIANO

Já que tendes dado o primeiro lugar de bondade, entre os mantimentos do Brasil, à mandioca, dizei-me agora qual é o segundo de que seus moradores se aproveitam.

BRANDÔNIO

O mantimento que ocupa o segundo lugar (pôsto que em muitas partes do mundo se tem pelo primeiro) é o arroz, que nesta província se produz em muita abundância, à custa de pouco trabalho. Mas os seus moradores, por respeito da mandioca, de que já tenho tratado, plantam muito pouco, porque o reputam quase por fruta e não mantimento, por acharem a farinha de mais sustância.

ALVIANO

Pois não devera de ser assim, que o arroz é excelente mantimento, e por ser tal se sustenta dêle a maior parte da Ásia.

BRANDÔNIO

Assim passa, mas os moradores desta terra aproveitam mais da mandioca, com lhes custar mais trabalho o uso dela, porque o arroz se produz com facilidade por qualquer parte, e nas terras alagadas, que não servem para outra coisa, aí dá melhor. Verdade é que, por se não transpor, como se faz na India, não amadurece todo junto, e por êste respeito dá trabalho a sua colheita; mas por outra parte a facilita, com se deixar colher dous e três anos, e dar outras tantas novidades, porque a rastrolho que fica, quando não é furtado e destruído das alimárias, na entrada do mais próximo inverno torna outra vez a reverdecer de novo, com levar fruto perfeito.

ALVIANO

Passemo-nos agora a tratar do terceiro modo de mantimento, de que haveis dito se fazia assi por ser bom.

BRANDÔNIO

Êste terceiro é o trilho de mangerona, que em nosso Portugal chamam *saborro* e nas Índias Ocidentais *maís*, e entre os índios naturais da terra *aoatí*; é mantimento mui provenoso para sustentação dos escravos de Guiné e índios, porque se come mandado e cozido também em bolos, os quais são muito gostosos, enquanto estão quentes, que se lhes dá-lhe, depois de feito em farinha, e para sustentação de cavalos é mantimento de grande importância, e para criação de aves.

ALVIANO

Pão menos nas Índias se tem por tal, e se usa geralmente dêle.

BRANDÔNIO

Pois nesta terra se dá a custo de pouco trabalho, antes com muita fruslidade, em tanto que em cada um ano se colhem duas novidades dêle.

ALVIANO

Não sei como possa ser, se não quereis atribuir a esta proviudia dois invernos.

BRANDÔNIO

Não há senão somente um, como já tenho dito, mas as duas novidades se colhem dêste modo: com as primeiras águas, que chovem na entrada do derradeiro mês mais ou menos, que é o princípio do inverno, se planta, e quando vem no mês de maio se colhe, porque já então está perfeito, e logo o tornam a semear na própria terra e segunda vez leva fruto, que se colhe por agôsto.

ALVIANO

Fertilíssima deve de ser a terra que dá duas novidades no ano.

BRANDÔNIO

Êste lanço que sinda de alguns frutos dá três, como adiante direi. E destes são as três sortes de mantimentos principais de que se usa no Brasil.

ALVIANO

Não vos vejo fazer menção de trigo, centeio e cevada, nem milho, mantimentos tão estimados na nossa Espanha e por tôda a Europa, e assim em geral na mor parte do mundo, pelo que me parece que aí não deve de produzir a terra.

BRANDÔNIO

Por me não envergonhar e mais o nos mais moradores dêste Estado, desviava-me de mover prática sôbre êsses mantimentos, os quais não produz a terra, não por culpa sua, senão pela pouca curiosidade e menos indústria dos que a habitam; porque eu semeei já, por duas ou três vezes, na Capitania de Pernambuco, trigo, do qual a verdadeira sementeira deve de ser por dião Pedro, fim de junho, pouco mais ou menos, porque o tal tempo corresponde na qualidade, com o da semeadura de Portugal; do qual trigo deixei crescer uma parte dêle na forma que fôra semeado, e a segunda parte lhe tirei a foice para que tornasse atrás, e a terceira segui da mesma maneira duas vezes. Todo êste trigo veio à perfeição, posto que o que foi segado deu melhores espigas, do qual colhi perto de um alqueire dêle, por a semente não ser para mais, e cada um grão filhava de maneira que correspondia com cinco e seis espigas. Verdade seja que algumas destas eram fanfarrinhas, mas o trabalho desta sementeira está em que o trigo não amadurece tudo junto, antes quando umas espigas estão de todo perfeitas, outras estão em leite e algumas começam de bolar-rendão, pelo que foi necessário segarem-se as espigas grandes e maduras, com deixar ficar as outras, o que dá muito trabalho.

ALVIANO

E para se haver de emendar essa falta, não se usaria de alguma indústria?

BRANDÔNIO

Entendo que sim, porque no ano de 99 em Portugal, tratando eu da matéria com um lidador velho, asturiano, me viu a dizer que na terra donde vinha estava uma grande de várzea, da qual muitos se aproveitavam por dar o trigo da mesma maneira, respeito de sua muita fertilidade; mas de poucos anos a esta parte usaram de um excelente remédio, com o qual dava já trigo perfeito, com gradar todo junto para se poder segar. O qual remédio era que, depois do trigo semeado e sair da terra quase um palmo, lhe tornavam a meter o arado de novo, para que se arrancasse e espedaçasse assim, ao a terra amolgando de sua dúria, e por esta maneira vinha a levar a novidade igualmente como os demais trigo. Pelo que, depois de eu tornar a esta terra, quis fazer experiência do que o asturiano me dissera, com transpor uma grão de trigo que semeei em terra fértil, o qual foi tamando o fruto todo por um, e da mesma maneira começava a gradar, mas não chegou à perfeição, porque um dia amaneceu todo comido dos pássaros.

ALVIANO

Pois, porque não tornastes a segundar com a experiência?

BRANDÔNIO

Porque se me comunica também o mal da negligência dos naturais da terra. Mas o que acêrca disto entendo é que se for plantado o trigo nas campinas, que é terra areisca, cará muito perfeito, sem mais outra diligência, pôsto que o não experimentei, porque as que fiz até agora lôbias foram em terras de várzea de massapês, fertilíssimas, aon de vicejava o trigo muito, o que não deve de haver nas campinas, por ser terra fraca.

ALVIANO

Em verdade que tenho paixão de ver a pouca curiosidade dos habitantes desta província, pois se lhes não acê-

ajustam os espíritos para fazerem experiência de coisa tão importante, é de que desta utilidade se seguirá a todos. Mas que me direis da centeio, centeio e milho?

BRANDÔNIO

Do centeio é cousa não tenho ainda feito experiência, mas do milho, sim, o qual se dá melhor e em mais quantidade do que se dá em Portugal: mas não se usa dêle, porque a gente da terra se contenta sòmente com aquilo que os passados deixaram em uso, sem quererem anadir outras novidades de novo, ainda que entendam claramente que se lhes há de conseguir do uso delas muita utilidade, de maneira que se vem a mostrar muito serem todos padrastos do Brasil, com lhes ser ele madre assaz benigna.

ALVIANO

Não sei que diga a tanto descuido e negligência, senão que são todos ingratos a Deus, em não se saberem aproveitar dos benefícios que lhes faz e promete neste Estado, pois que também creio fazer de vir ainda para o futuro quem lance mão dêles. Mas parece-me o que haveis dito que além dos três mantimentos, cuja qualidade e natureza tendes referido, haviam ainda outros.

BRANDÔNIO

Sim, há os quais aproveitam para o tempo da esterilidade, pôsto que faramos de sucede haverão nesta terra, os quais são êstes: o primeiro, a raiz da *aimamdi*, que se dá pelos campos sem nenhum benefício, da qual se faz farinha de boa substância, o segundo é as filhas de mandioca comidas, a que chamam *manipoba*, as quais são também excelentes para tempo de fome e ainda sem dela a usar muitas pessoas por mantimento; o terceiro é o fruto de uma árvore grande a que chamam *umeri*, o qual serve também de mantimento; o quarto, uns caranguejos que pelo norte da terra se chamam *aguás*. Estes tais se colhem dos pequenos coqueiros em que se dão em cachos, depois de maduros, e se esprem dêles uma substância doce e gostosa, que se lhes tira dentro a tacos, espremidos com as mãos dentro na água, e dê tudo feito, sendo cozido ao fogo, se formam umas papas que comem, e com êles juntamente os caquinhos, que estão dentro no caroço, depois de esbrugado e partido, e dêste man-

dimento se sustenta grande parte da gente da terra e dos negros de Guiné. O quinto é a raiz de cipó a que chamam *macuna*, a qual desfazem em farinha, que comem depois de cozida.

ALVIANO

Dizeis que êsses mantimentos, que tendes referido, ser bom para tempo de necessidade de fome, e eu não sei como isso possa ser, porque quando a esterilidade é geral, abrange a tôdas as sementeiras, frutos e plantas.

BRANDÔNIO

Verdade é que em Espanha sucede isso dessa maneira, mas aqui no Brasil não, porque tôdas estas coisas nascem pelos campos sem benefício nenhum, com serem agrestes, e sempre, de qualquer maneira que o tempo corra, se acham por elas em abundância.

ALVIANO

Por essa maneira não se deve de arrecear a fome neste Estado.

BRANDÔNIO

Quando a haja nunca perece por causa dela gente, porque usam de semelhantes remédios. E com isso passemos avante, ainda que vos confesso que se me representam ante os olhos tantas coisas sôbre que haver de tratar, que arreceio de me meter em tão grande labirinto; mas, já que tenho tomado à minha conta o haver de dizer das grandezas do Brasil, irei mostrando primeiramente a grande fertilidade de seus campos, e depois formarei uma mesa rica abundante de diversidade de coisas, e logo irei ordenando um pomar bastecido de diversas árvores, com excelentes pomos, e da mesma maneira um jardim provido de flôres e hortas sem conto. E então julgareis se se pode dar ao Brasil nome de rica terra, como de princípio lhe quisestes chamar.

ALVIANO

Já vejo que me enganava, e juro que de todo me acabo

de desenganar. vos peço que leveis essa ordem, porque me parece mui maravilhosa.

BRANDÔNIO

Quero dar o primeiro lugar aos legumes desta terra, às favas, porque são por extremo boas, e na grandeza e gôsto muito melhores que as de Portugal; mas a planta é diferente assim na fôlha, como no modo dela, porque a fôlha é trepa como hera, colhem-se verdes e secas, e de ambas as maneiras são excelentes.

ALVIANO

Não se devem de dar em terra as de Portugal, pois se não usa delas.

BRANDÔNIO

Sim, não, mas os moradores dêste Brasil querem-se aproveitar antes de outrotras, por serem naturais dêle e se granjearem com menos trabalho, com darem mais rendimento no fruto.

O outro legume, também muito bons, são feijões, como os nossos de Portugal, que se dão em grande quantidade, dos quais também usam em verde e cozidos de seco.

Também se colhem na terra muitas árvores, das quais se aproveitam do modo que o fazem em Portugal; e da mesma maneira há outros feijões de diferente feição, que se chamam *gandus*, os quais vieram aqui de Angola, e se dão em árvores não muito grandes, com serem de excelente gôsto e reputados por maravilhoso legume.

ALVIANO

Nunca ouvi que se desses feijões em árvores.

BRANDÔNIO

Pois êstes são de diferente casta, e por isso produzem nelas. E da mesma maneira se acham outros feijões que nascem em bainhas, chamados *xepotgia*. Também há um modo de milho, semelhante ao que chamam *maxemin* na Índia, antes entendo que é o próprio, o qual se chama de Angola, que os escravos chamam *massi*; *pergelim* se produz de

tão boa mente que de pequena sementeira dêle se apanha grande colheita. Outra sorte de legumes há a que chamam *amendoim*, que são de feição de bolotas, e dentro de cada ceculo tem dois pinhões maravilhosos na substância e gôsto, comem-se assados e cozidos e também crus, sem nenhum benefício. E outro chamado gassendo, a modo de favas, que se lem por legume. E da mesma maneira há uma raiz que se colhe debaixo da terra, chamada *tamoieruva*, assaz gostosa, e pelo conseguinte outra a que dão o nome de *turiobu*, e outra chamada *taiá*, que tôdas são raizes de muita substância.

ALVIANO

Ides formando tantos legumes, que já cuido que lhes ficam cá que se acham em Espanha inferiores.

BRANDONIO

Pois ainda tenho muito que dizer dêles, porque há umas como abóboras, a que no Reino chamam de *Guiné*, antes cuido serem as próprias, de duas sortes, das quais a uma se chama *ferimus* e a outra *ferimus parova*, que servem de mantimento, do qual se sustenta muita gente, por ser de grande substância, e se come assado e cozido, e quando se lhe ajunta azeite e vinagre, pode fazer *pastelota*[*] na mesa dos grandes, para os quais se compõem também em açúcar, pelo serem muito estimados, e conservam-se muitos dias sem apodrecerem.

ALVIANO

Também em Portugal se guarda essa abóbora, a que dais o nome de *ferimus*, muito tempo sem corrupção.

BRANDONIO

Pois aqui no Brasil se dão muito melhores. Também há muitas abóboras a que chamam *de cabaço*, de suma grandeza, e outras mais pequenas, que se comem. E das grandes ci

[*] O sentido da palavra "pastelote" perdeu-se e não o dicionário de Bluteau da língua portuguesa, limitando-se um a dizer que era um suplemento das refeições.

alguerras que levavam dentro em si dois alqueires e meio de farinha, que são cinco de Portugal.

ALVIANO

Onde há semelhantes cabaças podem se escusar sacas, porque alojam pouco mais dentro em si.

BRANDONIO

Pois assim passa. E se quiserdes vêlas vo-las amostrarei, por que vos não fique escrúpulo. Também se produzem na terra muitas excelentes *batatas*, muito melhores das que se levam a Portugal, de que se fazem bocados, doces maravilhosos e batatadas em panelas, como marmelada, e também se comem assadas e cozidas. Da mesma maneira se produzem muitos e bons inhames, e outra casta dêles chamados *cará*, que são da mesma espécie, mas muito maiores.

E todos êstes legumes, que é não na realidade da verdade, se guardam em casa, sòmente duram muitos dias livres de podridão; e sobretudo o mais excelente legume de todos, são umas castanhas que chamam de caju, muito gostosas no comer e de muito sustimento, que se conservam longo tempo, e se comem assadas. E da mesma maneira se servem dêles para tudo, em lugar de amêndoas.

ALVIANO

Tendes nomeados tantos e tão diversos modos de legumes, que é necessário uma cartilha para se poder estudar o nome dêles, mas folgara de saber porque se não aproveitam também de grãos, chicharos, lentilhas, tremoços de nosso Portugal, de que cuido deve de ser a causa não os produzir a terra.

BRANDONIO

Sim, produz, porque eu semeei semelhantes legumes, pôsto que em pequena quantidade e deram fruto. E de se não usar dêles não sei dar outra causa senão a geral enfermidade do Brasil, que já tenho apontado.

ALVIANO

Quanto mais me dizeis disso, tanto vou conhecendo da terra melhor opinião, e de seus moradores muito ma.

BRANDONIO

Disei quanto quiserdes sôbre esta matéria, porque tenho a culpa geral por tão grande, que cometeria êrro quem os quisesse defender.

Mas já que tinha tratando das frutas que os campos produzem, quero vos mostrar que são tais ástes brasilienses, que lhes ficam muito atrás os Hisins, tão celebrados dos poetas em seus fingimentos, e da mesma maneira o fabuloso paraíso do torpe Maramede, do qual põem a felicidade em que correm por êles rios de mel e de manteiga; porque ástes nossos campos, com serem naturais e não sonhados por se fabricarem na idéia, correspondem gozando daquelas causas que, com tanto estudo de fingimentos, se representaram. Porque nestes nossos campos achareis rios de mel excelentíssimo e de manteiga maravilhosa, de que se aproveitam seus moradores com pouco trabalho.

ALVIANO

Não sei como isso possa ser.

BRANDONIO

Pois creda-me que assim passa: porque pelas muitas árvores de que abundam os campos, nas tocas delas criam o seu favo de mel inumeráveis abelhas, e também na terra por buracos dela em tanta quantidade, que para se haver de colhêr não é necessário mais que um machado — com o qual a poucos golpes se fura a árvore — e um vaso para resolher o mel que de si tanta, que é em tanta quantidade que sòmente dêle, sem mais outro mantimento, se sustentam muitas gentes, como adiante, quando tratar dos costumes do gentio, direi. E além do mel que se colhe por esta via, se acha um fruto agreste chamado *pequi*, a modo de uma laranja, dentro do qual se tira mel maravilhoso, como claramente, que se come com colher. E ástes se podem chamar verdadeiros rios de mel e não os fabulosos imaginários.

Pois se os querêis buscar de manteiga, dar-vos-ei pelos campos quantidade grande dela no muito leite que por êles se colhe, de vacas, cabras e ovelhas, do qual se compõe maravilhosa manteiga, e da mesma maneira outra muita que se faz dos porcos, dos quais há quantidade grande neste Estado, assim domésticos, como agrestes.

ALVIANO

Não há quem possa ir contra isso, porque claramente vejo que assim passa o que temos escrito as ínfimas os verdadeiros campos Hisins fingidos dos poetas.

BRANDONIO

Não pára aqui, porque outras muitas coisas tenho ainda que vos mostrar delas, das quais a grandeza quero que seja quantidade grande de chiles que se acham pelos nossos matos, pôsto que não do nosso de Portugal, que se faz de uvas — não porque a terra o não dará muito bom, mas por descuido dos que a habitam, como adiante direi — mas de outros, que se acham em grande quantidade, como é o vinho que se faz do sumo das canas de açúcar, que para o gentio da terra e escritores da Guiné é maravilhoso: e outro que se faz do mesmo açúcar com especiaria, a modo de alvara[1], que para os brancos é cousa mui regalada. Também se faz vinho de mel de abelhas misturado com água, de muito gôsto e assaz proveitoso para a saúde de quem o costuma beber. Outro vinho, que se faz de uma fruta chamada *caju*, de que abundam os campos, do qual se aproveita muita gente branca: vinho de palma, da sorte que se usa na Califaria, da que se pode fazer muita quantidade, por abundar a terra de semelhantes plantas: também o vinho que se faz dos coqueiros, da selva que se tira dêles, do usado na Índia, de qual os moradores desta terra ainda se não aproveitam, pelo costume geral que tenho apontado.

ALVIANO

Com tantas sortes de vinhos bem se poderão escusar os que se trazem das Canárias e Ilha da Madeira, principalmente com esse que dizeis que semelha o alvara, a que sou muito afeiçoado.

BRANDÔNIO

Pois os que apontei se acham em muita abundância. E já que temos tratado dêles, vos quero agora mostrar a muita quantidade de azeites, que se dão pelos campos sem

[1] Os dicionários da língua portuguesa consultados não registram "alvara".

cultura nenhuma. Primeiramente se acha muito bom azeite de comer, e não pouco, do fruto de uma árvore chamada *abatinpiá*, que nasce agreste por êsses campos, e de outra fruta chamada *inhandiroba*, do tamanho de um pêssego, que dá dentro umas favas, se faz grande cópia de azeite mandam-lhouo para se alumiar com êle, para ter outra excelência não pouco de estimar, a qual é que os bichos, nem aves por nenhum caso comem dêle. Também de uns pinhões, que se chamam do *purga*, se colhe muito com a mesma propriedade. De muitas alagoadas de inferno, de que a terra abunda, se faz também muito azeite, principalmente de uma sorte delas, de diferente casta, que dá umas bolotas do tamanho de avelãs, das quais tirado o miolo de dentro, se faz tôda em azeite, sem lhe ficar nenhum bagaço; em tanto que depois de ser pisado, sem mais benefício, pode servir em lugar de sêbo para tôdas as misturas que dêle se quiserem fazer, e para unguentos e cura de chagas se tem por muito bom. E tanta cópia de azeite encerra dentro em si esta fruitinha, que, enfiada em um pau, anuma como candeia, enquanto lhe cura o cozimento, que é por grande espaço.

Também se pode fazer azeite de côco, como se usa na Índia, porque se dão aqui grandemente os cogueiros; mas a mangueira tantas vezes apontada das brasileiras lhes impede usarem dêste benefício.

ALVIANO

Não pode padecer falta de azeite terra que tanta quantidade tem dêle.

BRANDÔNIO

Mui bem podera escusar o que vem do Reino, e da mesma maneira outras muitas coisas, como no decurso de nossas práticas ireis vendo, das quais a principal fôra o pano de linho e mais sorte de lençaria, porque na própria terra se pudera fazer muito

ALVIANO

E de que modo?

BRANDÔNIO

Já vos tenho dito do muito algodão que aqui se colhe,

e uns na Índia se faz dêle tanta sorte de lençaria, porque se não fará também nestas partes, quando seus habitantes se quiserem dispor a isso? Demais do algodão se acham pelos campos umas folhas de uma árvore a que dão o nome de *tucu*, do qual se tira o fiado assaz fino e rijo e por extremo bom; e dêste é que se faz a pita, tão estimada em Espanha, que vem das Índias, e com ele tira nova cerca melhor e em mais quantidade, não se aproveitam dela.

Também se acha uma planta agreste chamada *caruatá*, que dá grande cópia de linho fino e assaz proveitoso; e assim de todas estas ervas, que se acham pelo campo, se poderá lavrar tôda a sorte de lençaria.

ALVIANO

Pôsto que tudo isso seja muito bom, o nosso linho é cousa excelente e estimado do mundo por tal.

BRANDÔNIO

Ninguém poderá encontrar essa verdade, o qual também se produzirá nesta província em grande quantidade, de tudo que se pudesse levar dêle por mercancia para Espanha, principalmente do que chamam *cibiaro*, mas não usam dêle.

ALVIANO

Pois não devera ser assim, porque o linho, como é cousa de tanta importância, em tôda parte se devera estimar.

BRANDÔNIO

Isso é cousa que não leva remédio, como já disse, e para que vejais mais claramente a riqueza da terra, vos quero amostrar pelos campos finíssima lã, da qual se puderam aproveitar para panos, dos que se fazem dela, e em fôrros de vestidos, enchimento de colchões, travesseiros e almofadas.

ALVIANO

Pois se pelos campos pastam as ovelhas e carneiros, quem duvida que dêles se possa tirar essa lã?

BRANDÔNIO

Verdade é que êstes carneiros a ovelhas a poderão dar em abundância; mas não é essa sorte de lã da que eu trato, senão de outra diferente espécie, que produz uma árvore chamada *mangaba*, a qual é a lanugem sôbre que haveremos começado esta prática, que sem dúvida fará muito bons panos e chapéus. Também há outra árvore a que não sei o nome, que produz um fruto de tamanho de uma pinha, quadrangular, dentro no qual se acha um modo de lã, que tenho para mim ser a mesma que na Índia chamam *bonbá*, maravilhosa para enchimento de tudo que é necessário ser cheio para o serviço de cama e vestidos e outras coisas. E ainda além desta *bonbá* de que abundam os campos, se fazem arrazoados colchões, dos quais se serve muita gente branca, de um junco chamado *taboa*, que se cria por terras alagadas, e qual, por ter corpo e bastante grossura, dá bom lençol, ainda ser muito quente, pois para esteiras há diversidade de casaca de juncos, de que se podem fazer muito finas.

ALVIANO

Já me tendes mostrado por êstes campos americanos mantimentos e legumes bastantes para sustentação de muita gente, e, da mesma maneira, mel, mantiga, vinhos, azeite, ramos de linçaria e outros de lã, ainda grandes para se reporiar todas; não espero agora senão que me deis casas para morar.

BRANDÔNIO

E que será quando vo-las der?

ALVIANO

Isso é cousa impossível: se não buscardes Uganda para que vo-las fabrique por encantamento.

BRANDÔNIO

Pois não o tenhais por tal; porque, sem indústria de pedreiros, sem compasso de carpinteiros, sem malho de ferreiros, sem auxílio de alarifes, se alevantam neste Estado muito boas casas, de cousas que se colhem pelo campo.

ALVIANO

Pois dizei-me o modo, e não me tenhais mais suspenso.

BRANDÔNIO

Já vos tenho dito das muitas madeiras que há nesta terra, feitas e mandadas cortar por escravos, com as quais se alevantam casas de duas águas; e em lugar de pregos se servem de dois modos de cavilhas, com que se amarram e seguram as tais madeiras, a uma delas chamada *sipó* e a outra *timbó*, que são tão boas e tão fortes uma e outra, que se faz por comum adágio que se não *Inventou sipó*, não se poderá morar o Brasil, pela diversas cousas de que se aproveitam dêle. Esta casa armada por êste modo fica também fácil a cobertura dela, porque dos mesmos campos colhem uma erva a que chamam *sapé*, que serve em lugar de telha, e tem de bondade ser mais quente que ela; e também de uma árvore, como palma, a que chamam *madeira*, se faz uma boa cobertura. E nestas casas alevantadas por êste modo vivem nos campos muitos moradores dêste Estado, posto que também as há de pedra e cal bem lavradas.

ALVIANO

Com saber claramente que o que me contais são verdades puras, todavia me parecem cousas fantásticas pela grandeza delas; mas disserei que dêste sipó e timbó se faziam cordas, folgarei de saber se são boas para fábrica de naus.

BRANDÔNIO

Por nenhum caso se verá para isso, senão para o que tenho dito e outras cousas semelhantes. Mas para cordoalha de navios se aproveitam as cascas de uma árvore chamada *envira*, da qual se fazem excelentes cordas, mais e de muita dura. Também se poderão fazer das de *cairo*, como as que se fazem na Índia, por haver nesta terra grande quantidade de coqueiros (e haveria muito maior se os plantassemos), dos quais se poderia tirar muito cairo para o efeito; e é certo isto assim, que na Paraíba há um coqueiro que nas cabeças que dá, em vez de fôrrago que se cone dêles, o não tem, antes cerca todo o cacho de um pêco com

calro, cousa que nunca vi em outra parte; mas não se aproveitam disso.

Também da casca de outra árvore chamada *sebucai* se faz maravilhosa estôpa para calafetar navios, melhor e de mais dura que a de que se usa. Nasce também pelos campos um modo de rotas, como as da Índia, a que chamam *titarimbó*, maravilhosas para se lavrarem delas cestos e açafates. E da mesma maneira canas, a que chamam de *bengala*, tão boas como as da Índia. E porque me não esqueça, direi de duas cousas que os campos abundam, a uma muito boa, e outra assaz péssima, pôsto que digna de consideração.

ALVIANO

E quais são essas?

BRANDÔNIO

A boa uns palmitos que se tiram de certas palmeiras grandes e formosas e de excelente comer, muito melhores que os de Portugal; e a má uma erva ou planta que chamam *viva*, a qual em lhe tocando uma pessoa com a mão, se murcha e torna sêca, e assim persevera por um espaço, até que, pouco a pouco, torna a reverdecer, tanto aborrece ser tocada. E pôsto que se há trabalhado por se saber a teórica da causa disso, não se há podido até agora alcançar. E a raiz de tal erva é peçonha finíssima, que mata ao que come sem remédio.

ALVIANO

Cousa maravilhosa e de consideração é essa, com a qual me parece que deveis já ter dado fim às muitas milagrosas cousas que haveis afirmado abundarem todos êstes campos, pelo que será bom começarmos a tratar de outras.

BRANDÔNIO

Não dei, que ainda agora começo, porque também se acham por êles maravilhosas drogas, como são pimentas de muitas sortes e castas, grandes e pequenas, e ainda de outras que são doces no sabor; *gengibre*, o qual produz a terra em abundância, quando é semeado, melhor na grandura e tudo mais, daquêle que se traz da Índia. Outro fruto que se apanha de uma árvore chamada *invira*, de que usam mui-

tas pessoas, e por razão deveram de usar todos, por ser excelente droga, a qual usurpa para si o efeito que faz a pimenta, cravo e canela, com tingir como açafrão, cousa que o não crerá senão quem o experimentar, e tem muito bom cheiro. Também se acha grande soma de malagueta, que agrestemente se produz pelos matos e campos, com haver pouco tempo que se descobriu, e pode ser que fôsse eu o primeiro descobridor dela, tão pouca curiosidade mora por estas partes; das quais não se pode desinçar a erva de que se faz o anil, a qual na Índia se planta e granjeia com muito cuidado e diligência, e aqui nasce sem nenhuma indústria, e a pouco trabalho se poderá dela fazer cópia grande de anil, e eu o experimentei já, e fiz um pouco, tal e tão bom que não podia ter inveja ao que se lavra nas Índias.

ALVIANO

Drogas são tôdas essas que deixam grande proveito, quando se pusessem em uso e se navegassem para as partes estrangeiras, principalmente essa da invira, que tanto gabais.

BRANDÔNIO

A nada se dispõe a gente desta terra; porque, além das drogas, tem muitas tintas de que se puderam aproveitar. E sem tratar do pau chamado do Brasil, por ser bom conhecido, há outra tinta tão boa como a que êle dá, quando não seja de vantagem, a qual é a que chamam *urucu*, que dá uma tinta vermelha, maravilhosa; e assim uns cardos que têm uma fruta semelhante a ameixas, que se produzem de umas pacoveiras pequenas, a qual faz uma excelente tinta, de mais transformações que um camaleão, porque se aplica para diferentes côres, e depois de sêca dura muito tempo, com conservar a sua tinta perfeita; outro pau pardo a que não sei o nome, que em tudo faz o efeito da galha, porque lançado dentro na água em rachas, se se lhe ajunta uma pequena de caparrosa, incontinenti se tornam o pau e a água tão negros como a tinta. Êste pau fiz experimentar no Reino, e acharam os tintureiros ser bom para com êle se dar a primeira tinta, sôbre que se assentam as outras; também se faz tinta amarela muito boa de um pau chamado *tatajuba*. E da fruta de uma árvore por nome *genipapo* se forma tinta preta, o qual fruto, com dar o sumo branco, se qualquer pessoa se untasse com êle, ficaria na parte un-

lula negra; e não se lhe tirará a negridão por espaço de alguns dias, ainda que se lave muitas vêzes.

ALVIANO

Uma zombaria pesada ouvi contar haver-se feito em Espanha com essa água lançada na pia dágua benta em uma igreja, em um dia de festa solene. Onde todos os que a tomavam ficavam manchados de preto, com grande confusão principalmente das mulheres, que perseveraram nelas até passarem os dias em que se pasta semelhante côr.

BRANDÔNIO

Também há outro sumo de uma árvore pequena, que se chama *urucúba*, que dá tinta muito excelente em côr vermelha, muito mais fina e subida na côr que a de pau do Brasil: e dela se aproveitam as mulheres para o rosto. Adelgaçam-se também as sobras de almagre muito fino, e outro modo de tinta, a que chamam *tabatinga*, com o que se caiam as casas, suprindo com ela em falta de cal, com ficarem as casas alvíssimas e limpas.

ALVIANO

E porque se não servem todos da cal?

BRANDÔNIO

Muito se tira dela na terra, mas desta tabatinga usam em muitas partes pela ferem mais à mão. Da mesma maneira abundam os campos de grande quantidade de gomas de árvores maravilhosas, como é muitíssima almecega, e outra de cajueiro, excelente para grudar papéis, e de outra árvore da qual se faz tinta amarela, e se servem dela de ligar para cercar cercas. Por fim, são tantas as sortes de árvores que me não atrevo a referi-las; somente direi que se colhe muita cêra das árvores onde as abelhas criam, e mel, e quantidade grande de arume por mimeiras.

ALVIANO

Desse arume já aproveitaram-se muitas pessoas para dor de cabeça com feliz sucesso.

BRANDÔNIO

Pois aqui nem para isso se aproveitam dêle, e menos da virtude de muitas raízes e ervas medicinais, e proveitosas assim para purgas, como outra de chagas, havendo por mo-lhores as que vêm de Portugal já corruptas, porque custam dinheiro. Não se que vos diga mais, senão duas cousas, com as quais quero concluir de andar tanto vagueando pelos campos e matos: que até o sabão para lavagem da roupa se acha neles: e se quiserdes armar aos pássaros, vos darei para isso excelente visgo, que produz uma árvore chamada *visgueiro*. E com isto nos pesaremos a formar a horta que temos prometida.

ALVIANO

Tendes dito tanto dos campos e matos agrestes, que não sei que mais possa esperar dessa horta, a qual, pôsto que por ser cousa cultivada lhes deve de sobrejujar em muita quantidade, não lhe vejo lugar donde a possais meter.

BRANDÔNIO

Não faltará algum em que a encaixemos, com não perder do seu preço a respeito da comparação alheia.

ALVIANO

Pois alembrai-vos que a horta para ser perfeita há de ter ervas, pocos dágua e tanques com que se regue, e eu só que no Brasil não ni há.

BRANDÔNIO

Não se pode dizer que não há a cousa, quando se pode haver com facilidade; porque também Portugal não foi antes de ser, quem dizer que antes de se fazerem os jardins, tanques dágua, fontes e esguichos que hoje vemos, em tanta quantidade, careceu dêles, porque nada se faz de per si, pois que, se a esta terra lhe faltam de presente tôdas essas cousas, não é a culpa sua, senão dos que lhas não fazem: porque nela há as melhores águas que têm o mundo, assim de rios caudalosíssimos, como de outros mais pequenos, regatos e fontes sem conta, dos quais se poderá fazer tôdas essas invenções de fontes, tanques, esguichos, a muito pouco custo; e assim não se pode dizer que falta o que há.

ALVIANO

Tenho ouvido que na Capitania da Paraíba além de as águas serem excelentes, se acham algumas de tanta virtude, que aos que têm de costume bebê-las, não parecem o mal da dor de pedra, nem de cólica.

BRANDÔNIO

Assim passa por muitas experiências que se não feito, e por esse respeito mandam os governadores, bispos e pessoas poderosas levar de semelhante água a Pernambuco para beberem.

E porque temos muito que dizer e se vai fazendo tarde, com saberemos que não faltam águas, correremos a dar princípio a nossa horta, a qual poderá ter muitas e boas alfaces grande quantidade de rábãos, infinidade de couves, que se plantam e se colhem a pouco trabalho.

ALVIANO

Pois, porque? Ha, porventura, outra modo de planta e de colhrita diferente do que se usa em Portugal?

BRANDÔNIO

Sim, tem, principalmente as couves, das quais deixam crescer algumas até espigarem e delas vão colhendo dos grelos que lançam em ramalhos, os quais metem na terra e logo prendem, e em breve tempo se fazem grandes e formosas couves.

ALVIANO

Isso deve de ser por não dar nesta terra semente a hortaliça, como já ouvi dizer.

BRANDÔNIO

Sim, dá, que é vício mandá-la vir de Portugal, principalmente as alfaces que dão infinidade de sementes. Também há de ter a nossa horta chicoreas muito formosas, acelgas, borragens, coentro, borrelã, chicório, funcho, cominhos, bredos de diferentes castas e côres, porque todas estas coisas se acham em abundância na terra.

ALVIANO

Não produzem mais sortes de hortaliças as hortas de Espanha.

BRANDÔNIO

Também poderá ser rabaças, agriões, beldroegas e uma excelente casta de mostarda, cujas fôlhas se comem cruas e cozidas, e assim umas fôlhas largas, a que chamam *mâcambar*, mui boas para comer, porque depois de cozidas têm um requeimo saboroso; e, da mesma maneira, outra sorte de fôlha a que chamam *taioba*, a modo de couves, grandemente estimadas.

ALVIANO

Não padecerá fome quem cousas tiver.

BRANDÔNIO

Assim se dão cenouras, cardos, beringelas, pepinos, betarabas, abóboras das ordinárias, tenras e gostosas, e outras mais pequenas, a que chamam *joquins*, tabaco, a que dão o nome de *erva santa* em Portugal, e arbustado medos sem conto, todos extremadissimos em bondade, em tanto que de maravilha se pode achar entre êles um que seja ruim; e com tôdas estas coisas em abundância julgas se poderes formar uma boa horta.

ALVIANO

Antes me maravilho do desenho geral por não se haverem feito tantas

BRANDÔNIO

Pois não há pessoa que a tenha perfeita, nem se quer ocupar nelas, que não pode ser mais desgraça; pois se por esta maneira se pode fazer a horta boa, não seria pior o jardim pelas muitas diversidades de flores, das quais se podia

---

"Pelo" no português de Lisboa. (N. 102) foi cortado ao encadernar; aqui segundo o de Lisboa.

povoar e paramentar, que por serem muitas e várias e na qualidade estranhas, não é possível haver quem possa atinar com elas, nem saber-lhes os nomes. Pelo que direi sòmente de algumas, que andam mais em uso, como é a *flor da laranjeira*, que se dá em grande abundância; *goivos* de muitas castas e côres diferentes; *cravos* amarelos, roxos e brancos; *jasmins*, *madressilva*, *balsaminho*, *árvore triste*, *alfavaca* e *mangericão*, de que os campos estão cheios; outro modo de flor que chamam de *camará-açu* e a, digna de estima e consideração, flor do *maracujá*, pela formosura dela, várias côres de que é composta, raios formosos que lança, com outras particularidades dignas de notar. Por fim, as flores que produz a terra, naturais dela, são tantas que me não atrevo a meter em tão grande pêgo, como fôra o querer tratar de tôdas, pois, para se formarem figuras, enredados e outras cousas de brinco, se acham tantos cipós para o efeito maravilhosos, pelo muito que se estendem, que lhes ficam muito atrás as murtas de Portugal.

ALVIANO

Estou admirado de vos ouvir, porque não pintava eu o Brasil dessa sorte.

BRANDÔNIO

Pois se para ornato desta horta e jardim forem necessárias latadas, vos darei muitas, como é uma que forma boa sombra e aprazível verdura, a qual dá um fruto chamado *curuá*, do tamanho de uma abóbora das ordinárias, que, depois de colhido e metido alguns dias na caixa, cobra um cheiro tão suave que basta para espalhar grande fragrância dêle por tôda a casa, e assim se conserva muitos dias sem corrupção. Outras latadas se fazem de maracujá, de cuja flor já tratei acima, que dá um fruto do tamanho de uma pinha, mui regalado, cujo miolo, que é como o da abóbora, se sorve ou come às colheradas, com dar muito gôsto e maravilhoso cheiro, e dêstes tais há quatro castas: um chamado *maracujá-açu*, por grande, e o segundo *maracujá-peroba*, que é excelente para conserva, a terceira *maracujá-mexira*, a quarta *maracujá-mirim*, por pequena, que tôdas fazem mui boas latadas e dão igual sombra.

ALVIANO

Parece-me que vos não alembrais das latadas das nossas parreiras, porque nesta terra as tenho visto.

BRANDÔNIO

Sim alembrava, mas de indústria fugia de tratar delas, por não envergonhar tantas vezes aos moradores dêste Reino, porque deveis de saber que tôda sorte de vidonho se dá nele em grande maneira, e sòmente se servem do de parreiras, as quais dão muitas uvas, ferrais e outras brancas maravilhosas, com levarem duas e ainda três vezes fruto no ano.

ALVIANO

Isso é cousa impossível.

BRANDÔNIO

Pôsto que assim o pareça, não o é, porque eu o experimentei muitas vezes, quero dizer, o haverem de dar três vezes fruto no ano, que de darem duas não há que tratar, por ser isso cousa assaz sabida.

ALVIANO

Pois dizei-me como sucede isso.

BRANDÔNIO

Com nenhuma outra cousa mais que podarem as parreiras, tanto que lhes acabam de colher o fruto, porque com isso tornam a brotar de novo, e em quatro meses o levam perfeito outra vez. Em tanto que eu vi alguns homens que, para haverem de ter uvas nas conjunções de algumas festas que determinavam fazer, podaram as parreiras quatro meses antes e vieram dar fruto, sem discrepância, para o tempo que pretendiam.

ALVIANO

Pois, se as uvas se dão com tanta facilidade e em tão breve tempo, como se não usa delas para vinho?

BRANDÔNIO

Por não haver na quinta desse termo cinco, fugir de me haver de embraçar nesta matéria, porque de muitas partes desta Brasil se poderia colher mais vinho que em Portugal, por estarem livres da formiga, que é o que faz dano ao vinho; principalmente sei eu uma, que é a Serra de Copaoba, distante das Capitanias de Pernambuco e da Paraíba nossa de 15 até 18 léguas, que o daria com conto, por ser terra fresca, fria e sem nenhuma formiga.

ALVIANO

Tenho lástima de vos ouvir dizer essas cousas, e folgara estar em minha mão o remédio delas.

BRANDÔNIO

O tempo deve de curar semelhante enfermidade, como costuma. E pois vos tenho já formado as hortas, jardins, laranjais com suas fontes, tanques e esguichos, que vos prometi, quero arrumar o pomar que falta, e com isso daremos fim à matéria deste dia, o qual dividirei em dois modos, não porque assim os haja, senão porque se poderão fazer, quando a curiosidade exceder nos que já vimos, os quais nós não sabemos aproveitar do que temos entre as mãos. E assim formarei primeiramente um jardim de árvores de espinho e depois me passarei ao pomar, com dividir delle os frutos que já estão em uso de se cultivarem, daqueles que a negligência tem deixado até agora ser agrestes.

Este jardim se poderá traçar pintado de formosas, verdes e copadas laranjeiras, bastocadas de branquissimas flores, cujo fragrante e suave cheiro alegrarão os espíritos dos que as gozassem, colmadas todas de louras e agradáveis laranjas, em tanta quantidade que muitas vezes são mais que as folhas, umas tão doces que a par delas perde do seu preço o açúcar e o mel: outras bicais, de tão gostoso comer, que não há quem se acabe de fartar delas; também das sidras, que para o que aproveitam são maravilhosas, por levarem muito sumo. Acompanharão este laranjal crescidos e formosos limoeiros, com tanta quantidade de fruto, que causa maravilha poderem-no sustentar, porque com êle perseverarão todo o ano, em modo que quando um está em flor, o outro vai crescendo, e os demais estão de vez. A estes limoeiros se ajuntarão grande quantidade de limas doces,

com suas bem compostas flores, excelentes no gôsto e bom sabor, as quais se produzem na terra muito melores em quantidade que as que se dão em Portugal: e da mesma maneira outra casta destas a que chamam *acedum*, assaz prezadas por boas. Logo irão adiante, formoseando êste jardim, grandes limões franceses, com o seu amarelo alegrissimo para a vista. Também não careserá das modernas *laranjas*, porque se produzem em grande cópia. Rodeará pelos extremos, quase servindo de muro, a espinhosa cidreira, colmada das bellissimas pomas, maiores que uma butija, tão prezadas para conservas, as quais por todo o decurso do ano se acham sempre assazonadas.

ALVIANO

Se isso é assim, e se pode haver desse modo, confesso-rei que lhe ficam inferiores os jardins lavrados e cultivados a tanto custo no nosso Portugal, pois não vejo que lá haja mais castas de fruto de espinho dos que vendes apontado.

BRANDÔNIO

Pois ainda estoutras têm um não sei que de verdes e frescos, com que ficam grandes passagens. E porque o sol se vai já trasponendo, me quero passar a tratar do pomar prometido, do qual o primeiro fruto quero que sejam os figos, porque sempre fui muito afeiçoado a êles, os quais se dão em tanta quantidade, assim dos berrantes, como dos brancos e negros e de outras castas, que os moradores estão bastantes de semelhantes figueiras, que levam duas vezes fruto no ano, e carregam em tanta quantidade que causa espanto. Façamos logo uma rua de figueiras com seu copado fruto, que encerre dentro em si finíssimas ruiva, os quais se produzem grandemente nesta terra. Far-lhe-ão companhia retorcidos marmeleiros, com seus cheirosos e dourados pomos, que se dão em abundância por algumas das Capitanias dêste Estado. Formarão dobrada sombra grandes pessegueiros, cujo fruto se chama do mesmo nome, pêsto que na Índia, pelo contrário, são conhecidos por figos, uns grandes e outros mais pequenos, de diferentes castas e feições, gostosos no comer e de bom cheiro, dos quais há número infinito. Far-lhes-á companhia um fruto natural da terra, chamado *grisibo*, do tamanho de um marmelo, que se dá em árvores mechanizadamente grandes, pegado pelo tronco, logo se irá erguendo, e com suas miúdas folhas acomodadas

para fazer apetitosa salsa, e o *tamarindo* tão medicinal e por tal prezado em todo mundo; pelas partes sombrias, em baixas plantas, à feição de cardos, se mostrarão os gabados formosos *ananases*, semelhantes a pinhas, lançando de si suave cheiro, com se lhes comunicar os sabores de tôdas as cousas que melhor o têm. E por aqui tenho concluído com as plantas e árvores que até agora estão em uso de serem cultivadas neste Brasil.

ALVIANO

Quando não houvera outras, estas eram bastantes para lhe dar nome de abundante em frutos.

BRANDÔNIO

Pois as que estão até o dia de hoje agrestes, por falta de cultivadores, são infinitas; e pôsto que não é possível podê-las trazer tôdas à memória, irei tratando sòmente das que me ocorrerem. E assim demos o primeiro lugar, pela formosura da planta, ao *cajá*, que na Índia se chama *ambare*, do qual para muitas cousas lá se servem, e aqui para nenhuma, senão para se comer depois de maduro, com deixar um azêdo gostoso e muito cheiro nas mãos; outra fruta chamada *aticoi* do tamanho de uma grande pinha, de tanto gôsto que tenho por sem dúvida ser melhor que a perada e marmelada, tão estimadas do mundo, o qual se dá em uma árvore muito grande; *araticu*, de feição de jacas da Índia, não má fruta; outra sorte do mesmo *araticu*, chamado *apê*, mais pequeno e grande no gôsto, de modo que não há quem se acabe de fartar dêles (e um amigo meu fazia deles filhós com ficarem maravilhosos); *mangava*, fruta que pode ser estimada entre as boas que há no mundo, a qual semelha às sorvas de Portugal; o abundante *cajueiro*, o qual demonstra que, de soberbo por se desviar das demais árvores, leva o fruto ao revés de tôdas, porque as castanhas, que nos demais se escondem no âmago dêles, nestes cajus campeam por fora, em forma que na cabeça do fruto se arrematam, de feição que mostra, a quem o não conhece, que por ali teve princípio: é formoso e gostoso pomo, do qual se sustenta muita gente em todo o tempo que duram. A bondade de suas castanhas passo em silêncio, porque já tenho tra-

tado delas. *Jamacarús*[1], cuja planta é à feição de cardos, e dão uma fruta vermelha, gostosíssima no comer; *pitombas*, que são semelhantes a ameixas; *moçarandubas*, que se parecem com as cerejas; *goiuraba*, do modo de azeitonas e são doces; *goiás*, que são do tamanho de ovos; *gamaitás*, frutas brancas e comprida, que se come chupada, com deixar muito gôsto; *jabucai* é uma árvore grande que dá umas pinhas, dentro nas quais se acham castanhas gostosas para comer; *abacaba*, semelhante aos dedos da mão, tem o sabor de figos; *enguás*, que são semelhantes a alfarrobas e doces no gôsto; *mocujé*, fruta excelentíssima, da feição de peras; *jocambos*, como ameixas brancas; *pacé*, que semelham a dátiles, mui gostosos; *canafístula*, que se cria nos matos em grandes canudos, bastecidos de sua medula.

ALVIANO

Pois, valha-me Deus, como se não leva para Portugal, para se usar lá dela?

BRANDÔNIO

Nem na mesma terra se aproveitam de semelhante fruto. Verdade seja que, por ser a planta agreste, parece êle também um pouco agreste; mas, se fôr cultivado, não tenho dúvida que seja tão bom como o que se usa em Portugal. E deixando de parte esta *canafístula*, vamos continuando com o nosso pomar, porque ainda tenho muitas plantas que traspor nêle, das quais a primeira seja um fruto a que chamam *piquiá*, de que já tratei, que dá no seu miolo quase um como clarificado de açúcar, mui gostoso; *cambucá* outra fruta, vermelha, semelhante a ginjas; *ibiriuíra*, como limões; *utí*, fruta comprida, gostosa no comer; *ubacupari*, como pêssegos; *comixá*, fruta miúda, à feição de murtinhos; ameixas mousinhas[2]; *araçás*, são semelhantes a amei- *graziaruba*, outra a modo de *zambua*; *ubajerua*, do modo de uvas brancas; *ubaperanga*, como uvas bastardas; *piquiás*, que dão mostras de nêsperas; *ubapitanga*, da feição de gin

[1] No apógrafo de Leiden (fls. [illegible]), acrescentou-se na entrelinha neste ponto "Jamacarús [illegible]".

[2] No apógrafo de Leiden (fls. [illegible]) acrescentou-se na entrelinha neste ponto "[illegible]".

jas; *tatajubas*, que são como amoras; *Atoamõu*, semelhante a pêssego, de cuja planta, comida a raiz, mata a sede, por grande que seja; *moroxis*, que são apenuriados a murtinhos; *quiabo*, fruta de maçaroca, como beringelas; *mamão*, pomo do tamanho do marmelo, muito adocicado; *araçá*, do tamanho de fruta nova, de muito gôsto, do qual se faz boa marmelada; *araçá* por sobrenome *açu* por ser maior e mais estimado para se comer. Estas são as frutas que de presente me ocorreram, com me ficarem outras infinitas por dizer, de que não sou lembrado, que os moradores do Brasil por negligência deixam estar até agora agrestes, espalhadas pelos matos, as quais se foram cultivadas se avantajaram em bondade e gôsto.

ALVIANO

Certamente que me tendes suspenso com tanta diversidade de frutos, quantos tendes nomeado, dos quais não tão sòmente podereis formar um pomar, senão cem mil; e assim estou já de todo arrependido de haver tido o Brasil em diferente reputação do que êle merece.

BRANDÔNIO

Folgo de vos retratardes, e porque não vejais invejar todos os álamos e choupos do nosso Portugal, com que se ornam grandemente semelhantes pomares e jardins, vos quero dar em seu lugar crescidos e alevantados coqueiros, que não menos zunido fazem com suas folhas agitadas do vento. E com êles demos por hoje fim à nossa prática, porque se vão fazendo horas de nos recolhermos.

ALVIANO

Assim seja, à condição que amanhã venhais às horas costumadas a êste mesmo pôsto.

DIÁLOGO QUINTO

Em que se trata das aves, peixes e animais terrestres.

BRANDÔNIO

Não quero que me agradeçais o haver vindo a êste pôsto mais cedo do que costumava; porque quis nisso fazer fôrça à minha vontade, que é tão valerosa façanha como a que Davi fêz em vencer o gigante.

ALVIANO

E de que causa nasceu fazerdes vós essa fôrça?

BRANDÔNIO

Determinava alçar-me com a menagem de não cumprir a palavra, que vos tinha dado, de vos relatar tôdas as grandezas do Brasil, porque imaginando que tinha já saltado o maior barranco, com haver tratado da abundância dos frutos, como por êles se fazem os moradores desta terra ricos, examinei a memória para descobrir o que havia mais que dizer, e achei que fôra o salto curto, e que tinha ainda por diante outros barrancos maiores e mais dificultosos a perder de vista, que são os que o dia de hoje tenho entre as mãos para haver de tratar; porque se me representam tantas aves de diversas castas e qualidades, tantos incógnitos pescados, diferentes na natureza e forma, desconhecidos no mundo, tantas silvestres feras, estranhas nas figuras e inclinação, que requeriam grandes volumes para se haver de tratar de tôdas elas. Estas cousas me faziam grande carranca para me haver de retirar do prometido; mas, vendo que o não podia fazer sem ficar mal reputado, arrojei-me a passar avante, com discorrer por aquelas cousas que os elementos que rodeiam a terra do Brasil encerram dentro

de si, sem tratar do mais alevantado, do fogo, porque de tudo o tenho por cautil, que a salamandra que se cria neste clima entende ser fabulosa; porque quando as tinteiras nas fornalhas dos engenhos de fazer açúcares do Brasil, que sempre arderão em fogo vivo, se deverão de achar. E como o seu consorte mais vezinho é o ar, quero começar por êle o que pretendo, que será tratar das aves, assim domésticas, como agrestes, que se acham por todo êste terreno.

As domésticas são inumeráveis galinhas, das quais são algumas maiores das ordinárias; muitos e bons galipavos, que se produzem com facilidade, por ser o clima disposto para a criação dêles; pombas, patos e adens de excelente comer, e estas são as aves que neste Brasil se criam em casa, as quais abundam com grande multidão de ovos.

ALVIANO

Pois em que parte do mundo se poderão achar, para criálo de se criarem à mão, mais dessas que tendes nomeadas? Ao menos eu nunca as vi em Espanha, pósto que das agrestes se acham muitas de diferentes castas e muita estima.

BRANDÔNIO

Nesse particular lhe sobrepuja sumamente tôda esta província, que, se me dardes atenção, e a mim me ocorrer à memória o nome e natureza delas, vos as porei espanto; pósto que, por muito que diga, sempre deve de ficar curto.

ALVIANO

Dou-vos a minha palavra de não distrair o pensamento em outra coisa senão em vos escutar.

BRANDÔNIO

Além das aves domésticas, de que tenho feito menção, se acham pelos bosques e campos grandíssima multidão de *jacus*, que são como galinhas silvestres, de tanta estima que lhes não fazem vantagem as mesmas galinhas, pósto que sejam muito gordas; e outra ave, chamada *aguaçuma*, da mesma maneira e não de menos estima; outras a que chamam *mutus*, que são do tamanho de um grande galipavo e não menos prezados que êles; *jabiru*, que é muito maior que um pavão, bastante pela sua gravidade a abundar muita dúzia de companheiros, pósto que ferindo com ser carne assaz saborosa. Outra ave a que chamam *urubu*, que não desmerece o nome de boa; *jubucupupe*, semelhante às perdizes de nossa Espanha e não sei se ma alargue a dizer que são melhores; *inhambú*, também como as mesmas perdizes e do seu tamanho; *nambus*, não maiores que as codornizes, as quais não levajam em bondade, gôsto e sabor aos tão estimados taiáçus da América; *rolas*, sem conto, assaz gordas, que o pouco trabalho se tomam; da mesma maneira codornizes e pombos torcazes. Em tôdas estas aves agrestes se faz grôsa à custa de pouco trabalho, e assim ficam servindo; quase como as domésticas, aos moradores da terra.

ALVIANO

E que modo se tem na caça delas?

BRANDÔNIO

Tomam-se com armadilhas e lagos, e também à espingarda e frecha, porque neste Brasil não se usa de caça das aves, como em Portugal, por não se quererem os homens dar a isso. Acham-se também pelos campos uns pássaros, a que chamam *anuns*, de uma qualidade estranha, que, além do seu canto semelhar a choro, não têm nenhum modo de sangue, nem nunca se lhes achou, e são de uma côr preta tristonha.

ALVIANO

Nova coisa é para mim a natureza dêsse pássaro, porque nunca ouvi dizer de outro que carecesse totalmente de sangue.

BRANDÔNIO

Pois assim passa que êstes pássaros o não têm. *Hiendaias* são outros pássaros que se criam no sertão, e ao tempo da colheita das novidades, principalmente dos milhos, descem

---

* No epígrafe de Varnhagen (da. 1854) escreveu-se por cima "Pernambuco".

às fraldas do mar para se aproveitarem do cêvo dêles, e nisto são tão importunos que custa muito trabalho o defendê-los dêles, porque não basta grandes gritos, nem estrondos de bacias, nem o matarem-nos às pancadas para se desviarem das milharadas; em tanto que já vi alguns homens postos em afronta com elas.

ALVIANO

Dêsse modo deviam de ser as harpias.

BRANDÔNIO

Se tiveram o rosto da feição que os poetas as pintam, não duvidara que eram as próprias. Outro pássaro se acha, chamado *sabiá*, da feição do melro* de Espanha, e antes cuido que é o próprio, porque cantam como êles, sem lhes faltar mais que um dobrete: *zorzal*, pôsto que não tão músicos como os da nossa terra, por carecerem daquele doce dobrar e requebros, que os outros têm, porque todos os pássaros do Brasil são faltos de semelhante suavidade; *tiejuba* é um pássaro pequeno e de bico revôlto, o qual, em se vendo prêso, cerra voluntàriamente o sêsso, sem fazer mais por ele purgação, até morrer.

ALVIANO

Também morrera de não comer, que, pois sente tanto a prisão, deve de fugir disso.

BRANDÔNIO

Parece que quer escolher antes semelhante maneira de morrer, porque se sabe dêle que não deixa de comer. *Macapopó* é uma ave que dá grandes e contínuos brados, repetindo muitas vezes êste seu próprio nome; *tucano*, ave formosíssima, emplumada de várias côres, de sorte que alegra a vista a contemplação delas; *camixés*** se chama um pássaro que, com ser pequeno de corpo, tem o rabo muito comprido; *upecu* é ave que tem quatro esporões, a modo dos de galo; *guarainhete*, pássaro de penas amarelas e pretas; *guarauna*, ave de côr loura, formosíssima; *anacans*, de feição de papagaios, mas não são da mesma espécie; outro pássaro chamado, pelo nome da terra, *guiraingaetá*, cuja estranha qualidade quero deixar em silêncio, por me não alargar em referi-la.

ALVIANO

Antes vos peço que me digais tudo o que souberdes dêle.

BRANDÔNIO

Este pássaro tem grande amor aos filhos, que por lhos não furtarem, vai lavrar seu ninho de ordinário a par de alguma toca, donde as abelhas lavram mel, as quais, por esta maneira, lhes ficam servindo de guardas dos filhos, porque, como todos arreceiam de se avizinhar a elas, temendo o seu áspero aguilhão, ficam os filhos livres do perigo; aos quais mostram tanto amor que, para efeito de os sustentar, se vão lançar por entre alguns bichos, que se lhe apegam nas carnes, sem atreverem que lha comam, havendo por coisa suave padecerem as dores que êles lhes causam a trôco de terem, por esta via, a sustentação certa para os filhos, a quem os dão a comer quando têm fome, e só para isso os trazem tanto à mão, e êstes pássaros são emplumados de várias côres.

ALVIANO

Não se escreve mais dos pelicanos para encarecimento do amor que têm aos filhos.

BRANDÔNIO

Também há outros pássaros, aos quais chamamos picapau, por dar uns golpes com o bico nos troncos das árvores, tão grandes, que tôda a pessoa que os ouvir, se ignorar a qualidade do pássaro, julgará sem falta ser machado com que se corta madeira. Outra ave povoa os campos desta terra, de belíssimas penas, chamada *tamatiaguaçu*, o qual voa sempre muito por alto, por onde vai formando umas vozes, que parecem humanas. E da mesma maneira há outra que lhe não é inferior na formosura da plumagem, chamado

* No apógrafo de Leiden (fls. 119) escreve-se na entrelinha neste ponto: "tordo".

** No apógrafo de Leiden (fls. 119v) escreve-se por cima: "cucurua".

curicaca; um passarinho que, com não ser maior de um ovo, tem o bico de mais de meio palmo de comprido, ao qual dão por nome *araçari*. Outra ave chamada *mapuá* semelhante a pato. *Jirabas* são uns pássaros que se criam por barrocas, que têm as penas de verde côr do mar; e da mesma maneira outro chamado *pirarigua*. Os dias passados me trouxeram a amostrar um pássaro que me disseram chamar-se *japu*, de uma côr amarela, digna de estimar. *Quirejuabe* são umas aves azuis assaz prezadas do gentio da terra; e assim outra chamada *tiquaran*, e outra de côr vermelha chamada *guara*. Também há outra sorte de pássaros cujo canto forma o chôro de uma criança, que tem por nome *cunhatainape*. *Tucanoçu* é outra sorte de ave, que tem o bico do tamanho de um palmo, com o corpo não ser grande e outro pássaro a que chamam *farabe*. E entre êstes se acham as *arveloas* e *andorinhas* do nosso Portugal.

ALVIANO

As andorinhas tenho eu por africanas e que de lá se passam pelo verão à Espanha a fazer seus ninhos, e maravilho-me darem-se desta parte.

BRANDONIO

Sim, dão, em muita quantidade. Outra ave, por nome *peitica*, a qual é tão molesta e agourenta para o gentio da terra, que os obriga a fazer grandes extremos, quando a topam ou ouvem cantar, como adiante direi, quando tratar dos costumes da terra. Também se acham grandíssimas *emas*, das quais tenho por fabuloso o dizer-se que comem ferro, porque nunca soube que o comessem, pôsto que tenho visto muitas. Estas *emas* quando correm, abaixam uma asa e a outra dão ao vento, cruzando-a a modo de vela latina, e assim correm mais que um cavalo. Da mesma casta há outras a que chamam *seriemas*, as quais se ajudam dos pés e asas para o correr, com o que ficam sendo velocíssimas, sem nunca se alevantarem da terra.

ALVIANO

Em África se acham muitas e a mesma qualidade ouvi já relatar delas.

BRANDONIO

De *papagaios* há inumerável quantidade, que andam em bandos como as pombas o fazem na nossa terra, com fazerem por onde passam grande gralheada, e são bons para se comerem; e dêstes há diferentes castas, como são os que chamam *papagaios reais*, conhecidos pelo encontro das asas, que têm vermelhas e são os mais estimados para se ensinar a falar. Outra casta, a que chamam *coricas*, que ainda que não são tão formosos, quando dão em falar o fazem muito bem; outros, que se têm por estrangeiros, chamados *ciia*. E da mesma maneira *araras*, grandes e formosas, que também falam, quando são ensinadas. E outra espécie, quase desta mesma qualidade, a que dão o nome de *tuins*, de pequeno corpo e mui lindos, que explicam arrazoadamente tudo o que lhes ensinam, e dêstes tais os mais estimados são os que se chamam *quatoquatois*, de penas pardas, pretas e verdes.

ALVIANO

Tenho visto em Portugal alguns papagaios que se levaram de cá, de côres diferentes, mas tão compassadas que davam mostra de serem feitas à mão.

BRANDONIO

Assim o são, porque, para se haver de dar essas côres aos tais papagaios, os despem das penas, e na carne que ao tirar delas lhes fica envôlta em sangue, lhes acomodam, pelas partes que querem, certas peles de rãs, que têm propriedade de lhes comunicar as tais côres.

ALVIANO

Folgo de saber isso, porque entendia que eram naturais, com vos afirmar que me tendes maravilhado com tantas sortes de pássaros e aves quantas me tendes nomeadas, de tão várias e estranhas qualidades, do que infiro que em nenhuma das partes do mundo se poderá achar mais cópia delas, e é muito poder-vos alembrar os seus nomes, com serem tão arrevesados

BRANDÔNIO

Pois ainda me ficam outras tantas por nomear, por me não ser possível fazer conserva na memória de tanta diversidade delas, que ainda não tratei das muitas sortes de aves de volataria, que se acham nesta terra, as quais são tôdas de tanta bondade, que as melhores criadas em Irlanda, não poderão ter nunca com elas comparação. A de mais estima destas aves é uma sorte delas a que chamam *garatauacua* que, como a rei, lhe criou a natureza coroa na cabeça, quase ao modo de crista de galo, que entre tôdas as aves de volataria pode levar o prego em ligeireza e agilidade que têm para caçar; e porque pelo pouco venhais em conhecimento do muito, vos quero contar um caso que vi suceder a uma ave destas. Um homem assaz nobre, Capitão-mor por Sua Majestade de uma das Capitanias do Estado, tinha um pássaro dêstes já doméstico, que criava em casa, o qual, alevantando-se acaso da alcândora, se foi pôr sôbre um monte de pedras que estavam juntas dali perto. Houve vista dêle um grande gato e, cuidando que tinha a prêsa certa, se foi chegando para o pássaro mui alapardado, com tenção de o atropelar e levar nas unhas; mas êle tanto que sentiu vir o gato, alevantou uma perna, ficando sôbre a outra, e ambos estiveram assim por um pequeno espaço, imaginando um de se cevar no outro, e o outro no outro; até que, alevantando a cabeça o gato, se lhe lançou em cima o gavião, e desta sorte engarrafou nêle com as unhas que, a pouco espaço, abrindo o gato as mãos e pernas, ficou morto, e quando lhe quiseram acudir já o estava.

ALVIANO

Cousa estranha é essa pela fereza dêsse animal e fôrças de que é dotado.

BRANDÔNIO

Pois ainda vos direi mais, que dali a poucos dias trouxeram de presente ao senhor da casa um leitão arrazoadamente grande, o qual soltando-se pela, deu o gavião sôbre êle, e em breve espaço lho tiraram das unhas morto.

ALVIANO

Não deve ser de pequena bondade o pássaro que a tanto

se arroja, e folgara de saber de que modo se caça com êle nesta terra.

BRANDÔNIO

Não se aproveitam destas aves para caça, e em parte têm desculpa os que o podiam fazer e não fazem, por ser a terra muito coberta de matos e não é possível poderem-se soltar sem se perderem. Afora os desta casta, há outro modo de falcão ou gavião, que não sei de que espécie seja, também mui ágil para caça, mas não tão grande, como o de que fiz menção, de que um dos tais se chama *piron* e outro *gambiapirera*, e outra casta a que chamam *cirua*, e outra semelhante que tem por nome *taguató*, e outros *guaraguará*, e também *guaguaguá*, e do mesmo modo *jaguarete*, o qual é assaz feio na composição. E, entre êstes todos, há uma casta chamada *tuinãá*, que caça de dia e de noite. Todos êstes pássaros que tenho nomeado são de bico revôlto e de unha retorcida.

ALVIANO

Muitas mais aves de volataria há logo nesta terra do que em Irlanda, nem em outra parte do mundo.

BRANDÔNIO

Tôdas as que tenho nomeado são excelentes para o uso da caça, porque levam na unha qualquer galinha, por grande que seja, e alcançam a mais ligeira ave, quando a seguem. Outros pássaros há que não se mostram senão ao pôr do sol, já quase noite, em grandes bandos e não pequena grasnada, a que chamam *burau*, e eu os comparo aos airões da nossa terra. *Cacuam* se chama uma ave que nunca dorme, e faz da noite dia.

ALVIANO

Acham-se desta parte por ventura aves noturnas?

BRANDÔNIO

Sim, porque há dessa casta tôdas as que se conhecem em Portugal, e ainda outras que nunca lá se viram; e tam-

hám de bultros, que cá se conhecem com o nome de *urubu*, maiores que os da Europa.

Demais das aves de que tenho tratado, há infinidade de outras que se sustentam de pescados e pascam sôbre os rios e alagoas, tôdas de maravilhoso gôsto no comer, como são patas e sadens formosíssimas, e outra sorte desta qualidade a que chamam *aráras*, *guaris*, *macaricos*, *sericos*, *colhereiras* vermelhas e brancas, que dão maravilhosas plumagens. Outra sorte, a que chamam *carám*, a modo de macaricos; *guaguru*, que é uma ave que não pesca senão de noite; *garaúna* que de ordinário mora dentro das águas. De tôdas estas aves se acham grande quantidade por todos os rios e alagoas, e se tomam com facilidade á espingarda, fléchа e outros modos que para isso buscam. E com isto confesso que tenho esgotada a memória de tudo o que tinha conservado nela para haver de dizer aráras das aves, com me ficarem outras muitas, que roc não vieram á notícia.

ALVIANO

Tendes dito tantas delas, que me maravilha haverdes-lhes podido recitar os nomes e propriedades, como tendes feito; e assim, conforme ao prometido, parece-me que vos fica agora obrigação de vos passar a tratar dos pescados que são os habitantes do terceiro elemento, das águas, conforme a ordem que dissestes tinheis determinado de levar enfada vossa prática.

BRANDÔNIO

Já que me quereis obrigar pela palavra, antes de me meter por elas, não quero deixar de vos dizer uma cousa de muita consideração, de que não tenho feito menção, que não é das que menos podem formosentar o elemento sêreo, a qual é que, nos anos sêcos costuma nestas partes a descer do sertão inumeráveis borbulgas de diversas côres, que quase ocupam e enchem com a sua multidão o cômcavo do ar mais baixo, as quais levam diretamente o seu caminho encadas com o Norte, sem, por nenhum caso, se desviar daquele rumo; de maneira que alguns vi ferro tocado na pedra imã que tão diretto se inclinasse ao Norte. E em tanto sucedo isto assim, que se acaso, pelo caminho por onde vão passando, encontram com algum grande fogo, antes se contentam de alevantar no alto, para haverem de passar por cima dêle, com levarem o seu rumo direito, do que desviarem-se para uma das partes que lhes fôra mais fácil, com esta ordem vão correndo sempre, em igual muntidão, por espaço de 12 e 15 dias, até passarem, dando remate á sua jornada com se afogarem nas águas do mar.

ALVIANO

Coisa estranha é essa e assaz digna de consideração, e creio que deve de haver alguma que obrigue a essas avezinhas a buscarem direitamente o Norte.

BRANDÔNIO

Assim o tenho para mim, mas não me quero cansar em a especular, por não vir a me tangar um algum rio, como Aristóteles, e antes me contento de dar princípio ao que tenho para dizer dos pescados que habitam no terceiro elemento das águas. Dos quais é bem que demos o primeiro lugar ao regalado *bejupirá*, porque creio dêle que, entre os demais peixes de preta, pode levar a palma a tudos em bondade, e que lhe fica muito inferior o prezado solho da mesa Espanhola; *curupitanga*, outro sorte de rescado medianamente grande, muito gostoso; *arraias*, das quais tôdas as que se tomam neste Estado são excelentes; o peixe chamado *serra*, tão prezado na índia Oriental; *camaropim*, pescado grande e de bom comer, cujas escamas são de tamanho de um meio quarto de papel, nas quais vi fazer uma cousa estranha, na qual me mostraram claramente haver também amor entre êstes mudos nadadores.

ALVIANO

E que é que lhes vistes fazer para conjecturardes que havia neles amor?

BRANDÔNIO

Em uma tapagem que estava feita em certo rio para pescarem nela (a que nesta terra chamam camboa), se chegaram dois paixes de semelhante espécie, dos quais entrou um para dentro, ficando o companheiro de fora; o que entrara, tanando-se-lhe a porta. Ficou préso e, com a vazante da maré, foi tomado e morto. O companheiro, ao para matar dizer consorte, que cai dovia ser, que ficara de fora, esteve esperando que êle todo o tempo que a maré lhe deu

lugar para o poder fazer, mas tarde que as águas foram faltando, por não fugir em seco, se determinou daquela parte, e se foi, com der primeiro algumas parcadas grandes com o rabo sôbre as águas, quase querendo mostrar com elas o sentimento que levava, e depois tornou a continuar a mesma jornada por espaço de sete ou oito dias, sempre ao lampo que a maré cachia, como que vinha a buscar o companheiro no lugar onde o perdera, e ali dava as mesmas parcadas na forma dos de primeiro.

ALVIANO

Não é pequeno argumento êste para se provar que em tôda a cousa vivente se pode achar amor, pôsto que em uns em mais quantidade, e em outros em menos.

BRANDONIO

Pois assim passa, como vo-lo tenho referido. Também se pescam muitos *dourados*, *meros*, *muranas*, *pescadas*, *taiahus*, *enxôes*, *albacoras*, *bonitos*, *tarrafões*, *peixe espada*, *peixe agulha*, *xarêus*, *salmonetes*, *sardinhas*. Tôdas estas sortes de pescados são gordos e gostosos para se comer.

ALVIANO

Os mesmos se acham em Portugal.

BRANDONIO

Pois aqui os há em mais quantidade. E antes de passar mais avante, vos quero dizer da estranheza do um peixe, so assim se deve chamar, o qual é conhecido por *peixe-boi*, nome que lhe foi dado por se assemelhar no rôsto quase com o mesmo animal, pôsto que é melhor dêle tanto, não em ser alevantado, mas na largura e comprido, porque em alguns desta espécie se acha mais pêso de que têm dois bois. Este pescado se toma e pesca às ferpoadas pelos rios sonde descambocam os dagua doce, e comido tem o mesmo sabor e gôsto da carne de vaca, sem haver nenhuma diferença de uma cousa a outra, em tanto que, se se misturarem ambas as carnes em uma panela, dificilissimamente se conhecerá a uma da outra. E por esta respeito se corre êste pescado cevado com cousa, e se faz dêle pescada e almôndegas, com aproveitar para tudo o de que se usa da carne de vaca, e a

algumas pessoas a dor em já a comer, com lhes não dizer o que era, e ficarem entendendo que comiam carne de vaca.

ALVIANO

Pois não deixara eu de ter muito escrúpulo se nos dias de peixe usasse dêsse pescado, porque entendera que comia carne.

BRANDONIO

Êste mesmo houve já nesta terra e foi questão assaz alterada, mas determinou-se por teólogos que era realmente peixe e que por tal devia de ser recebido geralmente, visto ter o semelhante peixe a sua habitação sempre nas águas e não sair nunca a pastar fora delas. *Ubarana* é bom pescado e da mesma maneira outro chamado *garbeuaragi* e pelo conseguinte *canonita*, e um peixe pequeno a que chamam *peixe pedra*, por ser oôca dentro da cabeça em lugar de miolos, e por muito sadio é nesse estimado para doentes, com se pescarem em grande quantidade.

ALVIANO

Nunca ouvi dizer de fera, ave nem peixe que tivesse dentro na cabeça pedra, em vez de miolo.

BRANDONIO

Pois êstes peixinhos a têm, como vos tenho dito. *Corimá* é pescado de feição de tainhas, mas maiores e mais gordas; *carapeba* é peixe estimado por gordo, o qual se acha no mar e também nos rios dágua doce; *curimata* é reputado por sável de Portugal, porque são da própria feição e tem tantas espinhas como êle; *piranha* é pescado pouco maior de palmo, mas de tão grande ânimo que ovecem em ser carniceiros aos tubarões dos quais, com haver muitos desta parte, não são tão arrecesados como estas pirenhas, que devem de ter uma inclinação leonina e não se acham senão em rios dágua doce; têm sete ordens de dentes, tão agudos e cortadores que pode cada um dêles fazer ofício de navalha e de faca. Tanto que êstes peixes sentem qualquer pessoa dentro da água se arrojam a ela como feras bravas, e a parte sonde alcançam levam na bôca sem resistência, com ficarem o osso descoberto de carne, e por

cinde mais frequentam de afeitar e pelos testículos, que logo os cortam e levam juntamente com a natura, e muitos índios se acham por êste respeito faltos de semelhantes membros.

ALVIANO

Dou-vos minha palavra que não haverá já coisa na vida que me faça meter nos rios desta terra, porque ainda que não tenham mais de um palmo dégua imaginarei que já são casas piranhas comigo, e que me desarmam da coisa que mais estimo.

BRANDÔNIO

Bem podeis cuidar por todos os rios sem recêio, que nem em todos se acham estas piranhas, antes sòmente ouvi dizer que as havia no Rio de São Francisco e no da Ursa e outros semelhantes, que são bem conhecidos, e se sabe criarem-se neles piranhas, as quais são boas de comer e se pescam no anzol, pêso que primeiro se perdem muitos, porque os cortam com os dentes. Há outra casta de pescado que chamam *peixe-galo*, por ter o escalhaço muito alevantado. *Salé* é de outra casta e também assaz bom; *sorôc* é peixe que tem grandes olhos, gostosíssimo de comer; *saúna* que é a modo de mugens; *mandeis* da feição de solho; *roncadores*, *corcovados* e *baiacus* cuja propriedade extranha, em ser peçonhento, causa espanto.

ALVIANO

E de que modo têm essa peçonha?

BRANDÔNIO

Êste pescado, além de não ser muito grande, semelha a saúde e o fel dêle é tão finíssima peçonha que tôda pessoa que o come, ou coisa que fôsse tocada nele, não pode escapar de perder a vida, por ser o mais refinado veneno de todos quantos se acham no Brasil; e, contudo, quando se tira o fel a êste pescado, de maneira que se não quebre nem se espalhe, tocando por algumas partes do corpo, se come a carne do pescado assada ou cozida sem nenhum impedimento.

ALVIANO

Não o houvera eu de comer de nenhuma maneira, porque sempre cuidara que levava do fel.

BRANDÔNIO

Pois ainda tem êste peixe outra propriedade, a qual é que, depois de estar morto, se lhe esfregam a barriga, vai logo inchando como sapo. *Tamanda* são outros que se armam, e, depois que o colhe, as suas escamas parecem lâminas; *araves* se armam também da mesma sorte e têm a cabeça menor que o corpo; *jacundá* é peixe dágua doce, excelente para se dar a comer a doentes; *pirabas* e *sarapós* têm a mesma propriedade; *tararira* é pescado de muitas espinhas, que cria dentro na cabeça uns bichos. Também há muitas *tartarugas* que, com ser peixe marítimo, vem a desovar na terra e nela, de ovos que põem, criam seus filhos.

ALVIANO

Com já haver muitas vezes ouvido tratar dessas tartarugas, nunca me disseram delas essa propriedade.

BRANDÔNIO

Pois passa na forma que tenho dito. Também se acham muitos *camarões*, assim no mar como pelas alagoas, em terra, de extranha grandeza, e da mesma maneira *cágados*.

ALVIANO

Não passeis mais avante, porque tendes tratado de muitas castas de pescado, de diferentes qualidades e naturezas, que faz confusão o considerar nos nomes e modo dêles.

BRANDÔNIO

Pois ainda vos poderei dizer que a terra dêste Brasil é tão carnávei de produzir pescados, que nos campos por onde muitas vêzes houve, quando pelo inverno se formam neles alagoas, logo se acham nelas uns peixes a que chamam *muçus*, semelhantes a enguias, e quantidade grande de camarões; de modo que tôdas as pessoas que vivem pelo sertão se sustentam dêles, com mandarem moer de coité uns co-

vos, com algum cêvo ordinário, pelas bás partes, e de madrugada os mandam tirar cheios de semelhantes pescados.

ALVIANO

Se com tanta facilidade se tornam, não devem de padecer os moradores desta terra falta dêle.

BRANDÔNIO

Dos *semelhantes*, que se tomam em cevos, há muita cópia.

ALVIANO

E de que modo se pesca o demais peixe nesta terra?

BRANDÔNIO

Com rêdes e tresmalhos, e com certas tapagens que se fazem por alguns esteiros, aonde com a crescente da maré entra muito peixe e, depois de estar dentro, lhe tapam a porta, e como as águas falecem ficam quase em sêco, e os tomam sem trabalho. Mas a principal pescaria de que se aproveitam os demais moradores dêste Estado é a que mandam fazer por negros em jangadas, os quais nelas saem fora no mar alto, aonde ao anzol pescam peixes grandes e formosos, com os quais se tornam a recolher ao pôr do sol, e desta sorte se torna muito pescado.

ALVIANO

E porque se não aproveitam de ir pescar ao alto em barcos, como fazem as chalupas de nosso Portugal?

BRANDÔNIO

Porque não está em uso, e algumas pessoas que o começaram a fazer, desistiram logo disso. Também se criam pelas alagoas e rios um animal a que chamam *capiaara*, os quais vivem nas águas e pastam sôbre a terra, semelhantes á lontra na natureza, mas não nas feições, o qual é bom para se comer.

ALVIANO

E êsse animal á reputação por pe'xe ou por carne?

BRANDÔNIO

Por carne se reputa, porque a tem tão muito boa e gostosa, além de que, conforme razão, era bem que fôsse lido por carne, por pastar na terra, que é só que se deve de ler respôsta para semelhantes dúvidas. Além destas alagoas as acham também pelas mesmas ruas e sítios nos lugares grandíssimos, á que os naturais da terra chamam *jacaré*, mas não tão carniceiros como os da Índia. Estes lagartos põem ovos ao modo dos de pato, mas não tão redondos, porque são alguns tanto ovados, os quais têm em ôlho dentro na água, sòmente com olharem para êles, porque a sua vista é bastante para produzir neles os filhos, como as aves o fazem com o calor dos peitos; e ao tempo nascem dêles lagartinhos.

ALVIANO

Isso parece história, a que se não pode dar crédito.

BRANDÔNIO

Pois não o tenhais por cousa fabulosa, porque a mim me trouxeram uns ovos dêstes, que se acharam dentro na água, e, quebrados, se viu ao cabo um dêle lagartinho já vivos, que se moviam de uma parte para a outra. E também me haveis por escasso de tratar mais dos pescados, dando-me licença para que me passe aos mariscos, que há muitos e diversos nesta província.

ALVIANO

Não vos vi tratar das baleias, que de fôrça deve de haver muitas, pois arribar que lançam na terra.

BRANDÔNIO

Sim, há, porque nesta costa se acham muitas e mui grandes, principalmente no verão, e dêlas saem algumas á costa, de que se faz azeite de peixe; e na Bahia matam muitas ás farpadas algumas biscaínhas, de que fazem o mesmo

azuis, por ser cousa que tomaram por ofício. Mas o cuidarem que as peleias trazem o âmbar na terra é engano manifesto, porque não há tal, que a causa de vir a terra não é outra senão que essas mesmas baleias e outros grandes pescados o vão buscar para o comerem no profundo das águas marítimas, donde nasce em grandes arrecifes e, com a força que fazem para o espedaçarem, se quebram alguns pedaços, uns grandes e outros mais pequenos, que depois o mar lança à praia, donde se acham; pósto que há poucos dias me certificaram uma cousa que sucedeu nos limites do Rio Grande, assaz verdadeira a qual desbarata tudo o que acima digo, acêrca da origem de âmbar.

ALVIANO

Pois não me tenhais isso em segrêdo.

BRANDÔNIO

Afirmaram-se dois homens dignos de fé e crédito, pelo haverem visto com o ôlho, que nas praias do Rio Grande, no Cabo Negro, um morador da mesma Capitania, por nome Diogo de Almeida, condestável da fortaleza, achara nela um pau do comprimento de um braço e quase da mesma grossura, que o mar lançara à costa, o qual tinha dois seguilhos de ramos na ponta, um dêles já quebrado e outro inteiro, que tinha algumas folhas já sêcas, que acreditaram as de aciprestе; e por êste pau vinha pegado (ao modo que o fez a resina pelas árvores) três ou quatro onças de âmbar-gris, muito bom, que parece que no fundo das águas se criam também árvores da sorte daquele pau, que dão o âmbar por resina. E se assim é, enganaram-se os que entenderam até agora que nascia como arrecifes, e deram ao alvo os que queriam que fôsse resina, porque o pau achado dá disso bastante prova. E porque o âmbar se achado êste pau não é cousa em que possa haver dúvida, daqui volta a tratar dos mariscos, dos quais os primeiros quero que sejam quantidade grande de polvos, lagostins e lagostas que se tomam pelos arrecifes nas conjunções das águas vivas, quando a maré está já descabeçada de todo.

ALVIANO

E de que modo os tomam a tal tempo?

BRANDÔNIO

Tomam-nos de noite com fachos acesos, donde as tais mariscas, espantados da luz dêles, se deixam tomar sem fugirem. Também há soma grande de *perseves* e outro marisco a que chamam *lapas, carumbés* e *ostras*, das quais se acham tão grande multidão, que quase ficam servindo de ordinário mantimento aos moradores desta terra, principalmente aos que vivem chegados ao mar. E destas ostras já algumas tenho achadas, e não o digo por encarecimento, que era necessário ser partido o seu miolo às talhadas, com faca, para se haver de comer. Dão-se pelos rios salgados, nas margens dos mesmos rios, e pelos pés, ramos e troncos do uma árvore a que chamam *mangue*, de que já tenho tratado.

ALVIANO

Acham-se por ventura nas tais ostras, pérolas ou aljôfar, como se acha nas que se pescam na costa das Índias?

BRANDÔNIO

Não creio que sejam calculadas de que trato, dessa qualidade, porque as ostras de que se tiram as pérolas nas Índias se pescam no mar alto e as de cá se tomam pelos rios; mêsto que em algumas, depois de assadas ao fôgo, se acham algumas pérolas que já vêm desbaratadas dêle, mas isto raramente, e eu tenho em casa uma dessas que vos darei.

ALVIANO

Folgarei com ela para a amostrar no Reino, e poder dizer que no Brasil também se acham pérolas.

BRANDÔNIO

Da mesma maneira há muitas *amêijoas* e outro marisco a que chamam *sapateiro*, e sobretudo um de qualidade extraordinária, a que dão o nome de *serranídeo*.

ALVIANO

Que quantidade é a dêsse marisco?

BRANDÔNIO

Diferente da que têm todos os demais, porque se acha nêle sangue na forma que o têm os pescados, sem embargo de estar encerrado dentro na sua concha, cousa de que todo outro semelhante marisco carece, e sobretudo o que mais espanta é que, nas conjunções das luas, lhe vem o mênstruo, como costuma vir às mulheres.

ALVIANO

Não ousarei eu contar isso em Portugal, porque me não darão crédito.

BRANDÔNIO

Pois aqui vos poderei dar em prova da verdade que trato, todos os moradores dêste Estado, porque o não perguntareis a nenhum dos antigos da terra, que vos não assele o que tenho dito por verdadeiro.

ALVIANO

Não duvido que seja assim, mas eu não me quero obrigar a buscar essas provas.

BRANDÔNIO

Ninguém vos pode obrigar a que creais senão o que quiserdes; mas no que digo não há dúvida. Acham-se também na terra diferentes castas de caranguejos, que são verdadeiro sustento dos pobres que vivem nela, e dos índios naturais e escravos de Guiné, pela muita abundância que há dêles, e pouco trabalho que dão em se deixarem tomar. Há uma casta dos tais a que chamam *uçá*, e outra *siri* e também *guaiá*, e da mesma maneira *guaiaaranha* e *aratu* e outra casta dêles, que se tem por contrapeçonha, a que chamam *guaiuçá*, e sobretudo os *guanhamus*, cuja natureza causa espanto.

ALVIANO

Pois não ma deixeis encoberta.

BRANDÔNIO

Esta sorte de caranguejo faz sua habitação em terra, ao longo dos dos salgados, por covas e lapas, que nelas fazem, com tirarem a terra para fora, para lhes ficar despejado o lugar de baixo, ao modo que as formigas fazem os seus formigueiros, e daí se sustentam com as ervas e frutos que se produzem na terra, porque ainda entre as sementeiras cultivadas fazem a sua morada, com lhes fazerem assaz dano. Êstes tais se tomam tirados das covas e por fora delas, com serem de maravilhoso comer, e criarem dentro em si grandes e formosos corais; e, o que mais espanta, é que, com as primeiras águas, que costuma a chover por estas partes pelo mês de janeiro ou fevereiro, saem de suas furnas em grandes esquadrões, donde se espalham pelo sertão quase uma légua, ocupando os campos, aonde nunca chegou o salgado, nem sombra dêle; e por os tais se tomam inumeráveis, e ainda se saem êles, de por si, a meter pelas casas das pessoas que por aquelas partes moram, com serem os que se tomam por esta maneira os mais gordos e gostosos para se comerem. E dizem os naturais, quando se acham êstes caranguejos por esta maneira, que andam ao atá, que soa tanto como andarem lascivos.

ALVIANO

Maravilhosas cousas me ides dizendo, as quais se houveram chegado à notícia aos antigos, creio que houveram composto sôbre elas grandes volumes, das quais nós não fazemos caso, como se não foram dignas de muita consideração.

BRANDÔNIO

Isso é por respeito de já serem entre nós muito sabidas e usadas, e tudo o que se trata desta maneira não causa espanto. Mas, porque tenho ainda muito que dizer das feras agrestes e domésticas, será bem que deixemos o mar e ponhamos a proa em terra, que é o quarto elemento, de que ainda não tratamos a respeito das feras.

ALVIANO

Assim vos peço que o façais.

BRANDONIO

Não mo entorgonho agora de vos confessar uma fraqueza minha, a qual é que desejei sumamente de furtar o corpo, por me não meter no labirinto de haver de tratar das várias castas, diferenças naturezas, estranhas feições, esforçados nomes das feras agrestes e domésticas de que o povoado todo êste grande terreno brasílico: mas a compulsão da palavra que vos tenho dado, me fez atropelar por tudo, com acometer a jornada, e que fiqueis com entendêrdes que não pode a memória capacitar, nem o engenho indagar o muito que havia para dizer sôbre semelhante matéria, da qual vos afirmo danteman que, por muito que diga, me há de ficar os dois terços por dizer. E com êste propósito quero dar princípio ao que já tenho entre as mãos, começando pelo pecurino, ligeiro e belicoso cavalo, dos quais pêsso que há muitos, abundura em in'meráve' quantidade êstes campos americanos, em tanto que nos de Buenos Aires se não contam tanta cópia dêles, mas têm cruéis inimigos que os perseguem, com lhes tirarem as vidas, os quais são os escravos de Guiné, que os matam sem reparo, para os haverem de comer, em qualquer parte que os achem, e ainda nos regulados e de muito preço furtam das estrebarias, onde estão, para o mesmo efeito. E deixando isto de parte, digo que os cavalos destas terra são grandes sofredores de trabalho, com andarem desferrados, porque, ou seja por serem mais duros dos cascos, ou pela terra ser menos pedregosa, não têm necessidade de ferraduras; e sucede de ordinário a um cavalo dêstes correrem todo um uma tarde, canais, argolinhas e pátio, acompanhando tudo de muitas carreiras, e no seu vezes continuam neste exercício três e quatro dias a rédo, com terem pará tanto alento e os acharem tão inteiros no princípio como no cabo, sendo assim que um só exercício dêstes bastara para aguar vinte cavalos dos de Espanha, e êstes têm além'do para tudo, com correrem mal, porque o seu mais ordinário mantimento é erva, a que nesta terra chamam capim; e de maravilha se lhes dá um punho de milho, porquanto não se acha tôdas as vêzes que se busca.

ALVIANO

E quanto vale um cavalo désses?

BRANDONIO

Alguns que eram sumamente bons, vi já vender por quinhentos cruzados, e outros por menos: mas, quando no cavalo se acham as partes do gizete, sem manhã má, sempre vale ao redor de cinquenta cruzados.

ALVIANO

São de tanta dura os cavalos desta terra como em Portugal?

BRANDONIO

Sim, são, e ainda mais, porque aqui não se enxerga em um cavalo ser velho, a respeito que tão ágil está para todo trabalho o de 15, 16 anos, como o de 4.

ALVIANO

Dão-se também desta banda bestas muares?

BRANDONIO

Sim, dão, mas não as há.

ALVIANO

Não vos entendo êsse modo de falar.

BRANDONIO

Pois declarar-me-ei mais. Digo que se dão, porque de alguns anos cavaleiros que se mandaram vir do Reino, se produziram maravilhosos machos e muias; mas, elas morreram, sendo a geração dêles, sem haver quem se quisesse abalar em mandar buscar outras, ou ao menos um asno e asna, para que se produzissem dos semelhantes na terra. E por isso disse que se davam com as bestas muares, mas que as não havia.

ALVIANO

Agora vos tendes explicado.

BRANDÔNIO

Também há nesta terra quantidade grande de gado vacum, todo de muitas carnes e gordura, excelente para se comer, que dão infinidade de leite, do qual não se sabem ou querem aproveitar, o a muito utilidade que do tal gado tiram, são os novilhos, de que se farão bons mansos para serviço dos engenhos e das lavouras, com ser das melhores fazendas que há na terra. E conheci eu um homem que tinha mais de mil cabeças de gado vacum, dividido por currais, dos quais tirava grande proveito: e outros não menos, pôsto que todos pretendem ter currais de vacas, por ser fazenda de muita importância.

ALVIANO

E por quanto se vendem cada uma vaca e novilho?

BRANDÔNIO

A vaca, sendo boa, é estimada nestas Capitanias da parte do norte, em quatro e cinco mil réis, e o novilho que seja já para se poder meter em carro, a sete e a oito mil réis, e um boi já feito vale de doze até treze mil réis. E êste é o preço mais ordinário. Também se produzem na terra muitas ovelhas, carneiros e cabras, um tanto que das ovelhas parem muitas de um ventre dois carneiros, e das cabras a dois e a três cabritos*.

ALVIANO

Isso é cousa estranha; e pois tanto multiplica o gado de semelhante espécie, não deve de carecer a terra de queijos, nem de lã.

BRANDÔNIO

Antes não há nela nenhuma cousa dessas, porque seus moradores não se querem lançar a isso, que podendo ter grande quantidade de lã de ovelhas, ainda que não fôra mais que para enchimento de colchões, se costumam antes

* No apógrafo da Livraria (fls. 126v) corrigiu-se "se querem".

de comprarem a que trazem do Reino a três e a quatro mil réis; e da mesma maneira os queijos. E nesta esta negligência tanto avante que, com se dar semelhante gado grandemente na terra, não se querem dispor a cria dêle, contentando-se cada um de criar somente o que lhe abasta para provimento de sua casa, que não pode ser maior vergonha.

ALVIANO

Isso é uma cousa que convém não tratar dela por honra do Brasil.

BRANDÔNIO

Dêste gado ovelhum e cabrum se forma também outra espécie, da qual eu já tive muito, a qual é uns mestiços, filhos de ovelhas e de cabrão, que representando a feição de ambos os pais, tomam de um uma cousa e do outro a outra, com que se forma quase outro animal diferente na composição e são excelentes para se comerem.

ALVIANO

Nunca ouvi tratar dessa nova casta de animal, nascido de semelhante mistura.

BRANDÔNIO

Pois aqui no Brasil os há, e tive já muitos dêles, como tenho dito, pelo que não vos fique disso nenhum escrúpulo. Também há muitos porcos, excelentes, dos da casta de nosso Portugal, cuja carne, por se ter por muito sadia, se costuma dar a doentes.

ALVIANO

Pois eu me achei um dia dêstes passados, em casa de um enfêrmo, o qual perguntando ao médico se poderia comer carne de porco, lha defendeu com grandes encarecimentos.

BRANDÔNIO

No princípio da doença sempre teria por acertado defender-se de usar dela, mas no seu decurso não se acha que

houvesse feito dano a algum enfêrmo, pôsto que êstes modernos médicos querem perverter isto, que sempre foi aprovado pelos antigos; pode ser que o façam sòmente por serem reputados por cientes, sem mais outro fundamento.

ALVIANO

Assim o fazem muitos com notavel prejuizo dos enfermos. Mas folgarei que me digais se todo êsse gado, de que tendes tratado, se era natural da terra, e o acharam já nela os nossos portuguêses quando a vieram povoar, ou se foi mandado trazer de Espanha.

BRANDÔNIO

Nenhum gado dos que tenho referido havia nesta província, antes se trouxe todo para ela de Portugal, exceto alguns cavalos e éguas, que vieram do Cabo Verde, por se haverem lá produzido primeiro que nestas partes. E se quereis ouvir das naturezas e qualidades das alimárias que havia na terra, natural dela, dai-me atenção e pode ser que vos faça arcar as sobrancelhas de espantado.

ALVIANO

Dizei tudo, porque me tendes disposto para vos ouvir.

BRANDONIO

Acham-se por estas partes muitos animais a que chamam *anta*, do tamanho de um boi, os quais se criam pelos campos e se caçam à espingarda e em fojos, e têm boa carne para se comer.

ALVIANO

E a pele é como a que nós usamos?

BRANDONIO

Da mesma maneira, mas não se servem delas, por não se disporem a curti-las e concertarem e, sem nenhum benefício, as deixam perder. Também há inumerável quantidade de veados, corças e porcos.

ALVIANO

E êsses animais tomam-se do modo que se costuma de caçar em Portugal?

BRANDONIO

Não, porque sòmente se matam à espingarda e à flecha, com os irem esperar aos postos aonde costumam de continuar, e também com armadilhas e fojos; e desta maneira se tomam grande quantidade dêles, com ser carne muito boa para comer, semelhante à de Portugal. Os porcos são de diferentes castas, como é uma a que chamam *taiaçu*, e outra *taitetu*, e da mesma maneira *tacuité*, que são os nomes por que são conhecidos os tais porcos, por serem uns maiores e outros mais pequenos, e todos de semelhante casta têm os umbigos nas costas, diferentes dos que vieram de Espanha, porque parece que assim os quis criar a natureza.

ALVIANO

Cousa estranha é essa, e será dura de crer a quem dela não souber muito.

BRANDONIO

Pois disto não há dúvida, por ser cousa assaz sabida. E posto que êstes animais se matam à espingarda e flecha, e por armadilhas e fojos, como tenho dito, todavia há uma casta dêles, que se caça por um modo estranho; o qual é que vai o caçador à parte aonde já tem feito certo o bando dêles, e ali, antes de se amostrar, escolhe uma árvore que lhe fique mais acomodada para poder subir nela, quando lhe for necessário, e como a tem preparada mostra-se ao bando dos porcos, com dar alguns brados, os quais, tanto que o sentem, arremetem a êle como leões para o espedaçarem. O prevenido caçador se acolhe logo à árvore, aonde espera que o bando dos porcos chegue a êle, que incontinenti o fazem, roendo-lhe as raízes e tronco, por não poderem chegar ao que se acolheu em cima; mas o pronto caçador, como os vê envoltos naquela braveza, não faz mais que, com agudo dardo que leva nas mãos, ferir um dos porcos, de modo que lhe tire sangue, donde os outros em lho vendo correr, arremetem a morder ao que está sangrado, e êle, por se defender, morde também aos que o perseguem, e assim

se vão dessangrando uns aos outros, enganados com o cêvo do sangue que cada um de si derrama, até que travam todos uma cruel batalha, na qual se vão espedaçando com os dentes até caírem mortos, estando a tudo isto o caçador seguríssimo, assentado sôbre a árvore, donde com muito gôsto espera o fim da contenda para colher o despojo, o que faz de muitos porcos que no mesmo lugar ficam mortos, os quais faz levar para sua casa, donde ordena dêles o que lhe parece, por ser carne de maravilhoso comer.

ALVIANO

Aprazível e deleitosa caça deve de ser essa, por se fazer prêsa de tanto e tão pouco custo; tomara eu ocupar-me sempre em semelhante exercício.

BRANDÔNIO

Pois aqui não se exercitam nela senão os índios naturais da própria terra. Também se acha quantidade grande de outro animal a que chamam *paca*, o qual é muito maior que lebre, listado de pardo e branco, cuja carne, por gorda, é semelhante da de porco, mas mais gostosa para se haver de comer. *Cotia*, que é um animal pequeno, que se faz doméstico e anda pelas casas, quando o querem trazer nelas; e também outra sorte dos semelhantes, a que chamam *quati*, e assim um como o outro são bons para se comerem. *Tatu* é um bicho que se vê pintado nos mapas pela sua estranheza e feição de que é composto, porque anda armado de umas couraças, à maneira das que nós usamos, com não serem pouco fortes, e debaixo de semelhante armadura agasalham o seu pequeno corpo. E dêstes tais se acham muitos, que se estimam para a sua mesa.

ALVIANO

Estes dias atrás passados me amostraram um dêsses bichos, que me fez maravilha de ver o modo dêle.

BRANDÔNIO

Eu quis levar um para Portugal, mas não pude sair com a minha pretensão, por me morrer no mar.

ALVIANO

Não fôra há pouco estimado.

BRANDÔNIO

Jaratacaca[1] é animal do tamanho de um gôzo, de côr parda, de mais rara e estranha natureza de quantos o mundo tem, a qual é que, se, acaso, andando pastando pelo campo, fôr acometido de alguma pessoa que o pretenda tomar, vai fugindo dela; mas quando se vê apertado, larga, para sua defensão, uma ventosidade que é poderosa, com o seu ruim cheiro, de abater e lançar por terra, sem acôrdo, tôda a cousa viva que o segue, quer seja homem, quer cavalo, quer cão, ou qualquer outra sorte de animal, sem nenhum reparo, e ali fica arvoado, sem dar acôrdo de si, por espaço de três ou quatro horas; e o que faz maior maravilha é que os vestidos, sela, estribos ou a coleira do cachorro a que alcança o ruim cheiro da ventosidade, nunca mais aproveita para nada, e se deve de entregar ao fogo para que o consuma. E não basta ao homem a quem isto sucedeu, lavar-se uma, dez, nem vinte vêzes dentro nágua, para efeito de perder aquêle ruim cheiro, antes prevalece nêle por espaço de oito ou dez dias, até que, com o tempo, se vai gastando. E a mim me sucedeu, estando um dia vendo pesar açúcar, entrar na casa um homem ao qual havia mais de sete dias que havia tocado a ventosidade do animal, e com vir já lavado muitas vezes, cabelo e barba feita, e outro vestido, foi tanto o mau cheiro que de si lançou, que nos obrigou, aos que ali estávamos, a desamparar a casa e sair fugindo para fora, com ignorarmos o caso, até que êle próprio contou o que lhe havia sucedido.

ALVIANO

Cousa espantosa é essa, e certamente indigna de se poder crer pela sua estranheza e raridade. Assim aconselhara

[1] No apógrafo de Leiden (fl. 126v) escreveu-se por cima das duas primeiras sílabas do "Jaratacaca" Mai [Lucas].

ou sos avis e príncipes que inscassem modo de indústria para criarem semelhantes animais domèsticamente, em forma que não sofressem a verdadeira serão quando lhos fôsse mandado, porque com isso venceriam grandes exércitos, sem arriscarem espadas.

BRANDÔNIO

Pois não o tenhais por graça, porque dessa maneira sucederia quando fôra causa que se pudera pôr em efeito. Também se acham na terra muitos coelhos, dos mesmos de Portugal, não por serem naturais dela, mas parece que se deviam de transmontar alguns que de lá vieram, e dos tais se produziram os muitos que agora há. Também há outra casta dos naturais, a que chamam *saiya*, mas mais pequenos; e outros por nome *penarí*, de rabo grande, semelhante a rato, e da mesma maneira *aperéa*, que são excelentes para se comerem; e assim uma casta dêles, muito pequenos, a que chamam *mocó*, os quais se fazem domésticos e se trazem pela casa, para contra os ratos, por serem grandes perseguidores dêles. Também há outra sorte a que chamam *rerúia*, que todos são da espécie de coelhos, uns pequenos e outros mais grandes.

ALVIANO

Não há tantos em Portugal, e disso parece que lhe faz o Brasil muita vantagem.

BRANDÔNIO

Aguaxiâneri é um animal pequeno, o qual tem o rabo tamanho que lhe basta para se cobrir todo com êle, e assim, quando o toguem, não se lhe enxerga mais que o rabo, porque o corpo lhe fica escondido debaixo. *Mocó* ou *guaquí*, por outro nome, são uns bichos do tamanho de um lêparo, com os quais dispensou a natureza que tivessem bolso debaixo da barriga, dentro no qual agasalham os filhos, depois que os parem, e quando caminham os levam aí dentro metidos, e estando parados os soltam para que pastem e tomam pelo campo e, querendo outra vez caminhar, os tornam a recolher.

ALVIANO

E êsse bolso é por ventura aberto até as entranhas?

BRANDÔNIO

Não, porque tem uma pele sôbre a outra, e na de cima se forma semelhante bolsinho.

ALVIANO

Maravilhosas coisas me ides contando, com as quais me tendes suspenso.

BRANDÔNIO

Tamanduá-açu é um animal de côr parda e branca, do tamanho de um poldro de seis meses, o qual tem o rabo tão comprido e largo, que é bastante a cobri-lo todo, dos pés até a cabeça, e a sua carne é muito boa de comer. Também há na terra diversos modos de raposas, grandes caçadoras, principalmente de galinhas, que lhes não escapam, quando lhes podem chegar.

ALVIANO

Quanto a essas melhor fôra que as não houvera, porque em tôda a parte são danadas.

BRANDÔNIO

Irara é um animal do tamanho de um gato, de côr negra, feitio comprido, a boca de feição de ilhó, cujo verdadeiro mantimento são formigas e delas se sustenta.

ALVIANO

Não sei de que modo possa ajuntar tantas formigas, que bastem para sua sustentação, pois são a cêpa muito miúda.

BRANDÔNIO

Usa para o efeito de uma estranha invenção, a qual é

que vai buscar os formigueiros e outros* lugares por onde costumam a andar formigas, e ali, lançado em terra, bota fora da bôca a língua, a qual, por ser muito comprida, e ter muita viscosidade, se cobre incontinenti de formigas que, uma atrás outras, concorrem a buscar o cêvo e, como o bicho sente que se ajuntaram já muitas, recolhe a língua para dentro, com levar nela um arrazoado bocado e, êle comido, torna a largá-la outra vez e muitas, até se fartar do seu mantimento, que por esta maneira não lhe é dificultoso o buscá-lo.

ALVIANO

Também não carece de muita consideração o modo dêsse animal e qualidade de sua sustentação, a qual, com parecer dificultosa, lhe fica sendo fácil pela indústria de que se aproveita.

BRANDONIO

Também há nesta terra muitos camaleões, que se chamam pela língua natural dela *senembi*, os quais são grandes e formosos e de côr verde, que é a sua natural, e acontece estarem sôbre uma árvore por espaço de dois a três dias, sem se mudarem dela, parece que sustentando-se do vento, como escrevem os naturais.

ALVIANO

Pois é de saber se êsses camaleões mudam também de côr, como êles afirmam.

BRANDONIO

Sim, mudam, porque eu vi já muitos que, postos sôbre panos de diferentes côres, depois de estarem sôbre êles** por algum espaço, vão tomando quase a mesma côr, pôsto que não tão perfeita, nem distinta; e o gentio da terra os come e diz dêles ser boa carne. *Teju* é um sardão, grande perse-

* No apógrafo de Leiden (fls. 181v) riscaram "e outros" e escreveram por cima "partes".

** No apógrafo de Leiden (fls. 181v) riscaram "sôbre" e escreveram por cima "a êles".

guidor de galinhas, e contudo estimado para se haver de comer. *Jia* é animal de feição de rã e tamanho como um cágado, muito bom para se haver de comer, e quem quer que o tiver não carecerá de boa coisa. Também há nesta terra um estranho animal ao qual os nossos portuguêses chamam *preguiça*, e o gentio natural *aí*, em cuja qualidade, por ser assaz notória, não me quero cansar em vê-la relatar.

ALVIANO

Antes vos peço que o façais muito em particular, porque dêsse animal não sei, nem tenho ouvido dizer nada até agora.

BRANDONIO

Esta preguiça é do tamanho de um cachorro, pôsto que não tão alevantada, de um estranho rôsto e feições, tem a côr parda e preta, e as mãos e pés com dedos mui distintos, acompanhados de grandíssimas e agudas unhas. É bicho dotado por natureza de grande fleima e preguiça, em tanto que, para haver de subir ou baixar de uma árvore, pôsto que pequena, gasta pelo menos dois dias de tempo, e pela terra lhe sucede o mesmo para se haver de mover pequeno espaço; porque para alevantar e estender um braço, e depois fazer o mesmo do outro para ir avante, faz intervalo de um bom quarto de hora, sem bastar, para que se mova com mais alguma pressa, açoites, feridas, nem ainda fogo, porque da mesma maneira e pelo mesmo compasso vai movendo as mãos e pés, como se lhe não fizeram nada; e tem tanta fôrça nelas, que aonde quer que aferra com as unhas, não há poder lhes desaferrar, senão com grande trabalho. Os filhos, enquanto são pequenos, trazem sempre consigo pegados pelo corpo, porque êles têm cuidado de se aferrarem no pai ou na mãe, de maneira que nunca os largam até serem grandes.

ALVIANO

De cada vez me ides contando mais estranhezas, e tais que, pela qualidade delas, não capacita o entendimento podê-las haver no mundo.

BRANDONIO

Pois, no que vos vou dizendo, não me arredo em nada da

verdade, nem haverá quem o dia me possa pôr glosa. *Aguará-açu* são uns animais à feição de cão. *Marmosas* são de feição de gato, pêlo que dá muito, muito formoso, por ferem todo o corpo listado. *Tiquiaem* é outro gato também do mato, mui agouroento para os índios, em tanto que, se acaso os encontram, tendo começado qualquer jornada, desistem logo dela, por lhes parece que lhes há-de poder suceder bem, havendo visto semelhante bicho. *Heirara* é um animal grande, o qual se sobe sôbre as árvores, sendo vê que há mel, do modo que o fazem os grãos e depois de estarem cm cima delas, com os dentes e mãos fortes o tremem para baixo, onde o comer o mel e assim se fartam dêle, sem arrecelarem o aguilhão das abelhas.

ALVIANO

Deve de ter êsse animal natureza de urso, em ser inclinado ao mel.

BRANDÔNIO

Eu não sei que natureza é a sua, mas sei que o seu verdadeiro mantimento não é outro. *Jaguara* é outro animal grande cuçudo, e a êle caçam também os índios com cachorros, para o haverem de comer; *guaçuara* é uma casta de onriço da feição dos de Portugal, de que também os índios se aproveitam para seu mantimento; *guaçuti* é cachorro do mato, ordinariamente grande; *jaguarahipema* é um animal não muito grande, grandíssimo caçador e matador para semelhante arte.

ALVIANO

Já que tão bem sabe contar êsse animal, não deve de padecer fome.

BRANDÔNIO

Nunca se ocupam senão da caça. Já temos visto os formosos e lindos *saguins* que se criam nesta província, donde os levam para Portugal, com serem lá estimados pelo seu bom cabelo, pequeno corpo, feições do rosto e viveza dos espíritos.

ALVIANO

Dessa qualidade temho visto muitos, e ainda tenho um em casa, de que me tenham presente os dias passados; e são bichos de muita consideração.

BRANDÔNIO

Confesso-vos que arrecelo de vos dizer dos bugios, porque há tanto que contar dêles, que pode ser cuo me tenhais por fabuloso; mas, como estou em parte aonde posso logo abonar minha verdade, direi o que cumpre de matéria. Nesta terra se produzem grande quantidade de bugios, de diferentes castas, uns muito grandes e outros mais pequenos, os grandes são chamados *guaribas*, dos cuais direi por derradeiro. Destes que não são tamanhos, se contacem diferentes habilidades e costumes, dos quais o primeiro seja que têm de costume ir furtar milho pelas milharadas, quando êle está de vez, e para o efeito se previnem dêste modo: antes de descerem das árvores, elegem dentre si três ou quatro espias, que dividem pelas partes por onde melhor se descubra o campo de cima de grandes árvores, os quais estão sempre vigiando com o olho alerta, e os demais bugios, havendo-se com esta prevenção por seguros, deseem abaixo a fazer seu furto, levando cada um dêles, por uma estranha invenção, a trás e quatro espigas, e se não forem sentidos se recolhem com elas; mas, se acaso vem gente, estando ainda ocupados no furto, lhes fazem sinal as espias, com darem certos brados, que, como são ouvidos dos demais, se recolhem com prestesa no estado em que se acham; e se acaso as espias se descuidarem, e sobrevem gente, com lhes haverem dado sinal, estando êles ocupados no furto, fogem o melhor que podem, e o primeiro que fazem é arremeterem às sentinelas, e aos bocados as espadagam, com lhes darem por esta via o castigo do seu descuido.

ALVIANO

Não pode haver mais, nem governar-se com melhor providência uma pessoa racional, o fôrgo de saber que muito há para se tomarem estes bichos, porque vejo levar muitos dêles mansos a Portugal.

BRANDONIO

Tomam-nos com laços e armadilhas, das quais um escravo meu lhes fazia uma assaz galante, a qual era que tomava uma botija de bôca estreita e a mesura de milho, e assim a punha lançada no chão, com alguns grãos por fora, ao redor da bôca dela, e tendo assim a botija preparada na parte onde os bugios costumavam a vir fazer seus furtos, tanto que alguns chegava a ela, vendo os grãos de milho, depois de os comer, olhava pelo buraco a ver se achava mais, e tanto que os divisava dentro, metia a mão pela bôca da botija, e quando a queria tornar a tirar para fora já o'cia de milho, o não podia fazer, porque, como a meteu vazia, pôde bem caber pelo buraco, mas trazendo-a cheia, não lhe era possivel pod-la tornar a tirar para fora, por êsse modo ficava preso; e como ignorava que lhe era necessário tornar a soltar o milho, para poder levar a mão, o que fazia era sómente dar muitos gritos, até que se batia dêles acudia o cagaufor a lhe lançar um laço, com o qual, depois de quebrar a botija, o tirava para casa.

ALVIANO

Modo de caçar é êsse, em que eu sempre me exercitara, pelo gôsto que havia de ver preso aquêle animal por semelhante via.

BRANDONIO

Outra cousa estupenda vi contar dos mesmos bugios, póste que a não posso testificar de vista, mas afirmaram-me pessoas dignas de fé, a qual é que, quando o rebanho dêstes animais vai fazendo o seu caminho pelo inverno, se acaso encontra algum rio crescido, que lhes impida a passagem, porque a nado o não podem fazer, pelo inconveniente dos filhos pequenos que consigo levam, usam de uma maravilhosa indústria para não deixarem de continuar o seu caminho, a qual é que buscam duas árvores crescidas, que fiquem fronteiras, uma da banda daquêm do rio e a outra dalém, e subidos sôbre a árvore, da parte donde se acham, logo em uma rama dela, que penda sôbre o rio, se aferra um dos tais bugios com as mãos, deixando o corpo dependurado para baixo, e àquêle se lhe ajunta outro, com lhe fazer da mesma maneira prêsa com as mãos na pedrina, e logo outro, e muitos, até que se forma por êste modo uma corda de bugios, e como está instantemente comprida, se embalança tanto com ela de uma parte para outra, até que o último bugio, dos de baixo, possa aferrar com as mãos de rama da árvore que lhe fica mais vizinha da outra parte, na qual, fazendo fôrça, vai atesando a corda pouco a pouco, e depois que o está, por riba dela passam os demais bugios com seus filhos às costas: e como todos estão já da outra parte, o primeiro que se aferrou do tronco na árvore oposta, solta tambem as mãos dela, e fica da outra parte com os companheiros, porquanto o que está além não se solta, tendo a corda em perfeição, até que o outro passou por esta via, e se ajunta com os demais.

ALVIANO

Cousa é essa que, pela sua variedade, não muito tanta confiança em mim, que me atreva a contá-la no Reino, porque arrecearei que me dêem apupadas.

BRANDONIO

Pois aqui achareis muitas pessoas que assim vão afirmar. A outra sorte de bugios se chama *guaribas*, os quais são muito maiores e têm barba, e no modo que vivem e providência com que se governam, quase que se querem parecer com a gente humana. Estes fazem sempre sua habitação por cima de grandes matas e crescidas arvoredos, juntos em cabildas, donde estão em continua grita, que se ouve de muito longe, e tôda a pessoa que ignorar a causa terá pera si serem vozes humanas, ou sem de instrumentos, porque daquela maneira respondem. Estes guaribas costumam a fazer-se a barba uns aos outros, quando as têm crescidas, ajudando-se para isso de certas pedras agudas, unhas e dentes: e quando lhes tiram com algumas flechas e delas são ligeiramente feridos, tornam com muita brevidade a tirá-la logo do corpo e, com ascendida cólera, a arremessam contra o que lha atirou, intentando querer fazer o mesmo que lhe fez: e a ferida curam depois com facilidade, afirmando-lhe certas ervas só êles conhecidas. E quando sucede serem feridos de ferida penetrante e mortal, conhecendo o seu mal, antes de se entregarem e morrer, se dependuram na árvore em que estão, fiando na rama dela o rabo, da sorte que morrem ali dependurados, sem caírem para baixo, tanto abominam o serem presos de seus matadores.

ALVIANO

E quando êsses quatibas encontram acaso com algum homem por essas matas, folgara de saber se o deixam passar livremente, sem lhe fazerem mal.

BRANDONIO

Às vêzes o deixam passar, porque não reparam nêle, e outras o perseguem com carreiras e bôcas e outros modos que lhe fazem; em tanto que eu vi já um mancebo, filho da terra, vir assaz afrontado, de perseguido dêles, e me afirmou que tanto o apertaram que se viu em termos de se perder.

Também se acham nesta terra umas onças ou tigres muito listados, do tamanho de um bezerro, grandes perseguidores do gado doméstico, do qual costumam sempre matar muito.

ALVIANO

E de que modo o matam?

BRANDONIO

Com nenhum outro senão com se arremessarem a êle, e lhe darem com a mão uma bofetada sôbre a cabeça, com tanta fôrça que é bastante — oh cousa maravilhosa! — a lhes quebrar os cascos por muitas partes, com lhes espargir os miolos, morrendo logo a vaca ou novilho a que isso acontecem, sem por a parte de fora lhe fazer ferida, nem mostrar sinal por onde recebera tanto dano.

ALVIANO

Folgara de saber se assim como acometem e matam o gado, o faz também à gente.

BRANDONIO

A homem branco não ouvi dizer nunca que matassem, mas aos índios e negros de Guiné, sim, quando se acham muito famintos. Também há outra sorte desse mesmo espécie, de menor corpo, a que chamam suçuarana, que costu-

mam de matar alguns bezerros e gado miúdo, mas não são tão daninhos como os outros.

Não quero calar as diferentes castas de cobras peçonhentas, que se acham por tôda esta província, como são *jararacas, jaracucus, cobra de coral*, e outra que chamam de *cascavel*, porque tem uns nós no rabo semelhantes a êles, e quando os meneia com fôrça formam um som que se parece com êles. Estas tôdas são peçonhentíssimas, e matam as pessoas a que mordem em breve termo, e por isso são mui temidas. Outra sorte há também de cobra, muito mais grande, a que chamam os índios boiçu e nós cobra do veado, porque comem, engulindo um inteiro, quando o tomam. Caçam dependuradas sôbre árvores, e de salto fazem a sua prêsa; e já sucedeu arremessarem-se a homens, que mataram, com lhes meterem o rabo pelo sêsso, por ser parte donde logo acodem com êle. E destas semelhantes cobras vi eu uma tão grande, que tenho temor de dizer a sua grandeza, temendo de não ser crido: e se afirma também delas uma cousa assaz estranha, a qual é que, depois de mortas e comidas dos bichos, tornam a renascer como a Fênix, formando novamente sôbre o espinhaço carne e espírito.

ALVIANO

Isso tenho eu por cousa indigna de se poder pôr em prática, porque não mostra nenhuma aparência de poder ser verdade, por encontrar as leis da natureza.

BRANDONIO

Já vos disse que eu não o vi, mas ainda me atrevo a vos mostrar muitas pessoas, que vos afirmem haverem experimentado o caso, assim como vo-lo tenho relatado. E com isto vos confesso que não me acho para mais, nem me atrevo passar avante, pôsto que me ficam ainda muitos animais terrestres de que pudera fazer menção.

ALVIANO

Tendes dito de tantos e mostrado tantas maravilhas de suas naturezas e qualidades, que não sei que vos possa ficar mais por dizer, senão dos costumes dêste gentio da terra, e é a última cousa de que prometestes tratar.

BRANDÔNIO

Para isso é necessário que cobre novo alento e novo ânimo, por ser matéria tanto comprida como difícultosa; e para dar remate a esta nossa prática, que sumamente desejo, amanhã vos virei buscar a êste mesmo pôsto, às horas costumadas.

DIÁLOGO SEXTO

Costumes dos naturais

BRANDÔNIO

Assim como o que tem caminhado grandes jornadas, na derradeira se apressa mais para haver de chegar à sua pousada, e pela descansar do trabalho que tem passado, assim havendo eu no dia de hoje de dar cumprimento à minha obrigação, nesta última prática me apresso mais do acostumado em vir ocupar êste pôsto, no qual há já prazo que vos espero.

ALVIANO

Confesso meu descuido, de que foi causa uma visita; contudo se soubera que credes já aqui vindo, atropelara pelas obrigações de cumprimento por vos vir buscar.

BRANDÔNIO

Ainda não haveis feito falta e para dar princípio ao que cumpre entre mãos, digo que bem vos deve de alembrar havervos já mostrado o cumprimento e largura de tudo quanto nós, os portugueses, temos povoado nesta costa brasilonse, e da mesma maneira as cidades, vilas e lugares. Capitanias que pelo distrito de tôda ela se acham, com as cousas de que abundam, e assim das que carecem; tratei também do bom céu e melhor temperamento de que goza todo êste terreno, sua riqueza, fertilidade e abundância de mantimentos, gados, aves e pescados, das quais cousas deveis de ter inferido, quando não quereis ser reputado por burro das cousas do Brasil, o quanto vos enganáveis em o julgardes por ruim terra.

ALVIANO

Estou já bem arrependido do meu engano, e não pouco corrido de haver perseverado não; mas, com todas as suas abundâncias que me tendes representado, vejo que, pôsto que tudo lhe sobeja pela fertilidade do seu terreno, vem a padecer muitas faltas, das quais me alembro haverdes abrangido a cu pa à negligência comum e pouca indústria dos seus povoadores; mas faltou-vos por dizer o que se poderia fazer para semelhante falta ter emenda.

BRANDÔNIO

Conteno minha pouca memória, com vos dizer que isso se remediará quando a gente que houver no Brasil for mais daquela que de presente se há mister para o granjeamento das engenhos de fazer açúcares, favoura e mercancia, porque então os que ficarem sem ocupação, de força hão de buscar alguma de novo de que lancem mão, e por este maneira se farão uns pescadores, outros pastores, outros hortelões e outros tecelões, e exercitarão os demais ofícios, dos que hoje não há nesta terra na quantidade que era necessária houvesse; e como isto assim suceder, logo não haverá falta de nada e a terra abundaria de tudo o que lhe era necessário, conseguindo se ao vivo a sua grande fertilidade e abundância, com não ter necessidade de somas mercadurias, das que se trazem de Portugal, e quando a houvesse, tôrna de poucas.

ALVIANO

Quando totalmente o Brasil se pudera sustentar sem o provimento que lhe vem todos os anos de Portugal, nunca o poderá fazer se lhe não vier gente, por ser o com que êle se povoa.

BRANDÔNIO

Enganai-vos nisso, porque o Brasil tem já hoje em si tanta gente que basta para o povoar, e, ainda antes de poucos anos, lhe ficará sendo sobeja; porque a Capitania de Pernambuco, com as mais de norte, pode já hoje pôr em campo mais de dez mil homens armados, nos quais entrarão muitos de cavalo. E porque nos imos declarando de matéria sôbre a qual havemos hoje de tratar, que é sôbre os costumes gerais da terra, me quero começar a dar princípio com

dizer primeiro, posto mente, do que gastam os nossos portugueses, dos quais, os que não são moradores, se ocupam em suas lavouras, como tenho dito, e para o efeito fazem a sua habitação pelos campos, ainda têm sua família em casas que para isso fazem fabricar, umas de taipa e outras de pinchova ou sapé, que é uma casca com que se fazem semelhantes coberturas; e posto que em suas casas de moradas nas vilas e cidades, não fazem residência pelas, porque no campo é a sua ordinária habitação, aonde se ocupam em granjearem suas fazendas e fazer suas lavouras, com a sua bolada e escravos de Guiné e da terra, que para o efeito têm dopulados porque a maior parte da riqueza dos lavradores desta terra consiste em terem poucos ou muitos escravos; sustentam-se de suas criações, tendo de ordinário um pescador que lhes vai à pescar ao mar alto e também aos rios, donde lhes traz pescado bastante para sua sustentação.

ALVIANO

E êsse pescador é cativo ou fôro?

BRANDÔNIO

Não é senão escravo cativo do gentio da terra ou de Guiné, e também dos fôros, que para o efeito assistem em a tirão de pequeno prêmio; e muitos usam também de caçadores, que lhes trazem cópia grande de caça, e com isso e o mais de suas criações, feito de seus escravos, muito agradecer, vivem abastadamente.

ALVIANO

Pois dizei-me se usam todos geralmente, de comerem mandioca da terra?

BRANDÔNIO

Alguns, e não poucos, usam também de pão, que mandam amassar e cozer em suas casas, feito de farinha que compram do Reino, ou mandam buscar às ilhas dos padeiras, porque há muitas que vivem dêsse ofício. As mulheres se tratam muito bem e custosamente, e quando vão fora costumam ir em cadeiras de escravos, metidas dentro em uma rêde.

ALVIANO

E não fôra melhor em cadeira, ou em palanquim, como os da Índia?

BRANDÔNIO

Não, porque a rêde é excelente para se andar pelo por caminhos, e de cadeira seria trabalhoso usar-se, com respeito que sucedem estarem as igrejas desviadas, e da mesma maneira as visitas que fazem as suas aldeias e percorrias; e também costumam de levar consigo, para seu acompanhamento, além dos homens que levam de pé ou de cavalo, duas ou três escravas do gentio de Guiné ou do da terra, que se não desviam de ir sempre ao redor da rêde, a que acomoda uma alcatifa por baixo. Os homens têm seus cavalos em que costumam andar, onde os trazerem bem ajaezados, principalmente quando outrem com êles em algumas festas. Em suma, são quase todos liberais, benfeitores e grandemente amigos da honra, pela qual se aventurarem a muitas cousas.

ALVIANO

Tudo isso tenho bem recebido nas pessoas com quem converse: demais que os acho a todos mui bem falantes.

BRANDÔNIO

Assim é, porque já vos disse que o Brasil era academia aonde se aprendia o bem falar, e isto baste por agora acêrca dos brancos, porque temos muito que dizer dos costumes do gentio da terra. Primeiramente êste gentio não tem rei a que obedeça, sòmente elegem alguns principais, aos quais reconhecem alguma superioridade, principalmente nas cousas da guerra, porque nas outras fazem o que lhes parece melhor

ALVIANO

E a quem pertence a eleição dêsses principais?

BRANDÔNIO

Pôsto que alguns sucedem por herança de seus pais e avós, todavia a mor parte dêles se elege de por si, porque

basta ser bom cavaleiro e reputado por tal, para todos lhe darem obediência; medem pelos campos em umas canas que fazem, muito compridas, pobertas de palha, medidas por muitos nuchos, porque cada casal com sua família tem o seu, a que êles chamam tanços, sem se meter parede nem outra cobertura entre uns e outros.

ALVIANO

Não devem logo de ser ciosos das mulheres, nem das filhas.

BRANDÔNIO

Antes o são em grande maneira, e sôbre isso fazem mil extremos. Antigamente, e ainda até o dia de hoje, no sertão, andaram e andam todos despidos, assim homens como mulheres, sem usarem de cousa alguma para com ela haverem de cobrir suas partes vergonhosas.

ALVIANO

Deviam de ouvir contar de nosso padre Adão enquanto esteve em estado de graça

BRANDÔNIO

Mas já agora o gentio que habita entre nós anda coberto, os machos com calções e as fêmeas com umas camisolas grandes de pano de linho muito alvo, e os cabelos enastrados com umas fitas de seda de diferentes côres, costume que introduziram entre êles, com mais trabalho, os Padres da Companhia; porque não havia quem os fizesse apartar de sua natureza que os incitava a andarem nus.

ALVIANO

E tem êste gentio, por ventura, algum rito ou cerimônia de oração?

BRANDÔNIO

Não tem nenhuma e se algum medo de adoração fazem, pôsto que não se lhe conhece, é ao diabo, ao qual dão nome de *jeropárim*.

ALVIANO

Se êles a tal santo se encomendam, não é muito que suas obras pareçam a êle.

BRANDÔNIO

E por isso se diz geralmente que êste gentio do Brasil carece, na sua língua, de três letras principais, as quais são F, L, R, em sinal de que não tem fé, lei, nem rei. São todos inclinadíssimos a guerras, e entre si as têm sempre travadas uma nação com a outra. Comem carne humana, e que mais fazem por vingança, como adiante direi, que para sustentação. Afirmam que têm por tradição de seus antigos passados, que São Tomé lhes mostrara o uso da mandioca, de que se sustentam, que dantes não usavam dela, nem conheciam a sua qualidade, mas isso sem nenhum fundamento.

ALVIANO

Assim deve* de ser, pois não sabemos, nem lemos de São Tomé que passasse nestas partes.

BRANDÔNIO

Isso podia Deus fazer quando fôsse servido, como fez que Abacuque levasse o comer ao profeta Daniel ao lago dos leões, aonde estava encerrado; mas, como disse, êstes índios não dão, em prova do que querem dizer, alguma razão que concludente seja. Costumam de dar liberalìssimamente tudo quanto têm e se lhes pede, com muita facilidade, pôsto que aventuram a ficar despidos, como muitas vêzes sucede, em forma que se não enxerga entre êles rosto nenhum de ambição.

ALVIANO

Disso se lhes pode ter grandes invejas, por ser cousa de que a nossa Espanha anda muito desviada.

---

* "Assim deve" no apógrafo de Leiden (fls. 149v) foram cortadas ao encadernar; aqui segundo o de Lisboa.

BRANDÔNIO

Tudo o que até agora tenho dito dos costumes dêstes índios, foi falar em geral; e vindo ao mais particular, primeiramente digo que quando a êste gentio lhe parem as mulheres, a primeira cousa que elas fazem, no instante que acabam de parir — e pode ser que ainda sem forem bem livradas — é ir se meter no mais vizinho rio ou alagoa de água fria que acham, no qual se lavam muitas vêzes, e, depois de bem lavadas, se recolhem para casa, aonde já acham ao marido lançado sôbre a rêde em que costumam dormir, como se fôra êle o que parira, e ali o regalam e é visitado dos parentes e amigos, e a parida se exercita nos ofícios manuais de casa, fazendo de comer, e indo buscar água ao rio e lenha ao mato, como se nunca parira.

ALVIANO

E como é possível que a água não faça dano a essas paridas, fazendo-o às nossas qualquer pequeno ar em Portugal?

BRANDÔNIO

Antes lhes serve a estas de medicina e preservativo para lhes não fazer o parto dano, pelo costume que têm de se lavarem sempre nos rios e pescarem neles; e assim não quero deixar em silêncio um caso que me sucedeu a êste propósito. Indo caminhando eu a cavalo por um outeiro abaixo, em um dia muito chuvoso e na ladeira achei uma índia assentada no meio da estrada, envolta quase tôda em sangue, e ao redor dela também derramado muito, querendo eu saber a ocasião daquilo, me respondeu que havia parido naquele lugar, e que o sangue era do parto; perguntando-lhe mais pela criança que parira, me disse que um grande golpe dágua que por ali corria da chuva, pela regueira de um carro, lhe havia levado para baixo. Piquei então o cavalo depressa para acudir à criança, que não perecera, e achei-a meia morta, atravessada na mesma regueira, aonde tivera mão dela a raiz de uma árvore*. Fi-la recolher logo por um meu escra-

---

* "Mesma regueira, aonde tivera" no apógrafo de Leiden (fls. 151v) foram cortadas ao encadernar; aqui segundo o de Lisboa.

vo, e depois, sendo entregue a outra escrava de leite, para lho haver de dar, viveu e chegou a ser grande.

ALVIANO

E as mulheres portuguesas que habitam esta terra, usam por ventura do semelhante costume?

BRANDÔNIO

Por nenhum modo, antes se guardam do ar, como as de Portugal, pôsto que não cuntrariam tanto a carne.

ALVIANO

Não pode haver mais bárbaro costume dêste que me tendes referido; e creio que por todo o mundo se não achará seu semelhante, nem era lícito que o houvesse senão entre êstes índios, que não faço diferença dêles às brutas feras.

BRANDÔNIO

Enganai-vos grandemente nisso, porque pôsto que usam dêste e de outros semelhantes costumes que aprenderam e lhes ficou em uso dos seus passados, todavia se acham nêles bons discursos e agudas respostas, e não se deixam enganar de ninguém. Aos filhos ensinam do pequenos a que sejam guerreiros e inclinados a guerras, e para o efeito os adestram no arco e frecha, de modo que, com terem pequeno corpo, são grandes frecheiros, para que os excedam na esge, e as fêmeas, como lhes a idade dá para isso lugar, servem a seus pais, enquanto não casam.

ALVIANO

E que estilo é o que têm no seu recebimento?

BRANDÔNIO

As sobrinhas são as verdadeiras mulheres dos tios, e quando as querem tomar por tais, não se lhes pode negar; e assim pelo maior parte se casa o tio com a sobrinha, filha do seu irmão ou irmã. E também casa o pai a filha com quem lhe parece bem, pôsto que para isso se usa um modo assaz galante, o qual é que o mancebo que se namora de

qualquer donzela o remédio mais certo de alcançá-la é ir-se ao mato com um machado e fazer lenha, sem o fazer a saber a ninguém, a qual, depois de feita, acarretar às costas em feixe e ir vai lançar ao rancho donde habitam o pai e mãe da sua afeiçoada; e em semelhante exercício continua por espaço de alguns dias, com o qual dão a entender sua tenção, e muitas por esta via se lhe chega a esposa.

ALVIANO

Devero de ter logo êstes notícia do modo com que Jacó ganhou a sua amada Raquel, e parece que nesse uso o querem imitar. E é de saber se tomam mais de uma mulher?

BRANDÔNIO

Podem tomar três e quatro, e ainda sete ou oito, segundo a valentia e esfôrço de cada um é dotado, que a isto se têm principalmente respeito, e a ser homem que possa bem sustentar as mulheres que toma à sua conta para êsse efeito.

ALVIANO

Pois como não têm essas mulheres brigas entre si, cerradas dos ciúmes, que de fôrça devem de ter umas das outras?

BRANDÔNIO

Por nenhum caso lhes acontece isso, antes são tão conformes, coisa que é digna de fazer grandes invejas. As donzelas, enquanto o são, se ocupecem pelos cabelos, que trazem corridos, mas tanto que as fazem donas os deixam crescer, sem nisso haver engano.

ALVIANO

Aprovo o costume, principalmente havendo nêle a certeza que tendes dito; mas folgo-ros por dizer se essas índias que se fogem paridas, tornando o lugar das mulheres, estão muitas dias lançadas na rêde.

BRANDÔNIO

Não, senão aquêles que bastam para serem vitoriados

dos amigos e parentes. E nas visitas que se fazem uns aos outros guardam também um estranho costume, o qual é que, quando se chegam a ver, a mulher que está na casa, ou a que de novo vem de fora, sendo já de perfeita idade, se põe assentada aos pés do hóspede que chegou ou do que veiu, e ali, com um choro muito sentido e magoado, lhe está recitando por grande espaço as ocasos trasadas, que sucederam a seus pais e avós, de infortúnios, acomodadas tôdas a provocarem lágrimas, sem aquele que é chorado ter mais palavra, de modo que sancha mudo enquanto dura o choro; e depois dêle acabado o recebem e agasalham o melhor que podem, e seu uso.

ALVIANO

Tivera eu por grande agouro o ver-me chorar, e não consentira, por nenhum modo, que tal se me fizesse.

BRANDÔNIO

Como todos andam despidos, tomam por abrigo contra o frio da noite fazer fogueiras ao longo das rêdes donde dormem, e como a casa é muito comprida e tôda aberta por dentro, e as rêdes muitas, que se por cia armam, vem por esta maneira a ter muitas fogueiras dentro em si, com as quais se aquentam, de sorte que não padecem frio, pêsto que andem despidos.

ALVIANO

E da que móve, é que usa êsse gentio para seu serviço?

BRANDÔNIO

De nenhum outro mais que da rêde em que dormem, e de uns cuis, que é um meio cabaço, em que vão buscar água, como haver em comunidade três ou quatro potes de barro em que cozem a farinha, feitos ao modo de alguidares. E com isto sòmente se têm por mais ricos do que Creso com todo o seu ouro, vivendo tão contentes e livres de tôda ambição*, como se fôram senhores do mundo.

* Na epígrafe de Leiden (fl. 144r.) escreve-se na entrelinha acima: "cobiça".

ALVIANO

Êsse costume me faz grandes invejas, porque se me representa nêle a idade dourada; mas contudo deve de ter, de fôrça, cada um dêsse gentio mantimento de que se sustente, porque, sem isso, não lhe era possível ter de comer para si e sua família.

BRANDÔNIO

Nem disso fazem cabedal, porque têm de costume, pelo tempo das sementeiras, fazerem suas roças, aonde vão todos juntos a semear e a plantar seus mantimentos, e nisso se ocupam* alguns dias, até que lhes parece que as têm feito para lhes poder durar por todo o decurso do ano, e pelo mesmo modo acodem dêmis a tôdas essas suas limpas e fazer o mais benefício necessário; e como dão cabo a êste trabalho, se exercitam em suas caças e pescarias, de que tomam grande quantidade assim de feras como de pescados, por serem todos bons mestres do tal exercício. E quando têm necessidade de farinha mandam às roças, que são gerais, para delas a fazerem, porque às mulheres toca semelhante ofício e o de aparelhar a comida, à qual sempre têm prestes, feita ao seu modo, para quando o mando chega de fora.

ALVIANO

Não é mau costume êste de ser o mantimento geral, quando não houvera nêle engano.

BRANDÔNIO

Por nenhum caso o há, porque ninguém come mais daquilo de que tem necessidade para sua sustentação, e por êste via vem o mantimento a abrasar e a todos; e quando há também falta dêle, ninguém carece dela. Têm mais de costume, quando querem ir às suas caças e pescarias, para as quais se ajuntam muitos, o primeiro que se alevanta antes do amanhecer anda pelo terreiro, e, a grandes brados, prega aos demais que se alevantem e botem a preguiça de parte, saindo dos ranchos, por ser já tempo de se porem a

* "Nisso se ocupam" na epígrafe de Leiden (fls. 144r) foram corrigidas na entrelinha para "se amão a de Evora".

caminho, e com esta pregação vai continuando por algum espaço, até que todos tomam suas armas, com as quais se põem a caminho.

ALVIANO

Serve-lhes logo êsse índio de espertador.

BRANDÔNIO

Sim, serve, porque nunca falta um que faça semelhante ofício. Verdade seja que os seus principais lhes ordenam estas saídas mais por rôgo que por império.

ALVIANO

E êsses principais dominam por ventura muitas gentes, ou que jurisdição têm nesse cargo que lhes atribuis?

BRANDÔNIO

Em cada aldeia há um principal, que não reconhece superioridade a outro, senão quando sucede haver algum tão cavaleiro que, pelo medo que têm dêle, lhe guardam o respeito; mas os ordinários são obedecidos dos da sua aldeia quase por zombaria, porque, nas cousas ordinárias, cada um faz o que quer, sem embargo do principal lhe ordenar o contrário, mas nas cousas tocantes à guerra lhe guardam mais respeito, porque êle é o que as trata e ordena, determinando o que se deve fazer, com receber as embaixadas e dar resposta a elas, pôsto que, para o assentar das pazes ou mover novamente guerra, se segue e guarda o parecer dos mais antigos. E certamente que, se êste gentio tivera mais obediência aos seus capitães, foram mui valorosos soldados, segundo as fôrças e ânimo de que são acompanhados,* e muita ousadia que sempre mostraram no acometer do inimigo; mas as superstições de que usam, com darem crédito aos seus feiticeiros, os desbaratam e lançam a perder as mais das vezes.

* "Acompanhados" no apógrafo de Leiden (fl. 143v) foi corrigido ao considerar aqui segundo o de Lisboa.

ALVIANO

Pois que é o que tratam com êsses feiticeiros?

BRANDÔNIO

Para haverem de determinar qualquer guerra se ajuntam em uma casa redonda, que só para o efeito têm alevantada no meio da praça de suas aldeias, a que chamam carpe, e ali decretam as causas que têm para fazerem guerra ao inimigo, e o modo com que devem de prosseguir nela, estando presente a tudo o seu feiticeiro, que é qualquer índio ou índia que se finge sê-lo. E a êste tal toca aprovar ou desaprovar a jornada, com prometer bom ou mau sucesso, para o que usa de uma cousa assaz ridiculosa, a qual é que, quando afirmam que vencerão os inimigos, mostram umas rêdes pequenas, dizendo que nelas os hão de meter a todos maniatados, como se fôssem peixes, e outras vezes, com uns abanos que têm lavrados de palma, prometem haverem-nos de enxotar de modo que logo se ponham em fugida; e tanto crédito dão a esta vaidade, que têm por sem dúvida que assim lhes há de suceder.

ALVIANO

Pois quando lhes isso sai pelo contrário, como se não desenganam ser tudo mentira?

BRANDÔNIO

Nada basta a lhes tirar do pensamento semelhante erronia, em que seus pais os criaram, com haverem já recebido grandíssimos danos, por darem crédito a êstes feiticeiros. E para prova disto vos quero contar uma história assaz galante, a qual foi que nos tempos passados houve um feiticeiro dêstes, que afirmou aos índios que a terra, para o diante, havia de produzir os frutos de por si, sem nenhuma cultura nem benefício; portanto, que bem podiam todos folgar e dar-se à boa vida, com se lançarem a dormir, porque a terra teria cuidado de lhes acudir com os mantimentos a seu tempo. Tanto crédito lhe deram os pobres índios, que o fizeram da maneira que lhes êle aconselhou, com virem a padecer, por esta via, a mais trabalhosa fome que nunca se sabe haver neste Estado; em tanto que chegaram obrigados da necessidade, a se venderem a si e às mulheres

o filhos por uma espiga de milho, que não pode ser maior nem mais.

ALVIANO

Contanto isso ao dos brigas que me contastes, que metiam a mão pela boca de hoje para a cabeça a não poderem tirar, e por não saberem largar o que apanharam se deixavam cativar; donde infiro que gentes que a semelhantes coisas dão crédito, devem de ser da maneira dos mesmos bugios.

BRANDÔNIO

Já vos disse que não erraram de bons entendimentos, pôsto que estão tão cegos com estas cobiças (que o não são nem nada), que se não acabam de desenganar de sua falsidade e mentira.

A guerra determinada, a primeira coisa que ordenam é mandarem fazer os caminhos mui limpos, rasos e largos, para sairem por êles e tornarem, quando virem vitoriosos; e do mesmo usam quando são visitados de algum honrado hóspede. E em dia determinado para a partida, bem cuidado o seu principal de antemanhã sair ao terreiro e, por toda aldeia, ainda fazendo uma pregação, e a grandes brados animar a todos os seus soldados, que peleiem e acometam ao inimigo valorosamente, alembrando-lhes para isso algumas façanhas e vitórias dos seus passados e fraquezas do inimigo.

ALVIANO

Não fazem muda os nossos capitães e generais nas ocasiões que lhes importa animarem as suas gentes.

BRANDÔNIO

Pois êste costume é antiquíssimo entre êste gentio. A pregação feita, não preparam grandes bagagens, porque cada um leva consigo o que lhe é necessário para alguns dias, e quando lhes falta, o buscam pelos campos, matos e rios, porque disso se sustentam. As armas que usam são arco e flecha, espadas curtas de um pau pesado e forte, que desarmam e põem por terra qualquer parte do corpo sendo assentam o seu golpe, e os cabos das tais espadas levam emplumadas de penas de várias côres, e da mesma maneira as

cabeças, para com isso se fazerem mais temidos; as rodelas, que também comumente levam, são grandes e pintadas, feitas de um pau leve, bastante a tirar sòbre todo o corpo, com que se reparam das flechas do inimigo.

ALVIANO

Não são más armas essas, e se o ânimo for igual, não deixarem de fazer boas empresas.

BRANDÔNIO

Esse têm êles muito grande, como já disse; mas de sorte que, se indo caminhando com tôda esta bravosidade, ouvirem tocar um pássaro de qual já fiz menção, agourento para êles, desamparam a jornada e se tornam a recolher; e da mesma maneira, pôsto que vão para acometer alguma cilada, se, antes de chegarem a tal parte, ouvirem acaso alguns poucos inimigos e os matarem, se contentam com isso, tornando-se a recolher, sem cuidarem o demais por fazer.

ALVIANO

Pois não me gabels semelhante gente de animosa, porque quem isso faz não pode ter semelhante virtude.

BRANDÔNIO

Pois ainda vos digo mais, que, quando estendem que são sentidos, e que não podem por êsse respeito ser com a sua preferência, na mesma parte adonde disto se certificam, largam as armas, e sem dos se tornam a recolher, e então o que mais corre fugindo é primeiro chega à aldeia donde partiram, êsse tal é reputado por mais valente, porque diz sem ser acompanhado de grande medo e fôrça, por haver corrido mais que os companheiros.

ALVIANO

Bem é que gente tão arrevesada nas costumes faça da covardia esfôrço.

BRANDÔNIO

Pois ainda não concluí por aqui, porque em semelhantes ocasiões, para poderem melhor correr, arrancaram as pernas com fôrça até derramarem muito sangue, tendo para

si que fiam por esta via mais ágeis para cumprirem com mais presteza.

ALVIANO

Não lhes gaste essas prevenções de melhor fugirem.

BRANDÔNIO

Também o fazem para melhor chegarem. E sempre reconhecem a batalha ou escaramuça com muito ânimo, e todo guerreiro que nela mata inimigo às suas mãos, ou ajuda a afeitar nêle para o matarem, posto que sejam seus ou seje pessoas, tomam todos nome, e ficam dali em diante reputados por cavaleiros e se podem riscar.

ALVIANO

Trocei-me isso dos nomes e das riscas mais pelo miúdo, para que vos linha entendendo.

BRANDÔNIO

O nome tomam todos aquêles que mataram ou ajudaram a afeitar ao inimigo morto, e que fazem desta maneira: na madrugada do dia seguinte, depois de haver precedido a batalha ou assalto, muito de madrugada, estando ainda todos lançados em suas redes, se elevantam os tais e a grandes brados vão gritando: eu me faço de chamar daqui por diante fulano (aplicando-lhe o nome que querem), porque tenho morto a meu inimigo um campeão, o que vai repetindo por muitas vezes, e por êste nome quero ser conhecido: e nomeado daqui em diante: e todos lhe fazem ao passar muita festa, e lhe dão salvas, principalmente as mulheres.

O riscar é que fazem umas riscas pelo corpo de preto, a qual lhes tem servido para o diante de insígnia militar, e também o assinalam cozendo com fogo, ou picando aquela parte que querem riscar, com uma agulha, e untando em sangue fresco, lhes aplicam tinta preta, que é bastante para lhes ficar o sinal para sempre.

ALVIANO

Não gabo muito essa cavalaria, nem modo de insígnias militar.

BRANDÔNIO

Pois ainda vos direi mais que, pôsto que êste gentio pelo campo mate o inimigo às estocadas, ou com tão poderosos golpes que o parta pelo meio, como o não matou com lhe quebrar a cabeça, logo não que o teorto não é morto, nem o matador se pode jactar de lhe haver dado a morte, nem poderá tomar nome nem riscar-se.

ALVIANO

Logo, desta maneira, não morreu o que não tem a cabeça quebrada?

BRANDÔNIO

Assim o entendem êles, e passa isto tanto avante que, depois de haverem ganhado alguns sítios ou lugar ao inimigo, a primeira cousa que fazem é acudirem aos cemitérios, donde desenterram os cadáveres que ali estão enterrados, e a todos vão quebrando a cabeça, com ficar tão reputado por valente o que quebra por esta via (podendo gozar de todas as honras militares) aquêle que a quebrou pelejando no campo, aonde teve a vida em risco de a perder.

ALVIANO

Ora, não me digais mais que esta gente é dotada de entendimento, porque não no-lo-ei de crer.

BRANDÔNIO

Ninguém vos pode obrigar a que creais senão o que quiserdes, nem a mim que deixe de relatar a verdade do que tenho tomado à minha conta. Quando estivam alguns dos inimigos o levam para suas aldeias, adonde os soltam das prisões.

ALVIANO

E se os têm soltos, como lhes não fogem?

BRANDÔNIO

Não fogem porque as aldeias estão distantes as umas das outras, e assim não lhes é possível poderem fugir sem

serem logo achados pelo rasto, porque em o sabendo seguir fazem vantagem aos cães de raça, e além disso alinam tanto, que eu vi algumas vezes a certos índios, que para matarem de alinar para a parte por onde querem ir por entre brenhas altas, que não mostravam caminho, não fazerem mais que com uma flecha apontarem diretamente para o lugar, com dias ficar aquele lembrado tanto na memória, que iremos o seu caminho com os olhos em cousa alguma; de mais que também têm os cantos bem guardados.

ALVIANO

E para que querem êsses cativos, senão se fôr para resgate?

BRANDÔNIO

Sabei quanto isso passa pelo contrário, que poderei afirmar — e não o tenhais por fábula — que se a êstes índios lhes derem pelo resgate de um cativo dêstes, principalmente se fôr branco, outro tanto ouro quanto se afirmava que tinha Creso, e juntamente tôdas as riquezas do mundo, o não deram.

ALVIANO

Muito me dizeis!

BRANDÔNIO

Pois assim passa, porque antes o querem matar no terreiro, o que fazem por este modo: mandam primeiramente que ao tal cativo se lhe faça, entre os seus, a vontade em tudo quanto quera ou peça, em tanto que se desafie a mulher do próprio principal, e o pedir, não se lhe nega. Tudo isto para efeito de que se desenganemontze e vá cogardando, e como lhes parece que já o está, o que logo fazem é ordenarem um grande caminho muito limpo, desde o lugar da aldeia até onde passa o rio, e o carreiro feito, fazem saber ao preso de onde já é chegado o tempo para haver de ser morto em terreiro, atando-lhe uma corda por baixo dos braços, com tas fazem fitas êles e as mães; e de modo fazem esta atadura, que deixam duas pontas compridas à corda, cada uma por sua parte, e com grandes gritas e festa o levam desta maneira, pelo caminho que tenho dito, ao rio,

detrás no qual o lavam muito bem, desde os pés até a cabeça. E como está levado o lavar e trazer para a aldeia com os mesmos cantos, festas e festas, e ali, junto na terreira, se chegam e êle sai ou sete valentes e robustos mancebos, que lançam mão das pontas de corda e a têm em tesa, do cativo que o desventurado preso se não possa bulir, porque com o querendo fazer para alguma das partes, o tiram para a outra, e desta maneira o têm em tanto, até que entra o matador pelo terreiro, muito arrogante, emplumado todo de penas de várias côres e com pagorões pelas, rodeado dos principais valentes, os vai chegando contra o preso, e tanto que se lhe põe em frente, com soberbas palavras e arrogantes meneios, lhe diz que tem muita razão de se alegrar por vir a morrer às mãos de um tão grande e bom cavaleiro, com o êle é, e muito mais de suas carnes haverem de ser sepultadas no ventre de tantos valorosos principais e soldados, pondo os que estão em roda, os quais só por isto esperam, por ser muito melhor assim, que serem comidas e sepultadas nos ventres de imundos cobos; portanto, que cobre ânimo e se farte êle ver sol. E se a estas palavras desmaia o pobre preso, é julgado de todos por pusilânimo e covarde; mas se também lhes rosna, dizendo que parentes lhe ficam vivos que o saberão bem vingar, e que por isso morre contente, se reputa por valeroso. Mas contudo, quer suceda de uma maneira quer de outra, o matador lhe arrasca com a espada a cabeça, havendo-a quere descarregar o golpe, e tanto que o pobre, de assombrado dêle, a quer desviar ou abaixar, arqueada logo com outro tão possante que lhe fende a cabeça pelo meio, e antes de cair em terra já lhe levo feita em miúdas rachas, com outros muitos que lhe dá. E se sucede que o préso, ao tempo de lhe descarregarem o golpe, fur tão manhoso e tiver tantas fôrças que, com os braços e mãos, que lhe ficam livres, arrebater a espada ao matador, escapa da morte, porque para êsse efeito lhas deixam livres.

ALVIANO

Grande feguaria é a que faz pei êsse moco êsse cavaleiro matador!

BRANDÔNIO

Não a têm êles por pequena. E depois de desarmado morto, por esta via, o entregam às velhas, a quem por

tence e dividirem lhe os quartos e pueh-nos a cozer e assar espedaçados, para servirem de iguarias aos circunstantes, repartindo-se por todos, que comem aquela humana carne com grande gôsto, mais por vingança que por matarem com ela a fome.

ALVIANO

Bem mal se pode julgar se o comem por vingança, se por gôsto

BRANDONIO

Por vingança se tem entendido que o fazem. E as tripas e intestinos botam as velhas em uns alguidares e com grandes cantos e bailes andam à roda dêles com umas canas nas mãos, nas quais trazem atados alguns arcos que lançam sôbre as tripas, fingindo com grandes vaos que estão pescando dentro nelas.

ALVIANO

Por fim que, com esta bárbara crueldade, se dão sòmente por satisfeitos?

BRANDONIO

Ainda fazem mais, porque têm já muitos vinhos preparados, prendendo logo grandes borracheiras, que duram por espaço de alguns dias.

ALVIANO

Os dias passados, indo a visitar um amigo meu à sua fazenda, me não deixaram dormir tôda uma noite uns índios que andavam nas suas borracheiras, na qual formavam uns cantos, qual eu nunca outros semelhantes vi.

BRANDONIO

Esse é o seu costume mais ordinário, porque para efeito de se embriagarem, apercebem muitos vinhos que fazem do sumo de canas de açúcar, que vão buscar pelos engenhos, e também de mel e de uma fruta que chamam caiú, e juntos em roda muitos homens e mulheres, estão nesse

canto toda um dia e noite inteira, sem dormirem, bebendo sempre de ordinário muito vinho, até caírem todos por terra sem acôrdo, e às vezes saem também dali alguns não pouco escalavrados.

ALVIANO

E que metros ou cantigas são essas que cantam em tanto espaço de tempo?

BRANDONIO

Nenhuma outra mais que alevantar o primeiro a voz e dizer o pássaro esta sôbre a folha, ou a folha sôbre a água, ou outra coisa semelhante e com isto não continuando sempre, dizendo uns e respondendo outros, por todo o espaço que lhes dura a borracheira, servindo as mulheres de tiple, por alevantarem a voz mais delgada.

ALVIANO

Custosa cantorrenmente, pois passam todo um dia e noite sem dormirem, com despenderem tanto vinho. Mas se acaso cativam algumas mulheres, folgam de saber se as matam também nesse terreiro, como os homens.

BRANDONIO

Ás vezes as matam e outras não, que é quando sucede tomá-la alguns dos vencedores por sua mulher ou manceba e por êste modo escapam da morte, enquanto o que a tomou à sua conta assim o determina, sem lhe dar mais exercício de trabalho do que as demais mulheres suas naturais. Mas a graça é que, se alguma destas cativas acerta de fugir, e vai prenhe, depois de estar entre os seus posta em salvo, e chega a parir, o próprio avô, o sirida a mesma mãe, matam a criatura nascida e a comem, dizendo que o fazem ao filho de seu inimigo, porque a mãe foi sòmente um bôlso em que se criou e aperfeiçoou a tal semente, sem haver nada dela. E por êste modo usam de mil crueldades em outros casos semelhantes.

ALVIANO

Não me espanto de semelhante barbaridade, a respeito

de outras muitas que já me tendes contado, e cuido que tudo isso deve de nascer de não haver entre essas gentes, nem algum de amor.

BRANDÔNIO

Antes se acham entre êles muitos que deram bastante prova de o terem assaz grande, e para isso vos quero contar uma galante história que aconteceu há pouco tempo em uma Capitania dos deste Estado. Estavam entre os petiguares umas mulher cativa, dos tabajaras, que são seus capitais inimigos, a qual, sem embargo de a ter por mancebo um petiguar, enfadado o tempo, determinaram os demais juntamente com êle, que pode ser que fosse o principal autor, de matarem a pobre tabajara, para efeito de a comerem, a qual tinha já tomado escrita amizade com outra índia das dos petiguares, irmã do namorado que dêm: e esta, ouvindo tratar entre êles da morte que pretendiam dar à cunhada e amiga, estimulada pelo amor que lhe tinha, lhe manifestou o perigo em que estava, aconselhando-lhe que fugisse dêle, que se ofereceu a lhe fazer companhia. Aceitou a outra o conselho e oferta, e a amiga não desistiu de sua determinada, mas tomou armas juntamente a fugida, a qual lhas sucedeu tão bem que, sem serem achadas, vieram aportar à povoação dos brancos, onde a que era de nação tabajar, achando-se entre os seus, que por sê à nova habitavam, se foi para suas aldeias, adonde sendo reconhecida de seus pais e parentes, lhes deu conta de muito que devia à outra índia, sua amiga, pela haver livrado da morte, o que lhe foi agradecido de todos, e ficou vivendo entre êles. Mas não passaram muitos dias que os tabajares, esquecidos do que havia passado, tratavam de fazer tal peiguara, o que os outros queriam fazer na sua natural, e o puseram por obra sem bastarem rogos da pobre índia, sua parenta, para se livrar a compunheire do que dela se ordenava. Por fim, chegado o prazo, a puseram em terreiro para efeito de a matarem, o que vendo a amiga, parece que não esquecida ainda da obrigação em que lhe estava, arremeteu contra o esquadrão dos parentes como uma leoa, e por força lha deu das mãos, levando-a consigo à casa de alguns brancos, com a livrar por esta maneira da indigna morte que se lhe aparelhava, pagando-lhe na própria espécie o amor que lhe tinha mostrado, quando se resolvera a fugir dos seus, por lhe dar a vida.

ALVIANO

Poucos exemplos haveis de achar semelhantes entre tanta barbaridade.

BRANDÔNIO

Pois também vos posso afirmar que, com ser êste gentio assaz lascivo por natureza, há muitas donzelas entre êles que amam sumamente a castidade, como são umas que voluntariamente fogem de ter ajuntamento viril, pretendendo de se conservarem virgens, a fim de que o possam melhor fazer, se exercitam no arco e na frecha, com andarem de ordinário pelos campos e soutos, à caça de brutas feras, nas quais fazem grandes presas, recreando-se neste exercício, pelo qual desprezam todo outro.

ALVIANO

Estas tais deviam de servir contar de Diana e de suas ninfas, e pelas imitar tomam a caça por exercício: e contudo não me persuado a crer delas que hajam de ser continentes, por ser dom da alma; que o não estimar senão quem conhece o seu preço, e como a essas falte o tal conhecimento, não vejo causa por que haja de cuidar que possam guardar essa continência.

BRANDÔNIO

Cuidai vós o que quiserdes, que eu não vo-lo posso tolher nem deixar de louvar as tais, por se saberem desviar do fogo na parte aonde êle mais arde; o que se deixa bem ver em outro costume, que também guardam, assaz pouco continente, o qual é que, quando são visitados de algum nobre hóspede, principalmente se é branco, as agasalham primeiramente sôbre uma rêde, aonde os fazem assentar, que é o que lhes serve de cadeiras, e o principal fim em outra, e antes de tratarem prática se brindam um ao outro com um petumbabo de fumo de tabaco, que para o efeito lhe trazem. E isto feito, depois de o tal hóspede manifestar ao que vem, é o principal lhe dar resposta. Ele entrega logo uma donzela ou filha sua por mulher, para que a tenha por tal enquanto ali estiver, que não pode ser mais bárbaro costume.

ALVIANO

E os brancos aceitam o usar dessas índias, sendo gentias?

BRANDÔNIO

Muitos o não fazem, antes as rejeitam, dissimulando com elas, mas não que o digam ao principal, que lha deu, porque se haveria por muito afrontado.

Dos inimigos que matam, depois de se fartarem de suas carnes, tomam um pedaço dela, que depois de sêca envolvem dentro de um grande novelo de fio de algodão, e desta maneira o guardam com muito cuidado. E quando sucede fazerem alguma grande borracheira, para mais se alegrarem nela, desenvolvem a carne do novelo, e dela fazem muitas partes em pequenas lêveras, que repartem entre todos, para que as comam; e isto costumam fazer em sinal de vingança que tomaram e vitória que tiveram.

ALVIANO

Não lhes gabo o modo de semelhante vingança.

BRANDÔNIO

Pois sabei em quanto são vingativos, que depois de matarem os inimigos lhes tiram os dentes, os quais enfiam por cordéis, fazendo dêles um colar, com porem os grandes queixais nos extremos e os mais pequenos no meio, e eu vi já colar[*] dêstes que pesava quatorze arráteis, e por aqui considerareis o grande número de dentes que nêle haveria.

ALVIANO

Não lhes hão de dar os lapidários muito dinheiro por essas pedras, porque as tenho por ruins, para haver de ser engastadas.

BRANDÔNIO

Tudo isto fazem imaginando que assim se vingam melhor, e reina nêles em tanto esta natureza de vingança que,

[*] "Meio colar" [illegible] no apógrafo de Leiden (fls. 133v) foi [illegible]; aqui seguimos o de Lisboa.

se acaso caminhando por um caminho derem uma topada em algum pau ou pedra, não passam avante até por vingança arrancarem ou quebrarem aquilo que lhes fêz dano; e, com serem vingativos, são também alguns dêles sumamente cruéis, porque um homem de crédito me contou que vira a um índio dêstes, que vinha de um assalto, que fôra dar a certa aldeia de inimigos com outros muitos, trazer seis crianças, que não chegava a maior a ter ano perfeito de idade, dependuradas em um pau, que levava às costas como galinhas, a metade da parte de diante e a outra de traz; e que, depois de caminhar assim com elas por grande espaço, as pusera sôbre uma pedra, donde com uma pequena faca lhes foi quebrando a cada uma das crianças a cabeça a golpes pequenos, que lhes nela dava, para que assim lhes ficasse sendo maior o tormento, sem demonstrar nenhum rasto de piedade aos gemidos e chôros das pobres crianças.

ALVIANO

Nunca de nenhum Polifemo, lestrigão ou cita[*] se contou semelhante crueldade.

BRANDÔNIO

Costuma também êste gentio, para efeito de mostrar maior fereza e bizarria, furar o rosto pelo beiço de baixo e também pelas queixadas, por onde metem umas pedras verdes ou brancas de feição de botoques, com as quais têm para si que andam galantes e gentis-homens.

ALVIANO

Esse costume devia de lhes ensinar algum demônio, e à sua imitação o usam, com darem maior mostra nêle de sua grande barbaridade.

BRANDÔNIO

Pois com tôda ela sabem muito bem dividir os tempos do ano em grande conformidade, regulando-se para isso com

[*] Polifemo, o mais célebre dos ciclopes, dizia-se que se alimentava de carne humana, como [illegible] eram os lestrigões e os citas, povos da Itália meridional e da Táurida, respectivamente.

os frutos de certas árvores quando amadurecem; porque então sabem que é o tempo chegado de suas sementeiras e outros exercícios em que se ocupam, e também conhecem quase tôdas as estrêlas dos céus, que nós conhecemos, pôsto que lhes aplicam nomes diferentes.

ALVIANO

E' muito haver êsse conhecimento entre semelhante gente.

BRANDÔNIO

Dêstes costumes, que até agora tenho tratado, são dos que usam no sertão o gentio que por êle habita, sem terem comércio nem conhecimento dos brancos, que os que andam entre nós e estão debaixo da doutrina dos religiosos, vivem já muito desviados de semelhantes costumes, porque sabem a doutrina e batizam os filhos, com casarem na forma do Sagrado Concílio, e não têm mais de uma mulher, com andarem vestidos, e juntamente aprendem a ler, a escrever e a contar; e saem alguns dêles destros no canto, e assim são bons charameleiros, pôsto que sempre tiram à sua natural inclinação, como se viu em um caso que sucedeu os dias passados.

ALVIANO

E que caso foi êsse?

BRANDÔNIO

Os Padres da Companhia ensinaram a um dêstes índios, por sentirem nêle habilidade, a ler e a escrever, canto e latinidade, e ainda algum pouco das artes, mostrando-se êle em tudo mui ágil e de bons costumes, chegaram a lhe fazer dar ordens menores, e cuido que ouvi dizer que também as de epístola e evangelho, para o ordenarem em sacerdote de missa. Mas o bom do índio, obrigado de sua natural inclinação, amanheceu um dia despido, e se foi, com outros parentes seus, para o sertão, aonde exercitou seus bárbaros costumes até a morte, não se alembrando dos bons que lhe haviam dado.

ALVIANO

Isso só basta para corroborar a minha opinião; mas folgara que me dissésseis se se acham nesta província mais castas de gentio que uma, assim como entre nós há franceses, ingleses, italianos e outros.

BRANDÔNIO

Sim, acham, porque há muita diversidade de castas dêles, assim como: *aimorés, tupinambás, tabajaras, potiguaras, tapuias* e outros.

ALVIANO

E vivem todos êsses, por ventura, com tanta brutalidade, como dos que tendes tratado até agora?

BRANDÔNIO

Quase todos se parecem na vivenda, exceto os tapuias, que se diferençam grandemente nela, mas não na barbaridade.

ALVIANO

Pois dizei-me de que modo vivem êsses tapuias.

BRANDÔNIO

Di-lo-ei em suma, brevemente, porque se vão já fazendo as horas de nos recolhermos e darmos remate à nossa prática. Êstes tapuias vivem no sertão e não têm aldeias nem casas ordenadas para viverem nelas, nem menos plantam mantimentos para sua sustentação, porque todos vivem pelos campos, e do mel que colhem das árvores e as abelhas lavram na terra, e assim da caça, que tomam em grande abundância pela flecha, se sustentam, e para isto guardam esta ordem: vão todos juntamente com sua família assentar seu rancho na parte que melhor lhes parece, alevantando para isso algumas choupanas de pouca importância, e dali vão buscar o mel e caça por roda, por distância de duas ou três léguas. E enquanto acham esta comedia, não desamparam o sítio, mas, tanto que lhe ela vai faltando, logo se mudam para outra parte, aonde fazem o mesmo, e desta maneira

vão continuando com sua vivenda sempre no campo, com mudar sítios, sem se cansarem em lavrar nem cultivar a terra, porque a sua flecha é o verdadeiro arado e enxada, a qual também não usam, juntamente com o arco, como faz o demais gentio; porque com ela tomada sôbre a mão, com a encaixarem em uns canudos, que no dedo trazem, fazem tiros tão certeiros e com tanta fôrça que causa espanto, de modo que quase nunca se lhe vai a caça a que lançam a flecha por esta via. E eu vi os dias passados a um dêstes fazer um tiro sem arco, que, além de dar no alvo a que tirava, passou uma grossa porta de parte a parte. Também são na fala diferentes, porque o demais gentio os não entende, por terem a linguagem arrevesada. Trazem os cabelos crescidos como de mulheres, com serem geralmente tão temidos de todo o mais gentio, que é bastante um só tapuia para fazer fugir muitos; e assim entram mui poucos por grandes aldeias mui confiados, e delas tomam tudo o que querem, sem ninguém lhes ir à mão, e ainda as próprias mulheres lhes deixam levar, tão grandíssimo medo lhes têm cobrado.

E com isto me parece que tenho já chegado ao limite de minha obrigação, o menos mal que pude, deixando-vos agora o campo aberto para poderdes condenar o Brasil por ruim terra, como de princípio fizestes, se virdes que com as verdades que dêle tenho dito, se lhe pode de justiça atribuir semelhante nome dos avisados; porque dos néscios não trato, que os seus ruins discursos os desculpam.

ALVIANO

Tendes-me já tão convertido à vossa seita, que por tôda a parte, por onde quer que me achar, apregoarei do Brasil e de suas grandezas os louvores que elas merecem.

Diálogos das grandezas do Brasil. 1. ed. integral segundo o apógrafo de Leiden por José Antônio Gonsalves de Mello. Recife, Universidade do Recife, Imprensa Universitária, 1962.
218 p. facs. 23 cm.

"... todos os achados documentais [illegible] Ambrósio Fernandes Brandão]".
Notas de rodapé.

1. Pernambuco — História — Séc. XVII. 2. Brasil — História — Colônia, 1500-1822. I. Brandão, Ambrósio Fernandes, c 1560—c.1635 II. Gonsalves de Mello, José Antônio, 1916— , ed.

981.34 (C.D.)
981.34 "16" (C.D.U.)

Univ. do Recife
S.C.B. 63-863